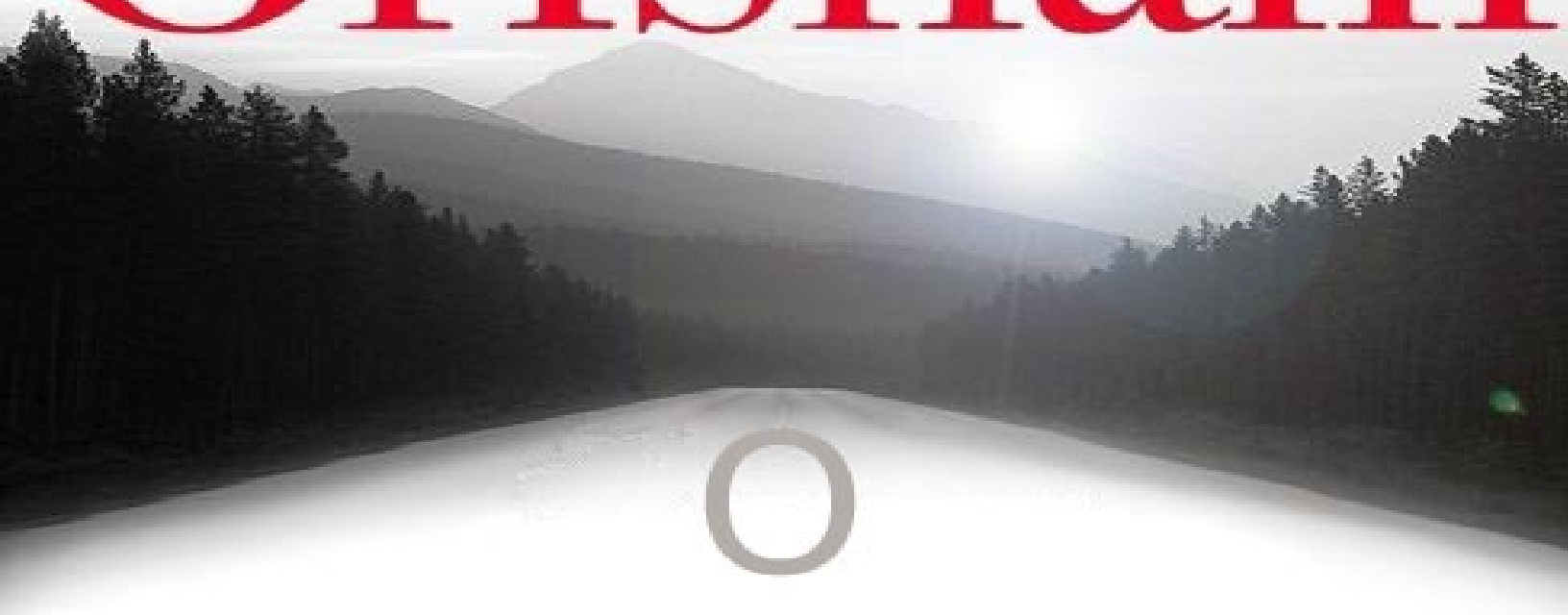
"O melhor escritor vivo de thrillers"
KEN FOLLETT

# John Grisham



# O DILEMA

UM BEST-SELLER INCENDIÁRIO

JOHN
GRISHAM

# O DILEMA

Tradução de

Maira Parula



John Grisham

O Dilema

Tradução de Maira Parula

Título original Gray Mountain

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, negócios, organizações, lugares, acontecimentos

e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou localidades, é mera coincidência.

Copyright © 2014 by Belfry Holdings, Inc.

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar 20030-021 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Revisão técnica Fernando Thompson

Preparação de originais Fátima Fadel

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888d

Grisham, John, 1955—

O dilema/John Grisham; tradução de Maira Parula. — 11ª ed. — Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

Tradução de: Gray mountain

ISBN 978-85-325-2980-0

1. Ficção norte-americana. 2. História de suspense. I. Parula, Maira. II. Título.

15-25753

CDD-813

CDU-821.111(73)-3

# Contracapa

Uma Denúncia: Gananciosas empresas mineradoras põem em risco o ecossistema e a sobrevivência dos seus habitantes.

O Desafio: Combater os inimigos e salvar os Montes Apalaches.

“A lei, por sua própria natureza, tem um matiz dramático e John Grisham sempre nos promete uma visão dos bastidores sujos do poder e do mundo jurídico, sem desprezar o bom humor.”

— *Los Angeles Times*

“Os segredos do sucesso de Grisham não são bem segredos. Há dois deles: seu ritmo — veloz e perigoso; e o tema, homens comuns que se unem para enfrentar uma grande conspiração, e vencem no final.”

— *Time*

# Orelhas

O ano é 2008 e a carreira de Samantha Kofer em uma grande firma de advocacia de Wall Street está em plena ascensão — até que a recessão bate, e ela perde o emprego. Samantha, no entanto, é um dos associados “sortudos”. A firma lhe oferece a oportunidade de trabalhar em uma ONG de assistência jurídica, sem remuneração, pelo período de um ano, após o qual haveria uma pequena chance de ela obter seu antigo emprego de volta. Dias depois Samantha se muda de Manhattan para Brady, Virginia, uma cidadezinha com população de 2.200 habitantes, no coração da região dos Apalaches, uma parte do mundo de que só ouvira falar. Mattie Wyatt, moradora de Brady e chefe da ONG de assistência jurídica da cidade, está lá para ensiná-la a “ajudar pessoas reais com problemas reais”. Pela primeira vez em sua carreira, Samantha prepara uma ação judicial, conhece o interior de uma sala de audiência real, é repreendida por um juiz e recebe ameaças de moradores locais que não veem com bons olhos ter em

sua cidade uma advogada chique de Nova York. E ela descobre que Brady, como a maioria das cidades pequenas, abriga grandes segredos. Seu novo trabalho leva Samantha ao mundo sombrio e perigoso da mineração de carvão, onde as leis são muitas vezes violadas, as regras ignoradas, os regulamentos desrespeitados, as comunidades estão divididas e a própria terra está sob ataque das grandes mineradoras. A violência pode estar presente ao se dobrar a esquina, e em poucas semanas Samantha se vê envolvida em um litígio de consequências fatais.




JOHN GRISHAM é autor de 27 romances, um livro de não ficção e quatro romances para jovens leitores. Nove de seus livros foram adaptados para o cinema, entre eles *A firma*, *O dossiê Pelicano*, *O cliente* e *O homem que fazia chover*, todos sucesso de público. Grisham vive entre a Virginia e o Mississippi, com a esposa Renée e os filhos, Ty e Shea.

Capa: Jorge Paes

A memória de
**Rick Hemba**
1954-2013

*Até breve, Ace*

# 1

O horror estava à espera — o desconhecido, a insônia, as úlceras. Colegas de trabalho se ignoravam e escondiam-se atrás de portas trancadas. Secretárias e paralegais passavam adiante boatos e recusavam-se a se olhar nos olhos. Todos estavam tensos, perguntando-se quem seria o próximo. Os sócios, os maiorais, pareciam estressados e não queriam contato com subalternos. Em breve eles poderiam dar a ordem para o abate.

E os boatos eram brutais. Dez associados da divisão do contencioso eliminados; uma verdade parcial — somente sete. Toda a área de sucessão fechada, com sócios e tudo; verdadeiro. Oito sócios da área de antitruste pulando para outra firma: falso, por enquanto.

O ambiente estava tão pesado que Samantha saía do prédio sempre que possível e trabalhava com o laptop nas cafeterias do sul de Manhattan. Num dia agradável, sentou-se em um banco de parque — dez dias depois da queda do Lehman Brothers — e olhou fixamente o prédio alto na rua. Chamava-se 110 Broad e a metade superior era alugada à Scully & Pershing, a maior firma de advocacia que o mundo já viu. A firma dela, por enquanto, embora o futuro fosse incerto. Dois mil advogados em vinte países, metade deles só em Nova York, mil lá em cima, espremidos do trigésimo ao 65º andar. Quantos teriam vontade de pular? Ela não podia imaginar, mas não era um deles. A maior firma do mundo estava encolhendo no caos, como suas concorrentes. A *Big Law*, como era conhecida, vivia pânico idêntico ao dos fundos *hedge*, bancos de investimento, instituições bancárias, conglomerados de seguros, Washington e toda a cadeia alimentar descendo até os comerciantes da Main Street.

Dez dias se passaram sem um banho de sangue, como no dia seguinte. No 122º dia, houve um lampejo de otimismo quando Ben, um dos colegas de Samantha, contou o boato de que os mercados de crédito em Londres estavam afrouxando um pouco. Quem queria um empréstimo poderia enfim encontrar algum dinheiro. Mas no final daquela tarde o boato ficou sem combustível; era vazio. Então, eles esperaram.

Dois sócios administravam a área imobiliária corporativa da Scully & Pershing. Um estava quase na idade de aposentadoria e já fora afastado. O outro era Andy Grubman, um burocrata de 40 anos que nunca viu um tribunal. Como sócio, tinha uma excelente sala com uma vista distante do Hudson, água que ele não notava havia anos. Em uma estante atrás de sua mesa e bem no meio de sua

Parede do Ego, havia uma coleção de miniaturas de arranha-céus. “Meus prédios”, como ele gostava de chamar. Quando da conclusão de um de seus prédios, ele mandava um escultor reproduzi-lo em escala menor e generosamente dava um troféu ainda menor a cada membro de “minha equipe”. Em seus três anos na S&P, a coleção de Samantha tinha seis prédios e era o máximo a que podia chegar.

— Sente-se — ordenou ele ao fechar a porta. Samantha sentou-se numa cadeira ao lado de Ben, que estava ao lado de Izabelle. Os três associados olhavam para os pés, esperando. Samantha sentiu o impulso de segurar a mão de Ben, como uma prisioneira apavorada enfrentando o pelotão de fuzilamento. Andy jogou-se em sua cadeira e, evitando olhá-los nos olhos, mas desesperado para acabar logo com aquilo, resumiu a embrulhada em que estavam metidos.

— Como sabem, o Lehman Brothers fechou há 14 dias.

*Tá brincando, Andy*!

A crise financeira e o colapso do crédito colocaram o mundo à beira de uma catástrofe e todos sabiam disso. Mas Andy raras vezes tinha uma ideia original.

— Temos cinco projetos em andamento, todos financiados pelo Lehman. Conversei longamente com os proprietários e os cinco estão fechando as torneiras. Temos outros três em vista, dois com o Lehman, um com o Lloyd's e, bom, todo o crédito está congelado. Os banqueiros estão em seus *bunkers*, com medo de emprestar um centavo que seja.

*Sim, Andy, também sabemos disso. Está na primeira página. Acabe logo com isso antes de a gente pular*.

— O comitê executivo reuniu-se ontem e fez alguns cortes. Trinta associados novatos estão sendo dispensados, alguns completamente desligados, outros suspensos. Todas as novas contratações estão adiadas por tempo indeterminado. O pessoal de sucessão já era. E, bom, não tem um jeito fácil de dizer isso, mas toda a nossa divisão está no cepo. Cortada. Eliminada. Ninguém sabe quando os proprietários recomeçarão a construir, se é que vão fazer isso. A firma não está disposta a manter vocês na folha de pagamento enquanto o mundo espera por crédito. Que droga, talvez estejamos entrando de cabeça numa tremenda depressão. Provavelmente esta é a primeira rodada de cortes. Desculpe, pessoal. Eu sinto muito mesmo.

Ben foi o primeiro a falar.

— Então, estamos sendo desligados de vez?

— Não. Eu lutei por vocês, OK? A princípio eles pretendiam demissão sumária. Não preciso lembrar aqui que a área imobiliária corporativa é a menor da firma e talvez a mais atingida agora. Falei com eles de uma coisa que estamos chamando de licença. Vocês vão sair agora e talvez voltar depois.

— Talvez? — perguntou Samantha. Izabelle enxugou uma lágrima, mas manteve a compostura.

— Sim, um talvez bem gordo. A essa altura não há nada de definido, Samantha. Todos estamos perseguindo o próprio rabo. Daqui a seis meses, talvez estejamos todos na fila do sopão, que nem naquelas fotos antigas de 1929.

*Sem essa, Andy, o sopão dos pobres*? Como sócio, sua remuneração líquida no ano passado foi de 2,8 milhões, a média na S&P, que, aliás, vem em quarto lugar na renda líquida por sócio. E um quarto lugar não é tão bom, pelo menos não era até que o Lehman mixou, o Bear Stearns implodiu e a bolha das hipotecas *subprime* estourou. De repente, um quarto lugar parecia muito bom, pelo menos para alguns.

— O que é uma licença? — perguntou Ben.

— O acordo é o seguinte. A firma mantém vocês sob contrato pelos próximos 12 meses, mas vocês não recebem pagamento.

— Que lindo — resmungou Izabelle.

Ignorando-a, Andy prosseguiu: — Vocês continuam com o plano de saúde, mas só se fizerem estágio em uma ONG habilitada. O departamento de recursos humanos está preparando uma lista de lugares adequados. Vocês saem, fazem seu trabalho de bom samaritano, salvam o mundo, torcem como loucos para que a economia se recupere, depois, em mais ou menos um ano, estão de volta à firma e não perdem antiguidade no cargo. Não ficarão na área imobiliária corporativa, mas a firma encontrará um lugar para vocês.

— Nossos empregos estão garantidos quando acabar a licença? — perguntou Samantha.

— Não, não há nada garantido. Para falar com franqueza, não há ninguém com inteligência suficiente para prever onde estaremos no ano que vem. Estamos no meio de uma eleição, a Europa está indo para o ralo, os chineses estão em pânico, os bancos estão fechando, os mercados quebram, ninguém está construindo nem comprando. O mundo está chegando ao fim.

Eles ficaram sentados por um momento no silêncio melancólico da sala de Andy, os quatro esmagados pela realidade do fim do mundo. Por fim, Ben perguntou:

— Você também, Andy?

— Não, estão me transferindo para a área tributária. Dá pra acreditar nisso? Eu odeio tributos, mas era isso ou dirigir um táxi. Tenho mestrado em tributação, então eles entenderam que podiam me poupar.

— Meus parabéns — disse Ben.

— Eu sinto muito, gente.

— Não, é sério. Estou feliz por você. — Talvez eu vá embora daqui a um

mês. Quem sabe?

— Quando vamos sair? — perguntou Izabelle. — Agora mesmo. O procedimento é assinar um acordo de licença, empacotar suas coisas, limpar a mesa e dar no pé. O pessoal de recursos humanos mandará a vocês por e-mail uma lista de ONGs e toda a papelada. Desculpe, gente.

— Por favor, pare de se desculpar — disse Samantha. — Nada do que você disser ajuda na situação aqui.

— É verdade, mas podia ser pior. A maioria dos que estão em seu barco não receberam a oferta de licença. Estão sendo demitidos na lata.

— Desculpe, Andy — disse Samantha. — É que agora são emoções demais.

— Está tudo bem. Eu entendo. Tem o direito de ficar chateada e revoltada. Vejam só vocês… os três diplomados em direito pelas melhores universidades e serão acompanhados para fora do prédio como se fossem meliantes. Dispensados como qualquer operário de fábrica. É horrível, simplesmente horrível. Alguns sócios se ofereceram para que cortassem metade de seus salários para evitar isso.

— Aposto que foi um grupo pequeno — disse Ben.

— Sim, foi. Infelizmente, muito pequeno. Mas a decisão já estava tomada.



Uma mulher de terninho e gravata pretos estava no quadrado onde Samantha dividia um “espaço” com outros três, inclusive Izabelle. Ben estava a pouca distância, no corredor. A mulher tentou sorrir ao falar.

— Meu nome é Carmen. Posso ajudá-la? — Ela segurava uma caixa de papelão vazia, sem nada escrito em lado nenhum, assim ninguém saberia que era o repositório oficial da Scully & Pershing para o lixo de escritório dos que pegaram licença, foram demitidos ou o que fosse.

— Não, obrigada — disse Samantha e conseguiu falar com educação. Ela poderia ter perdido a calma e sido grosseira, mas Carmen só estava fazendo seu trabalho. Samantha começou a abrir gavetas e pegar tudo que era pessoal. Em uma gaveta tinha algumas pastas da S&P e ela perguntou: — E quanto a isso?

— Ficam aqui — disse Carmen, observando cada movimento, como se Samantha pudesse tentar surrupiar algum ativo valioso. A verdade era que tudo de valor estava guardado nos computadores… um desktop que ela usava na mesa de trabalho e um laptop que levava para todo canto. Um laptop da Scully & Pershing. Ele também ficaria para trás. Ela poderia ter acesso a tudo de seu

laptop pessoal, mas sabia que as senhas já teriam sido alteradas.

Como uma sonâmbula, esvaziou as gavetas e delicadamente guardou as seis miniaturas de arranha-céus de sua coleção, embora pensasse em jogá-las na lixeira. Izabelle chegou e recebeu sua própria caixa de papelão. Todos os outros — associados, secretárias, paralegais — repentinamente encontraram o que fazer em outro lugar. O protocolo foi adotado rapidamente — quando alguém limpa uma mesa, precisa ficar em paz. Sem testemunhas, sem encaradas, sem despedidas vazias.

Os olhos de Izabelle estavam inchados e vermelhos; era evidente que esteve chorando no banheiro. Ela falou aos sussurros.

— Me liga. Vamos tomar um drinque esta noite.

— Claro — disse Samantha. Ela terminou de colocar suas coisas na caixa, sua pasta e sua volumosa bolsa de grife, e sem olhar por sobre o ombro andou decidida atrás de Carmen, seguindo pelo corredor até os elevadores do 48º andar. Enquanto esperavam, ela se recusou a olhar em volta e absorver o ambiente pela última vez. A porta se abriu e felizmente o elevador estava vazio.

— Eu carrego isso — disse Carmen, apontando a caixa, cujo volume e peso já aumentavam.

— Não — disse Samantha dando um passo para dentro. Carmen apertou o botão do térreo. Por que exatamente ela estava sendo acompanhada até a saída do prédio? Quanto mais pensava na pergunta, mais furiosa ficava. Ela queria gritar, queria ter um ataque, mas o que realmente queria fazer era telefonar para a mãe. O elevador parou no 43º andar e entrou um jovem bem-vestido. Segurava uma caixa de papelão idêntica, com uma bolsa grande pendurada no ombro e uma pasta de couro debaixo do braço. Tinha o mesmo olhar atordoado de medo e confusão. Samantha já o vira no elevador, mas não o conhecia.

Que firma. Tão mastodôntica que os associados usavam crachá nas pavorosas festas de Natal. Outro segurança de terno preto entrou atrás dele e quando todos estavam acomodados, Carmen apertou mais uma vez o botão do térreo. Samantha ficou olhando o chão, decidida a não falar, mesmo que falassem com ela. No 39º andar, o elevador parou mais uma vez e o Sr. Kirk Knight entrou examinando o celular. Depois que a porta se fechou, ele olhou em volta, viu as duas caixas de papelão e deu a impressão de suspirar enquanto sua coluna enrijecia. Knight era sócio sênior de fusões e aquisições e membro do comitê executivo. Repentinamente cara a cara com duas de suas vítimas, ele engoliu em seco e fixou os olhos na porta. Subitamente apertou o botão do 28º andar.

Samantha estava entorpecida demais para insultá-lo. O outro associado tinha os olhos fechados. Quando o elevador parou, Knight saiu apressado. Depois que

a porta se fechou, Samantha lembrou-se de que a firma ficava do trigésimo ao 65º. Por que Knight desceria repentinamente no 28º? Que se dane.

Carmen a acompanhou pelo saguão, passando pela porta até a Broad Street. Disse umas palavras de solidariedade inconvincentes, mas Samantha não respondeu. Sobrecarregada como uma mula de carga, ela vagou pelo tráfego de pedestres, indo a lugar nenhum. Depois se lembrou das fotos no jornal dos funcionários do Lehman e do Bear Stearns saindo de seus prédios comerciais com caixas trazendo seus pertences, como se os prédios estivessem em chamas e eles fugissem para salvar a própria vida. Em uma fotografia grande e colorida na primeira página da seção B do *Times*, uma corretora do Lehman foi flagrada com lágrimas no rosto, parada com ar indefeso na calçada.

No entanto essas fotos agora eram notícia velha e Samantha não viu câmera alguma. Baixou a caixa na esquina da Broad com a Wall e esperou um táxi.

# 2

Em um sofisticado *loft* do SoHo que lhe custava dois mil dólares por mês, Samantha jogou suas tralhas do escritório no chão e caiu no sofá. Agarrada ao celular, esperava. Respirou fundo, de olhos fechados, as emoções até certo ponto controladas. Ela precisava da voz e do apoio da mãe, mas não queria aparentar fraqueza, mágoa e vulnerabilidade.

O alívio veio da compreensão súbita de que acabara de se livrar de um emprego que desprezava. Às sete desta noite ela podia estar assistindo a um filme ou jantando com amigos, e não trabalhando como uma escrava no escritório com o cronômetro correndo. Neste domingo, podia viajar sem pensar em Andy Grubman e na pilha de papelada de sua próxima negociação crucial. O FirmFone, um aparelho pequeno e monstruoso que vivia colado em seu corpo havia três anos, tinha sido devolvido. Ela se sentia libertada e maravilhosamente leve.

O medo vinha da perda da renda e do repentino desvio em sua carreira. Como associada há três anos, ela ganhava 180 mil dólares por ano de salário-base, além de uma bela bonificação. É muito dinheiro, mas a vida na cidade de algum jeito conseguia devorá-lo. Metade evaporava em impostos. Samantha tinha uma conta de poupança, que ela tratava com indiferença. Quando se tem 29 anos, é solteira e livre na cidade, com uma profissão em que o pacote do ano seguinte será maior do que o salário deste ano além da bonificação, por que se preocupar demais com economia de dinheiro? Tinha uma amiga formada em direito pela Universidade Columbia que ficou na S&P por cinco anos, acabara de se tornar sócia júnior e ganharia cerca de meio milhão este ano. Samantha estava indo pelo mesmo caminho.

Ela também tinha amigos que pularam fora da máquina de triturar gente depois de 12 meses e fugiram felizes do pavoroso mundo da *Big Law*. Um agora era instrutor de esqui em Vermont, ex-editor da *Columbia Law Review*, um refugiado das entranhas da S&P que morava em uma cabana perto de um riacho e raras vezes atendia ao celular. Em apenas 13 meses, ele deixou de ser um jovem associado ambicioso para ser um idiota um tanto demente que dormia na mesa de trabalho. Pouco antes da intervenção do RH, ele surtou e saiu da cidade. Samantha pensava nele com frequência, em geral com uma pontada de inveja.

Alívio, medo e humilhação. Seus pais pagaram uma escola preparatória cara em Washington. Ela se formou com louvor em Georgetown com um diploma de

ciência política. Fez com tranquilidade a faculdade de direito e terminou com honras. Uma dezena de firmas lhe ofereceu emprego depois do seu estágio em um tribunal federal. Os primeiros 29 anos de sua vida viram um sucesso impressionante e pouco fracasso. Ser demitida dessa maneira era esmagador. Ser acompanhada para fora do prédio foi degradante. Esse não era só um pequeno percalço em uma carreira longa e recompensadora.

Os números lhe davam algum conforto. Desde o colapso do Lehman, milhares de jovens profissionais foram atirados na rua. A infelicidade adora companhia, diz o ditado, mas no momento ela não conseguia ter muita solidariedade por ninguém.

— Karen Kofer, por favor — disse ela ao telefone. Estava deitada no sofá, imóvel, contando a respiração. Depois: — Mãe, sou eu. Eles fizeram. Fui demitida. — Ela mordeu o lábio e reprimiu as lágrimas.

— Que chato, Samantha. Quando aconteceu?

— Há cerca de uma hora. Não foi nenhuma surpresa, mas ainda é duro de acreditar.

— Eu sei, querida. E lamento muito.

Na semana anterior, elas não falaram de outra coisa senão uma provável demissão.

— Você está em casa? — perguntou Karen.

— Estou, e está tudo bem. Blythe está no trabalho. Ainda não falei com ela. Não contei a ninguém.

— Eu lamento muito.

Blythe era uma amiga e ex-colega de turma da faculdade que trabalhava em outra megafirma. Elas dividiam o apartamento, mas pouca coisa da vida. Quando se trabalha de 75 a cem horas por semana, há pouco a partilhar. As coisas também não iam bem na firma de Blythe e ela esperava o pior.

— Eu estou bem, mãe.

— Não, não está. Por que não passa alguns dias aqui em casa?

A casa era um alvo móvel. A mãe alugou um lindo apartamento perto de Dupont Circle e o pai, uma casinha em um condomínio perto do rio, em Alexandria. Samantha nunca passou mais de um mês em nenhum dos dois lugares e no momento não pensava nisso.

— Eu vou — disse ela —, mas não agora.

Uma longa pausa, depois disse com suavidade: — Quais são os seus planos, Samantha?

— Não tenho nenhum plano, mãe. Neste momento estou em choque e não consigo pensar num futuro de mais de uma hora.

— Eu entendo. Queria poder estar aí.

— Está tudo bem, mãe. Juro. — A última coisa que Samantha precisava naquela hora era da presença espectral da mãe e dos conselhos intermináveis sobre o que fazer.

— É uma demissão ou alguma espécie de suspensão?

— A firma está chamando de licença, um acordo pelo qual faremos estágio em uma ONG por um ou dois anos sem perder o direito ao plano de saúde. Depois, se as coisas mudarem, a firma nos aceitará de volta sem perda dos anos trabalhados.

— Parece um esforço ridículo para manter vocês na coleira.

— Obrigada, mãe, por sua habitual franqueza.

— Por que não mandou aquela gente horrorosa para o inferno? — continuou Karen.

— Porque eu gostaria de manter meu plano de saúde e de saber que existe a opção de eu voltar um dia.

— Pode encontrar um emprego em outro lugar.

Falou como uma burocrata de carreira. Karen Kofer há quase trinta anos era advogada do Departamento de Justiça de Washington, o único emprego que teve na vida. Seu cargo, como o de todos a sua volta, era inteiramente protegido. Independentemente de crises financeiras, guerras, mudanças de governo, catástrofes nacionais, sublevações políticas ou qualquer outra possível calamidade, o pagamento de Karen Kofer era inviolável. E com ele vinha aquela vaga arrogância típica dos burocratas entrincheirados. Somos muito valiosos porque somos muito necessários.

— Não, mãe, agora não existe nenhum emprego. Se você não ouviu falar, estamos numa crise financeira, à beira de uma depressão. As firmas de advocacia estão despejando os associados aos bandos na rua, depois fecham as portas.

— Duvido que as coisas estejam assim tão ruins.

— Ah, é sério. A Scully & Pershing adiou todas as novas contratações, o que significa que cerca de uma dúzia dos mais talentosos advogados formados em Harvard acabaram de ser comunicados de que os empregos que lhes prometeram para setembro não existirão. O mesmo para Yale, Stanford, Columbia.

— Mas você tem tanto talento, Samantha.

*Jamais discuta com uma burocrata*. Samantha respirou fundo. Estava prestes a desligar quando uma ligação urgente "da Casa Branca" apareceu e Karen teve que ir. Prometeu telefonar mais tarde, assim que salvasse a República. — Tudo bem, mãe —, disse Samantha. Ela recebia toda a atenção que podia querer da mãe. Era filha única, o que, pensando bem agora, era bom, em vista do naufrágio do casamento e posterior divórcio de seus pais.

O dia estava lindo, céu claro, e Samantha precisava dar uma caminhada.

Andou em ziguezague pelo SoHo, depois pelo West Village. Em uma cafeteria vazia, finalmente telefonou para o pai. Marshall Kofer no passado foi um advogado especializado em processar companhias aéreas depois de acidentes. Criou uma firma agressiva e bem-sucedida em Washington e passava seis noites por semana em hotéis do mundo todo, ou procurando casos, ou cuidando dos processos. Ganhou uma fortuna, esbanjou dinheiro, e quando adolescente Samantha tinha uma consciência aguda de que sua família possuía mais do que a maioria das crianças de sua escola preparatória. Enquanto o pai saltava de um caso de alta visibilidade para outro, a mãe a criava sossegadamente seguindo obstinadamente sua carreira no Departamento de Justiça. Se os pais brigavam, Samantha não sabia; o pai simplesmente nunca estava em casa. A certa altura, não se sabe quando, uma jovem e bela paralegal entrou na história e Marshall tomou a iniciativa. A aventura passageira tornou-se constante, em seguida um romance e depois de dois anos Karen Kofer ficou desconfiada. Confrontou o marido, que no início mentiu, mas logo admitiu a verdade. Ele queria o divórcio, encontrara o amor de sua vida.

Por coincidência, mais ou menos na mesma época em que arruinava sua vida familiar, Marshall tornou outras decisões ruins. Uma delas envolveu um esquema para mandar honorários gordos ao exterior. Um jumbo da United Asia Airlines tinha caído no Sri Lanka com quarenta americanos a bordo. Não houve sobreviventes e, como se esperava, Marshall Kofer chegou lá antes de todos os outros. Durante as negociações do acordo, ele criou uma rede de empresas-fantasma por todo o Caribe e a Ásia, para direcionar, redirecionar e esconder seus substanciais honorários.

Samantha tinha uma pasta grossa com notícias de jornal e relatórios investigativos da tentativa desajeitada de corrupção do pai. Daria um livro fascinante, mas ela não estava interessada em escrevê-lo. Ele foi flagrado, humilhado, constrangido na primeira página, condenado, expulso da Ordem dos Advogados e mandado para a prisão por três anos. Recebeu condicional duas semanas antes de ela se formar na Georgetown. Naquela época, Marshall trabalhava como consultor de uma variedade de pequenas firmas na região histórica de Alexandria. Dizia estar prestando consultoria a outros advogados em processos de indenização coletiva, mas sempre foi vago nos detalhes. Samantha estava convencida, assim como a mãe, de que Marshall conseguira enterrar um belo butim em algum lugar no Caribe. Karen desistiu de procurar.

Embora Marshall sempre desconfiasse e Karen sempre negasse, ele tinha o pressentimento de que a ex-mulher teve algum papel em seu processo penal. Karen tinha influência na Justiça, e muita, além de muitos amigos.

— Pai, fui demitida — disse ela em voz baixa ao celular. A cafeteria estava

vazia, mas o barista estava por perto.

— Ah, Sam, eu lamento muito — disse Marshall. — Conte o que aconteceu.

Até onde Samantha sabia, o pai só aprendera uma coisa na prisão. Não a humildade, nem a paciência, nem a compreensão ou o perdão, nem qualquer dos atributos padrão que se adquirem depois de uma queda tão humilhante. Ele era tão cheio de energia e ambicioso como antes, ainda ansioso para atacar cada dia e atropelar qualquer um que se colocasse na sua frente. Mas, por algum motivo, Marshall Kofer aprendera a ouvir, pelo menos a filha. Ela contou a história lentamente e ele ficou atento a cada palavra. Ela lhe garantiu que ficaria bem. A certa altura, ele deu a impressão de que ia chorar.

Normalmente, ele teria feito comentários depreciativos sobre a escolha de carreira da filha na advocacia. Ele odiava as grandes firmas porque lutou contra elas durante anos. Achava que eram meras corporações, e não sociedades com advogados de verdade brigando por seus clientes. Marshall tinha um palanque do qual podia fazer uma dezena de sermões sobre os males das megafirmas. Samantha ouvira cada um deles e não estava com humor para ouvir de novo.

— Quer que eu vá até aí, Sam? — perguntou ele. — Posso chegar em três horas.

— Obrigada, mas não precisa. Ainda não. Preciso de um tempo e estou pensando em viajar por alguns dias.

— Eu vou buscá-la.

— Talvez, mas não agora. Eu estou bem, pai, eu juro.

— Não, não está. Você precisa de seu pai.

Ainda era estranho ouvir isso de um homem que estivera ausente dos primeiros vinte anos da vida de Samantha. Mas pelo menos ele estava tentando.

— Obrigada, pai. Te ligo depois.

— Vamos fazer uma viagem, encontrar uma praia por aí e beber rum.

Ela teve que rir, porque eles nunca viajaram juntos, não os dois sozinhos. Tiveram algumas férias apressadas quando ela era criança, viagens típicas a cidades da Europa, quase sempre interrompidas pela pressão dos negócios nos Estados Unidos. A ideia de ficar em uma praia com o pai não teve apelo imediato, apesar das circunstâncias.

— Obrigada, pai. Talvez depois, não agora. Preciso cuidar das coisas por aqui.

— Eu arrumo um emprego para você — disse ele. — Um emprego de verdade.

*Lá vamos nós de novo*, pensou ela, mas deixou passar. O pai tentava seduzi-la com um emprego de verdade na advocacia havia vários anos, de verdade no sentido de que envolveria processar grandes empresas por toda sorte de

ilegalidades. No mundo de Marshall Kofer, toda empresa de certo porte deve ter cometido pecados clamorosos para ter sucesso no mundo selvagem do capitalismo ocidental. Era vocação de advogados (e talvez ex-advogados) como ele revelar os pecados e processar como loucos.

— Obrigada, pai. Te ligo outra hora.

Que ironia que o pai ainda estivesse tão ansioso para que ela trilhasse o mesmo caminho da lei que o colocou na cadeia. Ela não estava interessada nos tribunais, nem em conflitos. Não sabia bem o que queria, provavelmente um bom emprego burocrático com um belo salário. Principalmente por ser mulher e inteligente, ela teve uma chance decente de se tornar sócia na Scully & Pershing. Mas a que preço?

Talvez ela quisesse essa carreira, talvez não. No momento só queria vagar pelas ruas do sul de Manhattan e clarear a cabeça. Ela andou por Tribeca enquanto as horas passavam. A mãe ligou duas vezes e o pai, uma, mas ela decidiu não atender. Izabelle e Ben também telefonaram, mas ela não queria conversar. Ela se viu no Moke's Pub perto de Chinatown e por um momento ficou na calçada, olhando para dentro. Seu primeiro drinque com Henry tinha sido no Moke's, tantos anos atrás. Foram apresentados por amigos. Ele era um aspirante a ator, um entre um milhão na cidade, e ela era uma associada novata na S&P. Eles namoraram um ano antes de o romance fracassar por conta da tensão de seu horário de trabalho brutal e do desemprego dele. Ele foi para Los Angeles, onde, da última vez que soube, estava dirigindo limusines para atores desconhecidos e fazendo grandes papéis em comerciais, sem nenhuma fala. Ela podia ter amado Henry em circunstâncias diferentes. Ele tinha tempo, interesse e paixão. Ela sempre estava exausta demais. Não era incomum nas megafirmas que as mulheres despertassem aos 40 anos e percebessem que ainda eram solteiras e que acabara de se passar uma década. Ela se afastou do Moke's e foi para o SoHo, ao norte.



Anna, do RH, provou-se extraordinariamente eficiente. Às cinco da tarde, Samantha recebeu um longo e-mail que incluía os nomes de dez ONGs que alguém considerava adequadas para estágios não remunerados de almas arrasadas e subitamente abatidas da maior firma de advocacia do mundo. Marshkeepers em Lafayette, Louisiana. A Pittsburgh Women's Shelter. A

Immigrant Initiative em Tampa. A Mountain Legal Aid Clinic em Brady, Virginia. A Euthanasia Society de Tucson, Arizona. Uma organização de sem-teto em Louisville. Lake Erie Defense Fund. E assim por diante. Nenhuma das dez ficava perto da área metropolitana de Nova York.

Ela ficou encarando a lista um bom tempo e pensou na possibilidade de sair da cidade. Morava ali há seis dos últimos sete anos — três em Columbia e três como associada. Depois da faculdade de direito, ela foi escrevente de um juiz federal em Washington D.C., depois voltou às pressas para Nova York. Entre Nova York e Washington, ela jamais vivera longe dos holofotes.

Lafayette, Louisiana? Brady, Virginia? Em um linguajar animadinho demais para a circunstância, Anna aconselhava os licenciados que o espaço talvez fosse limitado em algumas das mencionadas organizações. Traduzindo: corra para se inscrever ou talvez você não consiga a chance de se mudar para a roça e trabalhar de graça pelos próximos 12 meses. Mas Samantha estava entorpecida demais para fazer alguma coisa com pressa.

Blythe apareceu para um alô rápido e uma massa de micro-ondas. Samantha tinha dado a grande notícia por torpedo e sua colega de apartamento estava quase às lágrimas quando chegou. Depois de alguns minutos, porém, Samantha conseguiu acalmá-la e garantiu-lhe que a vida seguiria em frente. A firma de Blythe representava vários emprestadores de hipoteca e o clima lá estava tão sombrio quanto na Scully & Pershing. Há dias as duas só conversavam sobre demissão. Na metade da massa, o celular de Blythe começou a vibrar. Era seu sócio supervisor procurando por ela. Assim, às seis e meia ela saiu às pressas do apartamento, frenética para voltar ao escritório e temerosa de que o mais leve atraso garantisse sua dispensa.

Samantha se serviu de uma taça de vinho e encheu a banheira com água quente. Entrou na banheira, bebeu e decidiu que, apesar do dinheiro, ela detestava a *Big Law* e jamais voltaria. Nunca mais se permitiria ouvir gritos porque não estava no escritório depois do anoitecer ou antes de o sol nascer. Nunca mais seria seduzida pelo dinheiro. Nunca mais faria um monte de coisas.

No aspecto financeiro, as coisas estavam instáveis, mas não eram inteiramente sombrias. Samantha tinha 31 mil dólares em economias e não tinha dívidas, a não ser por mais três meses de aluguel do *loft*: Se reduzisse consideravelmente as despesas e conseguisse uma renda em empregos de meio expediente, talvez se aguentasse até a tempestade passar. Supondo-se, é claro, que o fim do mundo não se materializasse. Ela não conseguia se ver servindo mesas ou vendendo sapatos, mas jamais imaginou que sua carreira de prestígio tivesse um fim tão abrupto. A cidade logo estaria abarrotada de ainda mais garçonetes e vendedores de loja com diplomas universitários.

Voltar à *Big Law*. Seu objetivo era tornar-se sócia aos 35 anos, uma das poucas mulheres no topo, e agarrar uma sala de canto de onde pudesse bancar a durona com os rapazes. Ela teria uma secretária, uma assistente, alguns paralegais e um motorista à disposição, uma conta de representação dourada e um guarda-roupa de grife. As semanas de trabalho de cem horas encolheriam para algo que pudesse ser administrado. Ela ganharia dois milhões a mais por ano durante vinte anos, depois se aposentaria e viajaria pelo mundo. Pelo caminho, arrumaria um marido, um ou dois filhos, e a vida seria maravilhosa.

Tudo estava planejado e aparentemente a seu alcance.

Ela encontrou Izabelle para martinis no saguão do Mercer Hotel, a quatro quadras de seu *loft*. Elas convidaram Ben, mas ele tinha uma nova esposa e suas distrações. As licenças produziam efeitos contrários. Samantha estava tentando superar, até meio indiferente, mas pensando em formas de sobreviver. Mas tinha sorte, não tinha dívida de crédito estudantil. Seus pais tiveram o dinheiro para uma ótima educação. Izabelle, porém, sufocava em antigos empréstimos e agonizava quanto ao futuro. Ela bebeu ruidosamente o martini e ele subiu direto ao cérebro.

— Não posso passar um ano sem nenhuma renda — disse ela. — Você pode?

— Talvez — disse Samantha. — Se eu reduzir tudo e viver de sopa, posso apertar o cinto e ficar na cidade.

— Eu não — disse Izabelle com tristeza enquanto tornava outro gole. — Conheço um cara do contencioso. Ele pegou o acordo de licença na sexta-feira passada. Já procurou cinco ONGs e as cinco disseram que os estágios foram ocupados por outros associados. Dá para acreditar nisso? Então, ele telefonou para o RH e soltou uns gritos, e disseram que eles ainda estão trabalhando na lista, pesquisando mais ONGs que procuram por mão de obra extremamente barata. Então, não só a gente foi para o olho da rua, como o esqueminha de licenças não está funcionando muito bem. Ninguém nos quer, mesmo que a gente trabalhe de graça. Isso é de doer.

Samantha tomou um gole mínimo e saboreou o líquido entorpecente. — Não estou com vontade de aceitar o acordo de licença.

— Então, o que vai fazer com seu plano de saúde? Não pode ficar sem nada.

— Talvez eu possa.

— Mas, se você adoecer, vai perder tudo.

— Não tenho muita coisa.

— Isso é idiotice, Sam. — Outro gole no martini, mas um pouco menor. — Então, você está desistindo de um futuro brilhante na velha e querida Scully & Pershing.

— A firma desistiu de mim, de você e de muita gente. Deve haver um lugar

melhor para trabalhar e um jeito melhor de ganhar a vida.

— Vou beber a isso. — Apareceu uma garçonete e elas pediram outra rodada.

# 3

Samantha dormiu por 12 horas e acordou com um impulso irresistível de fugir da cidade. Deitada na cama e olhando as antigas vigas de madeira que cruzavam o teto, ela repassou o último mês e percebeu que não saía de Manhattan havia sete semanas. Um fim de semana prolongado em agosto em Southampton foi cancelado abruptamente por Andy Grubman e, em vez de dormir e aproveitar, ela passou sábado e domingo no escritório revisando contratos de trinta centímetros de espessura.

Sete semanas. Ela tomou um banho rápido e preparou uma mala com alguns itens essenciais. Às dez horas, embarcou em um trem na Penn Station e deixou uma mensagem de voz no celular de Blythe. *Fui passar uns dias em Washington. Me liga se a sua cabeça rolar*.

À medida que o trem rodava por Nova Jersey, a curiosidade levou a melhor. Ela mandou um e-mail ao Lake Erie Defense Fund, outro ao Pittsburgh Women's Shelter. Passaram-se trinta minutos sem respostas enquanto ela lia o *Times*. Nenhuma palavra sobre a carnificina na S&P enquanto o desastre econômico continuava inabalável. Demissões em massa nas financeiras. Bancos recusando-se a dar empréstimos enquanto outros bancos fechavam as portas. O Congresso perseguindo o próprio rabo. Obama culpando Bush. McCain/Palin culpando os democratas. Ela verificou o laptop e viu outro e-mail da feliz Anna do recursos humanos. Outras seis ONGs apareceram e se juntaram à festa. *É melhor pôr mãos à obra!*

O Women's Shelter respondeu ao e-mail agradecendo à srta. Kofer pelo interesse, mas o cargo acabara de ser preenchido. Cinco minutos depois, a boa gente que luta para salvar o lago Erie disse praticamente a mesma coisa. Agora se sentindo desafiada, Samantha enviou uma torrente de mensagens a outras cinco ONGs da lista de Anna, depois mandou um e-mail pedindo educadamente a Anna para pegar um pouco mais leve com suas atualizações. Entre Filadélfia e Wilmington, a Marshkeepers de Louisiana disse *não*. O Innocence Project da Georgia disse *não*. A Immigrant Initiative, em Tampa, disse *não*. A Death Penalty Clearinghouse disse *não* e a Legal Aid de St. Louis disse *não*. *Não*, mas agradecemos seu interesse. As vagas para estágio já foram preenchidas.

Zero em sete. Não conseguia trabalho nem como voluntária! Pegou um táxi na Union Station perto do Capitólio e afundou no banco traseiro enquanto ele se arrastava pelo trânsito de Washington. Uma quadra depois da outra de escritórios

do governo, sedes de mil organizações e associações, hotéis e novos prédios residenciais reluzentes, edifícios comerciais se espalhando abarrotados de advogados e lobistas, as calçadas formigando de gente ocupada, indo às pressas de um lado para outro, buscando com urgência as questões nacionais enquanto o mundo oscilava à beira do abismo. Ela passou os primeiros 22 anos de sua vida em Washington, mas agora achava a cidade um tédio. Ainda atraía uma manada de jovens inteligentes, mas eles só falavam de política e imóveis. Os lobistas eram os piores. Agora superavam em número todos os advogados e políticos juntos e mandavam na cidade. Eram donos do Congresso e, dessa forma, controlavam o dinheiro. Nos coquetéis ou jantares aborreciam a todos com os detalhes de suas mais recentes e heroicas iniciativas para defender a carne de porco ou inserir uma brecha no código tributário. No contracheque de todo amigo de infância e da Georgetown havia uma boa quantidade de dólares federais. Sua própria mãe faturava 145 mil dólares por ano como advogada do Departamento de Justiça.

Samantha não sabia como o pai ganhava dinheiro. Decidiu visitá-lo primeiro. A mãe trabalhava longas horas e só estaria em casa à noite. Samantha entrou com sua própria chave no apartamento da mãe, deixou a mala e pegou o mesmo táxi, atravessando o Potomac e indo para Old Town, em Alexandria. O pai esperava com um abraço, um sorriso e todo o tempo do mundo. Havia se mudado para um prédio muito mais bonito e rebatizara sua firma de Grupo Kofer.

— Parece um bando de lobistas — disse ela enquanto olhava a área de recepção bem equipada.

— Ah, não — disse Marshall. — Por aqui, mantemos distância desse circo — disse ele, apontando na direção geral de Washington, como se fosse um gueto. Eles seguiram por um corredor, passando pelas portas abertas de salas pequenas.

*Então, o que exatamente você faz, pai*? Mas ela decidiu adiar a pergunta. Ele a levou a uma sala maior de canto com uma vista distante do rio Potomac, não muito diferente da sala de Andy Grubman, de outra vida. Eles se sentaram em poltronas de couro em volta de uma mesa pequena enquanto a secretária pegava o café.

— Como você está? — perguntou ele com sinceridade, a mão em seu joelho como se ela tivesse caído da escada.

— Estou bem — disse Samantha e de imediato sentiu a garganta apertar. *Contenha-se*. Engoliu em seco. — É que foi tudo muito repentino. Há um mês as coisas estavam ótimas, sabe, tudo nos trilhos, sem problemas. Muitas horas de trabalho, mas essa é a rotina das coisas. Depois começamos a ouvir boatos,

tambores distantes falando de coisas que iam mal. Agora parece tão repentino.

— Sim, parece. Esse *crash* mais parece uma bomba.

O café chegou em uma bandeja e a secretária fechou a porta ao sair.

— Você lê Trottman? — perguntou ele.

— Quem?

— Ele escreve um boletim semanal sobre mercado e política. É daqui de Washington e já está na cidade há algum tempo, ele é muito bom. Seis meses atrás, ele previu o desastre das hipotecas *subprime*, disse que estava se formando havia anos, e que haveria um *crash* e uma tremenda recessão. Ele aconselhou todos a saírem do mercado, de todos os mercados.

— Você saiu?

— Na verdade eu não tinha nada nos mercados. E se tivesse, não sei se teria aceitado o conselho dele. Seis meses atrás, estávamos vivendo o sonho, e o valor dos imóveis jamais diminuiria. O crédito era barato e todo mundo tomava muitos empréstimos. O céu era o limite.

— O que esse Trottman diz agora?

— Bom, quando ele não está exultando, diz ao Fed o que fazer. Está prevendo uma grande recessão, uma recessão mundial, mas nada parecida com a de 1929. Ele acha que os mercados vão afundar pela metade, o desemprego vai disparar, os democratas vencerão em novembro, alguns grandes bancos vão afundar, muito medo e incerteza, mas o mundo de algum modo sobreviverá. O que você ouve lá em Wall Street? Você está no centro das coisas. Ou estava, imagino.

Ele calçava sapatos pretos do mesmo estilo com franjas que usou a vida toda. O terno escuro provavelmente era feito à mão, como nos dias de glória. Lã fiada e muito caro. Gravata de seda com um nó perfeito. Abotoaduras. Na primeira vez que ela o visitou na prisão, ele vestia uma camisa cáqui e calça de brim verde-oliva, seu uniforme padrão, e reclamava do quanto sentia falta de suas roupas. Marshall Kofer sempre adorou roupas refinadas e agora que estava de volta sem dúvida andou gastando algum dinheiro.

— Nada além de pânico — disse ela. — Dois suicídios ontem, segundo o *Times*.

— Já almoçou?

— Comi um sanduíche no trem.

— Vamos jantar, só nós dois.

— Eu prometi à mamãe, mas estarei livre para o almoço amanhã.

— Combinado. E como está Karen? — perguntou ele.

Segundo o pai, os dois tinham uma conversa amigável pelo menos uma vez por mês ao telefone. Segundo a mãe, as conversas aconteciam uma vez por ano.

Marshall gostaria de ser um amigo, mas Karen tinha ressentimentos demais. Samantha nunca tentou negociar uma trégua.

— Acho que ela está bem. Trabalhando muito, o de sempre.

— Ela está com alguém?

— Não pergunto. E você?

A jovem e bela paralegal o abandonara dois meses depois de ele ser preso, então Marshall estava sozinho por muitos anos. Sozinho, mas não solitário. Estava com quase 60 anos, ainda em boa forma, tinha o cabelo grisalho penteado para trás e um sorriso matador.

— Ah, ainda estou na praça — disse ele, rindo. — E você? Alguém importante?

— Não, pai, infelizmente não. Passei os últimos três anos em uma caverna enquanto o mundo girava. Tenho 29 anos e voltei a ser virgem.

— Não preciso desses detalhes. Há quanto tempo está na cidade?

— Acabei de chegar. Não sei. Eu te falei sobre o esquema de licenças que a firma está oferecendo e andei verificando.

— Você trabalha como voluntária por um ano, depois tem seu emprego de volta sem perder o cargo?

— Mais ou menos isso.

— Isso me cheira mal. Você não confia de verdade nesses caras, confia?

Ela respirou fundo e tomou um gole do café. A essa altura, a conversa podia girar em torno de temas para os quais, no momento, Samantha não tinha estômago.

— Não, de verdade, não. Posso dizer com sinceridade que não confio nos sócios que são donos da Scully & Pershing. Não.

Marshall já balançava a cabeça em negativa, concordando alegremente com ela.

— E você não quer mesmo voltar para lá, não agora, nem daqui a 12 meses. Não é isso?

— Não sei o que estarei pensando daqui a 12 meses, mas não vejo muito futuro na firma.

— Muito bem. — Ele colocou as xícaras de café na mesa e se inclinou para frente. — Escute, Samantha, posso lhe oferecer um emprego aqui, que pagará bem e a manterá ocupada por mais ou menos um ano, enquanto você acerta sua vida. Talvez vire fixo, talvez não, mas você terá muito tempo para tomar essa decisão. Não estará exercendo a prática do direito, o verdadeiro direito, como dizem, mas também não sei em que você andou trabalhando nos últimos três anos.

— A mamãe disse que você tem dois sócios e que eles também foram

desligados da Ordem dos Advogados.

Ele fingiu uma gargalhada, mas a verdade era constrangedora. — Karen diria mesmo isso, não? Mas sim, Samantha, somos três aqui, todos condenados, sentenciados, cassados pela Ordem, encarcerados e, fico feliz em dizer, plenamente reabilitados.

— Desculpe, pai, mas não consigo me ver trabalhando em uma firma administrada por três advogados expulsos.

Os ombros de Marshall arriaram um pouco. O sorriso sumiu.

— Não é uma firma de advocacia, estou certa?

— Está. Não praticamos porque não fomos reintegrados.

— Então, o que vocês fazem?

Ele rebateu rapidamente. — Ganhamos muito dinheiro, minha querida. Trabalhamos como consultores.

— Todo mundo é consultor, pai. A quem vocês dão consultoria e o que dizem a eles?

— Já ouviu falar de financiadoras de litígios?

— Para fins de discussão, digamos que a resposta é não.

— Tudo bem, as financiadoras de litígios são empresas particulares que levantam dinheiro de seus investidores para comprar grandes processos. Por exemplo, digamos que uma pequena empresa de software esteja convencida de que uma das maiorais, digamos a Microsoft, roubou seu software, mas obviamente uma empresa pequena não pode bancar um processo contra a Microsoft e entrar em tribunal em pé de igualdade. É impossível. Assim, a empresa pequena procura uma financiadora de litígio que analisará o caso e, se tiver mérito, colocará uma grana preta para os honorários e despesas judiciais. Dez, vinte milhões, isso não importa. É muito dinheiro. Naturalmente a financiadora recebe uma parte da ação. A disputa passa a ser justa e em geral há um acordo lucrativo. Nosso trabalho aqui é aconselhar as financiadoras, se elas devem ou não se envolver. Nem todos os possíveis processos devem seguir adiante, nem mesmo neste país. Meus dois sócios, sem participação acionária, devo acrescentar, também eram especialistas em complexas ações indenizatórias, até, digamos, serem solicitados a deixar a profissão. Nosso negócio está prosperando, apesar dessa pequena recessão. Na realidade, acreditamos que essa confusão atual ajude nossos negócios. Muitos bancos estão a ponto de serem processados e por somas imensas.

Samantha escutou, bebeu o café e se lembrou de que dava ouvidos a um homem que no passado convencia milhões de jurados regularmente.

— O que você acha? — perguntou ele.

*Parece pavoroso,* pensou ela, mas manteve a testa franzida como se refletisse

bem.

— Interessante — ela conseguiu dizer.

— Vemos um enorme potencial de crescimento — disse ele.

*Sim, e com três ex-presidiários tocando o negócio é só uma questão de tempo até haver problemas*.

— Não entendo nada de contencioso, pai. Sempre tentei ficar longe disso. Sou da área de finanças, lembra?

— Ah, você vai pegar tudo fácil. Vou te ensinar, Samantha. Vamos curtir muito. Experimente. Tente por alguns meses enquanto você ajeita a vida.

— Mas eu ainda não fui expulsa da Ordem — disse ela.

Os dois riram, mas não foi assim tão engraçado.

— Vou pensar no assunto, pai. Obrigada.

— Você vai se adaptar, eu garanto. Quarenta horas por semana, uma bela sala, um pessoal bom. Melhor do que aquela competição feroz em Nova York.

— Mas Nova York é meu lar, pai. Não Washington.

— Tudo bem, tá legal. Não vou pressionar. A oferta está de pé.

— E agradeço por ela.

Uma secretária bateu na porta e meteu a cabeça para dentro.

— Sua reunião das quatro, senhor.

Marshall franziu a testa ao olhar o relógio para confirmar a hora. — Vou em a um minuto — disse ele, e ela desapareceu.

Samantha pegou a bolsa. — Preciso ir andando.

— Não tem pressa, querida. Isso pode esperar.

— Sei que você está ocupado. A gente se vê amanhã no almoço.

— Vamos nos divertir um pouco. Dê lembranças a Karen. Eu adoraria vê-la.

*Sem chance*.

— Claro, pai. Até amanhã.

Eles se abraçaram na porta e ela saiu apressada.



A oitava rejeição veio da Chesapeake Society em Baltimore e a nona de uma organização que lutava para salvar as sequoias da Carolina do Norte. Nunca em sua vida privilegiada Samantha Kofer foi rejeitada nove vezes em um só dia em qualquer desafio. Nem em uma semana, nem em um mês. Ela não sabia se conseguiria lidar com o número dez.

Estava tomando um descafeinado na cafeteria da Kramerbooks, perto do Dupont Circle, esperando e trocando e-mails com amigos. Blythe ainda tinha emprego, mas as coisas estavam mudando a cada minuto. Ela passou a fofoca de que sua firma, a quarta maior do mundo, também estava dispensando associados a torto e a direito, e que também tinha preparado o mesmo esquema de licenças para largar seus gênios no maior número possível de ONGs falidas e em dificuldades. Ela escreveu: “Deve haver milhares lá fora batendo em portas atrás de emprego.”

Samantha não teve coragem de confessar que estava zerada em nove. E então o número dez chegou. Era uma mensagem sucinta de uma tal de Mattie Wyatt da Mountain Legal Aid Clinic em Brady, Virginia: “Se for possível, ligue agora para meu celular”, e dava o número. Depois de nove rejeições seguidas, aquilo parecia um convite para a posse presidencial.

Samantha respirou fundo, tomou outro gole, olhou em volta para saber se podia ser ouvida, como se os outros clientes estivessem preocupados com sua vida, depois digitou os números no celular.

# 4

A Mountain Legal Aid Clinic administrava suas operações de baixo orçamento em uma loja de ferragens abandonada na rua principal de Brady, Virginia, população de 2.200 habitantes e declinando a cada recenseamento. Brady fica no sudeste da Virginia, nos Apalaches, a terra do carvão. Dos subúrbios ricos de Washington D.C. do norte da Virginia, Brady distava cerca de 480 quilômetros e um século de tempo. Mattie Wyatt era a diretora-executiva desde o dia em que fundou a organização, 26 anos antes. Atendeu ao celular e deu sua saudação habitual.

— Mattie Wyatt — uma voz um tanto tímida falou do outro lado.

— Alô, aqui é Samantha Kofer. Acabo de receber seu e-mail.

— Obrigada, srta. Kofer. Recebi sua solicitação esta tarde, junto com algumas outras. Parece que as coisas andam bem difíceis nas grandes firmas de advocacia.

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, nunca tivemos uma estagiária de uma grande firma de Nova York, mas sempre precisamos de alguma ajuda por aqui. Não faltam gente pobre e seus problemas. Já esteve no sudeste da Virginia?

Samantha não esteve. Ela viu o mundo, mas nunca se aventurou nos Apalaches.

— Infelizmente não — disse ela com a maior educação possível. A voz de Mattie era simpática, sua pronúncia ligeiramente fanhosa, e Samantha concluiu que precisava de suas boas maneiras.

— Bom, então prepare-se para o choque — disse Mattie. — Escute, srta. Kofer, recebi três e-mails de vocês hoje e não temos espaço para três novatos sem noção, entende o que quero dizer? Assim, o único jeito de saber a quem escolher é fazendo entrevistas. Pode vir aqui dar uma olhada? Os outros dois disseram que tentariam. Acho que um é de sua firma.

— Bom, claro, posso ir de carro — disse Samantha. O que mais poderia dizer? Qualquer sinal de relutância e ela receberia a décima rejeição. — Quando você tem em mente?

— Amanhã, depois de amanhã, tanto faz. Não esperava uma enxurrada de advogados demitidos brigando para encontrar trabalho, mesmo que não seja remunerado. De repente há uma concorrência pelo cargo, então acho que o quanto antes, melhor. Nova York fica muito longe.

— Na realidade estou em Washington D.C. Posso estar aí amanhã à tarde, acho.

— Tudo bem. Não tenho muito tempo para entrevistas, então provavelmente vou contratar o primeiro que aparecer e cancelar os outros. Isto é, se eu gostar do primeiro.

Samantha fechou os olhos alguns segundos e tentou colocar tudo em perspectiva. Na manhã da véspera, ela chegara à sua mesa na maior firma de advocacia do mundo, que lhe pagava um belo salário, e tinha a promessa de uma carreira longa e lucrativa. Agora, cerca de trinta horas depois, estava desempregada, sentada na cafeteria da Kramerbooks, tentando se enfiar em um emprego temporário e não remunerado onde Judas perdeu as botas.

Mattie continuou: — Fui de carro a Washington no ano passado para uma conferência e levei seis horas. Você quer dizer lá pelas quatro da tarde de amanhã?

— Claro. Verei você a essa hora. E obrigada, Sra. Wyatt.

— Não, eu é que agradeço, e pode me chamar de Mattie.

Samantha procurou na internet e encontrou o site da ONG de assistência judiciária. Sua missão era simples: "Prestar serviços jurídicos gratuitos a clientes de baixa renda no sudeste da Virginia." Suas áreas de atuação incluíam relações domésticas, alívio de dívidas, habitação, assistência médica, educação e benefícios por doença do pulmão negro. Seu curso de direito tocou brevemente em algumas dessas especialidades; já a carreira, não. A organização não lidava com questões criminais. Além de Mattie Wyatt, havia outra advogada, uma paralegal, uma recepcionista, só mulheres.

Samantha decidiu que discutiria o assunto com a mãe, depois de refletir à noite. Não tinha um carro e, francamente, não conseguia se ver desperdiçando tempo numa viagem aos Apalaches. Servir mesas no SoHo parecia melhor. Enquanto inicializava o laptop, o abrigo de sem-teto em Louisville respondeu com um *não* educado. Dez rejeições em um único dia. Já bastava: daria um fim a sua busca para salvar o mundo.

Karen Kofer chegou ao Firefly logo depois das sete. Seus olhos ficaram lacrimosos quando abraçou a filha única e depois de algumas palavras de solidariedade, Samantha lhe pediu que, por favor, parasse. Elas foram ao bar e pediram vinho branco enquanto esperavam por uma mesa. Karen tinha 55 anos e envelhecia lindamente. Gastava a maior parte de seu dinheiro com roupas e estava sempre na moda, até chique. Desde que Samantha se entendia por gente, a mãe reclamava da falta de estilo do pessoal do Departamento de Justiça, como se fosse sua função apimentar a moda. Estava solteira havia dez anos e não lhe faltavam homens, mas nunca aparecia o certo. Por hábito, ela avaliou a filha, dos

brincos aos sapatos, e fez essa avaliação em questão de segundos. Sem comentários. Samantha não se importava. Nesse dia pavoroso, tinha outras coisas em mente.

— Papai manda lembranças — disse ela, tentando desviar a conversa das questões urgentes do Departamento de Justiça.

— Ah, você esteve com ele? — perguntou Karen, de sobrancelhas arqueadas, o radar de repente em alerta máximo.

— Sim. Dei uma passada no escritório dele. Parece que está indo bem, boa aparência, expandindo os negócios, pelo que ele diz.

— Ele lhe ofereceu um emprego?

— Sim. Para começar agora, quarenta horas por semana em uma sala cheia de gente maravilhosa.

— Todos foram expulsos da Ordem, sabia?

— Sim, você já me contou isso.

— Parece ser legítimo, pelo menos por enquanto. Certamente você não está pensando em trabalhar para Marshall. É uma quadrilha de ladrões e provavelmente não vai demorar para que se metam numa encrenca.

— Então você anda vigiando?

— Digamos que eu tenha amigos, Samantha. Muitos amigos nos lugares certos.

— E você gostaria que o pegassem de novo?

— Não, meu amor, para mim seu pai acabou. Nós nos separamos há anos e precisei de muito tempo para me recuperar. Ele escondeu seus bens e me ferrou no divórcio, mas eu finalmente superei. Tenho uma vida boa e não vou desperdiçar energia negativa com Marshall Kofer.

Juntas, elas beberam o vinho e olharam o *barman*, um rapaz musculoso de uns 20 e poucos anos de camiseta preta e apertada.

— Não, mãe, não vou trabalhar para o papai. Seria um desastre.

A recepcionista as levou à mesa e o garçom serviu água gelada. Quando ficaram a sós, Karen falou.

— Eu sinto muito, Samantha. Nem acredito nisso.

— Por favor, mãe, pare.

— Eu sei, mas sou sua mãe e não consigo evitar.

— Posso pegar seu carro emprestado por alguns dias?

— Ora, claro que sim. Para que precisa de meu carro?

— Tem uma organização de assistência judiciária em Brady, Virginia, uma das ONGs da minha lista, e estou pensando em ir até lá dar uma olhada. Deve ser uma perda de tempo, mas até parece que ultimamente estou ocupada. Na verdade, não tenho nada para fazer amanhã e uma viagem de carro pode ajudar a

clarear minha cabeça.

— Assistência judiciária?

— Por que não? E só uma entrevista para um estágio. Se eu não conseguir o cargo, continuo desempregada. Se conseguir, posso sair se não gostar.

— E não paga nada?

— Nada. Isso faz parte do acordo. Eu faço o estágio por 12 meses e a firma me mantém no sistema.

— Mas você certamente pode encontrar uma boa firma pequena em Nova York.

— Já falamos nisso, mãe. As firmas grandes estão demitindo e as pequenas estão fechando. Você não entende a histeria nas ruas de Nova York ultimamente. Está em segurança e a salvo, e nenhum de seus amigos vai perder o emprego. No mundo real, não há nada além de medo e caos.

— E eu não estou no mundo real?

Felizmente o garçom voltou, com uma longa narrativa sobre o especial da casa. Quando saiu, elas terminaram o vinho e olharam as mesas à volta. Por fim, Karen falou.

— Samantha, acho que você está cometendo um erro. Não pode simplesmente sumir por um ano. E seu apartamento? E seus amigos?

— Meus amigos estão igualmente de licença, a maioria deles, aliás. E eu não tenho muitos amigos.

— Não gosto nada dessa história.

— Que ótimo, mãe, e quais são minhas opções? Pegar um emprego no Grupo Kofer?

— Deus me livre. Você pode acabar na cadeia.

— Você me visitaria? Você nunca visitou papai.

— Nunca pensei em visitá-lo. Fiquei felicíssima quando o levaram. Um dia você vai entender, meu amor, mas só se o homem que você ama a trocar por outra e eu rezo para que isso nunca aconteça.

— Acho que isso eu entendo. Mas já faz muito tempo.

— Há coisas que a gente jamais esquece.

— Está tentando esquecer?

— Olha, Samantha, todo filho quer que os pais fiquem juntos. É um instinto básico de sobrevivência. E quando eles se separam, o filho quer pelo menos que eles sejam amigos. Alguns conseguem, outros não. Não quero estar no mesmo ambiente de Marshall Kofer e prefiro não falar dele. Vamos deixar como está.

— É justo. — Era o mais próximo de uma mediação que Samantha já chegara e ela rapidamente recuou. O garçom trouxe as saladas e elas pediram uma garrafa de vinho.

— Como está Blythe? — perguntou Karen, passando a assuntos mais tranquilos.

— Preocupada, mas ainda empregada. — Elas conversaram sobre Blythe por alguns minutos, depois sobre um homem chamado Forest que ficou no apartamento de Karen por mais ou menos um mês. Era alguns anos mais novo, como preferia, mas não houve romance. Forest era um advogado que dava consultoria na campanha de Obama e a conversa vagou para esse rumo. Com o vinho recém-chegado, elas analisaram o primeiro debate presidencial. Samantha, porém, estava cansada das eleições e Karen, graças a seu emprego, evitava a política.

— Esqueci que você não tem carro — disse ela.

— Há anos não preciso de um. Acho que posso alugar por alguns meses, se precisar.

— Pensando bem, vou precisar do meu amanhã à noite. Vou jogar bridge na casa de uma amiga em McLean.

— Não tem problema. Vou alugar um por dois dias. Quanto mais eu penso nisso, mais fico ansiosa por uma longa viagem de carro sozinha.

— Quanto tempo?

— Seis horas.

— Dá para ir de carro a Nova York em seis horas.

— Bem, amanhã vou para o outro lado.

As entradas chegaram e ambas estavam famintas.

# 5

Samantha levou uma hora para alugar um Toyota Prius vermelho e, ao rodar no trânsito de Washington, agarrava o volante com firmeza e constantemente olhava os retrovisores. Não dirigia havia meses e se sentia muito pouco à vontade. As pistas contrárias estavam repletas de motoristas saindo dos subúrbios para a cidade, mas o trânsito para oeste corria sem muito congestionamento. Depois de Manassas, a interestadual ficou desobstruída e ela enfim relaxou. Izabelle telefonou e elas fofocaram por 15 minutos. A Scully & Pershing tinha dado licença a outros associados no fim do dia anterior, inclusive outro amigo da faculdade de direito. Mais um lote de sócios sem direitos patrimoniais foi para a rua. Mais ou menos uma dúzia de sócios seniores aceitou a aposentadoria precoce, ao que parece sob a mira de uma arma. A equipe de apoio foi reduzida em 15 por cento. O lugar estava paralisado de medo, com advogados trancando as portas e se escondendo embaixo da mesa. Izabelle disse que podia ir para Wilmington, morar com a irmã, fazer estágio em um programa de defesa dos direitos da criança e procurar um emprego de meio expediente. Ela duvidava que voltaria a Nova York, mas era muito cedo para previsões. Tudo era incerto demais e mudava rápido e, bem, ninguém sabia onde ia estar dali a um ano. Samantha admitiu que estava emocionada por sair da firma e ganhar a estrada.

Ela ligou para o pai e cancelou o almoço. Ele demonstrou decepção, mas rapidamente a aconselhou a não fazer um estágio sem importância no quintal do "terceiro mundo". Falou novamente na oferta de emprego e pressionou um pouco mais. Então ela disse não.

— Não, pai, não quero o emprego, mas agradeço mesmo assim.

— Você está cometendo um erro, Sam — disse ele.

— Não pedi seu conselho, pai.

— Talvez precise de meu conselho. Por favor, escute alguém com algum senso.

— Tchau, pai. Te ligo depois.

Perto da cidadezinha de Strasburg, ela virou para o sul na Interestadual 81 e caiu em um estouro de carretas, todas aparentemente sem se importar com o limite de velocidade. Ao ver o mapa, havia imaginado um passeio adorável pelo vale do Shenandoah. Em vez disso, esquivava-se dos caminhões numa abarrotada estrada de quatro pistas. Milhares deles. Ela conseguiu roubar um

olhar ocasional para o leste e o sopé da Blue Ridge, e a oeste os montes Apalaches. Era o primeiro dia de outubro e as folhas começavam a mudar de cor, mas olhar a paisagem não era prudente com um trânsito daqueles. Seu celular zumbia continuamente com mensagens de texto, mas ela conseguiu ignorar. Parou em uma lanchonete perto de Staunton e pediu uma salada sem graça. Enquanto comia, respirou fundo, ouviu os moradores e tentou se acalmar.

Havia um e-mail de Henry, o ex-namorado, de volta à cidade, querendo sair para um drinque. Ele soube das más notícias e queria prestar solidariedade. Sua carreira de ator foi um fracasso ainda maior em Los Angeles do que em Nova York e ele estava cansado de dirigir limusines para atores D com talento inferior. Disse que sentia falta dela, pensava nela com frequência e agora que ela estava desempregada talvez pudessem ficar algum tempo juntos, retocando seus currículos e vendo anúncios de emprego. Ela decidiu não responder, não por enquanto. Talvez, quando voltasse a Nova York e estivesse entediada e muito solitária.

Apesar dos caminhões e do trânsito, Samantha começava a desfrutar da solidão do carro. Tentou o rádio algumas vezes, mas sempre encontrava a mesma história — o colapso econômico, a grande recessão. Muita gente inteligente previa uma depressão. Outros pensavam que o pânico passaria, o mundo sobreviveria. Em Washington, os cérebros pareciam estar congelados enquanto estratégias conflitantes eram propostas, debatidas e descartadas. Por fim ignorou o rádio e o celular e dirigiu em silêncio, perdida em pensamentos. O GPS a orientou na saída da interestadual em Abingdon, Virginia, o que ela fez, com prazer. Por duas horas seguiu para oeste, rumo às montanhas. A medida que as estradas ficavam mais estreitas, ela se perguntava o que exatamente estava fazendo. Para onde ia? O que poderia encontrar nessa cidade de Brady que a seduzisse a passar o ano seguinte ali? Nada — essa era a resposta. Mas Samantha estava decidida a chegar lá e concluir sua pequena aventura. Talvez gerasse algum papo divertido durante os coquetéis em Nova York, talvez não. No momento, ainda estava aliviada por se afastar da cidade.

Quando entrou em Noland County, pegou a Rota 36 e a estrada ficou ainda mais estreita, as montanhas mais íngremes, a vegetação cada vez mais brilhante de amarelo e laranja queimado. Ela estava sozinha na estrada e quanto mais entrava nas montanhas, mais se perguntava se de fato haveria outra saída. Onde quer que ficasse Brady, parecia ser o fim de uma estrada. Seus ouvidos estalaram e Samantha percebeu que ela e seu pequeno Prius vermelho subiam lentamente. Uma placa amassada anunciava a entrada para Dunne Spring, população: 201 habitantes. Ela subiu um morro e passou por um posto de gasolina à esquerda e uma loja rural à direita.



Segundos depois, havia um carro em sua cola, piscando luzes azuis. Depois ouviu uma sirene. Ela entrou em pânico, pisou no freio e quase fez a polícia bater, se não tivesse se desviado rapidamente para estacionar num chão de cascalho, perto de uma ponte. Quando o policial se aproximou de sua porta, Samantha continha as lágrimas. Pegou o celular para mandar uma mensagem a alguém, mas não tinha sinal.

Ele disse algo que se assemelhava vagamente a “carteira de habilitação, por favor”. Ela pegou a bolsa e por fim encontrou a carteira. As mãos tremiam ao entregá-la. Ele a pegou e a colocou quase no nariz, como se tivesse problemas de visão. Por fim ela o olhou; havia outros defeitos evidentes. Sua farda era uma montagem descasada de calça cáqui manchada e puída, uma camisa marrom desbotada coberta de todo tipo de emblemas, botas de combate pretas precisando de graxa e um chapéu Smokey Bear, pelo menos duas vezes maior do que sua cabeça, enfiado nas orelhas enormes. O cabelo preto despenteado escapulia por baixo do chapéu.

— Nova York? — disse ele. Sua dicção estava longe do nítido, mas o tom beligerante era claro.

— Sim, senhor. Moro em Nova York.

— Então, por que está dirigindo um carro de Vermont?

— É alugado — disse ela, pegando o contrato da Avis no painel. Estendeu a ele, mas o homem ainda olhava fixamente a habilitação, como se tivesse dificuldades para ler.

— O que é um Prius? — perguntou ele.

— É um híbrido da Toyota.

— Um o quê?

Ela não entendia nada de carros, mas naquele momento não importava. Nem todo conhecimento do mundo a ajudaria a explicar o conceito de híbrido.

— Um carro híbrido, porque ele anda com gasolina e eletricidade.

— Não diga.

Samantha não conseguiu pensar na resposta correta e enquanto ele esperava, apenas sorriu para ele. O olho esquerdo dele parecia vagar para o próprio nariz.

— Bom, ele deve correr muito. Marquei você fazendo 82 numa área de trinta por hora. Isso é cinquenta a mais. Isso é direção perigosa aqui na Virginia. Não

sei como é em Nova York e Vermont, mas aqui é perigosa. Sim, senhora, pode apostar.

— Mas não vi nenhuma placa de limite de velocidade.

— Não tenho culpa do que você não vê, dona, será que tenho?

Uma velha picape se aproximava de frente, reduziu e parecia pronta a parar. O motorista se inclinou para fora e gritou:

— Sem essa, Romey, de novo, não.

O policial se virou e respondeu aos gritos: — Dá o fora daqui!

A picape parou na faixa central e o motorista gritou: — Precisa parar com isso, cara.

O policial abriu o coldre, sacou a pistola preta e disse: — Você me ouviu, dá o fora daqui.

A picape avançou, rodou nos pneus traseiros e acelerou. Quando estava vinte metros além, o policial apontou a pistola para o céu e disparou. Um tiro alto que estourou pelo vale e ecoou nas montanhas. Samantha gritou e começou a chorar. O policial viu a picape desaparecer, depois falou.

— Tá tudo bem, tá tudo bem. Ele tá sempre se metendo. Agora, onde a gente tava mesmo? — Ele devolveu a pistola ao coldre e mexeu no fecho enquanto falava.

— Não sei — disse ela, tentando enxugar os olhos com as mãos trêmulas.

Frustrado, o policial disse: — Tá tudo bem, dona. Tá tudo bem. Agora, você tem uma carteira de habilitação de Nova York e placa de Vermont nesse carrinho esquisito, e você tava cinquenta quilômetros acima do limite. O que veio fazer aqui?

*E isso é da sua conta?*, ela quase soltou, mas uma atitude dessas só lhe causaria mais problemas. Ela olhou bem para a frente, respirou fundo algumas vezes e tentou se recompor. Por fim, respondeu:

— Estou indo para Brady. Tenho uma entrevista de emprego. — Seus ouvidos tiniam.

Ele riu de um jeito estranho. — Não tem emprego nenhum em Brady, isso posso te garantir.

— Tenho uma entrevista na Mountain Legal Aid Clinic — disse ela entre os dentes, suas próprias palavras ocas e surreais.

Isso o desconcertou e ele pareceu hesitar quanto ao que faria agora.

— Bom, vou ter que levar você. Cinquenta quilômetros a mais é direção muito perigosa. O juiz provavelmente vai pegar pesado com você. Vou ter que te levar.

— Para onde?

— Para a cadeia do condado em Brady.

O queixo de Samantha caiu e ela massageou as têmporas.

— Não acredito nisso — disse ela.

— Desculpe, dona. Saia do carro. Vou deixar que sente no banco da frente da minha viatura. — Ele estava com as mãos nos quadris, a mão direita perigosamente perto do coldre.

— Está falando sério?

— Demais da conta.

— Posso dar um telefonema?

— De jeito nenhum. Talvez na cadeia. Além do que, aqui não tem sinal.

— Você está me prendendo e me levando para a cadeia?

— Agora você tá entendendo. Sei que fazemos as coisas de modo diferente aqui na Virginia. Vamos.

— E o meu carro?

— O reboque vai pegar. Vai te custar mais quarenta pratas. Vamos.

Ela não conseguia raciocinar com clareza, mas todas as alternativas pareciam terminar em mais tiroteio. Devagar, Samantha pegou a bolsa e saiu do carro. Com quase um metro e setenta e de sapatos sem salto, ela era pelo menos cinco centímetros mais alta do que Romey. Ela foi ao carro dele, as luzes azuis ainda piscando. Olhou a porta do motorista e não viu nada. Ele sentiu o que ela estava pensando e disse: — É um carro paisano. Por isso você não me viu lá atrás. Sempre funciona. Senta no banco da frente. Vou levar você sem algemas.

Ela conseguiu murmurar um fraco “obrigada”. Era algum modelo azul-escuro da Ford e lembrava vagamente uma antiga viatura policial, aposentada uma década antes. O banco da frente era no estilo inteiriço, com rachaduras grandes que revelavam o estofamento sujo de espuma. Havia dois rádios conectados ao painel. Romey pegou um microfone e disse, em palavras aceleradas quase indecifráveis, algo parecido com: “Unidade 10, dirigindo-se a Brady com suspeita. Tempo de chegada, cinco minutos. Notificar o juiz. Preciso de um reboque na Thack's Bridge, pra um carrinho japonês esquisito.”

Não houve resposta, como se ninguém estivesse ouvindo. Samantha se perguntou se o rádio realmente funcionava. No banco entre eles havia um radioescuta da polícia, tão silencioso quanto o rádio. Romey apertou um botão e apagou as luzes.

— Quer ouvir a sirene? — perguntou ele com um sorriso.

Um garoto e seus brinquedos.

Samantha balançou a cabeça. Não. E ela que pensou que o fundo do poço tinha sido ontem, com as dez rejeições e tudo. E no dia anterior, em que fora demitida e escoltada para fora do prédio. Mas agora isso — presa em Podunk e levada para a cadeia. Seu coração martelava e ela estava com dificuldade de

engolir. Não havia cinto de segurança. Romey pisou no acelerador e eles logo voaram pelo meio da pista, o Ford velho chacoalhando de uma lombada a outra. Depois de mais ou menos dois quilômetros, ele disse:

— A dona me desculpe. Só tô fazendo o meu trabalho.

— Você é policial, assistente do xerife ou algo assim?

— Sou guarda. Faço principalmente controle de trânsito.

Ela assentiu como se isso esclarecesse tudo. Ele dirigia com o pulso esquerdo mole no volante, que estava vibrando. Em um trecho reto da estrada, acelerou o motor e a turbulência aumentou. Ela olhou o velocímetro, que não funcionava. Ele gritou no microfone de novo como um ator canastrão e mais uma vez ninguém respondeu. Eles derraparam numa curva fechada, acelerados demais, mas quando o carro rabeou, Romey calmamente deu uma guinada e pisou no freio.

*Vou morrer*, pensou Samantha. Nas mãos de um assassino demente ou em um acidente feio. Seu estômago revirou e ela achou que ia desmaiar. Agarrou-se à bolsa, fechou os olhos e começou a rezar.

Nos arredores de Brady, enfim, ela conseguiu respirar normalmente. Se ele pretendia estuprá-la, assassiná-la e jogar seu corpo de uma montanha, não faria isso na cidade. Eles passaram por lojas com estacionamento de cascalho e filas de casinhas bem cuidadas, todas pintadas de branco. Havia pináculos de igreja se elevando acima das árvores quando ela olhou. Antes de chegarem à rua principal, Romey virou subitamente e entrou no estacionamento sem pavimentação da cadeia de Noland County.

— Venha comigo — disse ele.

Por uma fração de segundo, ela ficou verdadeiramente aliviada por estar na cadeia.

Ao segui-lo para a porta de entrada, olhou em volta para saber se alguém estava vendo. Com quem, exatamente, estava preocupada? Dentro da cadeia, eles pararam em uma sala de espera apertada e empoeirada. À esquerda havia uma porta com a palavra “cadeia” em estêncil. Romey apontou a direita.

— Você se senta ali enquanto cuido da papelada. E nada de gracinhas, tá bem? — Não havia mais ninguém presente.

— Para onde eu iria? — perguntou ela. — Perdi meu carro.

— Só fica sentada aí, quieta. — Ela se sentou em uma cadeira de plástico e ele desapareceu pela porta. Evidentemente, as paredes eram muito finas, porque ela o ouviu:

— Tenho uma garota de Nova York ali, eu a peguei em Dunne Spring, andando a oitenta por hora. Dá pra acreditar nisso?

Uma voz de homem respondeu asperamente: — Ah, sem essa, Romey, de

novo, não.

— É. Enquadra a garota.

— Tem que parar com essa merda, Romey.

— Não começa de novo, Doug.

Houve passos pesados enquanto as vozes diminuíam, depois desapareciam. Em seguida, mais do fundo da cadeia, explodiram vozes altas e furiosas. Embora ela não conseguisse compreender o que era dito, era evidente que pelo menos dois homens discutiam com Romey. As vozes se calaram à medida que os minutos passaram. Um homem gorducho de farda azul passou pela porta da cadeia e disse:

— Oi. É a srta. Kofer?

— Sim, sou eu — respondeu ela, olhando a sala vazia.

Ele lhe devolveu a habilitação.

— Espere só um minuto, está bem?

— Claro. — O que mais ela podia dizer?

Do fundo, vozes se elevaram e caíram, depois cessaram completamente. Ela mandou uma mensagem de texto à mãe, uma ao pai e uma terceira a Blythe. Se seu corpo jamais fosse encontrado, pelo menos eles saberiam de alguns detalhes.

A porta voltou a se abrir e um jovem entrou na sala de espera. Usava jeans desbotado, botas de escalada, um casaco esportivo da moda, sem gravata. Abriu um sorriso tranquilo e disse:

— Você é Samantha Kofer?

— Sou.

Ele puxou outra cadeira de plástico, sentou-se com os joelhos quase tocando os dela.

— Meu nome é Donovan Gray. Sou seu advogado e acabo de retirar todas as acusações. Sugiro que a gente saia daqui o mais rápido possível. — Enquanto falava, ele lhe entregou um cartão, que ela olhou. Parecia ser legítimo. Seu escritório ficava na rua principal de Brady.

— Tudo bem, e para onde vamos? — perguntou ela com cautela.

— Pegar seu carro.

— E o guarda?

— Vou explicar no caminho.

Eles saíram às pressas da cadeia e entraram em um Jeep Cherokee último modelo. Quando ele ligou o motor, Springsteen explodiu do sistema de som e ele rapidamente o desligou. Ele tinha entre 35 e 40 anos, segundo o cálculo de Samantha, cabelo preto desalinhado, uma barba por fazer de pelo menos três dias e olhos escuros e tristes. Enquanto davam ré, ela disse:

— Espere, preciso mandar uma mensagem a algumas pessoas.

— Claro. Você terá um bom sinal por alguns quilômetros.

Ela mandou torpedos para a mãe, o pai e Blythe com a notícia de que não estava mais na prisão e as coisas pareciam estar melhorando, nas circunstâncias. *Não se preocupem ainda*. Sentia-se mais segura, no momento. Telefonaria e explicaria depois.

Quando a cidade ficou para trás, ele começou: — Romey não é realmente um policial, nem um guarda, nem alguém com autoridade. A primeira coisa que você precisa entender é que ele é meio pancada, tem uns dois parafusos frouxos. Talvez mais. Ele sempre quis ser xerife e de vez em quando se sente compelido a sair em patrulha, sempre para o lado de Dunne Spring. Se você estiver passando por lá e for de fora do estado, Romey vai perceber. Se a placa do seu carro for, digamos, do Tennessee ou da Carolina do Norte, Romey não vai incomodá-la. Mas se você for do norte Romey fica animado e pode fazer o que fez com você. Ele acredita realmente que está fazendo o bem trazendo motoristas imprudentes, em particular o pessoal de Nova York e Vermont.

— Por que alguém não o faz parar?

— Ah, nós tentamos. Todo mundo grita com ele, mas não dá para vigiá-lo 24 horas por dia. Ele é muito dissimulado e conhece essas estradas melhor do que qualquer um. Em geral, apenas para o motorista imprudente, algum pobre coitado de Nova Jersey, mata o sujeito de susto e deixa ir embora. Ninguém nem mesmo toma conhecimento disso. Mas de vez em quando aparece na cadeia com alguém sob custódia e insiste em que seja preso.

— Não estou acreditando nisso.

— Ele nunca machucou ninguém, mas…

— Ele deu um tiro em outro motorista. Meus ouvidos ainda estão doendo.

— Tudo bem, olha, ele é maluco, como muita gente por aqui.

— Então, trancafie o sujeito. Deve haver leis contra falsas prisões e rapto.

— O xerife é primo dele. Ela respirou fundo e balançou a cabeça. — É verdade. O primo dele é nosso xerife há muito tempo. Romey tem inveja disso, uma vez até concorreu contra o xerife. Teve uns dez votos em todo o condado e isso o aborreceu muito. Ficou parando ianques a torto e a direito até que o mandaram embora por alguns meses.

— Deviam fazer isso de novo.

— Não é tão simples assim. Você tem muita sorte por ele não tê-la levado para a prisão dele.

— A prisão dele?

Donovan sorria e desfrutava da narrativa. — Ah, sim. Há uns cinco anos, o irmão de Romey encontrou um sedã último modelo com placa de Ohio estacionado atrás de um celeiro na fazenda da família deles. Ele olhou em volta,

ouviu um barulho e descobriu o cara de Ohio trancado em uma baia. Por acaso Romey tinha cercado a baia com tela para galinheiro e arame farpado e o coitado ficou ali por três dias. Tinha muita comida e estava bem confortável. Ele disse que Romey dava uma olhada em sua situação várias vezes por dia e não podia ter sido mais gentil.

— Você está inventando essa história.

— Não estou. Romey estava sem os remédios e passava por uma fase ruim. As coisas ficaram feias. O cara de Ohio teve um ataque e contratou advogados. Processaram Romey por falsa prisão e um monte de outras coisas, mas o caso não deu em nada. Ele não tem bens, exceto aquela viatura, e assim é inútil entrar com uma ação civil. Eles insistiram que fosse processado por rapto e assim por diante e Romey acabou alegando culpa de uma acusação menor. Passou trinta dias preso, não na prisão dele, mas na cadeia do condado, depois foi mandado de volta ao sanatório do estado para uma regulada. Na verdade, ele não é um mau sujeito.

— Um encanto.

— Para falar com franqueza, alguns outros policiais por aqui são mais perigosos. Gosto de Romey. Uma vez cuidei de um caso do tio dele. Meth.

— Meth?

— Cristal de metanfetamina. Depois do carvão, deve ser o maior comércio desse pedaço.

— Posso te fazer uma pergunta que parece meio pessoal?

— Claro. Sou seu advogado, pode me perguntar o que quiser.

— Por que você tem essa arma no painel? — Ela apontou com a cabeça o painel pouco abaixo de seu cotovelo esquerdo. À plena vista, estava uma pistola preta das grandes.

— É legalizada. Faço muitos inimigos.

— Que tipo de inimigos?

— Eu processo as mineradoras de carvão.

Ela supôs que uma explicação consumiria algum tempo e assim respirou fundo e olhou a estrada. Depois de contar as aventuras de Romey, Donovan parecia satisfeito com o silêncio. Ela percebeu que ele não perguntou o que ela fazia em Noland County, a pergunta óbvia. Na Thack's Bridge, ele manobrou no meio da estrada e estacionou atrás do Prius.

— E então, devo seus honorários? — ela perguntou.

— Claro. Uma xícara de café.

— Café, por aqui?

— Não, tem uma ótima cafeteria na cidade. Mattie está no tribunal e deve ficar presa por lá até as cinco, então você tem algum tempo sobrando.

Ela queria dizer alguma coisa, mas as palavras lhe fugiram. Ele continuou:

— Mattie é minha tia. Ela é o motivo de eu ter feito a faculdade de direito e me ajudou nesse período. Trabalhei com ela na ONG enquanto era estudante, depois por três anos quando passei no exame da Ordem. Agora estou por conta própria.

— E Mattie falou com você que eu apareceria para uma entrevista? — Pela primeira vez ela notou uma aliança de casado no dedo dele. — Foi coincidência. Gosto de passar no escritório dela de manhã cedo para tomar um café e fofocar. Ela falou de todos os e-mails de advogados de Nova York que de repente procuravam fazer o bem, disse que uma talvez aparecesse hoje para uma entrevista. É meio divertido, advogados como nós por aqui vendo outros das grandes firmas correndo para as montanhas, as nossas montanhas. Depois, por acaso eu estava na cadeia vendo um cliente quando seu amigo Romey apareceu com um novo troféu. E aqui estamos nós.

— Eu não pretendia voltar a Brady. Na verdade, estava planejando virar esse carrinho vermelho e dar o fora daqui.

— Bom, vá devagar quando passar por Dunne Spring.

— Não se preocupe.

Uma pausa enquanto eles olhavam o Prius, então ele disse: — Tudo bem, eu pago o café. Acho que vai gostar de conhecer Mattie. Eu não a culparia por ir embora, mas as primeiras impressões costumam ser erradas. Brady é uma boa cidade e Mattie tem muitos clientes que podem precisar de sua ajuda.

— Eu não trouxe minha arma.

Ele sorriu. — Mattie também não anda armada.

— Então, que tipo de advogada ela é?

— Ela é uma grande advogada totalmente comprometida com seus clientes, e nenhum deles pode pagar. Dê uma chance a ela. Pelo menos conversem.

— Minha especialidade é financiamento de arranha-céus em Manhattan. Não sei se sou talhada para o trabalho que Mattie faz.

— Você vai aprender rápido e vai adorar, porque estará ajudando pessoas que precisam de você, gente com problemas de verdade.

Samantha respirou fundo. Seus instintos diziam: Fuja! Para onde, exatamente? Mas seu senso de aventura a convenceu a pelo menos ver a cidade outra vez. Se seu advogado andava armado, isso não conferia certa proteção?

— Vou pagar para ver — disse ela. — Considere isso seus honorários.

— Tudo bem, venha atrás de mim.

— Preciso me preocupar com Romey?

— Não, bati um papo com ele. E com o primo dele. É só ficar na minha cola.



Um giro rápido pela rua principal revelou seis quadras de prédios da virada do século, um quarto deles vazio com placas de “Vende-se” desbotadas e coladas nas janelas. O escritório de Donovan tinha dois andares com janelões e seu nome pintado em caracteres pequenos. No segundo andar, uma sacada dava para a calçada. Do outro lado da rua e três quadras adiante ficava a antiga loja de ferragens, agora sede da Mountain Legal Aid Clinic. Na extremidade oeste havia um pequeno e lindo fórum, abrigando a maior parte do pessoal que administrava Noland County. Eles entraram no Brady Grill e se sentaram perto do fundo. Ao se aproximarem de uma mesa, três homens olharam feio para Donovan, que pareceu não perceber. Uma garçonete lhes trouxe café. Samantha se curvou bem e disse em voz baixa:

— Aqueles três sujeitos ali não parecem gostar de você. Você os conhece?

Ele olhou por sobre o ombro e assentiu. — Conheço todo mundo em Brady e acho que talvez metade das pessoas me odeia de morte. Como já expliquei, processo mineradoras e o carvão é o maior empregador por aqui. É o maior empregador em toda a região dos Apalaches.

— E por que você os processa?

Ele sorriu, bebeu um gole do café e olhou o relógio. — Isso pode levar algum tempo.

— Não estou lá muito ocupada.

— Bom, as mineradoras criam muitos problemas, pelo menos a maioria. Existem algumas decentes, mas a maioria não dá a mínima para o ambiente ou seus operários. A mineração de carvão é um negócio sujo, sempre foi. Mas agora é muito pior. Já ouviu falar de remoção do cume das montanhas?

— Não.

— Também é conhecido como mineração a céu aberto. Ou lavra em tiras. Começaram a minerar carvão em três partes no século XIX. Mineração subterrânea, em que cavavam túneis nas montanhas e retiravam o carvão. A mineração tem sido um meio de vida por aqui desde então. Meu avô era mineiro, assim como meu pai. Meu pai foi outra história. Enfim, por volta de 1920, havia 800 mil mineiros de carvão nas minas, da Pensilvânia ao Tennessee. Minerar carvão é um trabalho perigoso e tem uma história repleta de problemas trabalhistas, lutas sindicais, violência, corrupção, todo tipo de drama histórico.

Tudo de mineração subterrânea, do jeito tradicional. De mão de obra intensiva. Lá por 1970, as companhias decidiram que podiam minerar a céu aberto e economizar milhões em mão de obra. Lavrar minas na superfície é muito mais barato do que no subterrâneo porque exige um número muito menor de trabalhadores. Hoje são apenas 80 mil mineiros de carvão e metade deles trabalha na superfície, para as mineradoras de superfície.

A garçonete passou e Donovan parou de falar por um segundo. Tomou um gole do café, olhou casualmente em volta, esperou que ela saísse e continuou.

— A remoção do cume não passa de mineração anabolizada. O carvão dos Apalaches é encontrado em veios, como as camadas de um bolo. No alto da montanha tem a floresta, depois uma camada de terra, em seguida pedra e por fim o veio de carvão. Pode ter pouco mais de um metro de espessura, pode ter seis metros. Quando uma mineradora consegue permissão para lavrar a céu aberto, literalmente ataca a montanha com todo tipo de equipamento pesado. Primeiro corta as árvores, um completo desmatamento sem nenhum esforço para poupar a madeira nobre, que é arrastada por tratores enquanto a terra é escalpelada. O mesmo acontece com a camada superficial do solo, que não é muito grossa. Em seguida vem a camada de pedra, que eles explodem. As árvores, a terra e a pedra em geral são jogadas nos vales entre as montanhas, criando o que é conhecido como preenchimento dos vales. Isso mata a vegetação, a vida silvestre e o curso natural das águas. Mais um desastre ambiental. Se você estiver rio abaixo, está lascada. Como vai aprender por aqui, todos estamos nessa situação.

— E isso é legal?

— Sim e não. A lavra em tiras é legal graças à lei federal, mas o processo real é cheio de atividades ilegais. Temos uma história longa e feia de reguladores e cães de guarda íntimos demais das mineradoras. A realidade é sempre a mesma: as companhias tratam a terra e as pessoas de qualquer jeito porque elas têm dinheiro e poder.

— Voltando às camadas do bolo. Você estava descendo ao veio de carvão.

— É, bem, depois que eles encontram o carvão, levam mais máquinas, extraem, carregam para fora e continuam explodindo até o próximo veio. Não é incomum demolir 150 metros de montanha a partir do cume. Isso requer relativamente poucos trabalhadores. Na verdade, uma turma pequena pode destruir completamente uma montanha em questão de meses. — A garçonete completou suas xícaras e Donovan observou em silêncio, ignorando-a completamente. Quando ela desapareceu, ele se curvou um pouco mais. — Depois que o carvão é levado de caminhão, é lavado, o que é outro desastre. A lavagem do carvão cria uma lama, uma pasta preta que contém substâncias

tóxicas e metais pesados. Essa lama também é conhecida como *slurry*, um termo que você vai ouvir com frequência. Como ela não pode ser descartada, as mineradoras a armazenam atrás de barragens de aterro em reservatórios de lama, ou reservatórios de *slurry*. A engenharia é descuidada e meia boca e essas coisas se rompem o tempo todo, com resultados catastróficos.

— Eles armazenam isso por quanto tempo?

Donovan deu de ombros e olhou em volta. Não estava nervoso nem assustado, só não queria ser ouvido. Ele era calmo e articulado, com um leve som anasalado na voz típico das montanhas, e Samantha estava cativada, tanto pela narrativa como por seus olhos escuros.

— Eles armazenam para sempre, ninguém liga. Armazenam até que a represa arrebenta e há um maremoto de lixo tóxico descendo a montanha, entrando pelas casas, pelas escolas e cidades, destruindo tudo. Você certamente ouviu falar do famoso derramamento do petroleiro *Exxon Valdez*, que naufragou na costa do Alasca. Foram 40 mil toneladas de petróleo bruto jogados em águas imaculadas. Notícia de primeira página por semanas e o país inteiro ficou revoltado. Lembra-se de todas aquelas lontras cobertas de gosma preta? Mas aposto que nunca ouviu falar do derramamento que aconteceu em Martin County, o maior desastre ambiental a leste do Mississippi. Aconteceu há oito anos no Kentucky, quando um reservatório de *slurry* arrebentou e 400 mil toneladas dessa pasta desceram pelo vale. Dez vezes mais do que o Valdez, e não foi noticiado em todo país. Sabe por quê?

— Tá legal, por quê?

— Por causa dos Apalaches. As mineradoras estão destruindo nossas montanhas, as cidades, a cultura e a vida de todos, e isso não dá matéria de jornal.

— Então, por que esses caras te odeiam tanto?

— Porque acreditam que a mineração a céu aberto é uma boa. Oferece empregos, e há poucos empregos por aqui. Não são pessoas más, só estão mal informadas e equivocadas. A remoção do cume das montanhas está matando nossas comunidades. Eliminou sozinha dezenas de milhares de empregos. As pessoas são obrigadas a deixar suas casas por causa das explosões, da poeira, da lama e das enchentes. As estradas não são seguras graças a esses enormes caminhões que voam montanha abaixo. Entrei com cinco ações por homicídio culposo nos últimos cinco anos, gente esmagada por caminhões que carregavam 90 toneladas de carvão. Muitas cidades simplesmente desapareceram. As mineradoras costumam comprar as casas e demoli-las. Todo condado na terra do carvão vem perdendo população nos últimos vinte anos. Ainda assim muita gente, inclusive esses três cavalheiros ali, pensa que é melhor ter alguns

empregos do que nenhum.

— Se eles são cavalheiros, por que você anda armado?

— Porque sabemos que algumas companhias contratam marginais. É intimidação, ou coisa pior, e não é nenhuma novidade. Olha, Samantha, sou filho da terra do carvão, um caipira e tenho orgulho disso, e posso lhe falar por horas da história sangrenta do *Big Coal*.

— Você realmente teme por sua vida?

Ele se interrompeu e virou o rosto por um segundo.

— Foram mil assassinatos em Nova York no ano passado. Você teme por sua vida?

— Sinceramente, não.

Ele sorriu e assentiu. — Aqui é o mesmo. Tivemos três homicídios no ano passado, todos relacionados a metanfetamina. Você só precisa ter cuidado. — O telefone vibrou em seu bolso e ele o pegou. Leu a mensagem. — É Mattie. Ela saiu do tribunal, voltou ao escritório e está pronta para vê-la.

— Espere, como Mattie sabia que eu estava com você?

— Esta é uma cidade pequena, Samantha.

# 6

Eles andaram pela calçada até o escritório de Donovan, onde trocaram um aperto de mão. Samantha agradeceu o trabalho *pro bono* como advogado dela e o elogiou pelo serviço bem feito. E se ela decidisse ficar na cidade por alguns meses, almoçariam um dia no Brady Grill, combinaram.

Eram quase cinco da tarde quando ela atravessou apressadamente a rua, fora da faixa e de certo modo esperando ser presa por isso. Olhou para oeste, onde as montanhas já bloqueavam o sol de fim de tarde. As sombras consumiam a cidade e conferiam a sensação de início de inverno. Um sino tilintou na porta quando ela entrou na sala atravancada da organização de apoio jurídico. Uma mesa ocupada indicava que alguém costumava ficar ali para atender ao telefone e receber os clientes, mas, naquele momento, a recepção estava vazia. Olhou em volta, esperou, apreendeu o ambiente. O projeto da sala era simples — um corredor estreito partia do meio do que durante décadas foi o domínio movimentado da loja de ferragens da cidade. Tudo tinha aparência e sensação de antigo e muito usado. As paredes eram divisórias caiadas que não chegavam ao teto de azulejos acobreados. O piso era coberto de um carpete fino e puído. A mobília, pelo menos na recepção, era um conjunto descasado de refugo de brechó. As paredes, porém, exibiam uma interessante coleção de pinturas a óleo e pastel de artistas locais, todas à venda por preços muito acessíveis.

Obras de arte. No ano passado, os sócios da Scully & Pershing entraram em guerra pela proposta de um designer de gastar dois milhões de dólares em algumas desconcertantes pinturas de vanguarda a serem penduradas no saguão principal da firma. O designer acabou demitido, as pinturas esquecidas e o dinheiro dividido em bonificações. No meio do corredor, abriu-se uma porta e uma mulher baixa e um tanto troncuda saiu, de pés descalços.

— Imagino que você seja Samantha — disse ela, aproximando-se. — Sou Mattie Wyatt. Soube que teve uma recepção grosseira ao chegar a Noland County. Sinto muito por isso.

— É um prazer conhecê-la — disse Samantha enquanto olhava os óculos de leitura quadrados e rosa-choque empoleirados na ponta do nariz de Mattie. O rosa dos óculos combinava com as pontas cor de rosa do cabelo, que era curto, espigado e tingido de um branco severo. Era um visual que Samantha nunca viu, mas que funcionava, pelo menos ali. Claro que ela viu gente com aparência mais estranha em Manhattan, mas nunca em uma advogada.

— Por aqui — disse Mattie, gesticulando para sua sala. Depois de entrar, fechou a porta. — Acho que o doido do Romey terá que machucar alguém para que o xerife faça alguma coisa. Eu lamento muito. Sente-se.

— Tudo bem. Eu estou bem e agora tenho uma história que sei que vou contar por muitos anos.

— Vai ter mesmo e vai colecionar muitas histórias se ficar por aqui. Quer um café? — Ela se jogou numa cadeira giratória atrás de uma mesa que parecia perfeitamente organizada.

— Não, obrigada. Acabo de tomar um café com seu sobrinho.

— Sim, claro. Que bom que você conheceu Donovan. Ele é um dos pontos positivos daqui. Eu praticamente o criei, sabia? Família trágica, essas coisas. Ele é inteiramente comprometido com seu trabalho e é muito agradável de se olhar, não acha?

— Ele é legal — disse Samantha com cautela, sem disposição para comentar a aparência dele e decidida a ficar longe de sua tragédia familiar.

— Mas, então, estamos na seguinte situação. Acho que vou me reunir com outro rejeitado de Wall Street amanhã e acabou. Não tenho muito tempo para entrevistas. Recebi mais quatro e-mails hoje e parei de responder. Vou ver esse sujeito amanhã e depois nosso conselho se reunirá e escolherá o vencedor.

— Tudo bem. Quem faz parte do conselho?

— Basicamente só eu e Donovan. Annette é outra advogada aqui e ela seria convidada para as entrevistas, mas saiu da cidade. Trabalhamos muito rápido, sem muita burocracia. Se decidirmos ficar com você, quando pode começar?

— Não sei. As coisas estão acontecendo depressa demais.

— Pensei que ultimamente você não estivesse tão ocupada.

— É verdade. Acho que posso começar o quanto antes, mas gostaria de ter um ou dois dias para pensar no assunto. — Samantha tentou relaxar em uma cadeira de madeira dura que virava quando ela respirava. — Não tenho muita certeza…

— Tudo bem, ótimo. Até parece que uma nova estagiária fará muita diferença por aqui. Já tivemos estagiários, sabe? Na verdade, tivemos uma pessoa aqui por dois anos há algum tempo, nasceu nos campos de carvão e acabou estudando direito em Stanford, depois conseguiu emprego em uma firma grande de Filadélfia.

— O que ele fazia aqui?

— Ela. Evelyn. Trabalhava com pulmão negro e segurança nas minas. Trabalhava duro e era muito inteligente, mas saiu após dois anos e nos deixou com um monte de casos em aberto. Será que está na rua hoje em dia? Deve ser horrível por lá.

— E é. Desculpe dizer isso, Sra.Wyatt, mas…

— Mattie.

— Tudo bem, Mattie, mas você não parece muito empolgada com a ideia de ter um estagiário.

— Ah, perdão. Peço desculpas. Não, na verdade precisamos de toda ajuda que conseguirmos. Como disse por telefone, não faltam pobres com problemas judiciais por aqui. Essas pessoas não podem pagar advogados. O desemprego é elevado, o uso de meth está ainda maior e as mineradoras são brilhantes quando se trata de encontrar um jeito novo de ferrar as pessoas. Pode acreditar, querida, precisamos de toda ajuda do mundo.

— O que eu faria?

— Tudo, de atender telefone e abrir e-mail a dar entrada nos processos federais. Seu currículo diz que você tem inscrição na Virginia e em Nova York.

— Fui escrevente de um juiz em Washington depois da faculdade de direito e passei no exame da Ordem da Virginia.

— Viu um tribunal por dentro nos últimos três anos?

— Não.

Mattie hesitou um segundo, como se isso pudesse ser um empecilho.

— Bem, acho que de certo modo você tem sorte. Imagino que também não esteve numa prisão?

— Até esta tarde, não.

— Ah, sim. Mais uma vez, lamento isso. Você vai aprender rápido. Que tipo de trabalho você fazia em Nova York?

Samantha respirou fundo e pensou numa forma convincente de se desviar da pergunta. A inventividade lhe faltou e ela respondeu:

— Eu estava no setor imobiliário corporativo, um trabalho na verdade muito tedioso. Incrivelmente chato. Representávamos um monte de ricos desagradáveis que construíam prédios altos em toda a Costa Leste, principalmente Nova York. Como associada de nível médio, normalmente eu passava o tempo analisando acordos financeiros com bancos, contratos enormes que tinham que ser preparados e revisados por alguém.

Pouco acima da armação rosa e quadrada, os olhos de Mattie expressaram a mais pura piedade.

— Parece horrível.

— Era, ainda é, acho.

— Não está aliviada por sair disso?

— Não sei como me sinto, Mattie, para ser franca. Um mês atrás eu estava lutando para subir na vida, dando e levando cotoveladas, correndo para alguma coisa, nem mesmo me lembro o quê. Havia nuvens escuras, mas estávamos

ocupados demais para perceber. Depois o Lehman quebrou e por duas semanas tive medo de minha própria sombra. Trabalhamos com mais afinco ainda, torcendo para que alguém percebesse, para que uma semana de cem horas pudesse nos salvar onde noventa horas não salvariam. De repente tudo acabou e fomos jogados na rua. Sem rescisão, nada. Nada além de algumas promessas que duvido que alguém possa cumprir.

Mattie deu a impressão de que ia chorar.

— Você voltaria?

— Agora eu não sei. Acho que não. Não gosto do trabalho, não gosto da maioria das pessoas da firma e certamente não gosto dos clientes. Infelizmente, a maioria dos advogados que eu conheço sente o mesmo.

— Bom, querida, aqui, na Mountain Legal Aid Clinic, adoramos nossos clientes e eles nos adoram.

— Eles devem ser muito mais legais do que os que eu tinha.

Mattie olhou o relógio, um mostrador amarelo berrante preso por vinil verde ao pulso.

— Quais são seus planos para esta noite?

Samantha deu de ombros e meneou a cabeça. — Não pensei nisso ainda.

— Bom, não pode voltar de carro a Washington esta noite.

— Romey trabalha no turno da noite? As estradas não são seguras?

Mattie riu. — As estradas são traiçoeiras. Você não pode ir. Vamos começar pelo jantar e seguimos a partir daí.

— Não, sério, não posso…

— Bobagem. Samantha, agora você está nos Apalaches, no meio das montanhas, e não rejeitamos visitas na hora do jantar. Minha casa fica perto daqui e meu marido é um excelente cozinheiro. Vamos tomar um drinque na varanda e bater papo. Vou lhe contar tudo o que você precisa saber sobre Brady.

Mattie encontrou seus sapatos e trancou o escritório. Disse que o Prius estava em segurança em sua vaga, na rua principal.

— Venho a pé para o trabalho — disse Mattie. — É meu único exercício.



Lojas e escritórios estavam fechados. As duas cafeterias serviam jantar antecipado a poucas pessoas. Elas subiram a encosta de um morro, passando por crianças nas calçadas e vizinhos nas varandas. Depois de duas quadras, entraram

na Third Street, uma fila frondosa de casas bem cuidadas de tijolos aparentes da virada do século, quase todas idênticas, com varandas brancas e telhados triangulares. Samantha queria pegar a estrada, voltar correndo para Abingdon, onde notara vários motéis de beira de estrada. Mas não havia como rejeitar com delicadeza a hospitalidade de Mattie.

Chester Wyatt estava numa cadeira de balanço lendo jornal quando foi apresentado a Samantha.

— Eu disse a ela que você é um excelente cozinheiro — disse Mattie.

— Acho que isso significa que vou preparar o jantar — respondeu ele com um sorriso. — Bem-vinda.

— E ela está morta de fome — disse Mattie.

— O que gostaria de comer? — perguntou ele.

— Não se preocupe — disse Samantha.

— Que tal frango assado com arroz espanhol? — disse Mattie.

— Era justamente o que eu estava pensando — respondeu Chester. — Uma taça de vinho primeiro?

Elas beberam vinho tinto por uma hora enquanto a escuridão as cercava. Samantha bebia devagar, com medo de se exceder, pois estava preocupada por ter que dirigir para sair de Noland County. Não parecia haver hotel ou motel em Brady e, em vista da aparência decadente da cidade, duvidava que houvesse um quarto adequado em algum lugar. Enquanto conversavam, sondou aqui e ali educadamente e soube que os Wyatt tinham dois filhos adultos que fugiram da região depois da faculdade. Tinham três netos que eles raramente viam. Donovan era como um filho. Chester era funcionário aposentado dos Correios, entregou a correspondência rural durante décadas e conhecia todo mundo. Agora era voluntário em um grupo ambientalista que monitorava a mineração a céu aberto e entrava com queixas em uma dezena de órgãos burocráticos. Seu pai e o avô foram mineiros. O pai de Mattie trabalhou em minas subterrâneas quase trinta anos antes de morrer de pulmão negro aos 61 anos.

— Agora eu tenho 61 — disse ela. — Foi horrível.

Enquanto as mulheres conversavam sentadas, Chester ia e voltava da cozinha, verificando o frango e servindo vinho. Uma vez, quando ele saiu, Mattie disse:

— Não se preocupe, querida, temos um quarto de hóspedes.

— Não precisa, eu…

— Por favor, eu insisto. Não existe um quarto decente na cidade, acredite em mim. Tem umas espeluncas que cobram por hora, mas até essas estão perto de fechar. Um triste retrato, acho. O pessoal costumava escapulir para o motel para sexo ilícito, mas agora eles simplesmente vão morar juntos e brincar de casinha.

— Então, há sexo por aqui? — perguntou Samantha.

— Devo acreditar que sim. Minha mãe teve sete filhos, a de Chester teve seis. Não há muito mais o que fazer. E nessa época do ano, setembro e outubro, eles estão pipocando feito coelhos.

— Por quê?

— Fortes tempestades pouco depois do Natal.

Chester passou pela porta de tela e perguntou: — Do que estamos conversando?

— Sexo — disse Mattie. — Samantha se surpreendeu que as pessoas façam sexo por aqui.

— Algumas fazem — disse ele.

— Foi o que eu soube. — Mattie rebateu com um sorriso.

— Eu não falei em sexo — disse Samantha na defensiva. — Mattie falou num quarto de hóspedes para passar a noite.

— Sim, e ele é todo seu. Mas deixe a porta trancada e ficaremos longe de problemas — disse Chester enquanto sumia dentro da casa.

— Ele é inofensivo, pode acreditar — cochichou Mattie.

Donovan chegou para dar um olá e felizmente perdeu essa parte da conversa. Ele morava “em uma montanha na área rural” e estava a caminho de casa, saindo do trabalho.Recusou uma taça de vinho e saiu 15 minutos depois. Parecia desligado e disse que estava cansado.

— Coitadinho — disse Mattie quando ele foi embora. — Ele e a mulher se separaram. Ela voltou para Roanoke com a filha, uma menina de 5 anos que é a coisa mais linda que você vai ver na vida. A mulher dele, Judy, nunca se adaptou à vida nas montanhas e ficou farta. Fico chateada por eles, e você, Chester?

— Na verdade, não — disse Chester. — Judy é uma pessoa maravilhosa, mas nunca foi feliz aqui. E então, quando começaram os problemas, ela estourou. Foi quando ela foi embora.

A palavra “problemas” pairou no ar por alguns segundos e como nenhum dos Wyatt se prontificou a continuar, Chester disse:

— O jantar está pronto.

Samantha os seguiu à cozinha, onde a mesa estava posta para três. Chester serviu direto do fogão — um frango fumegante com arroz e pãezinhos caseiros. Mattie colocou uma tigela de salada no meio da mesa e serviu a água de uma garrafa grande de plástico. Evidentemente, já havia rolado vinho suficiente.

— Parece delicioso — disse Samantha ao puxar uma cadeira e se sentar.

— Sirva-se da salada — disse Mattie, passando manteiga em um pãozinho. Eles começaram a comer e por um momento a conversa cessou. Samantha queria que o assunto girasse em torno deles, e não dela, mas antes que conseguisse

estimular os dois, Chester disse: — Fale de sua família, Samantha.

Ela sorriu e respondeu educadamente:

— Bom, não há muito que falar.

— Ah, nós ajudamos — disse Mattie, rindo. — Foi criada em Washington, não é? Deve ter sido muito interessante.

Ela enfatizou os pontos altos: filha única de dois advogados ambiciosos, uma criação privilegiada, escolas particulares, graduação em Georgetown, os problemas do pai, seu indiciamento e a prisão, a humilhação de sua queda do poder com ampla cobertura.

— Acho que me lembro disso — disse Chester. — Apareceu em toda a imprensa.

Ela descreveu a visita que fez a ele na prisão, algo que ele desestimulava. A dor do divórcio, o desejo de sair de Washington e ficar longe dos pais, a faculdade de direito em Columbia, o trabalho de escrevente federal, a sedução das grandes firmas e os três anos nada felizes na Scully & Pershing. Ela adorava Manhattan e não imaginava morar em outro lugar, mas agora seu mundo estava de cabeça para baixo e, bem, nada em seu futuro era certo. Enquanto falava, eles a observavam atentamente e absorviam cada palavra. Depois de contar o suficiente, ela pegou uma garfada de frango e pretendia mastigá-lo por um bom tempo.

— Esse sem dúvida é um jeito cruel de tratar as pessoas — disse Chester.

— Funcionários confiáveis simplesmente jogados na rua — disse Mattie, meneando a cabeça, incrédula, reprovando.

Samantha assentiu e continuou a mastigar. Não precisava ser lembrada disso. Quando Chester serviu mais água, ela perguntou: — Todo mundo toma água mineral?

Por algum motivo, isso os divertiu. — Ah, sim — respondeu Mattie. — Ninguém toma a água daqui. Nossos intrépidos reguladores garantiram que é segura para beber, mas ninguém acredita neles. Tomamos banho, lavamos a roupa e a louça com ela, e algumas pessoas também usam para escovar os dentes, mas eu não.

— Muitos de nossos rios e poços foram contaminados pela mineração a céu aberto — disse Chester. — Os mananciais foram sufocados pelos aterros. A lama vaza para os lençóis freáticos. A queima do carvão cria toneladas de cinzas e as mineradoras jogam tudo nos rios. Então, por favor, Samantha, não beba água da torneira.

— Entendi.

— Esse é o motivo para tomarmos tanto vinho — disse Mattie. — Acho que vou tomar outra taça, Chester, se não se importa. — Chester, que evidentemente

era ao mesmo tempo *chef* e *barman*, não hesitou em pegar uma garrafa na bancada. Como não ia dirigir, Samantha concordou com outra taça. Quase de imediato, o vinho pareceu bater em Mattie e ela começou a falar de sua carreira e da ONG que fundou 26 anos antes. Enquanto ela tagarelava, Samantha a sondou com perguntas suficientes para fazê-la continuar, embora Mattie não precisasse de nenhuma ajuda. O calor da cozinha aquecida, o aroma persistente do frango assado, o sabor da comida caseira, o zunido do vinho, a receptividade de duas pessoas extremamente hospitaleiras e a promessa de uma cama quente se reuniram no meio do jantar, e Samantha verdadeiramente relaxou pela primeira vez em meses. Não podia relaxar em Nova York, qualquer momento de folga era monitorado pelo relógio. Ela não conseguira dormir nas últimas três semanas. Seus pais a mantinham tensa. A viagem de seis horas foi de abalar os nervos, na maior parte. Depois, o episódio com Romey. Por fim, Samantha sentiu seu fardo flutuar. De repente estava com apetite. Serviu-se de mais frango, o que agradou muito aos anfitriões.

Ela disse: — Na varanda, mais cedo, quando conversávamos sobre Donovan, você falou em "problemas". É assunto tabu?

Os Wyatt se olharam; ambos deram de ombros. Afinal, era uma cidade pequena e pouca coisa era tabu. Chester enrolou e se serviu de mais vinho. Mattie afastou o prato e disse:

— Donovan teve uma vida trágica.

— Se for pessoal demais, podemos deixar pra lá — disse Samantha, mas só por cortesia. Ela queria saber.

Mattie não ia se deixar convencer. Ignorou a oferta de Samantha e seguiu em frente. — Todo mundo sabe por aqui, não há segredo algum nisso — disse ela, eliminando qualquer obstáculo à confidencialidade. — Donovan é filho da minha irmã Rose, minha falecida irmã, lamento dizer. Ela morreu quando ele tinha 16 anos.

— É uma longa história — acrescentou Chester, como se houvesse coisas demais envolvidas para contar tudo adequadamente.

Mattie o ignorou. — O pai de Donovan é um homem chamado Webster Gray, ainda vivo, em algum lugar, e ele herdou 120 hectares perto de Curry County. A terra pertencia à família Gray por uma eternidade, desde o início do século XIX. Uma terra linda, colinas e montanhas, regatos e vales, tudo lindo e imaculado. Foi ali que Donovan e o irmão, Jeff, nasceram e foram criados. O pai e o avô, Curtis Gray, levaram os meninos para a mata assim que aprenderam a andar, para caçar, pescar e explorar. Como muitas crianças nos Apalaches, eles cresceram na terra. Há muita beleza natural por aqui, o que restou dela, mas a propriedade dos Gray era de certo modo especial. Depois que Rose se casou com

Webster, íamos lá fazer piqueniques e reuniões de família. Lembro-me de Donovan e Jeff, meus filhos e todos os primos nadando no rio Crooked, perto do nosso local preferido de acampamento. — Uma pausa, um gole cauteloso no vinho. — Curtis morreu, acho que em 1980, e Webster herdou as terras. Curtis era mineiro, de minas subterrâneas, um homem duro do sindicato e tinha orgulho disso, como a maioria dos mais velhos. Mas ele jamais quis que Webster trabalhasse nas minas. Webster, por sua vez, não se importava muito com nenhum trabalho e pulava de um emprego para outro, sem nunca chegar a grande coisa. A família lutava e seu casamento com Rose ficou bem balançado. Ele se virou para a bebida e isso causou mais problemas. Certa vez passou seis meses na prisão por roubar mantimentos e a família quase passou fome. Ficamos doentes de preocupação com eles.

— Webster não era uma boa pessoa — Chester acrescentou o óbvio. — O ponto mais alto de sua propriedade se chamava Gray Mountain, 900 metros de altitude e coberta de árvores de madeira nobre. As mineradoras sabiam onde cada grama de carvão estava enterrado por toda a cordilheira; décadas antes, fizeram seus levantamentos geológicos. E não era segredo que a Gray Mountain tinha alguns dos veios mais espessos por aqui. Com o passar dos anos, Webster dava sinais de que arrendaria parte de suas terras à mineração, mas não acreditamos nele. A mineração a céu aberto já estava acontecendo e criando preocupações.

— Mas nada como a de hoje — acrescentou Chester.

— Ah, não, nada como hoje. Mas, então, sem contar à família, Webster assinou um arrendamento com uma mineradora de Richmond, a Vayden Coal, para mineração de superfície da Gray Mountain.

— Não gosto da expressão “mineração de superfície” — disse Chester. — Parece legítima demais. Não passa de lavra a céu aberto.

— Webster teve cuidado, quer dizer, o homem não era burro. Viu que essa era sua chance de ganhar um bom dinheiro e colocou um bom advogado para preparar o contrato de arrendamento. Webster ganharia dois dólares por tonelada, o que na época era muito mais do que os outros estavam conseguindo. Na véspera do aparecimento dos tratores, Webster finalmente contou o que fizera a Rose e aos meninos. Ele adoçou tudo, disse que a mineradora seria atentamente vigiada pelos reguladores e advogados, que as terras seriam recuperadas depois que o carvão se esgotasse e que o dinheiro grosso mais do que compensaria a dor de cabeça de curto prazo. Rose me ligou naquela noite aos prantos. Por aqui, os donos de propriedade que vendem às mineradoras não são tidos em alta conta, e ela estava morta de medo do que os vizinhos pensariam. Também estava preocupada com as terras da família. Disse que

Webster e Donovan tiveram uma briga feia, que as coisas estavam péssimas. E isso era só o começo. Na manhã seguinte, um pequeno exército de tratores subiu ao alto da Gray Mountain e começou…

— O estupro da terra — acrescentou Chester, meneando a cabeça.

— Sim, e teve mais. Eles derrubaram a floresta, deixaram-na vazia e jogaram milhares de árvores nobres vales abaixo. Depois, rasparam a camada de terra e empurraram tudo em cima das árvores. Quando as explosões começaram, foi um inferno.

Mattie tomou um gole de vinho e Chester meteu-se na narrativa.

— Eles tinham uma casa antiga e maravilhosa no vale, junto ao rio Crooked. Era da família há décadas. Acho que o pai de Curtis a construiu na virada do século. As fundações eram de pedra e logo as pedras começaram a rachar. Webster começou a reclamar com a mineradora, mas foi perda de tempo.

Mattie reassumiu a história. — A poeira era pavorosa, como uma névoa sobre os vales em volta das montanhas. Rose ficou fora de si e eu costumava ir lá ficar com ela. A terra tremia várias vezes por dia quando estavam explodindo. A casa começou a entortar e as portas não fechavam. Não preciso dizer que foi um pesadelo para a família e o casamento. Depois que a Vayden acabou com o cume da montanha, cerca de 90 metros, chegou ao primeiro veio e quando finalmente começaram a retirar carvão da montanha, Webster começou a exigir seus cheques. A mineradora embromava e enfim mandou um ou dois pagamentos. Nem chegava perto do que Webster esperava. Ele envolveu os advogados e isso irritou muito a mineradora. A guerra estava declarada e todo mundo sabia quem venceria.

Chester balançava a cabeça para afugentar o pesadelo. — O rio secou, sufocado pelo aterro do vale. É o que acontece. Nos últimos vinte anos, perdemos mais de 1.500 quilômetros de cabeceiras nos Apalaches. É pavoroso.

Mattie disse: — Rose finalmente foi embora. Ela e os meninos vieram morar conosco, mas Webster se recusou a sair. Estava bebendo e agindo como um louco. Ficava sentado na varanda com sua espingarda e desafiava qualquer um da mineradora a chegar perto. Rose se preocupava com ele, e então ela e os meninos voltaram para casa. Ele prometeu consertar a casa e tudo assim que o dinheiro entrasse. Entrou com queixas junto aos reguladores e até com um processo contra a Vayden, mas eles o obstruíram no tribunal. É difícil derrotar uma mineradora.

— A água do poço deles estava contaminada com enxofre — disse Chester. — O ar era sempre denso de poeira das explosões e dos caminhões de carvão. Simplesmente não era seguro, e então Rose foi embora novamente. Ela e os meninos ficaram em um motel por algumas semanas, então voltaram para cá,

depois foram embora para outro lugar. Isso durou mais ou menos um ano, não foi, Mattie?

— Pelo menos isso. A montanha continuou a encolher enquanto eles iam de um veio para outro. Dava náuseas vê-la desaparecer. O preço do carvão estava alto, assim a Vayden minerava como louca, sete dias por semana, com toda a maquinaria e os caminhões que conseguiam jogar no lugar. Um dia, Webster recebeu um cheque de 30 mil dólares. Seu advogado o devolveu com uma reivindicação furiosa. Esse foi o último cheque.

— De repente tudo acabou — disse Chester. — O preço do carvão despencou e a Vayden desapareceu da noite para o dia. O advogado de Webster apresentou uma conta de 400 mil dólares, junto com outro processo. Cerca de um mês depois a Vayden pediu falência e sumiu. Ela se reestruturou em uma nova empresa e ainda está por aí. É de um bilionário de Nova York.

— Então a família não conseguiu nada? — perguntou Samantha.

— Não muito — respondeu Mattie. — Alguns cheques pequenos no início, mas só uma fração do que valia o arrendamento.

— É o truque preferido nos campos de carvão — disse Chester. — Uma empresa minera carvão, depois pede falência para evitar os pagamentos e as exigências de recuperação das áreas degradadas. Mais cedo ou mais tarde, costumam aparecer com outro nome. Os mesmos pilantras, só que com uma logo diferente.

— Isso é nojento — disse Samantha.

— Não, é a lei.

— O que aconteceu com a família?

Chester e Mattie trocaram um olhar longo e triste.

— Conte você a história, Chester — disse ela, tomando um gole do vinho.

— Logo depois de a Vayden ir embora, houve um temporal e uma enchente. Como os rios e córregos estão sufocados, a água é desviada para outros escoamentos. As enchentes são um problema enorme, para dizer o mínimo. Uma avalanche de lama, árvores e terra varreu o vale e levou a casa dos Gray, esmagada e espalhada por quilômetros correnteza abaixo. Felizmente, não havia ninguém na casa; na época era inabitável, nem mesmo Webster podia ficar ali. Outro processo, outro desperdício de tempo e dinheiro. As leis de falência parecem teflon. Rose apareceu de carro um dia de verão e encontrou algumas pedras da fundação. Ela esperou a hora certa e se matou.

Samantha gemeu, esfregou a testa e murmurou: — Ah, não.

— Webster sumiu para sempre. Quando ouvimos falar dele, estava morando em Montana, fazendo sabe-se lá o quê. Jeff foi morar com outra tia e Donovan morou conosco até terminar o ensino médio. Teve três empregos durante a

faculdade. Quando se formou, sabia exatamente o que queria: tornar-se advogado e passar o resto da vida brigando com as mineradoras. Nós o ajudamos durante a faculdade de direito. Mattie lhe deu um emprego na ONG e ele trabalhou lá alguns anos antes de abrir o próprio escritório. Entrou com centenas de processos e enfrentou cada mineradora que sequer pensasse em operar uma lavra a céu aberto. Ele é impiedoso e destemido.

— E é brilhante — disse Mattie com orgulho.

— É mesmo.

— Ele ganha as causas?

Eles se interromperam e trocaram olhares hesitantes.

— Sim e não — disse Mattie. — É duro entrar em litígio com as mineradoras. Elas jogam pesado. Mentem, trapaceiam e encobrem tudo. Contratam firmas como a sua para dificultar a vida de qualquer um que tenha uma queixa. Ele ganha e perde, mas está sempre atacando.

— E é claro que elas o odeiam — disse Chester.

— Ah, sim, certamente odeiam. Eu disse que ele era impiedoso, não? Donovan nem sempre joga segundo as regras. Ele calcula que as mineradoras distorcem as regras do procedimento legal, assim o obrigam a fazer o mesmo.

— E isso levou aos "problemas"? — perguntou Samantha.

Mattie respondeu: — Foi. Cinco anos atrás, uma represa rompeu em Madison County, West Virginia, uns 150 quilômetros daqui, e uma muralha de lama de carvão desceu para o vale e cobriu a cidadezinha de Prentiss. Quatro pessoas morreram, quase todas as casas foram destruídas, uma confusão danada. Donovan pegou o caso, juntou-se a outros advogados ambientalistas de West Virginia e entrou com um grande processo federal. Sua foto apareceu no jornal, muita cobertura da imprensa, e ele provavelmente falou demais. Entre outras coisas, chamou a mineradora de "a corporação mais suja dos Estados Unidos". Foi quando começou o assédio. Telefonemas anônimos. Cartas de ameaças. Bandidos andando por aqui nas sombras. Começaram a segui-lo e ainda o seguem.

— Donovan é seguido? — perguntou Samantha.

— Ah, sim — disse Mattie. — Então é por isso que ele anda com uma arma.

— Armas, no plural. E ele sabe usá-las — disse Chester.

— Vocês não têm medo por ele?

Chester e Mattie conseguiram rir.

Chester disse: — Na verdade, não. Ele sabe o que está fazendo e sabe se cuidar.

— Que tal um café na varanda? — disse Mattie.

— Claro, vou preparar um bule — disse Chester ao se levantar da mesa.

Samantha seguiu Mattie de volta à varanda e reassumiu sua posição em uma cadeira de balanço de vime. O ar era quase frio demais para se ficar do lado de fora. A rua estava silenciosa; muitas casas já estavam às escuras.

Estimulada pelo vinho, Samantha perguntou: — O que aconteceu com o processo?

— Houve um acordo no ano passado. Um acordo confidencial que ainda está em segredo.

— Se houve acordo no processo, por que o estão seguindo?

— Porque ele é o inimigo número um deles. Ele joga sujo quando precisa e as mineradoras sabem disso.

Chester chegou com uma bandeja trazendo café descafeinado e entrou para lavar a louça. Depois de alguns goles e alguns minutos se balançando suavemente, Samantha quase cochilava.

— Tenho no carro uma bolsa de viagem. Preciso pegá-la.

— Vou com você — disse Mattie.

— Ninguém vai nos seguir, vai?

— Não, querida, não somos uma ameaça.

Elas desapareceram no escuro.

# 7

Os dois cavalheiros à direita bebiam uísque e discutiam exaltadamente formas de salvar Fannie Mae. Os três à esquerda pelo visto trabalhavam no Tesouro, que parecia ser o epicentro do colapso. Tomavam martinis, cortesia dos contribuintes. No Bistro Venezia, a conversa girava apenas em torno do fim dos tempos. Um chato atrás dela contava em volume máximo a conversa que teve naquela tarde com um consultor sênior da campanha McCain/Palin. Ele descarregara uma onda de conselhos sensatos, todos ignorados, segundo temia. Dois *barmen* lamentavam o *crash* do mercado de ações, como se estivessem perdendo milhões. Alguém argumentou que o Fed devia fazer isso ou aquilo. Bush era mal aconselhado. Obama subia nas pesquisas. O Goldman precisava de dinheiro. Os pedidos de fábrica na China caíram drasticamente. No meio da tempestade, Samantha tomava um refrigerante diet e esperava o pai, que estava atrasado. Ocorreu-lhe que ninguém em Brady tinha a mais remota noção de que o mundo estava à beira de uma depressão catastrófica. Talvez as montanhas mantivessem o lugar isolado e seguro. Ou talvez a vida lá já fosse deprimida há tanto tempo que outro *crash* não teria importância. Seu telefone vibrou e ela o pegou na bolsa. Era Mattie Wyatt.

— Samantha, como foi sua viagem? — perguntou ela.

— Foi tudo bem, Mattie. Agora estou em Washington.

— Ótimo. Olha, o conselho acaba de se reunir e votou por unanimidade pela oferta de estágio a você. Entrevistei o outro candidato esta tarde, um jovem nervoso, na verdade de sua firma, e ele não nos interessa. Tive a impressão de que ele estava de passagem, provavelmente pegou o carro e rumou para algum lugar bem longe de Nova York. Não sei até que ponto ele é estável. De qualquer modo, Donovan e eu não vimos muito potencial ali e o rejeitamos no ato. Quando você pode começar?

— Ele conheceu Romey?

Mattie deu uma gargalhada do outro lado da linha.

— Acho que não.

— Preciso ir a Nova York pegar minhas coisas. Chego aí na segunda.

— Excelente. Me ligue mais ou menos na véspera.

— Obrigada, Mattie. Estou ansiosa para ir.

Ela viu o pai do outro lado e saiu do bar. Uma recepcionista os levou a uma mesa de canto e rapidamente sacou os cardápios. O restaurante estava lotado e

um burburinho nervoso agitava o ambiente. Um minuto depois, um gerente de *smoking* apareceu e anunciou com gravidade: — Lamento, mas precisamos desta mesa.

Marshall respondeu grosseiramente: — Como disse?

— Por favor, senhor, temos outra mesa para vocês.

Nesse momento, uma caravana de SUVs pretos parou na N Street, em frente ao restaurante. Portas se abriram e um exército de agentes verteu para a calçada. Samantha e Marshall saíram da mesa, olhando, como todos os outros, o circo do lado de fora. Essas exibições eram comuns em Washington D.C., e naquele momento todos conjecturavam. *Seria o presidente? Dick Cheney? Que figurão podemos dizer que foi nossa companhia no jantar*? O VIP por fim apareceu e a multidão, repentinamente petrificada, esperava boquiaberta.

— Mas quem é esse? — perguntou alguém.

— Nunca vi na vida.

— Acho que é aquele cara de Israel, o embaixador.

Uma lufada de ar perceptível deixou o restaurante quando os comensais perceberam que aquela confusão era por uma celebridade menor.

Embora irreconhecível, o VIP evidentemente era um homem marcado. Sua mesa — a ex-mesa dos Kofer — foi protegida por divisórias que se materializaram do nada. Todo restaurante sério de Washington tinha divisórias à mão, não é? O VIP sentou com sua companheira e tentou aparentar normalidade, como um sujeito mediano que saiu para um jantar rápido. Enquanto isso, seus brutamontes armados patrulhavam a calçada e procuravam homens-bomba na rua.

Marshall xingou o gerente e disse a Samantha: — Vamos embora daqui. Às vezes eu detesto esta cidade.

Eles andaram três quadras pela Wisconsin Avenue e encontraram um bar desprezado pelos jihadistas. Samantha pediu outro refrigerante diet e Marshall quis uma vodca.

— Como foi lá? — perguntou ele. Ele a havia interrogado por telefone, mas ela queria guardar as histórias para uma conversa de verdade.

Ela sorriu e começou por Romey. No meio da narrativa, percebeu o quanto estava gostando da aventura. Marshall ficou incrédulo e quis logo processar alguém, mas se acalmou depois de alguns goles de vodca. Eles pediram uma pizza, e ela descreveu o jantar com Mattie e Chester.

— Não está falando sério quando diz que vai trabalhar lá, está? — perguntou ele.

— Consegui o emprego. Vou experimentar por alguns meses. Se eu ficar de saco cheio, volto a Nova York e pego um emprego na Barneys para vender

sapatos.

— Não precisa vender sapatos e não tem que trabalhar com assistência jurídica. Quanto dinheiro você tem no banco?

— O bastante para sobreviver. Quanto você tem no banco?

Ele franziu o cenho e tomou outro gole.

Ela continuou. — Muito, não é? Mamãe está convencida de que você tem uma tonelada de grana malocada no exterior e deu uma volta nela no divórcio. É verdade?

— Não, não é verdade, mas, se fosse, acha que eu confessaria a você?

— Não, nunca. "Negue sempre", não é essa a primeira regra de um advogado criminalista?

— Como posso saber? Aliás, confessei meus crimes e aleguei culpa. O que você entende de direito penal?

— Nada, mas estou aprendendo. Para começar, fui até presa.

— Bom, eu também fui e não recomendo. Pelo menos você escapou das algemas. O que mais sua mãe diz de mim?

— Nada de bom. Em algum lugar no fundo de meu cérebro esfalfado eu tive a fantasia de nós três sentados para um bom jantar em um lindo restaurante, não como família, Deus me livre, mas como três adultos que podiam ter algumas coisas em comum.

— Estou nessa.

— É, mas ela não está. Problemas demais.

— Como acabamos nesse assunto?

— Não sei. Desculpe. Já processou uma mineradora?

Marshall rodou os cubos de gelo no copo e pensou um segundo. Tinha processado muitas empresas irregulares. Com tristeza, respondeu:

— Não, acho que não. Minha especialidade era acidentes aéreos, mas Frank, um de meus sócios, certa vez se envolveu em um caso desses. Uma confusão ambiental relacionada com aquela gosma que eles mantêm em reservatórios a céu aberto. Ele não fala muito no assunto, então provavelmente significa que perdeu o caso.

— Chama-se lama, ou *slurry*, você escolhe. É lixo tóxico, subproduto da lavagem de carvão. As empresas o armazenam atrás de barragens onde ele apodrece durante anos, penetra no solo e contamina a água potável.

— Ora, ora, então agora você é a sabidinha?

— Ah, aprendi muito nas últimas 24 horas. Sabia que alguns condados com campos de carvão têm os índices mais elevados de câncer do país?

— Tem cara de processo.

— É difícil vencer os processos porque o carvão é o rei e um monte de gente

é simpática às mineradoras.

— Que maravilha, Samantha. Estamos conversando sobre direito de verdade, e não construção de prédios. Estou orgulhoso de você. Vamos processar alguém.

A pizza chegou e eles comeram na pedra. Uma morena bonita passou rebolando com uma saia curta e Marshall por instinto encarou e parou de mastigar por um segundo, depois se recompôs e tentou dar a impressão de que nem vira a mulher.

— Que tipo de trabalho você vai fazer lá? — perguntou ele sem jeito, com um olho na saia.

— Você tem 60 anos e ela é da minha idade. Quando você vai parar de olhar?

— Nunca. O que tem de errado em olhar?

— Não sei. Acho que é o primeiro passo.

— Você não compreende os homens, Samantha. Olhar é automático e inofensivo. Todos nós olhamos. Tenha dó.

— Então, não consegue evitar?

— Não. E por que estamos falando nisso? Prefiro falar em processar mineradoras.

— Não tem mais nada. Já contei o que sei.

— Você vai processá-las?

— Duvido. Mas conheci um cara que não faz nada além de processar mineradoras. A família dele foi destruída por uma mineradora quando ele era criança e ele quer se vingar. E anda armado. Eu vi.

— Um cara? Gostou dele?

— É casado.

— Ótimo. Prefiro que você não se apaixone por um caipira. Por que ele anda armado?

— Acho que muita gente lá tem arma. Ele diz que as mineradoras não gostam dele e há um histórico de violência no setor.

Marshall limpou a boca com um guardanapo de papel e bebeu um gole de água.

— Deixe-me resumir o que ouvi. É um lugar onde um doente mental tem permissão para vestir uniforme, chamar a si mesmo de guarda, dirigir um carro com luzes estroboscópicas, parar motoristas de fora do estado e às vezes até levá-los para a cadeia. Outros, que evidentemente não são doentes mentais, exercem a advocacia com armas dentro da pasta, enquanto outros ainda oferecem empregos temporários a advogados demitidos sem pagar nada.

— É uma análise correta.

— E você vai começar na segunda de manhã?

— Isso aí.

Marshall balançou a cabeça enquanto escolhia outra fatia de pizza.
— Essa daí superou a sua firma de Wall Street.
— Veremos.



Blythe conseguiu escapar de sua firma para um almoço rápido. Elas se encontraram em uma delicatessen lotada não muito longe de seu escritório e conseguiram chegar a um acordo enquanto comiam as saladas. Samantha pagaria sua parte do aluguel pelos três meses que restavam de contrato, mas, além disso, não podia se comprometer. Blythe se agarrava ao emprego e estava um pouco otimista com sua permanência. Queria ficar com o apartamento, mas não podia pagar o aluguel todo sozinha. Samantha lhe garantiu que havia uma possibilidade excelente de ela voltar à cidade em pouco tempo, para fazer alguma coisa.

No final daquela tarde, ela encontrou Izabelle para tomar um café e fofocar. Izabelle estava a caminho de Wilmington, morar com uma irmã que tinha um quarto de hóspedes no porão. Faria estágio em um grupo de defesa dos direitos da criança e trabalharia com advocacia de verdade. Estava deprimida, amargurada e insegura quanto à sobrevivência. Quando se despediram com um abraço, ambas sabiam que demoraria muito tempo para se reencontrarem.

O bom senso disse a Samantha para alugar um carro na área metropolitana de Nova York, encher a mala e partir para o sul. Logo descobriu, enquanto usava o telefone, que todos os carros de locadoras tinham placa de Nova York. Provavelmente encontraria um em Nova Jersey, ou talvez em Connecticut, mas os três eram bandeira vermelha em Brady. Ela não conseguia tirar Romey da cabeça. Afinal, ele ainda estava à solta, aprontando das suas. Em vez disso, encheu duas malas e uma grande bolsa de lona com tudo que achou adequado para o lugar aonde ia. Um táxi a deixou na Penn Station. Cinco horas depois, outro táxi a pegou na Union Station, em Washington. Ela e Karen comeram sushi de pijama e viram um filme antigo. Marshall não foi mencionado. O site da Gasko Leasing, em Falls Church, prometia uma ampla seleção de veículos *usados* e *ótimos*, termos convenientes, pouca papelada, seguro fácil de pagar, satisfação completa do cliente. Seu conhecimento de automóveis era limitado, mas algo lhe dizia que um modelo nacional teria um potencial menor de causar problemas do que um, digamos, do Japão. Navegando on-line, viu um Ford

*hatch* de tamanho médio, ano 2004, que parecia adequado. Por telefone, o vendedor disse que ainda estava disponível e, mais importante, garantiu que teria placa da Virginia.

— Sim, senhora, na frente e atrás.

Ela pegou um táxi para Falls Church e encontrou Ernie, o vendedor. Ernie era um sedutor que falava demais e observava pouco. Se fosse mais astuto, teria percebido o quanto Samantha estava apavorada com o processo de alugar um carro usado por 12 meses. Na realidade, ela pensou em ligar para o pai pedindo ajuda, mas deixou passar. Convenceu-se de que era durona o bastante para essa tarefa relativamente simples. Depois de duas longas horas com Ernie, enfim ela saiu dirigindo um Ford inteiramente discreto, evidentemente de propriedade de alguém que morava na Virginia.

# 8

A orientação consistiu em uma reunião às oito da manhã com uma nova cliente. Felizmente para Samantha, que nem imaginava como conduzir tal reunião, Mattie assumiu o controle. Ela cochichou: “Só tome notas, deixe a testa bem franzida e procure parecer inteligente.” Tudo bem — foi justamente assim que ela sobreviveu nos primeiros dois anos na Scully & Pershing.

A cliente era Lady Purvis, mulher de uns 40 anos, mãe de três adolescentes, cujo marido, Stocky, estava no momento na cadeia no condado vizinho de Hopper. Mattie não perguntou se Lady era seu verdadeiro nome; se fosse importante, esse detalhe surgiria depois. Porém, em vista de sua aparência rústica e linguajar malicioso, era difícil imaginar que seus pais a tenham batizado oficialmente de Lady. Sua aparência era a de quem levava uma vida difícil em algum buraco, e ficou irritada quando Mattie disse que não podia fumar no escritório. Samantha, de cenho franzido, escrevia furiosamente e não disse uma palavra. Desde a primeira frase não havia nada além de falta de sorte e infelicidade. A família morava em um trailer hipotecado, e estava com pagamentos atrasados; estavam atrasados em tudo. Os dois adolescentes mais velhos abandonaram a escola para procurar empregos que não existiam, não nos condados de Noland, Hopper e Curry. Ameaçavam ir embora, para algum lugar do Oeste onde pudessem talvez ganhar dinheiro na colheita de laranjas. Lady trabalhava aqui e ali, fazendo faxina em casas nos fins de semana, servindo de babá por cinco dólares a hora — fazendo qualquer coisa, na verdade, para ganhar um tostão.

O crime de Stocky: alta velocidade. Que depois levou a um policial examinando sua carteira de habilitação, vencida dois dias antes. O total das multas e custas judiciais foi de 175 dólares, dinheiro que ele não tinha. A administração de Hopper County tinha contrato com uma firma particular para tentar arrancar dinheiro de Stocky e de outros pobres azarados o bastante para cometerem pequenos crimes e delitos de trânsito. Se Stocky pudesse preencher o cheque, ele o teria feito e iria para casa. Mas como era pobre e falido, seu caso foi tratado de forma diferente. O juiz ordenou que fosse conduzido pelos escroques da Judicial Response Associates. Lady e Stocky se reuniram com um agente da JRA no dia em que foram ao tribunal e ele explicou como funcionaria o plano de pagamento. A empresa dele incluiria os seguintes honorários: uma chamada Taxa Principal de 75 dólares, outra chamada Taxa Mensal de Serviços

de 35 dólares, e outra no fim, supondo-se que eles chegassem lá, chamada Taxa de Encerramento, uma pechincha de apenas 25 dólares. As custas judiciais e alguns outros acréscimos vagos totalizavam 400 dólares. Eles calcularam que podiam pagar 50 dólares por mês, o mínimo permitido pela JRA; logo perceberam, porém, que 35 dos 50 dólares seriam tragados pela Taxa Mensal de Serviços. Tentaram renegociar, mas a JRA não cedeu. Depois de dois pagamentos, Stocky parou e foi aí que começaram os problemas graves.

Dois policiais foram ao trailer da família depois da meia-noite e prenderam Stocky. Lady protestou, assim como o filho mais velho, e os policiais os ameaçaram com seus *tasers* novos em folha. Quando Stocky foi arrastado até o juiz, mais uma vez, acrescentaram outras multas e honorários. O total agora era de 550 dólares. Stocky explicou que estava falido e sem trabalho e o juiz o mandou de volta à prisão. Estava lá havia dois meses. Enquanto isso, a JRA ainda cobrava sua amada Taxa Mensal de Serviços, que por algum motivo misterioso aumentou para 45 por mês.

— Quanto mais tempo ele fica, mais afundamos — disse Lady, completamente derrotada.

Em um pequeno saco de papel, ela trouxe a papelada e Mattie começou a examiná-la. Havia cartas furiosas do fabricante do trailer, que também financiava sua compra, e avisos de execução hipotecária, contas de serviços públicos vencidas, notificações fiscais, documentos do tribunal e uma pilha de papéis variados da JRA. Mattie os leu e entregou a Samantha, que não sabia o que fazer, exceto uma lista de todas as suas mazelas.

Lady finalmente estourou. — Preciso fumar. Me dê cinco minutos. — Suas mãos tremiam.

— Claro — disse Mattie. — Dê um pulo lá fora.

— Obrigada.

— Quantos maços por dia?

— Só dois.

— De que marca?

— Charlie's. Sei que devia parar e eu tentei, mas é a única coisa que acalma meus nervos. — Ela agarrou a bolsa e saiu da sala.

Mattie disse: — Charlie's é a marca preferida nos Apalaches, cigarro barato, mas mesmo assim custa quatro dólares o maço. São oito dólares por dia, 25 por mês, e posso apostar que Stocky fuma a mesma quantidade. Eles devem gastar quinhentos dólares por mês em cigarro e quem sabe quanto em cerveja. Se sobrar um dólar que seja, provavelmente vão comprar bilhetes de loteria.

— Isso é ridículo — disse Samantha, aliviada por finalmente falar alguma coisa. — Por quê? Eles podiam pagar as multas em um mês e ele estaria fora da

cadeia.

— Eles não pensam assim. Fumar é um vício, algo que não podem simplesmente abandonar.

— Tudo bem, posso fazer uma pergunta?

— Claro. Aposto que quer saber como uma pessoa como Stocky pode ser jogada numa prisão para devedores, algo que este país criminalizou há uns duzentos anos. Não é isso?

Samantha assentiu lentamente.

Mattie continuou: — Muito provavelmente você também tem certeza de que jogar alguém na cadeia porque não consegue pagar uma multa ou honorários viola o princípio da igualdade da Décima Quarta Emenda. E você sem dúvida está familiarizada com a decisão da Suprema Corte de 1983, o nome agora me escapa, em que o tribunal decidiu que, antes de uma pessoa ser presa por não pagar uma multa, deve ser provado que não estava pagando por vontade própria. Em outras palavras, a pessoa pode pagar, mas se recusou. Tudo isso e mais um pouco, não é?

— Esse é um ótimo sumário.

— Acontece em toda parte. A JRA tem muita atividade nos tribunais de contravenção em uma dezena de estados do Sul. Em média, os governos locais arrecadam cerca de 30 por cento do dinheiro das multas. A JRA aparece e promete 70 por cento, sem custo para o contribuinte. Alegam que tudo é financiado por pessoas como Stocky, que se deixam levar pelo golpe. Toda cidade precisa de dinheiro, e assim eles assinam com a JRA, e os tribunais lhes entregam os casos. As vítimas são colocadas em condicional e, quando não podem pagar, vão presas, onde naturalmente os contribuintes começam a pagar as despesas de novo. Eles estão gastando trinta dólares por dia para alimentar e abrigar Stocky.

— Isso não pode ser legal.

— É porque não é especificamente ilegal. São pessoas pobres, Samantha, no fundo da pilha, e ali embaixo as leis são diferentes. Por isso estamos neste setor, por assim dizer.

— Isso é horrível.

— É, e pode piorar. Mesmo sob condicional, Stocky pode ser excluído de vales-alimentação, assistência à moradia, uma carteira de motorista, o diabo, em alguns estados podem até tirar o direito dele de votar, supondo-se que ele tenha se dado ao trabalho de se registrar.

Lady estava de volta, fedendo a fumaça de cigarro e ainda igualmente nervosa. Elas avançaram pelo resto das contas vencidas.

— Vocês podem me ajudar de algum jeito? — disse ela com os olhos

marejados.

— É claro — disse Mattie com otimismo demais. — Tive algum sucesso negociando com a JRA. Eles não estão acostumados ao envolvimento de advogados e, apesar de durões, é fácil intimidá-los. Eles sabem que estão errados e têm medo de que alguém acabe com a mamata. Conheço o juiz de lá e a essa altura eles estão cansados de alimentar Stocky. Podemos tirá-lo de lá e colocá-lo de volta ao trabalho. Depois podemos pensar numa falência para salvar a casa e eliminar parte dessas contas. Vou regatear com as prestadoras de serviço. — Ela falava de suas ousadas medidas como se já tivessem sido realizadas e Samantha de repente sentiu-se melhor. Lady conseguiu abrir um sorriso, o primeiro e único.

Mattie disse: — Vamos pensar num plano, nos dê alguns dias. Fique à vontade para telefonar para Samantha aqui, se tiver uma pergunta. Ela vai estar a par de tudo sobre o seu caso. — O coração da estagiária ficou em suspenso por um segundo ao ouvir seu nome. No momento, parecia-lhe não saber nada de nada.

— Então, temos duas advogadas? — perguntou Lady.

— Sem dúvida alguma.

— E vocês são… de graça?

— Isso mesmo, Lady. Somos da assistência jurídica. Não cobramos por nossos serviços.

Lady cobriu os olhos com as mãos e começou a chorar.



Samantha nem tinha se recuperado da reunião com a primeira cliente quando foi chamada para a segunda. Annette Brevard, a “sócia minoritária” da Mountain Legal Aid Clinic, pensou que seria instrutivo para a nova estagiária ter o gosto verdadeiro da violência doméstica. Annette era mãe divorciada de dois filhos e morava em Brady havia dez anos. Em certa época, morou em Richmond e exerceu advocacia em firma de médio porte até que um divórcio complicado a obrigou a fazer as malas. Fugiu para Brady com os filhos e pegou um emprego com Mattie porque não havia mais nada disponível.

Certamente não tinha planos de ficar em Brady, mas também quem é inteligente o bastante para planejar o resto da vida? Morava em uma casa antiga no centro da cidade. Atrás havia uma garagem separada. Acima da garagem, um

apartamento de dois cômodos, lar de Samantha nos próximos meses. Annette decidiu que, se o estágio era gratuito, também seria o aluguel. Elas discutiram por isso, mas Annette foi irredutível. Samantha não tinha outra opção viável e se mudou com a promessa de ficar de babá gratuitamente. Até teve permissão para estacionar o carro na garagem.

A cliente era uma mulher de 36 anos chamada Phoebe. Era casada com Randy, e eles acabaram de passar por um fim de semana ruim. Randy estava na prisão a seis quadras de distância (a mesma prisão da qual Samantha escapou por pouco) e Phoebe estava sentada na sala da advogada com o olho esquerdo inchado, um corte no nariz e o pavor nos olhos. Com compaixão e sentimento, Annette levou Phoebe a contar sua história. Mais uma vez, Samantha fez cara de inteligente sem dizer uma palavra, escreveu páginas de anotações e se perguntou quantos loucos moravam nessas paragens. Com uma voz tão calma que tranquilizou até Samantha, Annette estimulou Phoebe a continuar. Foram muitas lágrimas e emoção. Randy era viciado e traficante de meth, também bêbado que a espancava há um ano e meio. Ele nunca bateu nela enquanto o pai era vivo — Randy morria de medo do sogro —, mas depois de sua morte, dois anos atrás, começaram os maus-tratos físicos. Ele a ameaçava de morte o tempo todo. Sim, ela também usava meth, mas tinha cuidado e certamente não era viciada. Eles tinham três filhos, todos com menos de 10 anos. Segundo casamento dela, terceiro dele. Randy tinha 42 anos e muitos amigos barra-pesada no comércio de metanfetamina. Phoebe sentia medo dessas pessoas. Eles tinham dinheiro e a qualquer momento conseguiriam a libertação dele. Depois de solto, Randy quase certamente a localizaria. Estava furioso por ela finalmente ter chamado a polícia para prendê-lo. Mas ele conhecia bem o xerife e eles não o manteriam preso. Bateria nela até que ela retirasse as acusações de agressão.

Ela gastou uma pilha de lenços de papel ao contar a história aos soluços. De vez em quando, Samantha escrevia perguntas importantes como: “Onde estou?” e “O que estou fazendo aqui?” Phoebe tinha medo de voltar para a casa alugada deles. Os três filhos estavam escondidos na casa de uma tia no Kentucky. Ela soube por um policial que Randy iria a julgamento em alguma hora na segunda-feira. Talvez até estivesse lá agora, fazendo acordo com o juiz e, depois que tudo fosse arranjado, seus amigos dariam o dinheiro e ele sairia.

— Vocês têm de me ajudar — Phoebe dizia sem parar. — Ele vai me matar.

— Não, ele não vai — disse Annette com uma estranha confiança.

A julgar pelas lágrimas de Phoebe, sua expressão de medo e a linguagem corporal, Samantha concordou com ela e desconfiou que Randy podia aparecer a qualquer hora e criar problemas. Annette, porém, parecia não se incomodar nem um pouco com essa possibilidade. *Já viu isso umas cem vezes*, pensou Samantha.

Annette disse: — Samantha, entre na internet e verifique a pauta do tribunal.

Ela acessou o site do diretório do governo de Noland County e a estagiária rapidamente abriu seu laptop, começou a busca e por um momento ignorou Phoebe e suas emoções.

— Preciso conseguir o divórcio — dizia Phoebe. — De jeito nenhum vou voltar para lá.

— Tudo bem, vamos dar entrada no divórcio amanhã e conseguir uma ordem de restrição para mantê-lo longe de você.

— O que é uma ordem de restrição?

— É uma ordem do tribunal, e se ele a violar, vai irritar de verdade o juiz, que o jogará de volta na cadeia.

Isso a fez sorrir, mas só por um segundo. — Tenho que sair da cidade — disse ela. — Não posso ficar aqui. Ele vai se drogar de novo, esquecer a restrição e o juiz e vem atrás de mim. Eles precisam deixá-lo trancado por um tempo. Eles podem fazer isso?

— Qual é a acusação dele, Samantha? — perguntou Annette.

— Lesão corporal dolosa — disse ela assim que encontrou o caso online. — Em tribunal à uma desta tarde. Não há fiança determinada.

— Lesão corporal dolosa? Ele bateu em você com quê?

As lágrimas verteram imediatamente e Phoebe enxugou o rosto com as costas da mão. — Ele tinha uma arma, um revólver que guardávamos numa gaveta da cozinha, sem balas, por causa das crianças, mas as balas estavam em cima da geladeira, só por precaução, sabe como é. Estávamos brigando e gritando e ele pegou a arma como se fosse carregá-la e, acho, acabar comigo. Tentei agarrá-la e ele me bateu no lado da cabeça com a coronha. Depois deixou-a cair no chão e me bateu com as mãos. Eu saí da casa, corri para o vizinho e chamei a polícia.

Annette calmamente levantou a mão para interrompê-la. — Esse é o dolo… o uso de uma arma. — Ela olhou para Phoebe e Samantha ao dizer isso, para esclarecer as duas. — Na Virginia, a sentença pode ser de cinco a vinte anos, dependendo das circunstâncias… Arma, lesão corporal *etc.*

Samantha tomava notas furiosamente. Ela ouviu parte disso na faculdade de direito, muitos anos antes.

Annette continuou: — Agora, Phoebe, podemos esperar que seu marido diga que você procurou a arma primeiro, que você bateu nele e assim por diante, ele pode até tentar dar queixa contra você. Como você responderia a isso?

— O cara é vinte centímetros mais alto e uns cinquenta quilos mais pesado do que eu. Ninguém em juízo perfeito acreditaria que eu comprei uma briga com ele. A polícia, se contar a verdade, vai dizer que ele estava bêbado e

desarvorado. Ele até lutou com eles antes de meterem o taser naquela bunda grande.

Annette sorriu, satisfeita. Olhou o relógio, abriu uma pasta e pegou alguns papéis. — Tenho que dar um telefonema em cinco minutos. Samantha, esse é nosso formulário de divórcio. É muito simples. Preencha com Phoebe e recolha todas as informações que puder. Volto em meia hora.

Samantha pegou o formulário como se já tivesse lidado com dezenas deles. Uma hora depois, sozinha e a salvo em sua própria sala improvisada, Samantha fechou os olhos e respirou fundo. A sala parecia um antigo depósito, mínima e apertada, com duas cadeiras bambas e uma mesa redonda com tampo de vinil. Mattie e Annette pediram desculpas e prometeram uma melhoria em algum momento no futuro. Uma parede era dominada por uma janela grande que dava para o estacionamento dos fundos. Samantha ficou agradecida pela luz. Seu espaço em Nova York não era muito maior. Contrariando seus desejos, seus pensamentos ficaram em Nova York, a firma grande e todas as promessas e horrores. Ela sorriu ao perceber que não estava contando mais o tempo; acabou a pressão incessante para faturar mais horas, ganhar mais dinheiro para os maiorais, impressioná-los com o objetivo de um dia ser igual a eles. Ela olhou o relógio. Eram 11 horas e ela não cobrou um minuto que fosse, nem cobraria. O telefone antigo tocou e ela não teve alternativa senão atender.

— Tem uma ligação na linha dois — disse Barb.

— Quem é? — Samantha perguntou nervosa, seu primeiro telefonema. — O nome do sujeito é Joe Duncan. Me lembra alguma coisa.

— Por que ele quer falar comigo?

— Ele não disse isso. Disse que precisa de um advogado e no momento Mattie e Annette estão ocupadas. Na falta de opção, ele é todo seu.

— Que tipo de caso? — perguntou Samantha, olhando o armário de excedente do exército.

— Seguro Social. Tenha cuidado. Linha dois.

Barb trabalhava meio expediente e cuidava da recepção. Samantha falara com ela apenas alguns segundos no início da manhã enquanto era apresentada. A ONG também tinha uma paralegal de meio expediente chamada Claudelle. Era um clube da Luluzinha.

Ela apertou a linha dois.

— Samantha Kofer.

O Sr. Duncan disse alô e perguntou se ela era mesmo advogada. Ela lhe garantiu que sim, mas no momento tinha suas dúvidas. Logo ele disparou a falar. Ele passava por um período difícil e queria muito conversar sobre isso. Todo tipo de infortúnio se abatera sobre ele e sua família e, com base nos dez primeiros

minutos de narrativa, ele tinha problemas suficientes para manter uma pequena firma de advocacia ocupada vários meses. Estava desempregado — foi demitido por engano, e isso era outra história —, mas seu verdadeiro problema era a saúde. Ele tinha ruptura de disco e não podia trabalhar. Entrou com pedido de invalidez no Seguro Social e foi negado. Agora estava perdendo tudo.

Como Samantha tinha tão pouco a oferecer, ficou satisfeita em deixar que ele tagarelasse. Depois de meia hora, porém, ficou entediada. Encerrar a conversa foi um desafio — ele estava desesperado e era grudento —, mas ela finalmente o convenceu de que analisaria imediatamente o caso com seu especialista em Seguro Social e o procuraria depois.

Ao meio-dia, Samantha estava faminta e exausta. Não era o cansaço gerado por horas de leitura e exame de grossos documentos, ou pela pressão incansável para impressionar pessoas, nem pelo medo de não estar à altura e ser dispensada da ONG. Não era o cansaço que experimentara nos últimos três anos. Estava esgotada pelo choque e o medo de ver os destroços emocionais de gente de verdade, pessoas desesperadas que procuravam sua ajuda. Para o resto da firma, porém, era uma típica manhã de segunda-feira. Elas se encontraram para um almoço na sala de reunião, o ritual semanal, para comer rápido enquanto discutiam os casos, os clientes ou qualquer outro assunto que fosse necessário. Mas, nessa segunda-feira, o tema principal era a nova estagiária. Estavam loucas para examiná-la. Por fim, ela foi estimulada a falar.

— Bom, preciso de ajuda — disse Samantha. — Acabei de sair do telefone com um homem que pediu aposentadoria por invalidez e foi negada. O que quer que isso signifique.

Isso foi recebido com um misto de risos e ironia. A palavra “invalidez” parecia atrair uma reação do resto da firma.

— Não pegamos mais casos de Seguro Social — disse Barb da linha de frente. Era ela que tinha o primeiro contato com os clientes, quando passavam pela porta.

— Qual era o nome dele? — perguntou Claudelle.

Samantha hesitou e olhou aqueles rostos ansiosos. — Tudo bem, vamos começar do princípio. Não sei onde estamos com a confidencialidade. Vocês… Nós discutimos os casos abertamente ou estamos sob as regras do privilégio cliente-advogado?

Isso provocou mais risos ainda. As quatro falaram ao mesmo tempo, enquanto riam, davam gargalhadas e comiam seus sanduíches. Ficou imediatamente claro para Samantha que, dentro daquelas paredes, aquelas quatro senhoras falavam de tudo e de todos.

— Dentro da firma é tudo aberto — disse Mattie. — Lá fora, nem uma

palavra.

— Está bem.

— O nome dele era Joe Duncan — disse Barb. — Me lembra alguma coisa.

— Eu o recebi anos atrás — disse Claudelle —, entramos com uma solicitação, foi negada. Acho que ele tem um problema no ombro.

— Bom, agora se espalhou para a lombar inferior — disse Samantha. — Uma complicação.

— Ele é um reclamante serial — disse Claudelle. — É esse o motivo para não aceitarmos mais casos de Seguro Social. Há muita fraude no sistema. É bem podre, em especial por aqui.

— E o que vou dizer ao Sr. Duncan?

— Há uma firma de advocacia em Abingdon que só pega casos de invalidez.

Annette se intrometeu. — Cockrell and Rhodes, mais conhecida como *Cock and Roach*, ou, para resumir, *Cockroach*, barata. Uns pilantras que têm associação ilegal com médicos e juízes do Seguro Social. Todos os clientes deles recebem cheques. Eles estão indo muito bem.

— Um triatleta pode entrar com um pedido e os Cockroaches conseguem pensão por invalidez para ele — acrescentou Mattie.

— Então, nós nunca…

— Nunca.

Samantha deu uma dentada em seu sanduíche de peru altamente processado e olhou diretamente para Barb. Ela quase perguntou o óbvio: “Se não aceitamos esses casos, por que você passou o telefonema para mim?”

Em vez disso, tornou nota mentalmente para manter o radar em alerta máximo. Três anos na *Big Law* afiara suas habilidades de sobrevivência. Corte na jugular e punhalada pelas costas eram a norma, e ela aprendera a evitar as duas coisas. Não discutiu com Barb, tocaria no assunto na hora certa.

Claudelle parecia ser a palhaça do grupo. Tinha apenas 24 anos, era casada há menos de um, estava grávida e enfrentava dificuldades. Passou a manhã toda no banheiro combatendo a náusea e pensando as piores coisas do bebê, um menino que já tinha recebido o nome do pai e já causava problemas. O tom geral era surpreendentemente vulgar. Em 45 minutos elas não só cobriram os assuntos prementes da firma, mas conseguiram explorar enjoo matinal, cólicas menstruais, parto e nascimento, homens e sexo — ninguém parecia ter o suficiente.

Annette interrompeu a reunião quando olhou para Samantha e disse: — Estaremos no tribunal em 15 minutos.

# 9

De modo geral, a experiência de Samantha com tribunais não era agradável. Algumas visitas foram exigidas, outras voluntárias. Quando estava na nona série, o grande Marshall Kofer pegou um caso de acidente aéreo num tribunal federal no centro de Washington D.C. e convenceu a professora de educação cívica de Samantha de que o aprendizado dos alunos seria muito enriquecido se o vissem em ação. Por dois dias inteiros, as crianças se sentaram num tédio estupidificante enquanto peritos testemunhavam sobre a aerodinâmica da chuva congelante. Longe de se orgulhar do pai, Samantha ficou mortificada com a atenção indesejada. Felizmente para ele, os alunos estavam de volta à sala de aula quando o júri retornou com o veredicto em favor do fabricante, provocando-lhe uma perda rara. Sete anos depois, ela voltou ao mesmo prédio, mas a um foro diferente, para ver o pai alegar culpa de seus crimes. Foi um ótimo dia para a mãe, que jamais pensou em aparecer, e assim Samantha se sentou com um tio, um dos irmãos de Marshall, e enxugou os olhos com lenços de papel. Uma matéria da graduação em Georgetown exigia que ela assistisse a parte de um julgamento criminal, mas uma forte gripe a manteve afastada. Todos os alunos de direito faziam julgamentos simulados e ela até certo ponto gostava disso, mas não queria participar da coisa real. Enquanto foi escrevente, praticamente não viu um tribunal. Nas entrevistas, deixava claro que queria ficar longe de contencioso.

E agora estava entrando no Fórum Regional de Noland County, indo para a principal sala de audiência. O prédio em si era uma bela estrutura antiga de tijolos aparentes com um telhado reluzente de estanho acima do terceiro andar. Por dentro, um saguão empoeirado exibia retratos desbotados de heróis barbudos e uma parede era coberta de avisos grampeados no quadro de qualquer jeito. Ela seguiu Annette ao segundo andar, onde passaram por um velho oficial de justiça que cochilava em sua cadeira. Passaram por grossas portas duplas e entraram no fundo do tribunal. Na frente, o juiz trabalhava em sua bancada enquanto alguns advogados folheavam uma papelada e trocavam provocações. À direita, estava a tribuna do júri, vazia. As paredes altas eram cobertas com ainda mais retratos desbotados, todos de homens, todos barbudos e aparentemente sérios com as questões judiciais. Dois escrivães batiam papo e paqueravam as advogadas. Vários espectadores assistiam e esperavam que a justiça prevalecesse.

Annette encurralou um promotor, o homem que ela apressadamente

apresentou a sua estagiária como Richard, e disse que representavam Phoebe Fanning, que queria dar entrada no divórcio o quanto antes.

— O quanto você sabe? — perguntou ela a Richard.

Os três foram para um canto perto da tribuna do júri para que ninguém ouvisse. Richard disse:

— Segundo a polícia, os dois estavam drogados e decidiram resolver as diferenças com uma boa briga. Ele ganhou, ela perdeu. De algum modo foi envolvida uma arma, descarregada, e ele a usou para bater na cabeça dela.

Annette contou a versão de Phoebe e Richard ouviu com atenção. — Hump é o advogado dele — disse Richard —, e só o que ele quer agora é um acordo. Vou pedir uma pena mais alta e talvez a gente consiga manter esse sujeito na prisão por mais alguns dias, deixar que ele esfrie enquanto ela se manda.

Annette concordou com a cabeça. — Obrigada, Richard.

Hump era Cal Humphrey, presença constante na mesma rua; elas haviam acabado de passar pelo escritório dele. Annette o cumprimentou e apresentou Samantha, que ficou horrorizada com o tamanho da barriga do homem. Dois suspensórios espalhafatosos se esticavam sob a carga e pareciam prestes a romper, com consequências que seriam grosseiras demais para considerar.

Hump sussurrou que “seu homem” Randy (por um segundo ele não conseguiu se lembrar do sobrenome) precisava sair da cadeia porque tinha que voltar ao trabalho. Hump não engolia a versão dos acontecimentos dada por Phoebe, mas sugeriu, em vez disso, que todo o conflito começou quando ela atacou seu cliente com a pistola descarregada.

— Por isso temos julgamentos — resmungou Annette enquanto elas se afastavam de Hump.

Randy Fanning e outros dois prisioneiros eram escoltados para o tribunal e colocados na fila da frente. Suas algemas foram retiradas e um guarda ficou por perto. Os três podiam ser membros da mesma gangue — macacão laranja da cadeia desbotado, barba por fazer, cabelo despenteado, cara de maus bofes. Annette e Samantha sentaram-se na plateia, o mais distante possível. Barb entrou no tribunal na ponta dos pés, entregou uma pasta a Annette e disse: — Aqui está o divórcio. Quando o juiz chamou Randy Fanning ao banco, Annette mandou uma mensagem de texto a Phoebe, que estava sentada em seu carro na frente do fórum. Randy se colocou perante o juiz, com Hump à sua direita e Richard á esquerda, porém mais afastado.

Hump começou uma narrativa pomposa do quanto seu cliente precisava estar no trabalho, como eram profundas suas raízes em Noland County, como era confiável que ele aparecesse em tribunal sempre que fosse necessário e assim por diante. Era apenas uma disputa conjugal de fundo de quintal e as coisas

podiam ser resolvidas sem que o sistema judiciário fosse ainda mais envolvido. Enquanto ele arengava, Phoebe entrou na sala de audiência e se sentou ao lado de Annette. Suas mãos tremiam, os olhos estavam úmidos. Richard, pela promotoria, demorou-se na gravidade das acusações e na possibilidade real de uma pena de prisão mais longa para Fanning. Absurdo, disse Hump. Seu homem era inocente. Seu homem foi atacado pela esposa "desequilibrada". Se ela insistia em forçar acusações, ela é que devia ir para a prisão.

Os advogados trocavam argumentações.

O juiz, um velho cavalheiro tranquilo com uma cabeça lisa, falou calmamente.

— Pelo que sei, a suposta vítima está aqui no tribunal, isso é correto, Mrs. Brevard? — perguntou ele, passando os olhos pela plateia.

Annette ficou em pé. — Ela está aqui, Excelência. — Ela atravessou a sala como se fosse dona do tribunal, com Phoebe a reboque. — Representamos Phoebe Fanning, em cujo divórcio daremos entrada nos próximos dez minutos.

Samantha, ainda a salvo na plateia, viu quando Randy Fanning fuzilou a mulher com os olhos. Richard aproveitou o momento para falar. — Excelência, pode ser útil observar os ferimentos evidentes no rosto da Sra. Fanning. Essa mulher foi brutalmente espancada.

— Não sou cego — respondeu o juiz. — Não vejo nenhum dano ao seu rosto, Sr. Fanning. O tribunal também observa o fato de que o senhor tem mais de um metro e oitenta de altura e é bem forte. Sua esposa é, digamos, um tanto mais baixa. O senhor bateu nela?

Randy passava seu peso considerável de um pé para outro, obviamente culpado, e conseguiu dizer:

— Tivemos uma briga, seu juiz. Ela começou.

— Estou certo que sim. Creio que é melhor que o senhor continue preso, para se acalmar por um ou dois dias. Eu o mandarei de volta à prisão e vamos nos encontrar novamente na quinta-feira. Nesse meio tempo, Mrs. Brevard, a senhora e sua cliente vejam as questões urgentes e mantenham-me informado.

Hump se manifestou. — Mas, Excelência, meu cliente vai perder o emprego.

Phoebe explodiu. — Ele não tem emprego. Corta madeira em meio expediente e vende meth em horário integral.

Todos pareceram engolir em seco enquanto suas palavras chacoalhavam pelo tribunal. Randy estava pronto para voltar a brigar e olhou a mulher como um homicida. O juiz finalmente falou.

— Já basta. Tragam-no de volta na quinta-feira. — Um oficial de justiça pegou Randy e o retirou da sala.

Na porta principal estavam dois homens, uma dupla de valentões

despenteado e cheios de tatuagens. Olharam fixamente para Annette, Samantha e Phoebe quando elas passaram.

No corredor, Phoebe cochichou: — Esses brutamontes estão com Randy, todos no negócio de meth. Tenho que sair da cidade.

Samantha pensou: *talvez eu vá com você*. Elas entraram no protocolo do fórum e deram entrada no divórcio. Annette pediu uma audiência imediata para uma ordem de restrição que mantivesse Randy afastado da família.

— O primeiro horário que tenho é na tarde de quarta-feira — disse um escrivão.

— Vou aceitar — disse Annette.

Os dois brutamontes esperavam do lado de fora da porta do prédio e a eles se uniu um terceiro jovem irritado. Colocou-se na frente de Phoebe e rosnou: — É melhor retirar a acusação, garota, ou vai se arrepender.

Phoebe não recuou; em vez disso, olhou para ele de um jeito que transmitia anos de familiaridade e desdém.

Disse a Annette: — Esse é irmão de Randy, Tony, saiu agora da prisão.

— Você me ouviu bem? Eu disse para retirar a acusação — repetiu Tony num rosnado mais alto.

— Dei entrada no divórcio agora, Tony. Acabou. Vou sair da cidade o mais rápido que puder, mas estarei de volta quando ele for a julgamento. Não vou retirar a acusação, então, por favor, saia do caminho.

Um valentão encarava Samantha, o outro, Annette. O breve confronto terminou quando Hump e Richard saíram do tribunal e viram o que estava acontecendo.

— Já chega — disse Richard, e Tony recuou.

— Vamos, garotas — disse Hump. — Acompanho vocês até o escritório.

Enquanto Hump bamboleava pela rua, falando sem parar de outro caso que ele e Annette disputavam, Samantha vinha atrás, abalada pelo incidente e se perguntando se precisava de uma arma na bolsa. Não admira que Donovan exercesse a advocacia com um pequeno arsenal. Felizmente, não tiveram clientes no resto da tarde. Ela ouviu sofrimento suficiente por um dia e precisava estudar. Annette lhe emprestou material bem usado, projetado para advogados novatos, com seções sobre divórcio e relações domésticas, testamentos e bens imóveis, falência, locador e locatário, emprego, imigração e assistência governamental. Uma seção sobre pensão por pulmão negro foi acrescentada depois. Era seco e tosco, pelo menos a leitura, mas Samantha já aprendera em primeira mão que os casos eram qualquer coisa, menos tediosos.

Às cinco horas, ela finalmente telefonou para o Sr. Joe Duncan e informou que não podia cuidar de seu caso. As chefes proibiam essa representação. Ela

passou os nomes de dois advogados particulares que aceitavam esses casos e lhe desejou sorte. Ele não ficou muito feliz com o telefonema.

Passou na sala de Mattie e as duas reviram seu primeiro dia de trabalho. Até agora tudo ia muito bem, embora ela ainda estivesse abalada pelo breve confronto na frente do tribunal.

— Eles não vão mexer com uma advogada — garantiu Mattie a Samantha. — Especialmente uma mulher. Venho fazendo isso há 26 anos e nunca fui atacada.

— Meus parabéns. Já recebeu ameaças?

— Algumas vezes, mas nada que tenha me assustado. Você vai ficar bem.

Ela se sentia ótima ao sair do escritório e andar até o carro, embora não conseguisse deixar de olhar em volta. Uma leve neblina caía e a cidade começava a escurecer. Ela estacionou na garagem embaixo de seu apartamento e subiu a escada.



A filha de Annette, Kim, tinha 13 anos; o filho, Adam, 10. Estavam intrigados com sua nova "colega de apartamento" e insistiram para que ela se juntasse a eles nas refeições, mas Samantha não pretendia ser penetra no jantar todas as noites. Com seu horário maluco e o de Blythe, ela se acostumara a comer sozinha. Como toda profissional com trabalho estressante, Annette tinha pouco tempo para cozinhar. Evidentemente, a limpeza também não era prioritária. O jantar era macarrão com queijo e tomates fatiados da horta de um cliente, feito no micro-ondas. Tomavam água mineral, nunca da torneira.

Enquanto comiam, as crianças encheram Samantha de perguntas sobre sua vida, a criação em Washington, como era morar e trabalhar em Nova York e por que, no mundo todo, tinha escolhido Brady. Eram inteligentes, confiantes, fáceis de agradar e não tinham medo de fazer perguntas pessoais. Também eram educadas, jamais deixando de dizer "sim, senhora" e "não, senhora". Concluíram que ela era nova demais para ser chamada de srta. Kofer e acharam que Samantha era um nome comprido demais. Por fim concordaram com srta. Sam, embora Samantha tivesse esperanças de que o "senhorita" logo desaparecesse. Disse que seria sua babá e isso aparentemente as confundiu.

— Por que precisamos de uma babá? — perguntou Kim.

— Para sua mãe poder sair e fazer o que ela quiser — disse Samantha.

Eles acharam isso divertido. Adam disse: — Mas ela nunca sai.

— É verdade — disse Annette. — Não há muito o que fazer em Brady. Na verdade, não há nada para fazer se você não vai à igreja três noites por semana.

— E vocês não vão à igreja? — perguntou Samantha. Até agora, em seu breve período nos Apalaches, ela se convencera de que cada grupo de cinco famílias tinha sua própria igreja mínima, com pináculo branco inclinado. Havia igrejas para todo lado, todas acreditando na infalibilidade das Sagradas Escrituras, mas evidentemente sem acordo quanto ao resto.

— Às vezes, no domingo — disse Kim.

Depois do jantar, Kim e Adam tiraram obedientemente a mesa e empilharam os pratos na pia. Não havia lava-louça. Eles queriam ver televisão com a srta. Sam e ignorar o dever de casa, mas Annette por fim os enxotou para seus pequenos quartos. Sentindo que a convidada podia estar entediada, Annette disse, “Vamos tomar um chá e conversar”. Sem ter outra coisa para fazer, Samantha concordou. Annette pegou uma pilha de roupa suja e jogou na máquina de lavar ao lado da geladeira. Colocou sabão em pó e girou o mostrador.

— O barulho vai tragar qualquer coisa que dissermos — disse ela enquanto abria o armário procurando saquinhos de chá.

— Pode ser descafeinado?

— Claro — disse Samantha enquanto entrava na saleta, um espaço dominado por estantes, pilhas de revistas e móveis macios que não viam um espanador há meses. Em um canto havia uma TV de tela plana (o apartamento da garagem não tinha nenhuma) e em outro Annette mantinha uma pequena mesa com um computador e uma pilha de pastas. Ela trouxe duas xícaras de chá fumegante, entregou uma a Samantha e disse: — Vamos nos sentar no sofá e falar de coisas de mulher.

— Tudo bem, o que você tem em mente?

Enquanto se acomodavam, Annette falou. — Bom, por exemplo, sexo. Com que frequência você ia para a cama em Nova York?

Samantha riu da franqueza, depois hesitou como se não conseguisse se lembrar da última vez. — Na verdade não é nada assim tão louco. Quer dizer, é, se você está no jogo, mas na minha turma trabalhamos demais para ter alguma diversão. Para nós, uma noite fora era um bom jantar e umas bebidas, e depois disso sempre estou cansada demais para fazer qualquer coisa além de dormir, e sozinha.

— É difícil de acreditar, todos aqueles profissionais jovens e ricos rondando por lá. Vi *Sex and the City* várias vezes. Sozinha, claro, depois de as crianças irem dormir.

— Bom, eu não tive. Ouvia falar disso, mas em geral no escritório. Tive um namorado nos últimos três anos. Henry, um ator morto de fome, uma gracinha e divertido, mas ele se cansou do meu horário e do meu cansaço. É claro que a gente conhece muitos homens, mas a maioria deles tem as mesmas motivações. As mulheres são descartáveis. Um bando de babacas também, muitos fedelhos arrogantes que não falam de outra coisa senão de dinheiro e se gabam do que podem comprar.

— Morri.

— Não fique assim. Não é tão glamouroso.

— Nunca?

— Ah, claro que tem a ficada ocasional, mas nada que eu me importe de lembrar.

Samantha tomou o chá e desejou mudar de assunto. — E você? Tem muita ação em Brady?

Foi a vez de Annette rir. Ela fez uma pausa, tomou um gole e se entristeceu. — Não acontece muita coisa aqui. Eu tomei a decisão, agora a vivo e está tudo bem.

— A decisão?

— Sim, vim para cá há dez anos, reclusão total. Meu divórcio foi um pesadelo e eu precisava ficar longe do meu ex. Afastar meus filhos também. Ele quase não faz contato. Agora, tenho 45 anos, sou um pouco atraente, mais ou menos em forma, ao contrário de, bom…

— Entendi.

— Digamos apenas que não haja muita concorrência em Noland County. Apareceram alguns homens legais pelo caminho, mas ninguém com quem eu quisesse morar. Um cara era vinte anos mais velho e eu não podia fazer isso com meus filhos. Nos primeiros anos, parecia que metade das mulheres da cidade tentava me casar com um primo. Depois percebi que na realidade elas queriam que eu me casasse para que elas não tivessem que se preocupar com os próprios maridos. Mas os homens casados não são uma tentação para mim. Problemas demais, aqui ou na cidade grande.

— Por que você ficou?

— É uma ótima pergunta e não sei se vou ficar. É um lugar seguro para criar os filhos, embora tenhamos a preocupação com riscos ambientais. Brady não tem problemas, mas, não muito longe daqui, nos assentamentos, as crianças adoecem constantemente da água contaminada e da poeira de carvão. Para responder à pergunta, vim porque adoro o trabalho. Adoro que as pessoas precisem da minha ajuda. Posso fazer alguma diferença na vida delas. Você as conheceu hoje. Viu seu medo e desesperança. Elas precisam de mim. Se eu for

embora, pode aparecer alguém para ocupar meu lugar, mas talvez não.

— Como você consegue se desligar quando sai do escritório?

— Nem sempre consigo. Os problemas deles são pessoais demais, então eu perco um pouco o sono.

— É bom ouvir isso, porque não paro de pensar em Phoebe Fanning, com sua cara arrebentada e os filhos escondidos com uma parenta e um marido violento que provavelmente vai matá-la quando sair.

Annette abriu um sorriso carinhoso. — Vi muitas mulheres na mesma situação e todas sobreviveram. Phoebe vai ficar bem, um dia. Vai se mudar para algum lugar… Vamos Ajudá-la… E vai se divorciar dele. Não se esqueça, Samantha, que ele agora está preso, sentindo o gosto da vida atrás das grades. Se fizer alguma idiotice, talvez passe o resto de seus dias na prisão.

— Não tive a impressão de que ele é dado a pensar.

— Tem razão. Ele é um idiota viciado. Não estou subestimando a situação dela, mas ela vai ficar bem.

Samantha soltou o ar e colocou a xícara na mesa de centro. — Desculpe, é que tudo é muito novo para mim.

— Lidar com gente de verdade?

— Sim, ser apanhada em seus problemas e esperarem que eu os resolva. O último processo com que trabalhei em Nova York envolvia um sujeito bem duvidoso, valendo mais ou menos um bilhão, nosso cliente que queria construir seu hotel muito alto e fino no meio do Greenwich Village. Era de longe o prédio mais feio que vi na vida, muito espalhafatoso. Ele demitiu três ou quatro arquitetos e o prédio ficou mais alto e mais feio. A prefeitura disse não, então ele processou, fez aliança com políticos e agiu como muitos construtores de Manhattan. Eu o encontrei brevemente uma vez, quando ele foi ao escritório gritar com meu sócio. Um completo lixo. E era nosso cliente, meu cliente. Eu detestava o homem. Queria que ele perdesse.

— E por que não?

— Ele perdeu e no fundo ficamos emocionados. Imagine isso, cobramos toneladas de horas, cobramos uma fortuna do cara, e tivemos vontade de festejar quando seu projeto foi rejeitado. Que tal isso como relação com o cliente?

— Eu também festejaria.

— Agora estou preocupada com Lady Purvis, o marido cumprindo pena na prisão de devedores e estou louca para que Phoebe saia da cidade antes que o marido seja solto sob fiança.

— Bem-vinda a nosso mundo, Samantha. Haverá mais amanhã.

— Não sei se fui feita para isso.

— Sim, você foi. Você vai endurecer nesse negócio e vai ser muito mais

durona do que pensa.

Adam estava de volta, o dever de casa repentinamente concluído e queria desafiar a srta. Sam para uma partida de *gin rummy*.

— Ele acha que é o tubarão do baralho — disse Annette. — E ainda por cima rouba.

— Eu nunca joguei *gin rummy* — disse a srta. Sam.

Adam embaralhava as cartas como um crupiê de Las Vegas.

# 10

Na maioria das vezes, o dia de trabalho de Mattie começava com um café às oito da manhã em ponto, a porta da sala trancada, telefone ignorado e Donovan sentado diante dela contando as últimas fofocas. Não havia necessidade de ela fechar a porta porque ninguém aparecia para trabalhar antes das oito e meia, quando Annette chegava depois de deixar os filhos na escola. No entanto, Mattie valorizava a privacidade com o sobrinho e a protegia.

As regras e procedimentos do escritório pareciam ser relaxados, e disseram a Samantha para aparecer "lá pelas nove" e trabalhar até encontrar um bom ponto de parada no final da tarde. A princípio, ela se preocupou que a transição de cem horas por semana para quarenta fosse difícil, mas não foi assim. Há anos não dormia até as sete da manhã e descobria que era muito agradável. Às oito, porém, ela já estava subindo pelas paredes e ansiosa para começar o dia. Na terça-feira, entrou pela porta da frente, passou pela sala de Mattie, ouviu vozes baixas e foi procurar a cafeteira na cozinha. Tinha acabado de se sentar atrás de sua mesa compacta para uma ou duas horas de estudo, ou até que fosse apanhada para outra entrevista com um cliente, quando Donovan de repente apareceu.

— Bem-vinda à cidade.

— Ah, oi — disse ela.

Ele olhou em volta.

— Aposto que sua sala em Nova York era muito maior.

— Na verdade, não. Eles enfiavam os novatos como nós numa baia coletiva pequena e apertada onde você podia estender o braço e tocar seu colega, se precisasse. Economizavam no aluguel, e assim os sócios podiam proteger seus lucros.

— Você fala como se sentisse falta disso.

— Acho que ainda estou atordoada. — Ela gesticulou para a única outra cadeira e disse: — Sente-se.

Donovan se colocou despreocupadamente na cadeira pequena.

— Mattie me contou que você foi ao tribunal já no seu primeiro dia.

— Foi. O que mais ela contou? — Samantha se perguntava se seus movimentos diários seriam recapitulados toda manhã enquanto eles tomavam café.

— Nada, só a conversa fiada de advogados de cidade pequena. Randy Fanning antigamente era um cara legal, depois entrou na meth. Vai acabar morto

ou na prisão, como muitos que o cercam.

— Pode me emprestar uma de suas armas?

Um riso. — Não precisa de nenhuma. Os traficantes de meth não são tão bandidos como as mineradoras. Comece a processá-los o tempo todo e arrumo uma arma para você. Sei que é cedo, mas você já pensou no almoço?

— Ainda nem pensei no café da manhã.

— Estou oferecendo o almoço, um almoço de trabalho em meu escritório. Sanduíche de salada de frango?

— Como posso recusar?

— Tem algum trabalho marcado para o meio-dia?

Ela fingiu consultar sua agenda atolada. — É seu dia de sorte. Por acaso eu tenho uma vaga.

Ele se levantou de um salto. — Até lá.

Ela estudou em silêncio por um tempo, na esperança de não ser perturbada. Através das paredes finas, ouviu Annette discutir um caso com Mattie. O telefone tocava de vez em quando, e Samantha sempre prendia a respiração, torcendo para Barb mandar a pessoa a outro escritório, a uma advogada que soubesse o que fazer. Sua sorte durou até quase dez horas, quando Barb meteu a cabeça por sua porta.

— Vou ficar fora por uma hora. Você pega a frente. — Ela desapareceu antes que Samantha pudesse perguntar o que exatamente isso significava.

Significava sentar-se à mesa de Barb na recepção, sozinha e vulnerável, com a probabilidade de ser abordada por alguma pobre alma sem dinheiro para contratar um advogado de verdade. Significava atender ao telefone e transferir as ligações ou para Mattie ou para Annette, ou simplesmente embromar.

Uma pessoa perguntou por Annette, que estava com um cliente. Outra perguntou por Mattie, que tinha ido ao fórum. Outra precisava de conselhos sobre um pedido de pensão por invalidez no Seguro Social e Samantha, feliz, encaminhou a uma firma particular.

Por fim, a porta da frente se abriu e a Sra. Francine Crump entrou com um problema jurídico que assombraria Samantha por meses. Só o que ela queria era um testamento, que “não custasse nada”. Testamentos simples são documentos fáceis, cuja preparação pode tranquilamente ser realizada até pelo mais novato dos advogados. Na verdade, os calouros pegavam na hora a oportunidade de redigi-los, porque raramente se comete um erro crasso. De repente confiante, Samantha levou a Sra. Crump a uma pequena sala de reunião e deixou a porta aberta para ficar de olho na recepção.

A Sra. Crump tinha 80 anos e aparentava a idade que tinha. O marido morreu há muito tempo e seus cinco filhos estavam espalhados pelo país, nenhum perto

de sua cidade. Ela disse que foi esquecida por eles; quase nunca vinham visitá-la, quase nunca telefonavam. Ela queria assinar um testamento simples que não lhes deixasse nada.

— Exclua todos eles — disse ela com uma amargura impressionante. A julgar por sua aparência e pelo fato de que procurava um testamento gratuito, Samantha supôs que havia poucos bens. A Sra. Crump morava em Eufaula, pequena comunidade “no fundo de Jacob's Holler”.

Samantha tomava notas como se soubesse exatamente onde ficava. Não tinha dívidas, nenhum ativo verdadeiro exceto uma velha casa e 32 hectares, terras que eram da família há uma eternidade.

— Tem alguma ideia de quanto valem as terras? — perguntou Samantha.

A Sra. Crump mascou a dentadura. — Muito mais do que qualquer um sabe. Veja só, a mineradora apareceu no ano passado e tentou comprar as terras, vem tentando há algum tempo, mas botei todos pra correr de novo. Não vou vender nada a nenhuma mineradora, não senhora. Eles estão explodindo tudo perto da minha fazenda, derrubando a Cat Mountain, é uma vergonha. Não vai ter para nenhuma mineradora.

— Quanto eles ofereceram?

— Muito e também não contei a meus filhos. Não vou contar a eles. Tenho a saúde ruim, não demora eu morro. Se meus filhos meterem a mão nas terras, vão vender à mineradora antes que eu esfrie na cova. É exatamente o que eles vão fazer. Eu conheço o povo. — Ela tirou da bolsa alguns papéis dobrados. — Aqui tem um testamento que assinei cinco anos atrás. Meus filhos me levaram ao escritório de um advogado, aqui na rua mesmo, e me fizeram assinar.

Samantha lentamente abriu os papéis e leu o testamento de Francine Cooper Crump. O terceiro parágrafo deixava tudo para os cinco filhos em partes iguais. Samantha tomou algumas notas inúteis. — Tudo bem, Sra. Crump, para fim de impostos sobre propriedade, preciso saber o valor aproximado dessas terras.

— Valor o quê?

— Quanto a mineradora ofereceu à senhora?

Ela olhou como se estivesse ofendida, depois se curvou bem e cochichou.

— Duzentos mil e uns quebrados, mas vale o dobro disso. Talvez o triplo. Não dá para confiar numa mineradora. Eles desvalorizam as terras de todo mundo, depois arrumam um jeito de roubar de você no fim.

De repente o testamento simples não era tão simples assim. Samantha prosseguiu com cautela, perguntando:

— Tudo bem, e quem fica com os 32 hectares no testamento novo?

— Quero dar à minha vizinha, Jolene. Ela mora do outro lado do rio em suas próprias terras e também não está vendendo. Confio nela e ela já prometeu

cuidar das minhas terras.

— A senhora conversou sobre isso com ela?

— Converso o tempo todo. Ela e o marido, Hank, dizem que vão fazer um testamento novo também e deixar as terras para mim, caso eles morram primeiro. Mas eles têm a saúde melhor, sabe? Acho que eu vou primeiro.

— Mas e se eles morrerem primeiro?

— Duvido disso. Tenho pressão alta e um coração doente, além de bursite.

— Claro, mas se eles falecerem primeiro e a senhora herdar a terra deles para juntar com suas terras, depois a senhora morre, quem fica com todas as terras?

— Não os meus filhos, nem os filhos deles. Deus nos livre. Você deve achar que eu sou má.

— Entendi, mas alguém tem de herdar as terras. Quem a senhora tem em mente?

— Foi para isso que vim aqui, para falar com uma advogada. Preciso de uns conselhos sobre o que fazer.

De repente, com bens na reta, as possibilidades eram diferentes. O testamento novo certamente seria contestado pelos cinco filhos e, além do que vira superficialmente num material de seminário, Samantha não entendia nada de contestação de testamentos. Lembrou-se vagamente de um ou dois casos de uma aula na faculdade de direito, mas parecia ter sido muito tempo atrás. Ela conseguiu enrolar, tomar notas e fazer perguntas pouco relevantes por meia hora, e conseguiu convencer a Sra. Crump de que, se ela retornasse alguns dias depois, sua situação estaria analisada.

Barb estava de volta e mostrou-se habilidosa ao ajudar a conduzir a cliente nova porta afora.

— O que foi tudo isso? — perguntou Barb quando a Sra. Crump saiu.

— Não sei bem. Estarei em minha sala.



O escritório de Donovan estava em muito melhor estado do que o da ONG de Mattie. Poltronas de couro, tapetes grossos, piso de madeira com um belo acabamento. Um lustre original pendurado no meio do saguão. A primeira coisa que passou pela cabeça de Samantha foi que enfim havia alguém em Brady que ganhava uns trocados. Sua recepcionista, Dawn, recebeu-a educadamente e disse que o chefe esperava no segundo andar. Ela sairia para almoçar. Ao subir a

escada circular, Samantha ouviu a porta de entrada se fechar e ser trancada. Não havia sinal de mais ninguém.

Donovan estava ao telefone atrás de uma grande mesa de madeira que parecia muito antiga. Gesticulou para ela entrar, apontou uma cadeira volumosa e disse: “Preciso ir.” Bateu o telefone.

— Bem-vinda aos meus domínios. É aqui que todas as cartas são dadas.

— Bonito — disse ela, olhando a sala. Era grande e aberta para uma sacada. As paredes eram cobertas de estantes bonitas, todas abarrotadas com o sortimento habitual de tratados e volumes grossos que pretendiam impressionar. Em um canto havia um suporte exibindo pelo menos oito armas letais. Samantha não sabia distinguir uma espingarda de um rifle de caça, mas a coleção parecia estar carregada e pronta para uso.

— Armas para todo lado — observou ela.

— Eu sempre cacei muito. Quando se é criado nessas montanhas, a gente cresce na mata. Matei meu primeiro cervo aos 6 anos, com uma flecha.

— Meus parabéns. E por que você quer almoçar?

— Você prometeu, lembra? Na semana passada, logo depois de ser presa e eu resgatá-la da prisão.

— Mas concordamos em almoçar no restaurante da rua.

— Achei que teríamos mais privacidade aqui. Além disso, procuro evitar o comércio local. Como eu lhe disse, tem muita gente por aqui que não gosta de mim. Às vezes dizem coisas e fazem uma cena em público. Isso pode estragar um bom almoço.

— Não estou vendo nenhuma comida.

— Está na sala de guerra. Venha comigo. — Ele se levantou e ela o seguiu por um curto corredor a uma sala comprida e sem janelas. Na ponta de uma mesa abarrotada havia dois recipientes plásticos e duas garrafas de água. Donovan apontou para eles.

— O almoço está servido.

Samantha foi até uma parede lateral e olhou uma foto ampliada de pelo menos dois metros e meio de altura. Era colorida e retratava uma cena chocante e trágica. Uma pedra do tamanho de um carro pequeno esmagara um trailer, partindo-o ao meio e causando sérios danos.

— O que é isso? — perguntou ela. Donovan colocou-se ao lado dela.

— Bom, é um processo, para começar. Por cerca de um milhão de anos, essa pedra fazia parte da Enid Mountain, a uns 65 quilômetros daqui, em Hopper County. Alguns anos atrás, eles começaram a lavrar a montanha, explodiram o cume e escavaram o carvão. Em 14 de março do ano passado, às quatro da manhã, uma escavadeira de propriedade e operada por uma mineradora

inescrupulosa chamada Strayhorn Coal estava retirando pedras, sem permissão, e essa pedra foi jogada no aterro do vale. Devido ao tamanho, ela ganhou ímpeto ao descer por esse leito de rio íngreme. — Ele apontava um mapa ampliado ao lado da foto. — Quase um quilômetro e meio de onde deixou a lâmina da escavadeira, ela esmagou esse trailer pequeno. No quarto dos fundos estavam dois irmãos, Eddie Tate, de 11 anos, e Brandon Tate, de 8. Dormindo profundamente, como era de se esperar. O pai estava na prisão por cozinhar meth. A mãe estava no trabalho, em uma loja de conveniência. Os meninos morreram na hora, esmagados, achatados.

Samantha olhou boquiaberta e incrédula a foto. — Que coisa horrível.

— E foi mesmo. A vida perto de uma mina de superfície nunca é tediosa. A terra sacode e as fundações racham. A poeira de carvão enche o ar e cobre tudo. Água de poço fica laranja. Pedras voam o tempo todo. Tive um caso dois anos atrás em West Virginia em que o Sr. e a Sra. Herzog estavam sentados em sua pequena piscina numa tarde quente de sábado e um pedregulho de uma tonelada veio do nada e caiu bem no meio da piscina. Eles ficaram encharcados. A piscina rachou. Processamos a empresa e conseguimos alguma grana, mas não muito.

— E você processou a Strayhorn Coal?

— Ah, sim. Vamos a julgamento na próxima segunda-feira em Colton, Tribunal de Apelação.

— A empresa não quis acordo?

— A empresa foi multada por nossos destemidos reguladores. Atacaram com 20 mil dólares, e eles entraram com recurso. Não, não farão acordo. Eles, junto com sua seguradora, ofereceram 100 mil.

— Cem mil dólares por duas crianças mortas?

— Crianças mortas não valem grande coisa, em particular nos Apalaches. Elas não têm valor econômico porque, obviamente, não estão empregadas. É um ótimo caso para indenização punitiva. A Strayhorn Coal tem um capital de meio bilhão de dólares… e vou pedir um ou dois milhões. Mas os sábios que fazem as leis da Virginia decidiram anos atrás estabelecer um teto para indenizações punitivas.

— Acho que me lembro disso no exame da Ordem.

— O teto é de 350 mil, por pior que o réu tenha agido. Foi um presente de nossa assembleia geral ao setor de seguros, como todos os tetos.

— Você parece meu pai.

— Quer comer ou ficar em pé pela próxima hora?

— Não sei se estou com fome.

— Bom, eu estou.

Eles se sentaram e abriram os sanduíches. Samantha deu uma mordida

pequena, mas estava sem apetite.

— Você tentou um acordo nesse caso? — perguntou ela.

— Fiz uma proposta de um milhão, eles contra-atacaram com 100 mil, e assim estamos a quilômetros de distância. Eles, os advogados da seguradora junto com a mineradora, apoiam-se no fato de que a família estava ferrada e não morava tão perto assim. Também estão se apoiando no fato de que muitos jurados por aqui ou têm medo das grandes mineradoras ou as apoiam em silêncio. Quando você processa uma mineradora nos Apalaches, nem sempre pode contar com um júri imparcial. Mesmo aqueles que desprezam as companhias tendem a ficar calados sobre isso. Todo mundo tem um parente ou amigo que conseguiu um emprego. Isso forma uma dinâmica interessante no tribunal.

Samantha experimentou outra mordida e olhou a sala.

As paredes eram cobertas de fotos e mapas ampliados em cores, alguns marcados como provas de julgamento, outros aparentemente esperando o tribunal.

— Aqui me lembra o escritório de meu pai, antigamente.

— Marshall Kofer. Dei uma verificada. Ele era um tremendo advogado de tribunal em sua época.

— Sim, era. Quando eu era criança, se quisesse vê-lo, em geral tinha que ir a seu escritório, se ele estivesse na cidade. Ele trabalhava sem parar. Era dono de uma grande firma. Quando não estava andando de avião pelo mundo, perseguindo o mais recente desastre aéreo, estava no escritório preparando-se para um julgamento. Eles tinham uma sala assim, grande e abarrotada… Pensando bem, chamavam de sala de guerra.

— Não fui eu que inventei a expressão. A maioria dos advogados de tribunal tem uma.

— E as paredes eram cobertas com fotos grandes e diagramas e todo tipo de provas. Era impressionante, até para uma criança. Ainda sinto a tensão, a ansiedade na sala enquanto ele e sua equipe se preparavam para o julgamento. Eram acidentes grandes, com muitos mortos, muitos advogados e tudo. Mais tarde ele explicava que a maioria de seus casos tinha um acordo pouco antes do julgamento. Raras vezes a responsabilidade entrava em questão. O avião caiu, não era culpa dos passageiros. As companhias aéreas tinham muito dinheiro e seguro, e estavam preocupadas com a imagem, então faziam o acordo. Por somas imensas.

— Nunca pensou em trabalhar com ele?

— Não, nunca. Ele é impossível, ou pelo menos era, na época. Um ego enorme, um *workaholic* total, um tremendo babaca. Eu não queria fazer parte do

mundo dele.

— E então ele mesmo caiu.

— Foi. — Ela se levantou e foi até outra foto, de um carro amassado. A equipe de resgate tentava retirar alguém preso dentro dele. Donovan continuou sentado e mastigou uma batata frita.

— Tentei esse caso em Martin County, West Virginia, três anos atrás. Perdi.

— O que houve?

— Um caminhão de carvão descia a montanha, sobrecarregado e acelerado, deu uma guinada pela faixa central e passou por cima desse Honda pequeno. A motorista era Gretchen Bane, de 16 anos, minha cliente, e morreu na hora. Se você olhar atentamente, pode ver seu pé esquerdo na base ali, meio pendurado para fora da porta.

— Era isso que eu temia. O júri viu isso?

— Ah, sim. Eles viram tudo. Durante cinco dias, expus tudo ao júri, mas não teve importância.

— Como foi que você perdeu?

— Eu perco cerca de metade deles. Neste caso, o motorista do caminhão subiu no banco, jurou dizer a verdade, depois mentiu por três horas. Disse que Gretchen atravessou a faixa central e causou o acidente, fez parecer que ela tentava se matar. As mineradoras são inteligentes e nunca mandam um caminhão de cada vez. Eles viajam em duplas, assim sempre há uma testemunha pronta a se apresentar. Os caminhões que carregam carvão pesam umas cem toneladas, correndo por pontes antigas de vinte toneladas que ainda são usadas por ônibus escolares, e ignoram completamente todas as regras da estrada. Quando acontece um acidente, em geral é feio. Em West Virginia, eles estão matando um motorista inocente por semana. O caminhoneiro jura que não estava fazendo nada de errado, seu colega lhe dá apoio, não existem outras testemunhas, e assim o júri decide a favor das mineradoras.

— Não dá para você recorrer?

Donovan riu como se ela tivesse dito uma piada. Ele tomou um gole da água.

— Claro, ainda temos esse direito. Mas West Virginia elege seus juízes, o que é uma abominação. Virginia tem algumas leis imbecis, mas pelo menos não elegemos juízes. West Virginia tem cinco integrantes na Suprema Corte. Eles cumprem mandatos de quatro anos e concorrem à reeleição. Adivinhe quem contribui com muito dinheiro para as campanhas.

— As mineradoras.

— Bingo. Elas influenciam os políticos, os reguladores, os juízes, e eles em geral controlam os júris, então, não é exatamente o clima ideal para nós, litigantes.

— Lá se foi um julgamento justo — disse ela, ainda olhando as fotos.

— De vez em quando, ganhamos. No caso de Gretchen, tivemos uma chance. Um mês depois do julgamento, o motorista atingiu outro carro. Por sorte, ninguém morreu, só alguns ossos quebrados. O policial na cena ficou curioso e levou o motorista para interrogatório. Ele tinha uma atitude estranha e por fim confessou que estava dirigindo há 15 horas seguidas. Para completar, bebeu Red Bull com vodca e tomou meth. O policial ligou um gravador e o interrogou sobre o acidente de Bane. Ele confessou que foi ameaçado a mentir por seu empregador. Consegui uma cópia da transcrição e entrei com um monte de petições. O tribunal finalmente me concedeu um novo julgamento, estamos esperando. Um dia eu vou pegá-los.

— O que aconteceu com o motorista?

— Virou informante e abriu tudo sobre a Eastpoint Miner, sua empregadora. Alguém cortou seus pneus e deu dois tiros pela janela da cozinha dele, então ele agora está escondido, em outro estado. Dou dinheiro a ele para sobreviver.

— Isso é legal?

— Essa não é uma pergunta justa na terra do carvão. Nada no meu mundo é preto no branco. O inimigo infringe todas as regras, então a briga nunca é justa. Se você seguir as regras, perde, mesmo quando está do lado certo.

Ela voltou à mesa e mordiscou uma batata frita.

— Eu sabia que tinha razão em evitar contencioso.

— Detesto saber disso — disse ele, sorrindo, seus olhos escuros absorvendo cada movimento que ela fazia. — Estava pensando em lhe oferecer um emprego.

— Como é?

— É sério. Posso precisar de uma pesquisa e pagaria a você. Sei que você não ganha nada na ONG, então imaginei que talvez quisesse fazer serão como assistente de pesquisa.

— Aqui, em seu escritório?

— E onde mais seria? Nada que possa interferir em seu estágio, estritamente depois do horário de trabalho e nos fins de semana. Se já não está entediada aqui em Brady, não vai demorar muito.

— Por que eu?

— Não existe mais ninguém. Tenho dois paralegais e um deles vai embora amanhã. Não posso confiar em nenhum outro advogado na cidade, nem em ninguém de nenhuma firma. Sou paranoico com o sigilo e você evidentemente não está aqui há tempo suficiente para conhecer tudo e todos. Você é a contratação perfeita.

— Não sei o que dizer. Já conversou com Mattie?

— Sobre isso, não. Mas, se você estiver interessada, vou ter uma conversa

com ela. Raras vezes Mattie me nega alguma coisa. Pense no assunto. Se não quiser, vou entender perfeitamente.

— Tudo bem, vou pensar. Mas acabei de começar em um emprego e não pretendia procurar outro, pelo menos não tão cedo. Além disso, eu não gosto de verdade de litígios.

— Você não teria que ir ao tribunal. Só ficaria escondida aqui, fazendo pesquisa, redigindo petições, trabalhando as longas horas a que está acostumada.

— Eu estava tentando me livrar disso.

— Entendo. Pense bem e conversamos depois.

Eles voltaram aos sanduíches por um momento, mas o silêncio ficou pesado demais. Samantha enfim falou.

— Mattie me contou de seu passado.

Ele sorriu e afastou a comida. — O que você quer saber? Sou um livro aberto.

Samantha duvidava disso. Podia pensar em várias perguntas: O que aconteceu com seu pai? A sua separação é séria? Com que frequência você vê sua mulher? Talvez mais tarde.

— Na verdade, nada — disse ela. — É um histórico interessante, só isso.

— Interessante, triste, trágico, cheio de aventura. Todas as anteriores. Tenho 38 anos e vou morrer jovem.

Ela não conseguiu pensar numa resposta.

# 11

A estrada para Colton serpenteava pelas montanhas, subindo e descendo, oferecendo um panorama espetacular de densas cordilheiras, depois mergulhando em vales tomados de aglomerados de cabanas dilapidadas e trailers com carros velhos espalhados em volta. Passava junto de corredeiras rasas e águas limpas o bastante para beber, mas a beleza afundava logo depois de outro assentamento de casas minúsculas e miseráveis, muito próximas e debaixo da sombra eterna das montanhas. O contraste era impressionante: a beleza das montanhas diante da pobreza do povo que morava entre elas. Havia algumas casas bonitas com gramados bem cuidados e cercas de madeira branca, mas em geral a vizinhança não era tão próspera.

Mattie dirigia e falava enquanto Samantha olhava o cenário. Ao subir em um trecho da estrada, uma rara reta, um caminhão pesado se aproximou pela outra pista. Estava sujo, coberto de poeira, com uma lona cobrindo a carroceria. Voava montanha abaixo, evidentemente acelerado, mas permanecia em sua pista. Depois que ele passou, Samantha disse:

— Imagino que tenha sido um caminhão de carvão.

Mattie olhou o retrovisor como se não tivesse percebido.

— Ah, sim. Eles o levam depois que é lavado e está pronto para o mercado. Estão por todo lado.

— Donovan falou deles ontem. Ele não os tem em alta conta.

— Posso apostar uma boa grana que o caminhão estava com excesso de peso e provavelmente não passaria numa inspeção.

— E ninguém controla isso?

— Às vezes. Em geral, quando os fiscais chegam, as mineradoras já sabem que estão vindo. Meus favoritos são os inspetores de segurança das minas, que monitoram as explosões. Eles têm um cronograma, e então, quando aparecem em uma mina de superfície, adivinha o que acontece? Tudo está conforme as regras. Assim que vão embora, a empresa recomeça as explosões com pouca consideração pelo regulamento.

Samantha supôs que Mattie ficou sabendo de seu almoço no dia anterior com Donovan. Ela esperou um momento para ver se a oferta de emprego seria mencionada. Não foi. Elas chegaram ao alto de uma montanha e começaram outra descida.

— Vou lhe mostrar uma coisa — disse Mattie. — Não vai levar mais de um

minuto.

Ela pisou no freio e entrou numa estrada menor, com mais curvas e montanhas mais íngremes. Subiam de novo. Uma placa dizia que era uma área de piquenique com visão panorâmica pouco à frente. Pararam em um pequeno trecho de terra com duas mesas de madeira e uma lixeira. Diante delas havia quilômetros de montanhas ondulantes cobertas de densa vegetação. Saíram do carro e foram até uma cerca instável construída para evitar que as pessoas nos veículos tombassem no vale, onde jamais seriam encontradas.

— Aqui é um lugar bom para se ver de longe a remoção do cume das montanhas — disse Mattie. — Três minas… — Ela apontou à esquerda. — Aquela é a Cat Mountain, não muito longe de Brady. Bem em frente fica a Loose Creek, também no Kentucky. À direita fica a Little Utah, também no Kentucky. Todas ativas, todas lavrando carvão em tiras com a maior rapidez humanamente possível. Essas montanhas antigamente tinham mais de 900 metros de altura, como suas vizinhas. Olhe para elas agora. Perderam todo o verde e foram reduzidas a pedra e terra. O cume sumiu, e elas se destacavam como dedos decepados, cotos em mão aleijada. Eram cercadas por montanhas intocadas, todas brilhando com o laranja e o amarelo de meados do outono e perfeitamente lindas, se não fosse pelos horrores ao longo da cadeia.

Samantha ficou imóvel, olhando incrédula e tentando absorver a devastação. Por fim, disse: — Isso não devia ser permitido por lei.

— Infelizmente é, segundo a lei federal. Tecnicamente, é legal. Mas o modo como eles procedem é ilegal.

— Não há jeito de impedir isso?

— Os litígios ainda estão correndo, tem sido assim há vinte anos. Temos algumas vitórias em nível federal, mas todas as boas decisões foram revertidas nos recursos. O Quarto Circuito[1] está abarrotado de gente indicada pelos republicanos. Mas nós ainda estamos lutando.

— Nós?

— Os mocinhos, os adversários da mineração a céu aberto. Não estou pessoalmente envolvida como advogada, mas estou na turma certa. Somos uma minoria distinta por aqui, e lutamos. — Mattie olhou o relógio. — É melhor irmos.

De volta ao carro, Samantha disse: — Isso te deixa mal, não é?

— Sim, eles destruíram tanto do nosso estilo de vida aqui nos Apalaches... então, sim, isso me deixa doente.

Quando entraram na cidade de Colton, a estrada transformou-se na rua central e depois de algumas quadras apareceu o tribunal à direita.

— Donovan disse que tem um julgamento aqui na semana que vem — disse

Samantha.

— Ah, sim, um dos grandes. Aqueles dois garotinhos, que tristeza.

— Conhece o caso?

— Ah, sim, foi uma história e tanto quando eles morreram. Conheço mais do que gostaria. Só espero que ele ganhe a causa. Eu o aconselhei a fazer um acordo, tirar algo para a família, mas ele quer uma tomada de posição.

— Então, ele não aceitou seu conselho.

— Em geral Donovan faz o que quer, e quase sempre ele tem razão.

Ela estacionou atrás do tribunal e entraram. Ao contrário do de Noland, o tribunal de Hopper County era uma estrutura moderna e desconcertante que sem dúvida nenhuma já pareceu emocionante no papel. Todo vidro e pedra, o prédio espigava-se aqui e dobrava-se ali, e desperdiçava muito espaço com seu projeto arrojado. Samantha imaginou que o arquiteto deve ter perdido sua licença para trabalhar.

— O antigo pegou fogo — disse Mattie enquanto subiam a escada. — Mas todos eles são incendiados.

Samantha não entendeu o que isso significava. Lady Purvis estava no corredor, sentada de frente para a sala de audiência, e sorriu com muito alívio quando viu suas advogadas. Outras pessoas zanzavam por ali, esperando serem convocadas à audiência. Depois de algumas preliminares, Lady apontou um jovem de cara macilenta, com um paletó esportivo de poliéster e botas brilhantes de bico pontudo.

— Aquele ali trabalha para a JRA, o nome dele é Snowden, Laney Snowden.

— Espere aqui — disse Mattie. Seguida por Samantha, ela foi direto ao Sr. Snowden, cujos olhos se arregalavam à medida que ela se aproximava.

— Você é o representante da JRA? — perguntou Mattie.

— Sim — disse Snowden com orgulho.

Ela estendeu um cartão para ele como se fosse um canivete.

— Meu nome é Mattie Wyatt, advogada de Stocky Purvis. Esta é minha associada, Samantha Kofer. Fomos contratadas para tirar nosso cliente da prisão.

Snowden recuou um passo enquanto Mattie avançava. Samantha, sondando as águas, não sabia o que fazer, então rapidamente adotou postura e olhar agressivos. Fechou a carranca para Snowden enquanto ele a olhava vagamente e tentava absorver a realidade de que um morto de fome como Stocky Purvis pudesse contratar não apenas uma, mas duas advogadas.

— Tudo bem — disse Snowden. — Desembolse o dinheiro e vamos tirá-lo de lá.

— Ele não tem nenhum dinheiro, Sr. Snowden. A essa altura, isso deve estar bem claro. E ele não pode ganhar nenhum dinheiro porque vocês o mantêm

trancado na prisão. Cobre todos os honorários ilegais que quiser, mas a verdade é que meu cliente não pode ganhar um centavo onde está agora.

— Tenho uma ordem judicial — disse Snowden com bravata.

— Bom, estamos prestes a conversar com o juiz sobre sua ordem judicial. Isso será retificado, e Stocky sai. Se você não negociar, vai levar toda a culpa.

— Tudo bem, o que vocês, garotas, têm em mente?

— Não me chame de garota! — gritou Mattie para ele.

Snowden se retraiu, temeroso, como se pudesse ser acusado de uma dessas alegações de assédio sexual sobre as quais se lê.

Mattie, aproximando-se devagar de Snowden enquanto sua cara mudava de cor, disse:

— O acordo é o seguinte. Meu cliente deve ao condado cerca de duzentos dólares em multas e custas. Vocês incluíram mais quatrocentos para suas festinhas. Vamos pagar cem disso, um total de trezentos no máximo, e teremos seis meses para pagar. É pegar ou largar.

Snowden abriu um sorriso falso e balançou a cabeça. — Desculpe, Sra. Wyatt, mas não podemos aceitar isso.

Sem tirar os olhos de Snowden, Mattie tirou alguns papéis da pasta.

— Então, tentem aceitar isto — disse ela, agitando os papéis na cara dele.

— É um processo a ser protocolado no tribunal federal contra a Judicial Response Associates, vou acrescentar você depois como réu, por detenção ilegal e prisão ilegal. Como vê, Sr. Snowden, a Constituição diz, com muita clareza, que vocês não podem prender uma pessoa pobre por não pagar suas dívidas. Não espero que você saiba disso, porque você trabalha para um bando de picaretas. Porém, acredite em mim, os juízes federais entendem porque leram a Constituição, pelo menos a maioria leu. A prisão de devedores é ilegal. Já ouviu falar na Cláusula de Igualdade de Proteção?

A boca de Snowden estava aberta, mas as palavras lhe escapavam.

Ela pressionou. — Achei que não. Talvez seus advogados possam explicar, as trezentas pratas por hora. Estou lhe dizendo para que possa contar a seus chefes que vou manter vocês no tribunal pelos próximos dois anos. Vou afogar vocês em papelada. Vou arrastar o traseiro de vocês por horas de depoimentos e descobrir todos os seus pequenos truques sujos. Tudo será revelado. Vou revirar tudo e tornar a vida de vocês um inferno. Terão pesadelos comigo. E no fim vou ganhar o caso, além de cobrar os honorários advocatícios. — Ela colocou o processo no peito dele e o homem o pegou com relutância.

Elas giraram nos calcanhares e se afastaram a passos duros, deixando Snowden de joelhos bambos e abalado, já tendo vislumbres dos pesadelos. Samantha, ela mesma assombrada, cochichou:

— Não podemos alegar falência para os trezentos dólares?

De repente recomposta, Mattie respondeu com um sorriso. — É claro que sim. E assim faremos.

Trinta minutos depois, Mattie estava diante do juiz e anunciou que tinham chegado a um acordo para a libertação imediata de seu cliente, Sr. Stocky Purvis. Lady estava aos prantos ao sair do tribunal e se dirigir à cadeia para esperar o marido.



Na volta de carro para Brady, Mattie disse: — Uma licença para exercer advocacia é uma ferramenta poderosa, Samantha, quando usada para ajudar os pequenos. Patifes como Snowden estão acostumados a atormentar as pessoas que não podem pagar representação. Mas basta conseguir o envolvimento de um bom advogado e o tormento cessa de imediato.

— Você intimida muito bem.

— Tenho prática.

— Quando preparou o processo?

— Nós os temos em estoque. O arquivo chama-se “Processos Padrão”. É só dar um nome diferente, espalhar as palavras “Tribunal Federal” por ele todo e eles fogem como esquilos.

*Processos padrão. Fugindo como esquilos*. Samantha se perguntou quantos colegas de turma na universidade dela tiveram contato com essas táticas judiciais.



Às duas daquela tarde, Samantha estava sentada na sala de audiência principal do Fórum Regional de Noland County dando um tapinha no joelho de uma apavorada Phoebe Fanning. Suas lesões faciais agora eram de um tom azul-escuro e pareciam ainda piores. Ela chegou ao tribunal com uma grossa camada de maquiagem, o que Annette reprovou. Instruiu a cliente a ir ao toalete e retirá-la.

Mais uma vez, Randy Fanning foi trazido com sua escolta e entrou na sala com uma aparência ainda mais durona do que dois dias antes. Ele recebera uma cópia do documento de divórcio e parecia perturbado com isso. Olhou feio para a mulher e para Samantha, enquanto um policial retirava as algemas. O juiz era Jeb Battle, um jovem ansioso que não parecia ter mais de 30 anos. Como a ONG de assistência jurídica lidava com muitos casos domésticos, Annette era presença constante e alegava se entender bem com Sua Excelência.

O juiz deu início à sessão e aprovou algumas questões incontestes enquanto elas esperavam. Quando ele chamou *Fanning versus Fanning*, Annette e Samantha passaram com sua cliente em direção a uma mesa perto da bancada do juiz. Randy Fanning foi à outra mesa, com um policial por perto, e esperou que Hump se arrastasse a seu lugar. O juiz Battle olhou atentamente Phoebe, seu rosto cheio hematomas e, sem dizer uma palavra, tomou sua decisão.

— Este divórcio foi protocolado na segunda-feira. Recebeu uma cópia, Sr. Fanning? Pode continuar sentado.

— Sim, senhor, tenho uma cópia.

— Mr. Humphrey, fui informado de que entraram com pedido de fiança pela manhã, é verdade?

— Sim, senhor.

— Estamos aqui por um pedido de ordem de restrição temporária. Phoebe Fanning solicita ao tribunal uma ordem para que Randall Fanning fique afastado da residência do casal, dos três filhos do casal, da própria Phoebe e de qualquer familiar imediato dela. Tem alguma objeção a isso, Mr. Humphrey?

— Naturalmente temos, Excelência. Essa questão está saindo de proporção. — Hump estava em pé, agitando as mãos teatralmente, sua voz ficando mais fanhosa a cada frase. — O casal teve uma briga, não foi a primeira, e nem todas as brigas foram provocadas por meu cliente, mas, sim, ele teve uma briga com a esposa. Evidentemente, eles têm suas diferenças, mas estão tentando acertar as coisas. Se pudermos todos respirar fundo, livrar Randy da prisão e devolvê-lo ao trabalho, tenho certeza de que os dois podem resolver parte de suas diferenças. Meu cliente sente falta dos filhos e quer verdadeiramente ir para casa.

— Ela pediu o divórcio, Mr. Humphrey — disse o juiz com severidade. — Parece que ela leva a separação muito a sério.

— E divórcios podem ser indeferidos com a mesma rapidez com que são pedidos, vê-se isso o tempo todo, Excelência. Meu cliente até está disposto a ir a um desses conselheiros matrimoniais, se isso a deixar feliz.

Annette o interrompeu: — Excelência, estamos muito além do aconselhamento. O cliente de Mr. Humphrey enfrenta uma acusação de lesão corporal dolosa e possivelmente uma pena de prisão. Ele tem esperança de que

isso simplesmente desapareça e seu cliente saia daqui livre. Isso não acontecerá. Este divórcio não será indeferido.

— A quem pertence a casa? — perguntou o juiz Battle.

— A um senhorio. A casa é alugada — respondeu Annette.

— E onde estão os filhos?

— Estão longe, fora da cidade, em local seguro.

Além de alguns móveis descasados, a casa já estava vazia. Phoebe transferiu a maior parte de seus pertences a um guarda-móveis. Estava escondida em um hotel barato em Grundy, Virginia, a uma hora dali. Através de um fundo de emergência, a ONG pagava seu quarto e suas refeições. Os planos dela eram se mudar para Kentucky e morar perto de um parente, mas não havia nada definido.

O juiz Battle olhou diretamente para Randy Fanning.

— Sr. Fanning, estou concedendo os provimentos solicitados por este pedido de restrição, palavra por palavra. Quando sair da prisão, não terá qualquer contato com sua esposa, seus filhos ou qualquer familiar imediato de sua esposa. Até segunda ordem, não pode chegar perto da casa que alugam. Nenhum contato. Fique longe, compreendeu?

Randy se curvou e cochichou alguma coisa a seu advogado.

— Excelência, podemos ter uma hora para pegar as roupas e as coisas dele? — disse Hump.

— Uma hora. E mandarei um policial com ele. Informe-me quando ele for solto.

Annette se levantou. — Excelência, minha cliente se sente ameaçada e está assustada. Quando saímos do tribunal na segunda-feira, fomos confrontadas na escada do tribunal pelo irmão do Sr. Fanning, Tony, e outros dois rapazes intimidantes. Disseram à minha cliente para retirar as acusações criminais, ou se arrependeria. Foi uma altercação perturbadora.

O juiz Battle mais uma vez olhou feio para Randy Fanning.

— Isso é verdade?

— Não sei, senhor juiz, eu não estava lá — disse Randy.

— Foi seu irmão?

— Talvez. Se ela diz que foi.

— Não vejo a intimidação com bons olhos, Sr. Fanning. Sugiro que tenha uma conversa com seu irmão e o coloque na linha. Caso contrário, vou apelar ao xerife.

— Obrigada, Excelência — disse Annette.

Randy foi algemado e levado, Hump seguiu atrás dele cochichando que as coisas ficariam bem. O juiz Battle bateu o martelo e declarou recesso. Samantha, Annette e Phoebe saíram do tribunal, de certo modo esperando mais problemas.

Tony Fanning e um amigo esperavam atrás de uma picape estacionada na Main Street. Viram as mulheres e partiram na direção delas, ambos fumando e parecendo raivosos.

— Essa não — disse Annette em voz baixa.

— Ele não me assusta — disse Phoebe.

Os dois homens bloquearam a calçada, mas justo quando Tony estava prestes a falar, Donovan Gray apareceu do nada e disse em voz alta: — E então, senhoras, como foi?

Tony e o amigo perderam cada grama da maldade que mostravam segundos antes. Afastaram-se, evitando contato visual e não querendo se meter com Donovan.

— Com licença, amigos — disse Donovan numa tentativa de provocá-los.

Enquanto ele passava, seus olhos faiscaram para Tony, que sustentou o olhar só por um segundo antes de virar a cara.



Após três dias seguidos jantando com Annette e as crianças, Samantha pediu licença, dizendo que precisava estudar e se recolher cedo. Preparou uma tigela de sopa no fogão elétrico portátil, passou outra hora com o material do seminário e o colocou de lado. Era difícil imaginar um escritório de advocacia no centro da cidade tentando sobreviver de divórcios sem determinação de culpa e transferências de imóveis. Annette disse várias vezes que a maioria dos advogados em Brady mal conseguia se sustentar e tentava ter uma renda ali de 30 mil dólares por ano. O salário dela era de 40 mil, o mesmo de Mattie. Annette riu ao dizer: — Deve ser o único lugar do país em que advogados de assistência jurídica ganham mais do que quem trabalha numa firma particular. Ela disse que Donovan ganhava muito mais do que qualquer outro, mas ele assumia riscos maiores.

Ele também era o maior colaborador da ONG, em que todo o financiamento era privado. Havia algum dinheiro de fundação, e algumas grandes firmas de advocacia “do Norte” contribuíam generosamente, mas Mattie ainda lutava para levantar a meta anual de 200 mil.

— Adoraríamos pagar alguma coisa a você — disse Annette —, mas o dinheiro simplesmente não existe.

Samantha garantiu que estava satisfeita com o acordo.

Sua conexão da internet era pelo sistema de satélite de Annette, talvez o mais lento da América do Norte. “Requer paciência”, dissera ela. Por sorte, paciência lhe sobrava ultimamente, à medida que Samantha se acomodava feliz a uma rotina que incluía noites tranquilas e muito sono. Ela entrou on-line para dar uma olhada nos jornais locais, o *Times* de Roanoke e o *Gazette* de Charleston, West Virginia. No *Gazette*, encontrou uma matéria interessante sob a manchete “Ecoterroristas suspeitos de última farra”.

Nos últimos dois anos, uma gangue vinha atacando equipamento pesado em várias minas de céu aberto no sul de West Virginia. O porta-voz de uma mineradora referia-se a eles como “ecoterroristas” e ameaçava com todo tipo de represálias quando fossem apanhados. O método preferido de destruição deles era esperar até pouco antes do amanhecer e atirar da segurança das colinas em volta. Eram excelentes atiradores, usavam os mais recentes fuzis militares e se mostravam bem eficientes para incapacitar veículos de mineração de carvão de cem toneladas construídos pela Caterpillar. Seus pneus de borracha tinham 4,5 metros de circunferência, pesavam quinhentos quilos e eram vendidos por 18 mil dólares cada um. Cada veículo de mineração tinha seis pneus e evidentemente eram alvos fáceis para os atiradores. Havia uma foto de uma dúzia de veículos amarelos, todos em ponto morto e enfileirados numa impressionante exibição de força. Um capataz apontava os pneus furados — 28 deles. Disse que um vigia noturno tomou um susto às três da madrugada, quando começou o assalto. Num ataque de coordenação perfeita, as balas começaram a bater nos pneus, que explodiam como pequenas bombas. Ele sensatamente procurou proteção numa vala enquanto ligava para o xerife. Quando chegou a força policial, os atiradores já tinham se divertido e ido embora há muito tempo. O xerife disse que trabalhava firme no caso, mas admitiu que seria difícil identificar os “bandidos”.

O local, conhecido como mina Bull Forge, era vizinho da Winnow Mountain e do Helley's Bluff, montanhas com mais de novecentos metros de altura e com uma mata intocada e densa de árvores de madeira nobre. Do fundo dessas florestas, era fácil se esconder e atirar nos veículos, dia ou noite. O xerife disse, porém, que em sua opinião não se tratava apenas de um bando de rapazes se divertindo com armas de caça. De seu esconderijo, atiravam em alvos a mil metros de distância. As balas encontradas em alguns pneus eram de 51mm, tipo militar, evidentemente disparadas de sofisticados fuzis de precisão.

A matéria recapitulava os ataques recentes. Os ecoterroristas escolhem os alvos com cuidado e, como não havia escassez de minas de superfície no mapa, parecia que esperavam pacientemente até que os veículos de mineração estivessem estacionados nos lugares certos. Observaram que os atiradores pareciam preocupados em não atingir outros. Ainda não tinham atirado em

veículo que não estivesse estacionado, e muitas minas operavam 24 horas por dia. Seis semanas antes, no Red Valley em Martin County, 22 pneus foram avariados em um tiroteio que aparentemente durou apenas segundos, de acordo com outro vigia noturno.

Como agora, quatro mineradoras ofereciam recompensas que totalizavam 200 mil dólares. Não havia ligação com o ataque à mina Bullington, dois anos antes: no ato de sabotagem mais ousado em décadas, explosivos do depósito da própria empresa foram usados para destruir seis caminhões basculante, duas draglines, dois tratores de esteira, o escritório temporário e o próprio depósito. Os prejuízos passaram de cinco milhões de dólares. Nenhum suspeito foi preso; eles nem sequer existiam. Samantha vasculhou os arquivos do jornal e se viu torcendo pelos ecoterroristas. Mais tarde, ao começar a cochilar, relutantemente entrou no *New York Times*. A não ser por alguma rara manhã de domingo em seus dias de Nova York, ela não fazia mais do que passar os olhos pelo site. Agora, evitando a seção de negócios, percorreu a página e parou na seção de restaurantes. O crítico descia o malho em um novo local da moda em Tribeca, que ela conhecera um mês antes. Havia uma foto do bar, com jovens profissionais liberais bebendo, sorrindo e esperando suas mesas. Ela lembrou que a comida era excelente e logo perdeu o interesse nas queixas do crítico. Em vez disso, olhou fixamente a foto. Podia ouvir o barulho da multidão; sentia a energia frenética. Como estaria agora o sabor do martini? E o jantar de duas horas com amigas, enquanto ficavam de olho nos homens bonitinhos?

Pela primeira vez ela sentiu certa saudade de casa, mas logo a afugentou. Podia ir embora amanhã, se quisesse. Certamente podia ganhar mais dinheiro em Nova York do que em Brady. Se quisesse ir embora, nada a prendia ali.

---

[1] O Tribunal de Recursos dos Estados Unidos para o Quarto Circuito (United States Court of Appeals for the Fourth Circuit) é um tribunal federal localizado em Richmond, Virginia, com jurisdição sobre nove tribunais distritais.

# 12

A caminhada começou no final de uma trilha há muito abandonada que ninguém além de Donovan poderia ter encontrado. A ida de carro até lá exigiu a habilidade e os nervos de um dublê de piloto, e às vezes Samantha achava que eles iam despencar vale abaixo. Mas ele conseguiu chegar até uma pequena clareira sombreada de carvalhos, eucaliptos e castanheiras.

— Este é o fim da estrada — ele disse.

— Chama isso de estrada? — disse ela enquanto abria a porta lentamente.

Ele riu. — É uma rodovia, se comparada com algumas trilhas daqui.

Ela estava pensando que a vida na cidade grande não fez nada para prepará-la para aquilo, mas também estava excitada com a ideia da aventura. O único conselho que ele dera foi "use botas de caminhada e roupas neutras". As botas, ela entendeu, mas as roupas exigiram uma explicação.

— Temos que nos misturar — disse ele. — Eles estarão vigiando e vamos invadir.

— Alguma chance de ser presa de novo? — perguntara Samantha.

— Pouca. Eles não conseguem nos pegar.

As botas foram compradas na véspera numa loja popular de Brady — 45 dólares, um pouco duras e apertadas. Ela vestiu calça cáqui velha e camiseta cinza com "Columbia Law" escrito na frente em caracteres pequenos. Ele, por outro lado, vestia um moderno traje de camuflagem verde, botas de caminhada encomendadas pelo correio com mil quilômetros rodados. Ele abriu a traseira do jipe e retirou uma mochila que pendurou nos ombros. Quando estava no lugar, ele pegou um rifle com mira de longo alcance. Quando ela viu, disse:

— Vamos caçar?

— Não, é para proteção. Tem muito urso por essas bandas.

Ela duvidou disso, mas não sabia no que acreditar. Por alguns minutos, andaram por uma trilha que alguém já usara, mas não com frequência. O aclive era leve, a mata densa de sassafrás, *Cercis canadensis*, *tiarellas* e *Silene virginica*, vida vegetal que de vez em quando ele apontava como se fosse fluente em outra língua. Por causa dela, ele andava num ritmo tranquilo, mas Samantha sabia que podia disparar montanha acima na hora que quisesse.

Logo ela estava ofegante e suada, mas decidida a ficar nos calcanhares dele. Era obrigatório que todo profissional liberal solteiro na cidade fosse membro de uma academia de ginástica, e não de qualquer uma. Tinha que ser a certa — o

lugar certo e o equipamento certo, a hora certa do dia ou da noite para ser visto transpirando, resmungando e ficando adequadamente tonificado por 250 dólares ao mês. A inscrição de Samantha desmoronou sob as exigências impiedosas da Scully & Pershing, expirou dois anos antes e não fazia a menor falta. Seus exercícios eram reduzidos a longas caminhadas pela cidade. Isso, somado ao hábito de uma dieta leve, mantinha-a magra, mas estava longe da aptidão física. As botas novas ficavam cada vez mais pesadas a cada volta enquanto eles subiam em ziguezague.

Pararam em uma pequena clareira e viram através das árvores um vale longo e profundo com cristas montanhosas a distância. A vista era espetacular e ela apreciou a pausa. Ele agitou o braço. — Estas são as montanhas com maior biodiversidade na América do Norte, muito mais antigas do que qualquer outra cadeia. Lar de milhares de espécies de plantas e de vida selvagem que não se encontram em outros lugares. Levou uma eternidade para que se tornassem o que são. — Uma pausa enquanto ele olhava a paisagem. Como um guia turístico que não precisava de estímulos, prosseguiu. — Cerca de um milhão de anos atrás, o carvão começou a se formar, em veios. Essa foi a maldição. Agora estamos destruindo as montanhas o mais rápido possível para extraí-lo e termos toda a energia barata que possamos devorar. Cada pessoa deste país usa nove quilos de carvão por dia. Fiz uma pesquisa sobre o uso do carvão por região, existe um site na internet. Sabia que em média uma pessoa em Manhattan usa quatro quilos diários de carvão das minas a céu aberto aqui dos Apalaches?

— Desculpe, não sabia disso. De onde vêm os outros cinco quilos?

— Das minas subterrâneas do Leste. Ohio, Pensilvânia, lugares onde mineram carvão à moda antiga e protegem as montanhas. — Ele baixou a mochila no chão e pegou um binóculo. Através deles, percorreu a vista e encontrou o que procurava. Passou o binóculo a ela.

— Ali, duas horas, você pode ver um pouco uma área cinza e marrom.

Ela olhou pelo binóculo e focalizou.

— Achei. Estou vendo — ela disse.

— Essa é a mina Bull Forge, West Virginia, uma das maiores operações de lavra em tiras já vistas.

— Li sobre isso ontem à noite. Tiveram problemas meses atrás. Pneus de veículos foram usados para prática de tiro ao alvo.

Ele se virou e sorriu para ela.

— Fazendo seu dever de casa, hein?

— Tenho um laptop e ele encontra o Google em Brady. Os ecoterroristas atacaram novamente, não é?

— É o que eles dizem.

— Quem são esses caras?

— Com sorte, jamais saberemos.

Ele estava um pouco na frente dela, ainda olhando ao longe, e enquanto falava sua mão esquerda por instinto se estendeu uns cinco centímetros e tocou a coronha do rifle. Ela por pouco não percebeu. Saíram da clareira e começaram a verdadeira subida. A trilha, quando existia, mal podia ser discernida, e Donovan parecia não notar. Ia de árvore em árvore, olhando para a frente, procurando o próximo marco, baixando os olhos para ver o caminho. A caminhada ficou mais íngreme e as coxas e panturrilhas de Samantha começaram a doer. As botas baratas beliscavam o arco dos pés. Sua respiração era difícil e depois de 15 minutos de subida silenciosa, ela disse:

— Trouxe alguma água?

Um toco apodrecido proporcionou um lugar de descanso agradável enquanto eles dividiam uma garrafa. Ele não perguntou como Samantha estava se saindo e ela não perguntou quanto tempo mais subiriam.

Quando recuperaram o fôlego, Donovan falou.

— Estamos na Dublin Mountain, a uns noventa metros do cume. A montanha vizinha é a Enid, que você verá em alguns minutos. Se tudo sair como planejado, daqui a seis meses a mineradora Strayhorn vai trazer os tratores, vai escalpelar completamente a montanha, destruir todas essas lindas madeiras, afugentar todos os animais e começar a explodir. A solicitação deles de permissão para lavrar em tiras está quase aprovada. Brigamos por dois anos, mas já está decidido por baixo dos panos. — Ele agitou o braço para as árvores. — Isso vai desaparecer como num passe de mágica.

— Por que pelo menos não aproveitam as árvores?

— Porque são burros. Depois que uma mineradora recebe o sinal verde, ela pira. Eles estão atrás do carvão e nada mais interessa. Destroem tudo no caminho… florestas, madeira, vida silvestre… e atropelam qualquer um que se intrometa: proprietários de terras, moradores, reguladores, políticos e em especial militantes e ambientalistas. É uma guerra sem meio-termo.

Samantha olhou a densa floresta e balançou a cabeça, sem acreditar.

— Não pode ser legalmente permitido.

— É, porque não é ilegal. A legalidade da remoção do cume da montanha está em litígio há anos; continua nos tribunais. Mas nada impediu isso.

— Quem é o dono dessas terras?

— Agora são da Strayhorn, então estamos invadindo e, pode acreditar, eles adorariam me pegar aqui três dias antes do julgamento. Mas não se preocupe, estamos em segurança. Por cem anos estas terras foram da família Herman. Eles venderam dois anos atrás e construíram uma mansão numa praia qualquer. —

Ele apontou para a direita. — Há uma antiga casa de família pouco depois daquele morro, uns oitocentos metros vale abaixo, foi da família por décadas. Agora está abandonada e vazia. Os tratores vão levar umas duas horas para derrubar a casa e os anexos. Tem um pequeno cemitério familiar embaixo de um antigo carvalho, não muito longe da casa, uma cerca de madeira branca e pequena em torno dos túmulos. Muito singular. Tudo será jogado no vale… lápides, caixões, ossos, o que for. A Strayhorn não dá a mínima, e os Herman enriqueceram o bastante para esquecer de onde vieram.

Ela tomou outro gole de água e tentou mexer os dedos dos pés. Ele tirou da mochila duas barras de cereais e entregou uma a Samantha.

— Obrigada.

— Mattie sabe que você está aqui? — perguntou ele.

— Vivo no pressuposto de que Mattie, Annette e Barb e até Claudelle sabem de cada movimento que faço. Como você diz, “é uma cidade pequena”.

— Não contei nada.

— É sexta-feira à tarde e as coisas ficam lentas no escritório. Eu disse a Mattie que você me perguntou se eu queria sair para ver a vista. É só isso.

— Que bom, então viemos ver a vista. Ela não precisa saber onde.

— Ela acha que você deve fazer acordo no processo, pelo menos conseguir alguma coisa para a mãe dos dois meninos.

Ele sorriu e deu uma grande dentada. Os segundos passaram, depois um minuto inteiro e Samantha percebeu que os longos hiatos na conversa não o deixavam pouco à vontade. Por fim, ele falou. — Eu adoro a minha tia, mas ela não entende nada de contencioso. Deixei a pequena ONG dela porque queria fazer grandes coisas, entrar em grandes processos, conseguir grandes veredictos, fazer as grandes mineradoras pagarem por seus pecados. Tive grandes vitórias e grandes derrotas e, como muitos advogados de tribunal, vivo na corda bamba. Altos e baixos. Muita grana num ano e quebrado no seguinte. Você deve ter tido uma prova disso quando criança.

— Não, nunca quebramos, longe disso. Eu sabia que meu pai às vezes perdia, mas sempre havia muito dinheiro. Pelo menos, até ele perder e ser preso.

— Como foi isso, de sua perspectiva? Você era adolescente, não?

— Olha, Donovan, você está separado de sua mulher e não quer falar disso. Tudo bem. Meu pai foi para a prisão e não quero falar disso. Vamos fazer um acordo.

— Fechado. Precisamos continuar.

Eles subiram, cada vez mais lentos à medida que a trilha desaparecia e o terreno ficava ainda mais íngreme. Pedras pequenas e grandes quicavam atrás deles enquanto se agarravam a árvores pequenas para se impelir para cima. A

certa altura, quando pararam para recuperar o fôlego, Donovan sugeriu que Samantha fosse na frente para que ele pudesse pegá-la se ela escorregasse. Ela assim fez e ele ficou perto, com a mão em seu quadril, de certo modo guiando-a, empurrando de leve. Por fim, chegaram ao cume da Dublin Mountain e saíram da floresta para uma pequena clareira rochosa.

— Aqui precisamos ter cuidado — disse ele. — É o nosso esconderijo. Pouco depois daquelas pedras, fica a Enid Mountain, onde a Strayhorn trabalha pesado. Eles têm seguranças que de vez em quando ficam de olho nesta área. Estamos em litígio há mais de um ano e tivemos altercações desagradáveis.

— De que tipo?

Ele tirou a mochila e encostou o rifle numa pedra. — Você viu as fotos em meu escritório. Da primeira vez que viemos aqui com um fotógrafo, eles nos pegaram e tentaram apresentar uma queixa. Corri ao juiz e consegui uma ordem que nos permitia um acesso muito limitado. Depois disso, o juiz nos disse para ficar longe da propriedade deles.

— Não vi nenhum urso. Por que o rifle?

— Proteção. Abaixe-se e venha aqui.

Eles se agacharam e deram alguns passos até um espaço entre dois rochedos. Abaixo deles estavam os restos da Enid, uma montanha que no passado se elevava a 975 metros, mas agora era reduzida a uma paisagem esburacada de poeira, pedra e maquinaria se arrastando. A operação era grande, estendendo-se dos restos da montanha e projetando-se para os cumes em volta. Veículos de mineração carregando cem toneladas de carvão fresco e não lavado desciam aos solavancos por uma série de estradas em ziguezague, firmemente, como formigas marchando em formação. Uma enorme dragline do tamanho do prédio de Samantha balançava de um lado a outro, sua caçamba arranhando o chão, retirando duzentos metros cúbicos de terra e largando em pilhas arrumadas. Carregadeiras com caçambas menores trabalhavam metodicamente para pegar a terra e largar em outra frota de caminhões, que a carregavam para uma área em que tratores a empurravam vale abaixo. No sopé da montanha, ou no local da mina, escavadeiras tiravam o carvão do veio exposto e o jogavam em caminhões que se afastavam lentamente quando carregados, esforçando-se sob sua carga. Nuvens de poeira pendiam acima de cada fase da operação.

Donovan, em voz baixa e contida, como se pudesse ser entreouvido, disse: — Um choque e tanto, hein?

— “Choque” é a palavra certa — disse ela. — Mattie me mostrou três minas de superfície no caminho para Colton na quarta-feira, mas não chegamos tão perto. Isso deixa a gente doente.

— Sim, e jamais nos acostumamos. Parece um estupro contínuo da terra, um

novo ataque a cada dia.

A violência era lenta, metódica e eficiente. Depois de alguns minutos, ele disse:

— Em dois anos eles destruíram quase 250 metros da montanha. Exploraram quatro ou cinco veios, restando mais ou menos isso para lavrar. Quando acabarem, a Enid terá produzido cerca de três milhões de toneladas de carvão, ao preço médio de sessenta dólares a tonelada. É fácil fazer as contas.

Eles se aproximaram, com o cuidado de não se tocarem realmente, e olharam a desolação. Um trator jogava uma carga perigosamente perto da beira e as pedras maiores rolaram por uma muralha de aterro de trezentos metros de altura. As pedras quicaram e caíram até que ficaram fora de vista, muito abaixo.

— É assim que acontece — disse ele. — Procure imaginar a montanha 150 metros mais alta, como era há 19 meses. Foi quando um desses tratores empurrou aquela pedra que viajou quase um quilômetro e meio antes de bater no trailer onde dormiam os meninos Tate. — Ele encontrou o binóculo e começou a investigar, depois passou a ela. — Agora fique abaixada. Bem lá embaixo, no vale, depois do aterro, dá para ver muito mal uma pequena construção branca. Antigamente era uma igreja. Está vendo?

— Sim — ela respondeu depois de alguns segundos.

— Logo depois da igreja havia um pequeno assentamento de algumas casas e trailers. Não dá para ver daqui. Como eu disse, fica a um quilômetro e meio e as árvores bloqueiam a vista. No julgamento, pretendemos mostrar um vídeo que reproduz o caminho que a pedra fez. Na realidade ela voou por cima da igreja, provavelmente a uns 130 quilômetros por hora, com base em seu peso, quicou uma ou duas vezes, depois bateu no trailer dos Tate.

— Você tem essa pedra?

— Sim e não. Pesa “umas seis toneladas, então não vamos carregá-la para o tribunal. Mas ainda está lá e temos muitas fotos. Quatro dias depois do acidente, a mineradora tentou removê-la com explosivos e máquinas, mas conseguimos impedir. Bandidos, não passam de bandidos. Apareceram com uma turma inteira um dia depois do enterro, entraram na propriedade a que não tinham direito e estavam prontos para o desmonte da pedra, sem se importar com quantos danos causariam ao resto todo. Chamei o xerife e foram momentos tensos.

— Você pegou o caso quatro dias depois do acidente?

— Não, peguei o caso um dia depois. Menos de 24 horas depois. Procurei o irmão da mãe. Aqui, é preciso ser rápido.

— Meu pai ficaria impressionado.

Donovan olhou o relógio e a Enid Mountain. — Eles marcaram uma explosão para as quatro da tarde, então você terá alguma emoção por aqui.

— Estou louca por isso.

— Está vendo aquele caminhão esquisito com uma espécie de guindaste na traseira, ali, bem para a esquerda?

— Está brincando? Tem uns cem caminhões.

— Não é um caminhão de carga, é muito menor. Está isolado.

— Tudo bem, sim, vejo. O que tem ele?

— Não sei o nome técnico, é uma espécie de perfuratriz, mas é conhecido aqui como caminhão explosivo.

Com o binóculo, Samantha focalizou o caminhão e a turma ocupada em volta dele.

— O que estão fazendo?

— Neste momento, começam a perfurar. O regulamento permite que eles cavem vinte metros com furos de 18 centímetros de diâmetro. Os furos ficam distantes entre si uns três metros, formando mais ou menos uma grade. O regulamento os limita a quarenta furos por explosão. O regulamento diz isso e aquilo, um monte de regras escritas. Não surpreende que eles as ignorem constantemente, e empresas como a Strayhorn estejam acostumadas a fazer o que querem. Ninguém está vendo, a não ser talvez algum grupo ambientalista aqui e ali. Eles farão um vídeo, entrarão com uma queixa, a mineradora recebe o incômodo de uma multa, uma leve repreensão do juiz e a vida continua. Os reguladores sacam seus cheques e continuam dormindo tranquilamente.

Um barbudo grandalhão esgueirou-se em silêncio atrás deles e deu um tapa no ombro de Donovan com um "bum!" alto.

Donovan gritou "merda!", enquanto Samantha dava um gritinho e deixava cair o binóculo. Surpresos, viraram-se e ficaram boquiabertos para a cara sorridente de um sujeito corpulento com quem ninguém ia querer ter uma briga.

— Filho da puta — sibilou Donovan sem procurar a arma.

Samantha buscava desesperadamente uma rota de fuga. O homem ficou abaixado e riu dos dois. Estendeu a mão para Samantha.

— Vic Canzarro, amigo das montanhas.

Ela tentava recuperar o fôlego e foi incapaz de estender a mão.

— Precisava quase nos matar de susto? — rosnou Donovan.

— Não, mas é muito mais divertido.

— Você o conhece? — perguntou Samantha.

— Infelizmente, sim. É um amigo, na verdade é mais um conhecido. Vic, esta é Samantha Kofer, estagiária da ONG de Mattie.

Enfim eles trocaram um aperto de mão.

— É um prazer — disse Vic. — O que trouxe você aos campos de carvão?

— É uma longa história — disse ela, soltando o ar, o coração e os pulmões

agora funcionando. — Uma história muito longa.

Vic baixou uma mochila e sentou numa pedra. Transpirava da subida e precisava de água. Ofereceu uma garrafa a Samantha, mas ela declinou.

— Columbia Law? — perguntou ele, olhando a camiseta.

— Sim. Eu trabalhava em Nova York até dez dias atrás, quando o mundo desmoronou e fui demitida, me puseram de licença ou coisa assim. Você é advogado?

Ela se sentou em outra pedra, e Donovan se juntou a ela.

— Que merda, não. Antigamente eu era fiscal de segurança de mina, mas consegui ser demitido. É outra longa história.

— Todos nós temos longas histórias — disse Donovan, pegando uma garrafa de água. — O Vic aqui é minha testemunha especialista. Um perito típico. Pague a ele o bastante e ele dirá ao júri o que você quiser. Na semana que vem ele vai passar um longo e divertido dia no banco das testemunhas enumerando uma lista interminável de violações de segurança da Strayhorn Coal. Depois os advogados de defesa vão devorar o almoço dele.

Vic riu dessa. — Estou ansioso por isso — disse ele. — Ir ao tribunal com Donovan é sempre empolgante, em particular quando ele vence, o que não acontece com muita frequência.

— Eu ganho tanto quanto perco.

Vic vestia camisa de flanela, jeans desbotado, botas com lama antiga grudada e tinha a aparência de um montanhista veterano que podia sacar uma barraca da mochila e passar a semana seguinte na mata.

— Eles estão perfurando? — perguntou ele a Donovan.

— Acabaram de começar, acho que a explosão é às quatro.

Vic olhou o relógio. — Estamos prontos para o julgamento?

— Ah, sim. Eles dobraram a oferta esta tarde para 200 mil. Eu contra-argumentei com 950.

— Você é louco, sabia? Aceite o dinheiro e consiga alguma coisa para a família. — Ele olhou para Samantha. — Conhece a história?

— A maior parte dela — disse Samantha. — Vi fotos e mapas.

— Nunca confie num júri por aqui. Eu sempre digo isso a Donovan, mas ele não me escuta.

— Vai filmar? — perguntou Donovan, mudando de assunto.

— Claro.

Eles bateram papo alguns minutos enquanto os homens olhavam constantemente os relógios. Vic pegou uma pequena câmera da mochila e assumiu uma posição entre dois rochedos. Donovan falou com Samantha.

— Como os fiscais não estão vendo, é seguro pressupor que a Strayhorn vai

infringir algumas regras quando começar a explodir. Vamos pegar tudo em vídeo e talvez mostrar ao júri na semana que vem. Não que realmente precisemos disso, porque temos muita sujeira sobre a companhia. Eles vão colocar seus engenheiros no banco de testemunhas e eles vão mentir, dizendo que seguiram rigorosamente todos os regulamentos. Vamos provar o contrário.

Ele e Samantha colocaram-se ao lado de Vic, que filmava e estava concentrado em seu trabalho.

Donovan disse: — Eles enchem cada buraco com um preparado conhecido como Anfo, um acrônimo para uma combinação de nitrato de amônia e óleo combustível. É perigoso demais para transportar, então misturam no local. É o que estão fazendo agora. Aquele caminhão está despejando diesel nos furos enquanto aquela turma à esquerda prepara as cápsulas de detonação e os detonadores. Quantos furos, Vic?

— Contei sessenta.

— Então, claramente estão violando as regras, o que era de se esperar.

Samantha olhava pelo binóculo enquanto os homens com pás começaram a preencher os furos. Um fio corria do alto de cada um e dois homens se ocupavam reunindo os fios em um feixe. Sacas de nitrato de amônia eram despejadas nos furos, que cobriram com galões de diesel. O trabalho era lento; as quatro da tarde chegaram e passaram. Enfim, quando o caminhão se afastou, Donovan disse: — Não vai demorar muito.

A grade foi evacuada enquanto operários e caminhões desapareciam. Soou uma sirene e a área de mineração ficou em silêncio.

As explosões foram um pouco distantes, enquanto nuvens de poeira e fumaça eram lançadas no ar, cada estouro só uma fração de segundo depois do anterior. As nuvens se elevavam em formação perfeita, como fontes num espetáculo de águas em Las Vegas, e a terra começou a esfarelar. Um pedaço largo de rocha antiga caiu em ondas violentas enquanto o chão se sacudia. A poeira ferveu do local da explosão e formou uma nuvem grossa acima dela. Sem vento nenhum, a nuvem pairou sobre o entulho sem ter para onde ir.

— Eles estão explodindo três vezes por dia — continuou Donovan. — A permissão é de apenas duas. Multiplique tudo isso por dezenas de minas de superfície ativas e eles estão usando uns 500 mil quilos de explosivos diariamente aqui na terra do carvão.

— Temos um problema — disse Vic calmamente. — Fomos vistos.

— Onde? — perguntou Donovan, pegando o binóculo de Samantha.

— Lá em cima, perto do trailer.

Donovan focalizou o trailer. Em uma plataforma ao lado, dois homens com capacetes aparentemente os observavam dos próprios binóculos. Donovan

acenou; um dos homens retribuiu o aceno. Donovan lhe mostrou o dedo médio; o homem retribuiu a saudação.

— Há quanto tempo estão ali? — perguntou ele.

— Não sei — disse Vic. — Mas vamos dar o fora daqui.

Pegaram as mochilas e a arma e começaram a descer apressadamente a montanha. Samantha escorregou e quase caiu. Vic a segurou e manteve a mão dela apertada na sua. Eles seguiram Donovan, abaixando-se entre as árvores, esquivando-se de pedras, abrindo caminho pelo mato, sem uma trilha visível que fosse. Depois de alguns minutos, pararam numa área estreita e aberta. Vic apontou.

— Eu vim por aqui. Me liga quando chegar a seu jipe.

Ele desapareceu na mata e os dois continuaram a descer. A trilha não era tão íngreme e eles conseguiram correr com cuidado algumas centenas de metros.

— Estamos bem? — perguntou por fim Samantha.

— Estamos ótimos — disse ele calmamente. — Eles não conhecem as trilhas como eu. E se nos pegarem não podem nos matar.

Ela viu pouco conforto nisso. Apressaram o passo à medida que a trilha aplainava. O jipe entrou em seu campo de visão a cem metros e Donovan parou um segundo procurando outros veículos.

— Não nos encontraram — disse ele.

Enquanto partiam de carro, ele mandou um torpedo para Vic. *Tudo limpo*.

Desceram quicando a montanha, desviando-se de buracos e valas largas o bastante para engolir o jipe e, depois de alguns minutos, Donovan falou.

— Não estamos mais na propriedade da Strayhorn. — Quando ele pegou uma estrada pavimentada da mesma largura, uma picape coberta de poeira apareceu numa curva. — São eles — disse.

A picape foi para o meio da estrada para bloquear o jipe, mas Donovan pisou no acelerador e passou por ela pelo acostamento. Pelo menos três sujeitos de aparência rude e capacete estavam na picape, carrancudos e procurando problemas. Pararam abruptamente e começaram a manobrar para segui-los, mas o jipe os deixou para trás. Correndo pelas estradas secundárias de Hopper County, Donovan ficou de olho no retrovisor e não disse nada.

— Acha que eles pegaram o número de sua placa? —perguntou ela.

— Ah, eles sabem que sou eu. Vão correr até o juiz na manhã de segunda e chorar feito bebês. Negarei tudo e direi que parem com a choradeira. Vamos escolher um júri.

Eles passaram pelo fórum na Center Street em Colton. Donovan apontou nessa direção.

— Ali. Marco zero. O fórum mais feio da Virginia.

— Estive ali na quarta com Mattie.

— Gostou do tribunal?

— É meio esquisito, mas não sou bem uma especialista em tribunais. Sempre procurei evitá-los.

— Eu adoro. É o único lugar em que o cara pequeno pode brigar de igual para igual com uma corporação grande e picareta. Uma pessoa sem nada… sem dinheiro, sem poder, com nada além de um conjunto de fatos, pode entrar com um processo e forçar uma empresa de um bilhão de dólares a aparecer para uma briga justa.

— Nem sempre é justa, né?

— Claro que é. Se eles trapaceiam, eu também trapaceio. Se jogam sujo, jogo mais sujo ainda. Você tem que adorar a justiça.

— Você parece meu pai. Está me assustando.

— E você parece minha mulher. Ela não tem estômago para o trabalho que faço.

— Vamos falar de outra coisa.

— Tudo bem, tem planos para amanhã?

— Sábado em Brady. A ONG está fechada, então, quais são minhas opções?

— Que tal outra aventura?

— Envolve armas?

— Não, prometo não levar arma.

— Vamos invadir a propriedade de alguém? Alguma possibilidade de sermos presos?

— Não, prometo.

— Parece bem chato. Eu topo.

# 13

Blythe telefonou de manhã bem cedo no sábado com a incrível notícia de que tinha o dia de folga, uma raridade em seu mundo. Sua situação no emprego se estabilizara; a firma aparentemente parou a sangria. Ninguém foi para o olho da rua nos últimos cinco dias e a esperança finalmente voltava a circular. Um lindo dia de outono na cidade, sem nada para fazer, a não ser compras e se preocupar com o almoço, desfrutar o fato de ser jovem e solteira. Ela sentia falta de sua companheira de apartamento e naquele momento Samantha teve uma dolorosa saudade de casa. Estava longe apenas duas semanas, mas, em vista da distância, parecia um ano. Conversaram meia hora antes que as duas precisassem começar o dia.

Samantha tomou banho e se vestiu rápido, ansiosa para sair de casa antes que Kim e Adam aparecessem quicando com uma lista de coisas para fazer. Até agora, Annette e os filhos deixavam que sua hóspede entrasse e saísse sem que reparassem. Ela fazia o maior silêncio possível e ainda não os vira espiando entre telas e cortinas. Mas sabia que a maior parte da cidade estava curiosa com aquela estranha de Nova York. Por esse motivo e porque a situação conjugal dele andava instável, Donovan sugeriu que ela o encontrasse no aeroporto do condado, 17 quilômetros a leste da cidade. Começariam então a aventura seguinte, cujos detalhes ele guardou. Ela ficou surpresa ao saber que havia um aeroporto num raio de 150 quilômetros de Brady.

Na noite de sexta-feira, ela pesquisou na internet e não encontrou nada. Como é possível que um aeroporto não tenha um site? Não só não tinha site, como não tinha avião, ou pelo menos nenhum que ela conseguisse ver enquanto a estrada de cascalho chegava ao fim no campo de pouso de Noland County. O jipe de Donovan estava estacionado ao lado de uma construção pequena de metal e era o único veículo à vista. Ela passou pela única porta que viu e atravessou o que parecia ser o saguão, com cadeiras dobráveis e mesas de metal com revistas sobre aviação. As paredes eram cobertas de fotos desbotadas de aviões e fotos aéreas. A outra porta dava para a pista e ali estava Donovan ocupado com um avião muito pequeno. Ela se aproximou.

— O que é isso?

— Bom dia — disse ele com um largo sorriso. — Dormiu bem?

— Oito horas. Você é piloto?

— Sou, e *isso* é um Cessna 172, mais conhecido como Skyhawk. Exerço a

advocacia em cinco estados e este amiguinho me ajuda a andar por aí. Além disso, é uma ferramenta valiosa para espionar mineradoras.

— É claro. E vamos espionar?

— Algo parecido. — Ele gentilmente fechou e trancou a capota que cobria o motor. — Pré-voo encerrado e ele está pronto para decolar. Sua porta fica do outro lado.

Samantha não se mexeu.

— Não tenho muita certeza disso. Nunca voei numa coisa tão pequena.

— É o avião mais seguro que já construíram. Tenho três mil horas e sou muito habilidoso, em especial em um dia perfeito como o de hoje. Nenhuma nuvem no céu, temperatura ideal, e as árvores estão vivas das cores do outono. Hoje é o sonho de um piloto.

— Não sei, não.

— Sem essa, onde está seu senso de aventura?

— Mas só tem um motor.

— E só precisa de um. E se o motor pifar, vou planar para sempre e vamos encontrar um belo pasto em algum lugar.

— Nessas montanhas?

— Vamos, Samantha.

Ela contornou lentamente a cauda e foi para a porta do lado direito, debaixo da asa. Ele a ajudou a se sentar e gentilmente fechou o cinto de segurança e o arnês do ombro. Trancou a porta e contornou para o lado esquerdo. Ela olhou para trás, o assento traseiro apertado, e à frente, a parede de instrumentos e indicadores.

— Você tem claustrofobia? — perguntou ele ao fechar o cinto de segurança e o arnês. Seus ombros estavam a três centímetros de distância.

— Agora tenho.

— Você vai adorar. Estará pilotando antes que o dia acabe. — Ele lhe passou um fone de ouvido. — Coloque isto. É muito barulhento aqui e vamos conversar por eles. — Arrumaram os fones. — Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

Polegares para cima, o conjunto de fones de ouvido e microfones estava funcionando. Ele pegou uma lista de verificação e correu os itens, tocando cuidadosamente cada instrumento e indicador. Puxou o manche para trás e empurrou. Outro idêntico do lado dela se moveu, acompanhando.

— Por favor, não toque nisso — disse ele.

Ela balançou a cabeça rapidamente; não ia tocar em nada. — Tudo certo — disse ele e girou a chave. O motor ganhou vida enquanto a hélice começava a rodar. O avião se sacudiu quando ele empurrou o manche. Ele anunciou suas

intenções pelo rádio e começaram a taxiar pela pista, que parecia curta e estreita, pelo menos para ela.

— Tem alguém ouvindo? — perguntou ela.

— Duvido. Está muito tranquilo esta manhã.

— Você tem o único avião de Noland County?

Ele apontou alguns hangares pequenos à frente, junto da pista.

— Tem mais alguns ali. Não muitos. — No fim da pista, acelerou o motor novamente e voltou a verificar controles e instrumentos. — Segure-se. — Ele empurrou o manche, soltando suavemente os freios, e eles estavam rodando. À medida que ganhavam velocidade, ele contou calmamente: — Cento e trinta quilômetros por hora, 150, 160. — Em seguida puxou o manche para trás e eles saíram do asfalto. Por um momento, ela ficou tonta e seu estômago revirou. — Você está bem? — perguntou ele sem olhar para Samantha.

— Ótima — disse ela entre os dentes. À medida que subiam, ele começou a virar para a esquerda e completar um giro de 180 graus. Voavam baixo, pouco acima das árvores, e ele pegou a estrada principal.

— Está vendo a picape verde estacionada ali, na frente daquela loja? — perguntou ele. Ela concordou com a cabeça. — Foi aquele babaca que me seguiu hoje de manhã. Segure-se. — Ele mexeu no manche e as asas baixaram e subiram, uma saudação ao babaca da picape verde. Quando ficou fora de vista, voltou a subir.

— Por que eles seguiram você num sábado de manhã? — perguntou ela, os nós dos dedos brancos cravando-se nos joelhos.

— Tem que perguntar a eles. Talvez devido ao que aconteceu ontem. Talvez porque vamos a tribunal na segunda-feira para um grande julgamento. Quem sabe? Eles me seguem o tempo todo.

De repente ela se sentia um pouco mais segura no ar. Quando chegaram a Brady,, ela estava relaxada e olhava a paisagem não muito abaixo. Ele passou zunindo pela cidade a uma altitude de 150 metros e lhe deu uma panorâmica de onde ela morava e trabalhava. A não ser por um passeio em um balão de ar quente nas Catskills, ela nunca vira a terra de uma altitude tão baixa, e era fascinante, até emocionante. Ele subiu para trezentos metros e nivelou enquanto passavam pelas colinas. O rádio estava no mesmo silêncio do falso carro-patrulha de Romey.

— E radar, controle de tráfego aéreo e coisas assim? — perguntou Samantha. — Tem alguém lá?

— Provavelmente não. Estamos voando VFR, Regras de Voo Visual, então não é necessário checar com o controle de tráfego. Em uma viagem de negócios, eu entregaria o plano de voo e entraria no sistema de tráfego aéreo, mas não

hoje. Só estamos passeando. — Ele apontou uma tela e explicou. — Este é meu radar. Se chegarmos perto de outro avião, vai aparecer aqui. Relaxe, nunca sofri um acidente.

— Nem chegou perto?

— Não. Levo isso muito a sério, como a maioria dos pilotos.

— Que ótimo. Aonde vamos?

— Não sei. Aonde você quer ir?

— O piloto é você e não sabe aonde vamos?

Ele sorriu, inclinou para a esquerda e apontou um instrumento.

— Este é o altímetro; monitora a altitude, o que é muito importante quando você está nas montanhas. — Eles se aproximavam aos poucos de 1.500 pés de altitude, onde ele nivelou. Apontou para fora. — Aquela é a Cat Mountain, ou o que resta dela. Uma operação grande. — À frente e à direita de Samantha estava a mina de superfície, parecida com todo o resto: uma paisagem inóspita de pedras e terra no meio de lindas montanhas, com o aterro empurrado bem abaixo nos vales.

Ela pensou em Francine Crump, a cliente em busca de um testamento grátis, e as terras que ela queria preservar. Ficava em algum lugar ali embaixo, perto da Cat Mountain. Havia casas pequenas junto de riachos, uma comunidade aqui e ali. O Skyhawk inclinou muito para a direita e fez um 360 perfeito, Samantha olhava bem abaixo, os veículos de mineração e caminhões de carga e outra maquinaria. Uma perfuratriz, carregadeiras frontais, uma dragline, caminhões fora de estrada superpesados, escavadeiras, pás-carregadeiras. Seu conhecimento estava aumentando. Ela localizou um supervisor em pé ao lado de um escritório, esforçando-se para ver o avião.

— Eles trabalham no sábado, é? — perguntou ela.

Ele assentiu. — Sete dias na semana, às vezes. Todos os sindicatos acabaram. — Eles subiram para três mil pés e nivelaram. — Agora estamos sobrevoando o Kentucky, indo para oeste e norte — disse ele. Se não fosse pelos fones, ele teria que gritar com o ronco do motor. — Olhe. É demais para contar.

As minas a céu aberto pontilhavam as montanhas como cicatrizes feias, dezenas delas, pelo que Samantha podia ver. Eles voaram bem acima de várias. Entre as minas, ela notou vastas áreas cobertas de mato e algumas árvores pequenas.

— O que é aquilo? — perguntou ela, apontando bem à frente. — Aquele trecho plano sem nenhuma árvore?

— Uma vítima, um local resgatado que já foi uma mina de superfície. Esta em particular antigamente era a Persimmon Mountain, 760 metros de altitude. Eles acabaram com o cume, pegaram o carvão, depois se dedicaram à sua

recuperação. A lei exige que tenha o “contorno original aproximado”, esse é o jargão empregado. Mas como você substitui uma montanha depois que ela some?

— Li sobre isso. A terra deve ser igual ou melhor do que antes da mineração.

— Que piada. As mineradoras lhe dirão que recuperar terras é ótimo para o desenvolvimento… shopping centers, condomínios, coisas assim. Construíram um presídio na Virginia. E construíram um campo de golfe em outro. O problema é que ninguém joga golfe por aqui. A recuperação é uma piada. Eles sobrevoaram outra mina de superfície, depois outra. Após algum tempo, tudo que viam era igual.

— Quantas estão ativas hoje? — perguntou ela.

— Dezenas. Perdemos cerca de seiscentas montanhas nos últimos trinta anos para a lavra em tiras e, a essa taxa, não nos sobrará nenhuma. A demanda por carvão aumenta, o preço está alto, e assim as empresas procuram agressivamente permissão para começar a lavrar. — Ele inclinou para a direita. — Agora vamos para o norte, para West Virginia.

— Você tem licença para advogar lá? — perguntou ela.

— Sim, e na Virginia e no Kentucky.

— Você falou cinco estados antes de decolarmos.

— Às vezes vou para o Tennessee e a Carolina do Norte, mas não com muita frequência. Estamos em litígio com uma mineradora na Carolina do Norte, um monte de advogados envolvidos. Caso grande.

Ele adorava seus casos grandes. As montanhas perdidas de West Virginia pareciam iguais às do Kentucky. O Cessna descrevia um ziguezague para direita e esquerda, inclinando-se muito para que ela desse outra olhada na devastação, depois nivelava para verificar outra.

— Essa era a mina Bull Forge, bem à frente — disse ele. — Você a viu ontem do chão.

— Ah, sim. Os ecoterroristas. Aqueles caras estão irritando de verdade as mineradoras.

— A intenção é essa mesmo.

— Que pena que você não trouxe o rifle, assim podíamos explodir alguns pneus do ar.

— Eu pensei nisso.

Depois de uma hora voando, Donovan começou uma lenta descida. A essa altura, ela estava familiarizada com o altímetro, o indicador de velocidade do ar e a bússola. A dois mil pés de altitude, ela perguntou:

— Temos um destino?

— Sim, mas primeiro quero te mostrar outra coisa. Vai aparecer aí do seu

lado uma área conhecida como Hammer Valley. — Ele esperou um minuto para se livrarem de uma crista; surgiu um vale longo e íngreme. — Vamos começar a descer aqui, na ponta, perto da cidade de Rockville, trezentos habitantes. — Dois pináculos de igreja se elevavam entre as árvores, depois a cidade entrou em vista, um vilarejo pitoresco em torno de um regato, cercado de montanhas. Sobrevoaram a cidade e seguiram o rio. Dezenas de casas, principalmente trailers, espalhavam-se pelas estradas estreitas do condado. — Isto aqui é conhecido por ser um *cluster* de câncer. O Hammer Valley tem o mais alto índice de câncer da América do Norte, quase vinte vezes a média nacional. Formas ruins de câncer… Fígado, rins, estômago, útero, muita leucemia. — Ele puxou gentilmente o manche e o avião subiu enquanto um grande monte se elevava diante deles. Livraram-se dele por um metro e de repente estavam sobre uma mina recuperada. — E é por isso — disse ele. — A lavra em tiras da Peck Mountain.

A montanha sumira, substituída por morros pequenos, alisados por tratores e cobertos de grama marrom. Atrás de uma barragem de aterro, uma grande massa de líquido negro aparecia, ameaçadora.

— Esta é a bacia de lama tóxica. Uma empresa chamada Starke Energy veio para cá uns trinta anos atrás e retirou todo o carvão, um dos primeiros grandes locais de remoção nos Apalaches. Eles o lavaram bem aqui e despejaram os dejetos em um pequeno lago que antigamente era imaculado. Depois construíram essa represa e deixaram o lago um pouco maior. Eles circulavam a bacia a mil pés de altitude. — A Starke um dia vendeu para a Krull Mining, outra fachada de uma empresa que na realidade pertence a um oligarca russo, um bandido que tem seu dedo em várias minas pelo mundo.

— Um russo?

— Ah, é. Temos russos, ucranianos, chineses, indianos, canadenses, assim como a linhagem habitual de caubóis de Wall Street e vira-casacas locais. Há muitos proprietários ausentes por aqui nos campos de carvão, e você pode imaginar o quanto eles se importam com as terras e as pessoas.

Ele inclinou novamente, e Samantha olhava fixamente o lodo, que, de uma altitude de trezentos metros, parecia ter a textura de petróleo bruto.

— Isso é muito feio — disse ela. — Outro processo?

— O maior até agora.



Eles pousaram em uma pista ainda menor do que a de Noland County, sem nenhum sinal de haver alguma cidade por perto. Enquanto taxiavam para o estacionamento, ela viu Vic Canzarro recostado numa cerca, esperando. Pararam perto do terminal; não havia outra aeronave à vista. Donovan desligou o motor, correu a lista de verificação pós-voo, e eles saíram do Skyhawk. Como era esperado, Vic dirigia uma picape possante, adequada para encontros fora de estrada com guardas de segurança. Samantha se sentou no banco traseiro com um *cooler*, algumas mochilas e, naturalmente, dois rifles. Vic era fumante, não da variedade chaminé, mas ainda assim um entusiasta. Ele abriu um pouco a janela do motorista, o suficiente para que metade da fumaça escapasse enquanto a outra metade rodopiava pela cabine. Depois do segundo cigarro, Samantha estava com náuseas e baixou a janela atrás de Donovan. Ele perguntou o que ela estava fazendo. Ela falou com franqueza e isso deu início a uma conversa tensa entre Donovan e Vic sobre seus hábitos. Ele jurou que estava tentando largar, na verdade parou em várias ocasiões e confessou que tinha medo da probabilidade de uma morte terrível por câncer de pulmão. Donovan bateu duro, deixando Samantha com a nítida impressão de que os dois se bicavam pelo mesmo motivo já há algum tempo. Nada se resolveu e Vic acendeu outro.

Os morros e trilhas os levavam para o fundo de Hammer Valley, e finalmente à casa em ruínas de certo Jesse McKeever. — Quem é o Sr. McKeever e por que o estamos visitando? — perguntou ela do banco traseiro enquanto pegavam a entrada para carros. — Um possível cliente — disse Donovan. — Ele perdeu a mulher, um filho, uma filha, um irmão e dois primos para o câncer. Rins, fígado, pulmão, cérebro, praticamente o corpo todo. — A picape parou, e esperaram um segundo pelo cachorro. Um pit bull furioso voou da varanda e correu até eles, pronto para comer os pneus. Vic buzinou e Jesse finalmente apareceu. Chamou o cachorro, bateu nele com a bengala, xingou e mandou que fosse para o quintal nos fundos. O cachorro espancado obedeceu e sumiu.

Eles se sentaram em engradados e cadeiras velhas debaixo de uma árvore no jardim. Samantha não foi apresentada a Jesse, que a ignorou solenemente. Era um velho rude que parecia ter muito mais de 60 anos, com poucos dentes e rugas fundas, fruto de uma vida difícil. A carranca severa nunca abandonava seu rosto. Vic testara a água do poço de McKeever e os resultados, embora previsíveis,

eram terríveis. A água estava contaminado com COV — compostos orgânicos voláteis —, venenos como cloreto de vinila, tricloroetileno, mercúrio, chumbo e uma dezena de outros. Com muita paciência, Vic explicou o que significavam essas palavras complicadas. Jesse entendeu a essência da mensagem. Não só não era seguro beber dela; não devia ser usada para nada e ponto final. Nem para cozinhar, tomar banho, escovar os dentes, lavar roupas ou pratos. Nada. Jesse explicou que eles começaram a comprar água potável uns 15 anos antes, mas continuaram a usar a água do poço para tomar banho e limpar a casa.

O filho morreu primeiro, com câncer no trato digestivo. Donovan ligou um gravador e o colocou sobre um engradado de leite. Sem formalidades e demonstrando profunda empatia, obteve por uma hora o histórico da família de Jesse e os cânceres que a assolaram. Vic ouvia, fumava e, de vez quando, fazia uma pergunta. As histórias eram de dar nós nas tripas, mas Jesse passou por elas sem muita emoção. Tinha visto tantas desgraças que ficou endurecido com o tempo.

— Quero que se junte ao nosso processo, Sr. McKeever — disse Donovan depois de desligar o gravador. — Pretendemos processar a Krull Mining no tribunal federal. Achamos que podemos provar que eles jogaram muitos dejetos no lago deles lá em cima e que sabiam que estava vazando para o lençol freático daqui.

Jesse pousou o queixo na bengala e parecia cochilar.

— Processo nenhum vai trazer ninguém de volta. Eles se foram para sempre.

— É verdade, mas eles não tinham que morrer. Esse lago de lama os matou e os homens que são donos dele devem pagar.

— Quanto?

— Não posso lhe prometer nem um centavo, mas vamos processar a Krull por milhões. Terá muita companhia, Sr. McKeever. No momento temos cerca de outras trinta famílias aqui em Hammer Valley que assinaram conosco e estão prontas para entrar na briga. Todas perderam alguém para o câncer, nos últimos dez anos.

Jesse cuspiu de lado e limpou a boca na manga.

— Ouvi falar de você. Muita falação por todo o vale. Tem gente que quer processar, outros ainda estão com medo da mineradora, embora ela tenha terminado por aqui. Sinceramente não sei o que fazer. Só posso lhe dizer isso. Não sei que lado seguir.

— Tudo bem, pense no assunto. Mas me prometa uma coisa; quando estiver pronto para brigar, ligue para mim, e não para outro advogado. Estou trabalhando nesse caso há três anos e ainda não entramos com a ação. Preciso que esteja do meu lado, Sr. McKeever.

Ele concordou em pensar no assunto e Donovan prometeu voltar em duas semanas. Deixaram Jesse na sombra, o cachorro mais uma vez a seu lado, e partiram. Não disseram nada até que Samantha perguntou:

— Como você vai provar que a mineradora sabia que seus dejetos estavam contaminando a água do Sr. McKeever?

Os dois no banco da frente se olharam e, por alguns segundos, não houve resposta. Vic pegou um cigarro e Donovan enfim falou.

— A empresa tem documentos internos que claramente provam que ela sabia da contaminação e não fez nada; na verdade, ela acobertou tudo nos últimos dez anos.

Ela voltou a abrir a janela e respirou fundo.

— Como vocês conseguiram os documentos, se ainda não entraram com a ação?

— Eu não disse que temos os documentos — disse Donovan, um pouco na defensiva.

— Fizeram algumas investigações, a Agência de Proteção Ambiental e outros órgãos reguladores — acrescentou Vic. — Tem muita papelada.

— A agência encontrou esses documentos internos? — perguntou ela.

Os dois homens demonstraram hesitação. — Nenhum deles — respondeu Vic.

Houve um vazio na conversa enquanto ela recuava. Eles pegaram a estrada de cascalho e quicaram por mais ou menos um quilômetro e meio.

— Quando vocês vão entrar com o processo? — perguntou ela.

— Em breve — disse Donovan.

— Bom, se vou trabalhar em seu escritório, preciso saber dessas coisas, né?

Donovan não respondeu. Viraram para a frente de um trailer velho e estacionaram atrás de um carro sujo sem calotas e um para-choque pendurado por um arame.

— E quem é agora? — perguntou ela.

— Dolly Swaney — disse Donovan. — O marido dela morreu de câncer há dois anos, aos 41.

— Ela é cliente sua?

— Ainda não — disse Donovan enquanto abria a porta.

Dolly Swaney apareceu na varanda com degraus quebrados de um anexo caindo aos pedaços. Era imensa e usava um vestido grande e manchado que caía quase até os pés descalços.

— Acho que vou esperar no carro — disse Samantha.



Eles almoçaram cedo no único restaurante do centro de Rockville, um lugar quente e sufocante com cheiro de gordura pesado no ar. A garçonete colocou três copos de água gelada na mesa; os três copos ficaram intocados. Em vez disso, pediram refrigerantes diet para acompanhar os sanduíches. Sem ninguém sentado por perto, Samantha decidiu continuar com as perguntas.

— E então, se você já tem trinta clientes e está trabalhando no caso há três anos, por que ainda não entrou com a ação?

Os dois homens olharam em volta como se alguém pudesse ouvir. Satisfeito, Donovan respondeu em voz baixa:

— Esse é um caso de vulto, Samantha. Dezenas de mortes, uma ré com bolsos muito fundos e responsabilidade legal que acredito que possamos deixar clara no julgamento. Já gastei cem mil dólares no caso e vai custar muito mais do que isso para levá-lo a júri. Leva tempo: tempo para assinar com os clientes, tempo para fazer a pesquisa, tempo para reunir uma equipe jurídica que possa combater o exército de advogados e especialistas que a Krull Mining vai usar em sua defesa.

— Também é perigoso — acrescentou Vic. — Tem um monte de bandidos nos campos de carvão e a Krull Mining é uma das piores. Não só é uma mineradora impiedosa, como também uma litigante cruel. É um belo processo, mas lidar com a Krull Mining tem assustado muitos advogados, caras que em geral topam os grandes casos ambientais.

— Por isso preciso de alguma ajuda — disse Donovan. — Se você estiver entediada e quiser fortes emoções, vamos trabalhar. Tenho uma tonelada de documentos que precisam ser examinados.

Ela reprimiu o riso.

— Que ótimo, mais exame de documentos. Passei o primeiro ano na firma enterrada em uma catacumba sem fazer nada além de examinar documentos. Na *Big Law*, é a maldição de todo associado novato.

— Isso será diferente, posso lhe garantir.

— São os documentos incriminadores?

Os dois homens olharam em volta de novo. A garçonete chegou com os refrigerantes e os deixou. Sem dúvida não estava nem aí para litígios. Samantha curvou-se e bateu duro.

— Vocês já têm esses documentos, não é?

Donovan respondeu: — Digamos que temos acesso a eles. Estão desaparecidos. A Krull Mining sabe que estão desaparecidos, mas não sabe com quem estão. Depois de entrarmos com a ação, a empresa vai saber que tenho acesso a eles. É só o que posso dizer.

Enquanto ele falava, Vic a olhava atentamente, observando sua reação. Seu olhar dizia: “Ela é de confiança?” Seu olhar também era cético. Ele queria falar de outra coisa.

— O que a Krull Mining vai fazer quando souber que vocês têm acesso aos documentos? — perguntou Samantha.

— Vai entrar em polvorosa, mas que se dane. Estaremos em um tribunal federal, com sorte teremos um bom juiz, um juiz que vai dar uma dura neles.

Os pratos chegaram, sanduíches mirrados ao lado de pilhas de batatas fritas, e começaram a comer. Vic perguntou a ela sobre Nova York e sua vida lá. Eles estavam intrigados com seu trabalho em uma firma com mil advogados só num prédio e com sua especialidade na construção de arranha-céus. Ela ficou tentada a fazer parecer um tanto glamouroso, mas não conseguiu invocar o artifício necessário. Enquanto ignorava o sanduíche e brincava com as fritas, não pôde deixar de se perguntar onde estariam almoçando Blythe e suas amigas; claro que em algum restaurante elegante no Village, com guardanapos de pano, uma carta de vinhos e *haute cuisine*.

Outro mundo.

# 14

O Skyhawk subiu a cinco mil pés, nivelou e Donovan perguntou: — Está pronta?

No momento ela desfrutava do voo a altitude baixa e absorvia a paisagem, mas não tinha vontade de assumir os controles.

— Segure delicadamente o manche — disse ele e ela obedeceu. — Também estou segurando, então não se preocupe — disse ele calmamente. — O manche controla a altura do nariz, para cima e para baixo, e também vira o avião. Todos os movimentos são curtos e lentos. Vire um pouco para a direita. — Ela virou e eles começaram uma inclinação gradual para o lado dela. Ela virou para a esquerda e nivelaram. Ela empurrou o manche para frente, o nariz mergulhou e começaram a perder altitude. Samantha olhou o altímetro. — Nivele em 4.500 — disse ele. — Mantenha as asas niveladas.

A partir de 4.500 pés, subiram a cinco mil, e Donovan pôs as mãos no colo.

— Como está sendo?

— Incrível — disse ela. — Nem acredito que estou fazendo isso. É tão fácil.

O Skyhawk reagia ao mais leve movimento do manche. Depois de perceber que não ia provocar um acidente, Samantha conseguiu relaxar um pouco e curtir a emoção de seu primeiro voo.

— É um ótimo avião, simples e seguro, e você está pilotando. Pode voar sozinha em um mês.

— Não vamos apressar as coisas.

Eles voaram retos e nivelados por alguns minutos, sem falar nada. Samantha observava atentamente os instrumentos, olhando apenas brevemente as montanhas abaixo. — E então, capitão, para onde vamos?

— Nem imagino. Não sei onde estamos nem aonde vamos.

— O que gostaria de ver?

Ela pensou por um momento. — Mattie me falou do lugar de sua família e o que aconteceu lá. Gostaria de ver a Gray Mountain.

Ele hesitou por um segundo. — Então, olhe o indicador de rumo e vire à esquerda para 190 graus. Faça lentamente e mantenha nivelado.

Ela executou a volta com perfeição e manteve o Skyhawk a cinco mil pés. Depois de alguns minutos, perguntou:

— Tudo bem, o que aconteceria agora se o motor pifasse?

Ele deu de ombros como se isso nunca passasse por sua cabeça. — Primeiro,

eu tentaria religar o motor. Se não desse certo, procuraria uma superfície plana, um pasto ou oleoduto, talvez até uma pista. A cinco mil pés, um Skyhawk pode planar por dez quilômetros, então há muito tempo. Quando encontrasse o lugar, eu tentaria avaliar o vento na descida e faria uma perfeita aterrissagem de emergência.

— Não vejo nenhuma área aberta por aqui.

— Então, escolha sua montanha e torça pelo melhor.

— Desculpe ter perguntado.

— Relaxe. As fatalidades nesses aviões são raras e sempre são causadas por erro do piloto. — Ele bocejou e ficou em silêncio por um tempo. Samantha achou impossível relaxar inteiramente, mas ficava mais confiante a cada minuto. Depois de uma longa pausa na conversa, ela olhou seu copiloto, que parecia cochilar. Ele estava de brincadeira com ela, ou realmente dormia? Seu primeiro impulso foi gritar ao microfone e assustá-lo; em vez disso, ela olhou os instrumentos, cuidou para que o avião voasse reto e as asas estivessem perfeitamente niveladas e lutou para conter o pânico. Percebeu que estava agarrando o manche e o soltou por um segundo. O indicador de combustível mostrava meio tanque. Se ele queria dormir, que dormisse. Ela lhe daria alguns minutos para cochilar, depois, pânico. Ela soltou o manche de novo e percebeu que o avião voava sozinho, com apenas um leve toque aqui e ali, para fazer correções. Olhou o relógio. Cinco minutos, dez, quinze. As montanhas passavam lentamente abaixo deles. Não havia nada no radar indicando tráfego. Ela continuou calma, mas havia a crescente sensação de que precisava gritar.

Ele acordou tossindo e rapidamente passou os olhos pelos instrumentos.

— Ótimo trabalho, Samantha.

— Como foi a sua soneca?

— Perfeita. Às vezes fico sonolento aqui em cima. O barulho do motor é monótono e tenho dificuldade para ficar acordado. Em viagens longas, ligo o piloto automático e cochilo alguns minutos.

Ela não sabia como responder a isso e deixou passar.

— Sabe onde estamos? — perguntou.

Ele olhou e disse, sem hesitar. — Claro, estamos nos aproximando de Noland County. A 11 horas fica a Cat Mountain. Você vai voar um pouco à esquerda dela e assumo a partir dali. Desça a quatro mil pés.

Eles sobrevoaram Brady a três mil pés e Donovan assumiu os controles. — Quer voar de novo um dia desses? — perguntou ele.

— Talvez, não sei. Quanto tempo leva para aprender tudo?

— Umas trinta horas de aula em terra, ou estudo por conta própria, e mais trinta no ar. O problema é que não existe nenhum instrutor por aqui. Tinha um,

mas ele morreu. Num acidente de avião.

— Acho que vou ficar com os carros. Fui criada num mundo de acidentes aéreos, então sempre fui cautelosa com aviação. Vou deixar que você pilote.

— Como quiser — disse ele, sorrindo. Manteve o nariz baixo até mil pés. Voaram ao lado de uma mina de superfície que fazia explosões; uma grossa nuvem de fumaça preta pendia perto da terra. No horizonte, pináculos espiavam acima das árvores.

— Já esteve em Knox? — perguntou ele.

— Não, ainda não.

— É o centro de Curry County, onde eu nasci. Cidade bonita, mais ou menos do mesmo tamanho e sofisticação de Brady, então você não perdeu muita coisa. — Sobrevoaram a cidade, mas não havia muito para ver, pelo menos não de uma altitude de mil pés. Começaram a subir de novo, costurando os picos mais altos até o fundo das montanhas. Passaram por cima de uma. — Ali está o que resta da Gray Mountain — disse Donovan. — A mineradora a abandonou há vinte anos, mas quando foram embora a maior parte do carvão tinha sumido. Os processos amarraram tudo por anos. Evidentemente, o lugar não foi recuperado. Provavelmente é o lugar mais feio da região dos Apalaches.

Era uma paisagem desolada, com talhos abertos onde o carvão foi extraído; quando as turmas de repente pararam, um monte de aterro ficou para trás, para sempre. Em toda parte árvores raquíticas tentavam desesperadamente sobreviver. A mina era quase toda de pedra e terra, mas cresciam trechos de mato marrom. O aterro do vale estava parcialmente coberto de arbustos de trepadeira. Enquanto começava a circular, Donovan disse: — A única coisa pior do que mina de superfície recuperada é mina abandonada. Foi o que aconteceu aqui. Ainda fico doente com isso.

— Quem é o dono?

— Meu pai, ainda é da família, mas não vale grande coisa. A terra está arruinada. Os regatos desapareceram debaixo do aterro, os peixes morreram. A água está envenenada. A vida silvestre fugiu para um lugar mais seguro. Mattie lhe contou o que aconteceu com minha mãe?

— Contou, mas não em detalhe.

Ele desceu e virou agudamente para a direita a fim de que ela olhasse bem para baixo.

— Está vendo aquela cruz branca ali, com pedras em volta?

— Sim, estou.

— Foi onde ela morreu. Nossa casa ficava mais para lá, uma antiga casa de família construída por meu avô, que foi um mineiro subterrâneo. Depois que a enchente destruiu a casa, minha mãe encontrou um lugar ali, perto das pedras, e

foi onde aconteceu. Meu irmão, Jeff, e eu encontramos madeira velha da casa e construímos essa cruz.

— Quem a encontrou?

Ele respirou fundo. — Então Mattie não contou tudo?

— Acho que não.

— Eu a encontrei.

Não disseram nada por alguns minutos enquanto Donovan zunia pelo vale a leste da Gray Mountain. Não havia estradas, casas ou sinal de gente. Ele inclinou novamente. — Bem, depois daquela montanha ali é a única parte da propriedade que não foi destruída. A água corre para o outro lado e o vale estava seguro da lavra em tiras. Está vendo esse rio aí embaixo? — Ele inclinou mais, para ela poder ver.

— Sim, estou.

— O Yellow Creek. Tenho uma cabana pequena nesse rio, um esconderijo que poucas pessoas conhecem. Um dia desses vou mostrar a você.

*Não tenho certeza disso,* pensou Samantha. *Agora estamos bem próximos e até que haja alguma mudança em sua situação conjugal, não tenho planos de me aproximar mais*. Mas ela concordou com a cabeça.

— Gostaria de vê-la.

— Lá está a chaminé — disse ele. — Quase não é visível, nem daqui, nem do chão. Sem água encanada, sem eletricidade, você dorme em rede. Eu mesmo construí, com ajuda do meu irmão Jeff.

— Onde está seu pai?

— Da última vez que eu soube, estava em Montana, mas não falo com ele há muitos anos. Já viu o suficiente?

— Acredito que sim.



No campo de pouso de Noland County, Donovan taxiou para perto do terminal, mas não desligou o motor. Em vez disso, disse: — Tudo bem, quero que você desça aqui, com cuidado, e vá para trás do avião. A hélice ainda está rodando.

— Não vai descer? — perguntou ela, puxando o fecho do cinto do ombro.

— Não, vou a Roanoke ver minha mulher e minha filha. Volte amanhã ao escritório.

Samantha saiu sob a asa, sentiu a rajada de ar da hélice, andou para trás da cauda e esperou. Acenou para Donovan, que mostrou o polegar para cima e começou a se afastar. Ela o viu decolar e foi de carro para Brady.



O jantar de sábado foi uma panela do lendário chili do Texas, preparado por Chester. Ele nunca tinha ido ao Texas, pelo que se lembrava, mas encontrou uma ótima receita (apenas dois anos antes) numa página da internet. A parte da lenda parecia ser mais ou menos uma criação de sua própria imaginação, mas seu entusiasmo pela preparação e entretenimento era contagiante. Mattie assou pão de milho e Annette levou uma torta de chocolate de sobremesa. Samantha nunca aprendeu a cozinhar e agora morava num apartamento mínimo com apenas um fogãozinho e uma torradeira, então só comeu. Enquanto Chester mexia a panela e acrescentava temperos e falava sem parar, Kim e Adam faziam uma pizza na cozinha da tia Mattie. Sábado sempre era noite de pizza para eles e Samantha ficou deliciada por estar na casa dos Wyatt, e não presa novamente com Annette e as crianças. Aos olhos deles, ela não era mais uma hóspede/babá, em uma semana fora promovida ao glorioso status de irmã mais velha. Eles a adoravam e ela os adorava, mas as paredes estavam se fechando. Annette parecia satisfeita em permitir que os filhos a sufocassem.

Eles comeram no quintal, numa mesa de piquenique embaixo de um bordo incandescente de folhas de um amarelo vivo. O chão estava coberto delas também, um lindo tapete que logo desapareceria. Velas foram acesas enquanto o sol desaparecia atrás das montanhas. Claudelle, a paralegal, juntou-se a eles mais tarde. Mattie tinha uma regra de que durante o jantar não se falava de trabalho — nada sobre a ONG, o trabalho delas, os clientes e, em especial, nada nem remotamente relacionado a carvão. Então conversaram sobre política — Obama e McCain, Biden e Palin. A política naturalmente levou a conversa para o desastre econômico que acontecia no mundo inteiro. Todas as notícias eram ruins e embora os especialistas discordassem se seria uma depressão menor ou apenas uma recessão profunda, ainda parecia distante, como outro genocídio na África. Medonho, mas ainda não afetava realmente Brady. Eles ficaram curiosos sobre os amigos de Samantha em Nova York.

Pela terceira ou quarta vez naquela tarde e noite, Samantha notou frieza nas palavras e na atitude de Annette com ela. Parecia bem quando falava com os

outros, mas um pouco ríspida quando dizia algo a Samantha. No início, ela achou que não era nada. Mas quando o jantar chegava ao fim, estava certa de que alguma coisa incomodava Annette. Era perturbador, porque não havia acontecido nada entre as duas.

Por fim, ela suspeitou de que tinha algo a ver com Donovan.

# 15

Samantha acordou com o agradável som de sinos de igreja a distância. Parecia haver várias melodias no ar, algumas mais próximas, ou mais altas, outras mais distantes, porém todas ocupadas em despertar o povo da cidade com lembretes não tão gentis de que chegou o Sabbath e as portas estavam abertas. Seu relógio digital marcava 9h02 e mais uma vez ela se admirou de sua capacidade de dormir. Pensou em rolar na cama e dormir mais um pouco, mas, depois de dez horas, já bastava. O café estava pronto, o aroma vindo de outro cômodo. Ela serviu uma xícara e se sentou no sofá, pensando em seu dia. Com pouco a fazer, seu primeiro objetivo era evitar Annette e as crianças.

Ligou para a mãe e conversaram meia hora sobre isso e aquilo. Karen, como era de se esperar, estava preocupada com a mais recente crise no Departamento de Justiça e arengou sobre isso. Seu chefe tinha reuniões preliminares e urgentes para organizar planos de investigação de grandes bancos, fornecedores de hipotecas *subprime* e todo tipo de picaretas de Wall Street, e isso começaria assim que a poeira baixasse e eles entendessem exatamente quem era responsável pela confusão. Essa conversa entediou Samantha, mas ela suportou heroicamente, bebendo o café, de pijama, ouvindo os sinos que não paravam. Karen falou em ir de carro a Brady num futuro próximo para ver pela primeira vez como era a vida nas montanhas, mas Samantha sabia que era só conversa. A mãe raras vezes saía de Washington; seu trabalho era importante demais. Por fim, ela perguntou sobre o estágio e a ONG. Quanto tempo você vai ficar? Samantha disse que não pensava em ir embora tão cedo.

Quando os sinos pararam, ela vestiu jeans e saiu do apartamento. O carro de Annette ainda estava estacionado na frente da casa, sinal de que ela e as crianças não foram à igreja nesse domingo. Em uma banca perto do escritório de Donovan na Main Street, Samantha comprou um exemplar do *Roanoke Times* e leu em uma cafeteria vazia enquanto comia waffle com bacon. Depois do café da manhã, caminhou pelas ruas de Brady por um tempo; logo já havia visto tudo. Passou por uma dezena de igrejas e todas pareciam lotadas, a julgar pelos estacionamentos abarrotados, e tentou se lembrar da última vez que viu o interior de uma delas. Seu pai era católico apóstata, a mãe, protestante indiferente, e Samantha não foi criada em nenhuma fé.

Ela viu as escolas, tão antigas quanto o prédio do tribunal, todas com aparelhos de ar-condicionado enferrujados pendurados das janelas.

Cumprimentou uma varanda de asilo cheia de idosos que passavam o tempo na cadeira de balanço, evidentemente velhos demais para a igreja. Passou pelo hospital mínimo e jurou que jamais ficaria doente em Brady. Andou pela rua principal e se perguntou como os pequenos comerciantes se aguentavam nos negócios. Quando o passeio acabou, ela entrou em seu carro e partiu.

No mapa, a rodovia 119 corria sinuosa pela terra do carvão, a partir da extremidade leste do Kentucky, entrando por West Virginia. No dia anterior, ela vira os Apalaches do céu; agora experimentaria da estrada. Tendo Charleston como um vago destino, partiu com nada além de um mapa rodoviário e uma garrafa de água. Logo estava no Kentucky, embora a divisa do estado pouca diferença fizesse. Ali era a região dos Apalaches, independentemente das fronteiras que alguém tenha estabelecido uma eternidade atrás. Uma terra bela de tirar o fôlego, de morros íngremes e montanhas ondulantes cobertas de densas florestas, de corredeiras e regatos que cortavam vales profundos de uma pobreza deprimente, de cidadezinhas bem cuidadas com prédios de tijolos aparentes e casas caiadas, uma igreja depois da outra. A maioria delas parecia batista, embora as denominações fossem desesperadamente confusas. Batista do Sul, Batista Geral, Batista Primitiva, Batista Missionária. Apesar disso, todas fervilhavam de atividade. Ela parou em Pikeville, Kentucky, população de sete mil habitantes, encontrou o centro da cidade e se deleitou com um café em meio aos moradores numa cafeteria abafada. Recebeu alguns olhares, mas todos simpáticos. Esforçou-se para ouvir as conversas, às vezes sem saber se era a mesma língua, e até riu das brincadeiras. Perto da divisa de West Virginia, não resistiu e parou em uma loja rural que anunciava “A Mais Famosa Carne-Seca Caseira do Mundo”. Comprou um pacote, deu uma dentada, jogou o resto numa lixeira e bebeu água aos golinhos por 25 quilômetros para se livrar do gosto.

Estava decidida a não pensar no carvão; estava cansada do assunto. Mas ele estava em toda parte: nos caminhões de transporte que dominavam a estrada, nos cartazes desbotados espicaçando a força sindical, no ocasional vislumbre de uma mina de superfície e o topo de uma montanha sendo removido, na batalha de frases de para-choque, com “Gosta de Eletricidade? Prestigie o Carvão” de um lado e “Salve as Montanhas” do outro, e nos museus minúsculos que homenageavam a herança da mineração.

Parou em um marco histórico e leu o relato do desastre de Bark Valley, explosão numa mina subterrânea que matara trinta homens em 1961. Os amigos do carvão tinham uma campanha agressiva em andamento e ela passou por muitos cartazes deles que diziam CARVÃO É IGUAL A EMPREGO. O carvão era o tecido da vida nessas paragens, mas a mineração de superfície dividia o povo. Segundo uma pesquisa que fez na internet, seus adversários argumentavam que

destruía os empregos e tinham números que corroboravam essa afirmação. Havia 80 mil mineiros agora, quase todos não sindicalizados e metade trabalhando em minas de superfície. Décadas antes, muito antes de começarem a explodir o cume das montanhas, havia quase um milhão de mineiros.

Por fim chegou a Charleston, a capital. Ainda não estava à vontade no trânsito e encontrou mais do que esperava. Não tinha ideia de para onde ia e de repente teve medo de se perder. Eram quase duas da tarde, passava da hora do almoço e era tempo de voltar. A primeira parte da viagem terminou quando ela por acaso deu num centro comercial cercado de lanchonetes.

Estava louca por um hambúrguer com batata frita.



Todas as luzes estavam acesas no escritório de Donovan muito depois do pôr do sol. Ela passou por lá por volta das oito, ia bater, mas decidiu não incomodá-lo. Às nove estava em sua mesa, principalmente porque queria evitar seu apartamento, e não trabalhava de fato. Ligou para o celular dele e ele atendeu.

— Está ocupado? — perguntou ela.

— Claro que estou. Começo um julgamento amanhã. O que está fazendo?

— Estou no escritório, à toa, com tédio.

— Venha para cá. Quero que conheça alguém.

Eles estavam na sala de guerra, no segundo andar, as mesas cobertas de livros abertos, pastas e blocos de papel ofício. Donovan a apresentou a Lenny Charlton, consultor de júri de Knoxville. Ele descreveu o homem como um analista muito bem pago, mas quase sempre competente, e descreveu Samantha simplesmente como uma advogada/amiga que estava do seu lado. Samantha se perguntou se Donovan ofendia todos os especialistas que contratava.

— Já ouviu falar de Marshall Kofer de Washington D.C.? — perguntou ele a Lenny. Advogado de tribunal dos casos de aviação.

— É claro — disse Lenny.

— Pai dela. Mas não tem nada dele no DNA. Ela evita tribunais.

— Mulher inteligente.

Eles terminavam uma longa sessão em que repassaram a lista de sessenta possíveis jurados. Lenny explicou a Samantha que sua firma recebia pagamentos irrisórios para pesquisar o histórico de cada pessoa na lista e que a tarefa era difícil dada a natureza estreita e incestuosa das comunidades dos campos de

carvão.

— Desculpas, desculpas — resmungou Donovan, quase consigo mesmo.

Lenny explicou ainda que escolher júris na terra do carvão era imprevisível porque todos tinham um amigo ou parente que trabalhava ou para uma mineradora ou para empresas que prestavam serviços ao setor.

Samantha os ouvia fascinada discutindo os últimos nomes da lista. O irmão de uma mulher trabalhava numa mina de superfície. O pai de outra foi mineiro subterrâneo. Um homem perdeu o filho adulto em acidente de trabalho, mas não tinha relação com carvão. E assim por diante. Parecia haver algo errado com aquele jogo de espionagem, de permitir que os litigantes espionassem a vida particular de inocentes. Ela perguntaria a Donovan sobre isso depois, se tivesse oportunidade. Ele parecia cansado e um pouco tenso.

Lenny saiu alguns minutos antes das dez. Quando ficaram a sós, ela perguntou:

— Por que você não tem outro advogado para esse julgamento?

— Em geral eu tenho, mas não nesse caso. Prefiro fazer isso sozinho. A Strayhorn e sua seguradora terão uma dúzia de ternos pretos enxameando a mesa deles. Gosto do contraste, só Lisa Tate e eu.

— Davi e Golias, é?

— Algo parecido.

— Vai trabalhar até muito tarde?

— Não sei. Não dormi muito ontem à noite, nem esta semana, aliás. Faz parte do pacote.

— Olha, sei que é tarde e você tem coisas melhores com que se preocupar, mas preciso fazer uma pergunta. Você me ofereceu um emprego de tempo parcial como assistente de pesquisa, um cargo remunerado, então eu me tornaria funcionária de sua firma, não é?

— É. Aonde quer chegar com isso?

— Espere. Não sei se quero trabalhar para você.

Ele deu de ombros. Tanto faz. — Não estou implorando.

— A pergunta é a seguinte: você está de posse de documentos… os documentos incriminadores de propriedade da Krull Mining relacionados à contaminação dos lençóis freáticos no Hammer Valley, documentos que você supostamente não tem?

Os olhos escuros e cansados dele faiscaram de raiva, mas ele mordeu a língua, hesitou, depois sorriu.

— É uma pergunta direta, advogado — disse ela.

— Isso eu entendi. Então, se a resposta for sim, suponho que você rejeitará o emprego e ainda seremos amigos, não é?

— Primeiro sua resposta à minha pergunta.
— E se a resposta for não, você pensaria em trabalhar para mim, certo?
— Ainda estou esperando, advogado.
— Apelo à Quinta Emenda.
— Muito bem. Obrigada pela oferta, mas direi não.
— Como quiser. Tenho muito trabalho a fazer.



*Doença do pulmão negro é a expressão oficial para uma pneumopatia ocupacional que pode ser prevenida. É mais formalmente conhecida como pneumoconiose dos trabalhadores do carvão (PTC) e é provocada pela exposição prolongada à poeira do carvão. Depois de inalada para o corpo, a poeira do carvão não pode ser removida ou eliminada. Acumula-se progressivamente nos pulmões e pode levar a inflamação, fibrose até necrose. Existem duas formas da doença: "PTC simples" e "PTC complicada" (ou fibrose maciça progressiva). O pulmão negro é uma enfermidade comum entre mineiros de carvão, tanto nas minas de superfície como nas subterrâneas. Estima-se que 10 por cento de todos os mineiros com 25 anos de experiência desenvolvam a doença. É debilitante e em geral fatal. Aproximadamente 1.500 mineiros morrem todo ano de pulmão negro e a morte quase sempre é lenta e agonizante, devido à natureza insidiosa da doença. Não existe cura nem tratamento médico eficaz.*

*Os sintomas são respiração curta e uma tosse constante que costuma produzir muco preto. À medida que se agrava, o mineiro enfrenta o dilema de apelar ou não para a aposentadoria. O diagnóstico é simples: (1) histórico de exposição à poeira do carvão; (2) raios X do peito; e (3) exclusão de outras causas.*

*Em 1969, o Congresso aprovou a Lei Federal de Segurança e Saúde nas Minas de Carvão, determinando um sistema de indenização às vítimas da doença do pulmão negro. A lei também estabeleceu padrões para reduzir a poeira de carvão. Dois anos antes, o Congresso criou o Fundo para Invalidez por Pulmão Negro e o financiou com impostos federais sobre a produção do carvão. Nessa lei, o setor do carvão concordou com o sistema projetado para*

*facilitar a identificação da doença e garantir indenização. Se um mineiro trabalhou dez anos e tem provas médicas — ou um raio X ou prova de autópsia de pulmão negro grave —, em tese, tem direito a benefícios.*

*Além disso, um mineiro que ainda trabalha e tem pulmão negro deve ser transferido a um emprego com exposição menor à poeira, sem perda de salário, benefícios ou tempo no cargo. Em 12 de julho de 2008, um mineiro com pulmão negro recebia novecentos dólares por mês do fundo. A intenção da nova lei federal era reduzir acentuadamente a exposição à poeira do carvão. Logo entraram em vigor padrões rigorosos e ofereceram aos mineiros exames de raio X do tórax a cada cinco anos. Os exames mostraram que quatro em dez mineiros tinham algum nível de pulmão negro. Entretanto, um ano depois de a lei entrar em vigor, os novos casos de pulmão negro despencaram 90 por cento. Médicos e especialistas previram que a doença seria erradicada. Contudo, estudos do governo de 1995 começaram a indicar um aumento na incidência da doença; em seguida, um aumento ainda maior. O que era igualmente problemático, a doença parecia progredir mais rápido e estava aparecendo nos pulmões de mineiros mais jovens. Os especialistas têm duas teorias para isso: (1) os mineiros estão trabalhando em turnos mais longos, e assim são expostos a mais poeira; e (2) os operadores do carvão estão expondo os mineiros a concentrações ilegais de poeira de carvão.*

*Atualmente, o pulmão negro é epidêmico nos campos de carvão e o único motivo possível é uma exposição prolongada a mais poeira do que permite a lei.*

*Durante décadas, as mineradoras resistiram aos esforços de fortalecer os padrões e vêm tendo sucesso.*

*A lei não permite que o mineiro pague um advogado; desse modo, um mineiro típico, com uma queixa, deve tentar percorrer sozinho o sistema federal de pulmão negro. O setor do carvão é muito resistente às queixas, quaisquer que sejam as provas apresentadas pelo mineiro. As empresas combatem as alegações com advogados experientes, que manipulam habilidosamente o sistema. Para que um mineiro vença, seu processo em geral leva cerca de cinco anos. Para Thomas Wilcox, a provação durou 12 anos. Ele nasceu perto de Brady, Virginia, em 1925, combateu na guerra, foi ferido duas vezes, condecorado, e ao voltar para seu país casou-se e foi trabalhar nas minas. Era um*

*mineiro orgulhoso, sindicalista convicto, um democrata leal e ótimo marido e pai. Em 1974, recebeu o diagnóstico de doença do pulmão negro e entrou com uma queixa. Ficou doente vários anos e quase fraco demais para trabalhar. Um raio X do tórax claramente mostrava PTC complicada. Ele trabalhou em minas subterrâneas por 28 anos e nunca fumou. Sua queixa de início foi aprovada, mas a mineradora entrou com um recurso contra a decisão. Em 1976, aos 51 anos, Thomas não teve alternativa senão se aposentar. Sua saúde continuou a se deteriorar e logo precisava ficar no oxigênio 24 horas por dia.*

*Sem nenhuma renda, sua família lutou para se sustentar e cobrir as despesas médicas. Ele e a mulher foram obrigados a vender a casa da família e morar com uma filha mais velha. Sua queixa de pulmão negro foi completamente sufocada no sistema federal por advogados astuciosos que trabalhavam para a mineradora. Na época, ele devia receber trezentos dólares por mês, além de assistência médica. No fim, Thomas era um esqueleto enrugado, metido numa cadeira de rodas, ofegante, à medida que os últimos dias passavam e sua família rezava por um fim misericordioso. Ele não conseguia falar e era alimentado com papinha de bebê pela mulher e as filhas. Graças à generosidade de amigos e vizinhos e aos esforços incansáveis de sua família, o suprimento de oxigênio jamais se esgotava. Ele pesava 52 quilos quando morreu em 1986, aos 61 anos. Uma autópsia deu provas incontroversas de pulmão negro.*

*Quatro meses depois, a mineradora desistiu do recurso. Doze anos depois de entrar com a queixa, a viúva recebeu uma soma vultosa no acordo de benefícios retroativos.*

***Observação**: Thomas Wilcox era meu pai. Era um herói de guerra orgulhoso, embora jamais falasse de suas batalhas. Era um filho das montanhas e amava sua beleza, sua história e estilo de vida. Ensinou todos nós a pescar nos regatos, acampar nas cavernas e até caçar cervos para se alimentar. Era um homem ativo que dormia pouco e preferia ler até tarde da noite. Fomos vendo que ficava mais lento à medida que a doença se apoderava dele. Todo mineiro teme a doença do pulmão negro, mas ele jamais pensou que lhe aconteceria. À medida que via a realidade, Thomas perdeu sua energia e começou a se preocupar. As tarefas simples na fazenda eram mais difíceis. Quando finalmente foi obrigado a deixar as minas, entrou em período prolongado de depressão profunda. À proporção que seu corpo se*

*enfraquecia e diminuía, era mais cansativo falar. Ele precisava de toda a sua energia só para respirar. Nos últimos dias de vida, nós nos revezávamos, sentados com ele, lendo seus livros preferidos. Com frequência, ele tinha lágrimas nos olhos.*

MATTIE WYATT, 1º DE JULHO DE 2008



Esse documento estava na última parte de um fichário grosso do material de seminário e obviamente foi acrescentado depois. Samantha não tinha percebido antes. Ela afastou o fichário, procurou seus tênis de corrida e saiu para uma longa caminhada por Brady.

Passava das 11 da noite de domingo e ela não viu ninguém na rua.

# 16

Mattie estava no tribunal de Curry County, Annette estava atrasada, Barb, que fazia meio expediente, ainda não aparecera, e Claudelle, também meio período, só chegava depois do meio-dia às segundas-feiras, e assim Samantha estava inteiramente sozinha quando Pamela Booker fez uma entrada ruidosa com duas crianças sujas a reboque. Chorava ao dar seu nome e pedir ajuda. Samantha a conduziu a uma sala de reunião e passou os primeiros cinco minutos tentando garantir a Pamela que tudo ficaria bem, mas ela não sabia o que estava em jogo. As crianças estavam mudas, de olhos arregalados e a aparência assustada dos que têm traumas. E tinham fome, disse Pamela quando se acalmou.

— Tem alguma coisa para comer?

Samantha correu à cozinha, encontrou biscoitos velhos, um saco de fritas e dois refrigerantes diet de Barb, e colocou tudo na mesa diante das duas crianças que agarraram os biscoitos e comeram em pedaços imensos. Chorando ainda mais, Pamela agradeceu e começou a falar. A narrativa era derramada e com tal velocidade que Samantha não teve tempo de tomar notas. Olhava as crianças devorarem a comida enquanto a mãe contava sua história.

Eles estavam morando em um carro. Eram de uma cidade pequena pouco além da divisa, em Hopper County, e como perderam a casa um mês antes, Pamela esteve procurando um advogado que os resgatasse. Ninguém ajudava, mas por fim alguém falou na Mountain Legal Aid Clinic em Brady. E ali estavam eles. Pamela trabalhava numa fábrica de luminárias para uma cadeia de hotéis. Não era um ótimo emprego, mas pagava o aluguel e comprava comida. Não havia nenhum marido no quadro. Quatro meses antes, uma empresa de que ela nunca ouviu falar começou a penhorar o seu salário, tirando um terço dele, e ela não conseguiu impedir. Ela reclamou com o chefe, mas ele mostrou uma ordem judicial para ela. Depois ameaçou demiti-la, disse que detestava ordens de penhora por causa da chateação. Quando ela argumentou, ele cumpriu a ameaça e agora ela estava desempregada.

Ela procurou o juiz e explicou tudo, contou que não podia pagar o aluguel e comprar comida ao mesmo tempo, mas ele não foi solidário. Disse que a lei era a lei. O problema era uma antiga cobrança em juízo de cartão de crédito em que ela não pensava havia uns dez anos. Evidentemente, a operadora do cartão vendeu a cobrança a alguma agência oportunista e, sem o conhecimento dela, foi emitida uma ordem de penhora. Quando ela não pôde pagar o aluguel de seu

trailer, o senhorio, um verdadeiro babaca, chamou o xerife e a expulsou. Ela ficou com um primo por alguns dias, mas isso fez água e ela foi morar com uma amiga. Também não deu certo e nas últimas duas semanas ela e as crianças estavam morando no carro, em que faltava tudo — óleo, ar, combustível e fluido de freio, e o painel piscava como uma árvore de Natal. No dia anterior, ela roubara umas barras de chocolate e dera às crianças. Ela mesma não comia há dois dias.

Samantha absorveu tudo e conseguiu esconder seu choque. Como exatamente vocês moram em um carro? Ela começou a tomar notas sem fazer a menor ideia do que fazer legalmente. Pamela tirou uma papelada da bolsa falsa de grife e deslizou a pilha pela mesa. Samantha passou os olhos por uma ordem do tribunal enquanto a nova cliente explicava que estava reduzida aos últimos dois dólares e não sabia se gastava em gasolina ou comida. Por fim pegou um biscoito e o segurou com as mãos trêmulas. Duas coisas ocorreram a Samantha. A primeira, que ela era a última linha de defesa para essa pequena família. A segunda, que eles não iriam embora tão cedo. Não tinham para onde ir.

Quando Barb finalmente chegou, Samantha lhe deu vinte dólares e pediu que corresse para comprar a maior quantidade possível de pão com linguiça.

— Temos um dinheirinho no escritório — disse Barb.

— Vamos precisar dele — respondeu Samantha.

Phoebe Fanning ainda estava escondida do marido em um motel, cortesia da ONG, e Samantha sabia que Mattie guardava algum dinheiro de reserva para emergências como essa.

Depois que Barb saiu, Samantha olhou o estacionamento por uma janela dos fundos. O carro de Pamela, mesmo se estivesse cheio de gasolina e com todos os outros fluidos necessários, não aguentaria a viagem de volta a Hopper County. Era um pequeno importado com um milhão de quilômetros rodados e agora era usado como casa. Biscoitos e batatas tinham sumido quando ela voltou à sala de reunião. Ela disse a Pamela que mandou comprar alguma comida e isso a fez chorar. O menino, Trevor, de 7 anos, disse:

— Obrigado, srta. Kofer.

A menina, Mandy, de 11, perguntou: — Posso usar o banheiro, por favor?

— É claro — disse Samantha.

Ela mostrou o caminho pelo corredor e se sentou à mesa para outras anotações. Elas começaram pelo início e percorreram lentamente a história. A cobrança judicial do cartão de crédito era datada de julho de 1999 e tinha um saldo de 3.398 dólares, incluindo toda sorte de custas judiciais, honorários obscuros, até juros metidos por ali, por precaução. Pamela explicou que ordenaram ao ex-marido que quitasse a cobrança no divórcio dos dois, cuja

cópia estava na papelada. Nove anos se passaram sem uma palavra, pelo menos nada de que ela tomasse conhecimento. Ela se mudou várias vezes e talvez a correspondência não a tivesse acompanhado. Quem poderia saber? De qualquer modo, a empresa de cobrança a encontrou e começou todo esse problema.

Samantha notou que Trevor, 7 anos, nasceu depois do divórcio, mas não valia a pena falar no assunto. Havia várias ordens judiciais condenando o ex-marido por não pagar a pensão de Mandy.

— Onde ele está? — perguntou ela.

— Nem imagino — disse Pamela. — Não ouço falar dele há anos.

Barb voltou com um saco de pequenos sanduíches de linguiça e espalhou o banquete pela mesa. Acariciou a cabeça de Trevor e disse a Mandy que estava feliz por eles terem vindo. Os três Booker agradeceram com educação e comeram feito refugiados.

Samantha fechou a porta e se reuniu com Barb na recepção.

— Qual é o problema? — perguntou Barb, e Samantha lhe contou o básico. Barb, que achava ter visto de tudo, ficou perplexa, mas não se intimidou. — Eu começaria pelo chefe. Caia em cima dele, ameace com uma indenização tripla, depois vá atrás da empresa de cobrança. — O telefone tocou e ela estendeu a mão para atender, deixando Samantha, a advogada, sozinha em sua confusão.

Cair em cima dele? Indenização tripla? Pelo que, exatamente? E esse conselho vinha de quem não era advogada. Samantha pensou em embromar até que Mattie ou Annette voltassem, mas já estava ali há uma semana e o período de orientação acabou. Ela foi até sua sala, fechou a porta e, nervosa, digitou o número da fábrica de luminárias. Um tal de Sr. Simmons ficou agradavelmente surpreso ao saber que Pamela Booker tinha uma advogada. Disse que ela era uma boa funcionária, ele detestou perdê-la e tal, mas todas essas malditas ordens de penhora davam pesadelos a seu contador. Ele já preenchera a vaga de Pamela e tinha certeza de que o novo funcionário não tinha problemas na justiça.

*Bem, o senhor pode ter mais alguns problemas na justiça*, explicou Samantha com frieza. Blefando e sem ter certeza da lei, explicou que uma empresa não pode demitir uma funcionária simplesmente porque seu salário é penhorado. Isso irritou o Sr. Simmons e ele resmungou alguma coisa sobre chamar um advogado. *Ótimo*, disse Samantha, me dê o número e vou discutir a questão com ela. Não é uma mulher, disse ele, e o cara cobrava duzentas pratas por hora. Dê a ele algum tempo para pensar no assunto. Samantha prometeu ligar novamente naquela tarde e eles por fim concordaram que às três horas seria conveniente.

Quando voltou à sala de reunião, Barb tinha encontrado uma caixa de lápis de cor e alguns livros de colorir e estava ocupada organizando coisas para

distrair Trevor e Mandy. Pamela ainda segurava metade de um sanduíche e olhava fixamente para a porta, como se estivesse em transe. Quando Annette por fim chegou, Samantha a recebeu no corredor e, aos sussurros, deu todos os detalhes. Annette ainda estava um pouco desligada e incomodada com alguma coisa, mas trabalho é trabalho.

— Não se leva mais ninguém a tribunal por cobrança de dívida. Isso expirou anos atrás — foi sua primeira reação. — Verifique a lei a respeito disso. Aposto que a operadora de cartão de crédito vendeu a cobrança à empresa por centavos e agora está colocando em vigor uma ordem judicial ultrapassada.

— Já viu um caso desses?

— Um pouco parecido, muito tempo atrás. Não me lembro do nome do caso. Faça a pesquisa, depois entre em contato com a empresa de cobrança. Costumam ser uns grossos e não se assustam com facilidade.

— Podemos processá-los?

— Certamente podemos ameaçar. Eles não estão acostumados a gente assim, de repente, aparecendo com uma advogada. Ligue para o chefe e caia de pau em cima dele também.

— Já fiz isso.

Annette abriu um sorriso de verdade. — O que ele disse?

— Expliquei que ele não pode demitir uma funcionária simplesmente por causa de uma ordem de penhora. Não tenho ideia se isso está correto, mas fiz com que parecesse autêntico. Eu o deixei preocupado e vamos conversar novamente à tarde.

— Não está correto, mas é um belo blefe, o que costuma ser mais importante que qualquer coisa que diga a lei. O processo será contra a empresa de cobrança, se de fato eles estão metendo a mão no salário dela com uma ordem de cobrança caduca.

— Obrigada — disse Samantha, respirando fundo. — Mas temos problemas mais prementes. Eles estão ali e não têm para onde ir.

— Sugiro que você passe as próximas horas cuidando do fundamental… comida, roupa limpa, um lugar para dormir. As crianças evidentemente não estão na escola; preocupe-se com isso amanhã. Temos um fundo de reserva para cobrir algumas despesas.

— Você disse roupa limpa?

— Disse. Quem te falou que o trabalho de assistência jurídica era só glamour?



A segunda crise da manhã estourou minutos depois, quando Phoebe Fanning chegou sem avisar com o marido, Randy, e informou a Annette que estava desistindo do divórcio. Eles se reconciliaram, por assim dizer, e ela e as crianças voltaram para casa, onde as coisas tinham se acalmado. Annette ficou furiosa e chamou Samantha em sua sala para testemunhar a reunião.

Randy Fanning saíra da cadeia três dias antes e só estava um pouco mais apresentável sem o macacão laranja de prisioneiro. Estava sentado com um sorriso malicioso e mantinha a mão no braço de Phoebe enquanto ela tentava ao máximo explicar sua mudança de planos. Ela o amava, pura e simplesmente, não podia viver sem ele, e seus três filhos estavam muito mais felizes com os pais juntos. Ela estava cansada de se esconder em um motel e as crianças de se esconder com parentes, e todo mundo tinha feito as pazes. Annette lembrou Phoebe de que ela fora espancada pelo marido, que olhou feio do outro lado da mesa, como se pudesse explodir a qualquer momento. Annette parecia destemida enquanto Samantha tentava se esconder em um canto. Foi uma briga, explicou Phoebe, não foi uma briga justa, mas foi só uma briga. Eles andavam discutindo muito, as coisas foram longe demais; nunca mais vai acontecer. Randy, que preferia não falar nada, intrometeu-se e confirmou que, sim, eles prometeram parar de brigar.

Annette o ouviu sem acreditar em uma só palavra. Lembrou que ele estava violando os termos da ordem de restrição temporária enquanto se sentava ali. Se o juiz descobrisse, ele voltaria para a prisão. Ele disse que Hump, seu advogado, garantiu conseguir a anulação da ordem sem problema algum.

Havia vestígios do hematoma escuro ainda visíveis no rosto de Phoebe, da última briga. Uma coisa era o divórcio; outra, as acusações criminais. Annette chegou à parte séria quando perguntou se eles tinham falado com o promotor sobre retirar a acusação de lesão corporal dolosa. Ainda não, mas pretendiam fazer isso assim que o divórcio fosse anulado. Annette explicou que isso não seria automático. A polícia tinha uma declaração da vítima, tinha fotos, testemunhas. Isso parecia meio confuso e nem Samantha estava lá muito certa. Se a vítima e a testemunha estelar desistem, quem continua com o caso?

As duas advogadas pensavam a mesma coisa: ele bateu nela novamente para coagi-la a desistir de tudo? Annette estava irritada e insistiu em perguntas

difíceis, mas nenhum dos dois recuou. Estavam decididos a esquecer seus problemas e tocar uma vida mais feliz. Quando chegava o fim da reunião, Annette folheou o arquivo e estimou que ela passou 24 horas divorciada. Sem cobrança alguma, claro. Da próxima vez, procure outro advogado.

Depois que eles saíram, Annette os descreveu como um casal de viciados em metanfetamina que evidentemente eram desequilibrados e provavelmente precisavam um do outro.

— Só vamos torcer para que ele não a mate — disse ela.



À medida que a manhã se arrastava, ficou evidente que a família Booker não pretendia ir embora. Nem foram solicitados a isso; bem ao contrário. A equipe os adotou e via como estavam a cada poucos minutos. A certa altura, Barb cochichou para Samantha: — Já tivemos clientes dormindo aqui algumas noites. Não é o ideal, mas às vezes não há alternativa. Com um monte de moedas, Pamela saiu para encontrar uma lavanderia automática. Mandy e Trevor ficaram na sala de reunião, colorindo e rindo, de vez em quando dando risadinhas para alguma coisa entre eles. Samantha trabalhava na outra ponta da mesa, pesquisando estatutos e casos. Às 11 da manhã em ponto, chegou a Sra. Francine Crump para o que deveria ser uma breve assinatura de testamento. Samantha tinha preparado o documento. Mattie fez a revisão. A pequena cerimônia devia levar menos de dez minutos e Francine sairia dali com um testamento adequado, pelo qual não pagaria nada. Em vez disso, transformou-se na terceira crise da manhã.

Seguindo instruções, Samantha redigiu o testamento que deixava os 32 hectares de Francine para os vizinhos, Hank e Jolene Mott. Os cinco filhos adultos de Francine não ficariam com nada e isso inevitavelmente levaria a problemas no caminho. Não importa, dissera Mattie. São as terras dela, livres e desimpedidas, e ela pode dispor das terras como bem entender. Vamos cuidar desse problema depois. Não, não somos obrigadas a notificar os cinco filhos que estão sendo excluídos. Eles saberão disso depois do enterro.

Saberiam? Enquanto Samantha fechava a porta de sua sala e pegava a pasta, Francine começou a chorar. Enxugando o rosto com um lenço, ela descarregou sua história. Três seguidas, todas chorando, pensou Samantha. No fim de semana, Hank e Jolene Mott finalmente lhe contaram um terrível segredo: eles

decidiram vender seus quarenta hectares a uma mineradora e se mudar para a Flórida, onde tinham netos. Não queriam vender, é claro, mas estavam ficando velhos — ora essa, já estavam velhos e ser velho não era desculpa para vender e fugir, muita gente velha mantinha suas terras por ali —, mas, ainda assim, precisavam do dinheiro para a aposentadoria e as despesas médicas. Francine ficou furiosa com os antigos vizinhos e ainda não conseguia acreditar. Não só perdera os amigos, como também as duas pessoas que ela confiava que protegeriam suas terras. E o pior ainda estava por vir: uma mina de superfície era planejada para as terras vizinhas! Todo o povo de Jacob's Holler estava furioso, mas é isso que as mineradoras fazem com a gente. Eles colocam um vizinho contra o outro, irmão contra irmã. Diziam os boatos que os Mott iam embora assim que fosse possível. Fugindo feito covardes, de acordo com Francine. Bons ventos os levassem.

Samantha tinha paciência, na realidade esteve paciente a manhã toda enquanto minguava o suprimento de lenços de papel do escritório, mas aos poucos percebia que seu primeiro testamento ia para o cesto de lixo. Conseguiu trazer Francine para a questão óbvia: se não eram os Mott, quem ficaria com as terras? Francine não sabia o que fazer. Por isso estava conversando com uma advogada.



O almoço de segunda-feira na principal sala de reunião foi alterado de algum modo para incluir Mandy e Trevor Booker. Embora as duas crianças tivessem passado a manhã toda comendo, ainda estavam com fome suficiente para dividir um sanduíche com a equipe. A mãe lavava a roupa suja e eles não tinham para onde ir. A conversa foi leve, fofoca de igreja e o tempo, temas adequados para ouvidos jovens e longe dos assuntos obscenos que Samantha ouvira na semana anterior. Tudo muito chato e o almoço acabou em vinte minutos. Samantha precisava de conselho e não queria incomodar Annette. Pediu alguns minutos com Mattie e fechou a porta de sua sala. Entregou-lhe uma papelada e disse com orgulho:

— Este é meu primeiro processo.

Mattie sorriu e o pegou com cautela.

— Ora, ora, meus parabéns. Já não era sem tempo. Sente-se e vamos ler.

A ré era a Top Market Solutions, empresa duvidosa de Norfolk, Virginia,

com escritórios em vários estados do Sul. Os numerosos telefonemas geraram poucas informações sobre a empresa, mas Samantha tinha o necessário para dar o primeiro tiro. Quanto mais pesquisava, mais claras ficavam as dúvidas. Annette tinha razão — a cobrança judicial expirara sete anos depois de iniciada e não fora arrolada novamente. A operadora de cartão de crédito vendeu a cobrança inválida à Top Market com enorme desconto. A Top Market, por sua vez, pegou a ordem judicial, voltou a registrá-la em Hopper County e começou a usar o sistema judiciário para coletar o dinheiro. Um instrumento disponível era a penhora do salário.

— Rápido e rasteiro — disse Mattie quando terminou. — E você tem certeza dos dados?

— Sim, na verdade não é tão complicado.

— Sempre pode corrigir depois. Gosto disso. Não se sente uma advogada de verdade agora?

— Sinto. Nunca pensei nisso antes. Digito um processo, alegando qualquer coisa, dou entrada nele, notifico o réu, que não tem alternativa senão responder em tribunal e, ou entramos em acordo ou vamos a julgamento.

— Bem-vinda aos Estados Unidos. Vai se acostumar com isso.

— Estou pensando em dar entrada esta tarde. Eles estão sem lugar para morar, sabe como é. Quanto mais cedo, melhor.

— Manda ver — disse Mattie, devolvendo o processo. — Eu também mandaria por e-mail uma cópia à ré e os notificaria.

— Obrigada. Vou dar uma melhorada e ir ao tribunal.

Às três da tarde, o Sr. Simmons, da fábrica de luminárias, estava muito menos simpático do que em sua primeira conversa. Disse-lhe ter falado com o advogado, que lhe garantiu que demitir um funcionário por ordem de penhora não era ilegal na Virginia, ao contrário do que dissera a srta. Kofer naquela manhã. — Não conhece a lei? — perguntou ele.

— Eu a conheço muito bem — disse ela, ansiosa para sair do telefone. — Acho que nos veremos no tribunal.

Com um processo preparado e pronta para sair, ela não pôde deixar de se sentir um pouco ansiosa para atirar. — Já fui processado por advogados melhores — disse o Sr. Simmons e desligou.

Os Booker finalmente foram embora. Acompanharam Samantha a um motel do lado leste da cidade, um dos dois existentes em Brady. Toda a equipe refletiu sobre qual deles seria menos ofensivo e o Starlight venceu por uma margem estreita. Era um fantasma dos anos 1950, com quartos mínimos e portas que davam para o estacionamento. Samantha falou com o proprietário duas vezes, que prometera dois quartos adjacentes que fossem limpos, com televisão, e

negociou uma diária reduzida de 25 dólares por quarto. Mattie gostava de descrevê-lo como um motel de quinta, mas não havia provas de comportamento ilícito, pelo menos não às três e meia de uma tarde de segunda-feira. Os demais 18 quartos pareciam vazios. A roupa limpa de Pamela estava dobrada em sacolas de compras. À medida que descarregava o carro, Samantha percebeu que a pequena família estava dando um grande passo escada acima. Mandy e Trevor estavam animados por ficar num motel, até por ter o próprio quarto. Pamela estava contente e exibia um largo sorriso. Abraçou Samantha com intensidade e agradeceu pela enésima vez. Enquanto se afastava de carro, os três ficaram do lado de fora, acenando.

Depois de uma hora costurando pelas montanhas e desviando de alguns caminhões de carvão, Samantha chegou à Center Street em Colton às 16h45. Deu entrada no processo de Booker contra a Top Market Solutions, pagou a taxa com um cheque da ONG e preencheu a papelada necessária para entrar com a ação contra a ré, e quando estava tudo acertado saiu do escritório do escrevente muito orgulhosa de seu primeiro processo agora na corte. Foi correndo ao tribunal, na esperança de que o julgamento de Donovan ainda não tivesse entrado em recesso. Longe disso; o tribunal estava metade ocupado, abafado, com uma camada de tensão que se podia sentir enquanto homens carrancudos de ternos escuros olhavam as sete pessoas sentadas na tribuna do júri. A seleção do júri perdia o gás; Donovan tinha esperança de concluir no primeiro dia.

Ele estava sentado ao lado de Lisa Tate, mãe dos dois meninos. Eram os dois sozinhos na mesa da acusação, que ficava ao lado da tribuna do júri. Do outro lado, na mesa da defesa, rondava um pequeno exército de terno escuro, todos com expressões duras e desagradáveis, como se os tivessem passado a perna na fase inicial do julgamento. O juiz falava com seu novo júri, dando instruções sobre o que deviam ou não fazer durante o julgamento. Ele quase os fez prometer, com uma bronca, relatar imediatamente qualquer contato com pessoas que tentassem discutir o julgamento. Samantha olhou os jurados e tentou determinar quais deles Donovan queria e quais eram considerados favoráveis à mineradora. Era impossível. Todos brancos, quatro mulheres, três homens, o mais novo por volta dos 25 e o mais velho com pelo menos 60 anos. Como alguém poderia prever a dinâmica de grupo de jurados ao pesarem as evidências? Talvez Lenny Charlton, o consultor. Samantha o viu três filas à frente, observando os jurados enquanto eles ouviam as instruções do juiz. Outros também observavam, sem dúvida consultores contratados pela Strayhorn Coal e sua seguradora. Todos os olhos estavam nos jurados. Era muito dinheiro em jogo e a tarefa deles era concedê-lo ou não.

Samantha sorriu diante do contraste. Ali, numa sessão tensa, Donovan tinha

arrastado outra companhia rica para responder por seus pecados. Exigiria milhões de indenização. Nas semanas seguintes, entraria com um processo de um bilhão de dólares contra a Krull Mining, um caso que devoraria vários anos e uma pequena fortuna em despesas.

Ela, por outro lado, agora tinha na pasta seu primeiro processo, que pleiteava cinco mil dólares de indenização de uma empresa obscura que provavelmente estava a um passo da falência.

Donovan se levantou para se dirigir à corte. Estava com sua melhor roupa de advogado, um elegante terno azul-marinho que tinha bom caimento em seu corpo magro. O cabelo comprido foi um pouco aparado para a ocasião. Estava barbeado, para variar. Ele andava pelo tribunal como se fosse dono dali. Os jurados observavam cada movimento e absorviam cada palavra enquanto ele anunciava que a acusação estava satisfeita com o júri e não tinha mais contestações. As 17h45, o juiz encerrou o dia. Samantha saiu às pressas para se antecipar ao rush. Dirigiu quatro quadras até a escola frequentada por Mandy e Trevor. Tinha falado com a diretora duas vezes durante o dia. Suas tarefas foram reunidas pelos professores. A diretora soube que a família estava morando num carro e ficou muito preocupada. Samantha lhe garantiu que eles estavam agora num lugar melhor e as coisas eram promissoras. Tinha esperança de que voltassem à escola em poucos dias. Nesse meio tempo, ela garantiria que eles continuassem os estudos e fizessem o dever de casa.

No carro, Samantha admitiu que se sentia mais uma assistente social do que uma advogada e não havia nada de errado nisso. Na Scully & Pershing, seu trabalho era mais adequado a contadores ou analistas financeiros, às vezes até a escriturários de salário mínimo ou simples burocratas. Ela se lembrou de que era uma advogada de verdade, embora tivesse lá suas dúvidas.

Enquanto saía de Colton, uma picape branca saiu atrás dela, depois recuou. Seguiu o carro de Samantha até Brady, guardando a mesma distância, não muito perto, mas jamais fora de vista.

# 17

As pizzarias nas cidades grandes se beneficiam de nativos italianos ou seus descendentes, pessoas que entendem que a verdadeira pizza vem de Nápoles, onde a crosta é fina e a cobertura, simples. A preferida de Samantha era a Lazio's, um lugarzinho em Tribeca onde os cozinheiros gritavam em italiano enquanto assavam a massa em fornos de tijolo. Como a maioria das coisas em sua vida nessa época, a Lazio's estava muito longe. E a pizza também. O único lugar de Brady para se comer uma pizza ficava numa loja de terceira em um centro comercial barato. A rede Pizza Hut, assim como a maioria de outras redes do país, ainda não havia se infiltrado nas cidades pequenas dos Apalaches.

A pizza tinha quase três centímetros de espessura. Ela viu o cara cortá-la e colocá-la na caixa. Oito dólares por uma de pepperoni e queijo, que parecia pesar uns três quilos. Ela a levou ao motel onde os Booker assistiam à televisão e esperavam. Estavam de banho tomado e sua aparência era muito melhor com as roupas limpas, e ficaram constrangedoramente agradecidos pela mudança. Samantha também levou a má notícia do dever de casa das crianças para a semana seguinte, mas isso não estragou o humor de ninguém.

Jantaram no quarto de Pamela, pizza e refrigerantes, com o *Wheel of Fortune* ao fundo em volume baixo. As crianças falaram da escola, dos professores e dos amigos de quem sentiam falta em Colton. Sua transformação em relação ao início da manhã era impressionante. Assustadas e famintas, elas tinham hesitado em pronunciar uma palavra. Agora não calavam a boca.

Quando a pizza acabou, Pamela estalou o chicote e os obrigou a se dedicar aos estudos. Tinha medo de que ficassem para trás. Depois de alguns protestos tímidos, eles foram para seu quarto estudar. Em voz baixa, Samantha e Pamela conversaram sobre o processo e o que significava. Com um pouco de sorte, a empresa podia perceber seu erro e falar no acordo. Caso contrário, Samantha os levaria ao tribunal assim que fosse possível.

Ela conseguiu transmitir a confiança de uma litigante experiente e jamais sugeriu que esse era seu primeiro processo de verdade. Também pretendia se reunir com o Sr. Simmons, da fábrica de luminárias, e explicar os erros que levaram à penhora do salário. Pamela não era uma caloteira; na realidade, estava sendo prejudicada por gente desonesta que abusava do sistema judiciário.

Ao sair de carro do Starlight Motel, Samantha percebeu que passou a maior parte das últimas 12 horas representando agressivamente Pamela Booker e seus

filhos. Se eles não tivessem descoberto a ONG no início daquela manhã, estariam escondidos em algum lugar no banco traseiro do carro, famintos, com frio, sem esperança, assustados e vulneráveis.



Seu celular tocou enquanto ela vestia o jeans. Era Annette, a trinta metros dela, no quintal.

— As crianças estão em seus quartos. Tem tempo para um chá? — perguntou ela.

As duas precisavam conversar, esclarecer tudo e chegar ao fundo do que incomodava Annette.

Kim e Adam conseguiram interromper seu dever de casa por tempo suficiente para cumprimentar Samantha. Eles preferiam tê-la ali para jantar toda noite, com a televisão depois e talvez um ou dois videogames. Samantha, porém, precisava de algum espaço. Annette certamente estava ajudando nisso.

Quando as crianças voltaram aos quartos e o chá foi servido, elas se sentaram na saleta semiescurecida e conversaram sobre a segunda-feira. Segundo Annette, havia muitos sem-teto nas montanhas. Não são vistos mendigando nas ruas, como nas cidades grandes, porque em geral conhecem alguém que dividirá um quarto ou uma garagem por mais ou menos uma semana. Quase todo mundo tem parentes não muito longe dali. Não existem abrigos para sem-teto, nem ONGs dedicadas a eles. Certa vez ela teve uma cliente, uma mãe cujo filho adolescente era doente mental e violento, e ela foi obrigada a botá-lo para fora de casa. Ele morava em uma barraca de escoteiro na mata, sobrevivendo de pequenos furtos e uma ou outra esmola. Quase congelava no inverno e quase se afogou numa enchente. Precisaram de quatro anos para conseguir que ele fosse para uma instituição. Ele fugiu e desde então nunca mais foi visto. A mãe ainda se culpava. Muito triste.

Elas conversaram sobre os Booker, Phoebe Fanning e a pobre Sra. Crump, que não sabia a quem dar suas terras. Isso lembrou Annette de um cliente que precisava de um testamento gratuito. Ele tinha muito dinheiro porque jamais gastou nenhum — “um mão de vaca” —, e entregou um testamento anterior, redigido por um advogado na mesma rua. O velho não tinha família, não gostava dos parentes distantes e não sabia a quem deixar o dinheiro. Então, o advogado anterior inseriu vários parágrafos de jargão indecifrável que, na realidade,

deixavam tudo para o advogado. Depois de alguns meses, o velho ficou desconfiado e apareceu no escritório de Annette. Ela preparou um testamento muito mais simples, que doava tudo a uma igreja. Quando ele morreu, o advogado da rua chorou muito no funeral e no enterro, depois explodiu quando soube do testamento mais recente. Annette ameaçou denunciá-lo à Ordem dos Advogados do estado e ele sossegou.

Kim e Adam reapareceram, agora de pijama, para dar boa-noite. Annette saiu para colocá-los na cama. Quando as portas estavam fechadas, ela serviu mais chá e se sentou numa ponta do sofá. Tomou um gole e foi ao que interessava.

— Sei que você está andando com Donovan — disse ela, como se fosse uma violação de alguma coisa.

Samantha não podia negar; por que o faria? E ela devia alguma explicação a alguém?

— Saímos de avião no sábado passado e na véspera subimos a Dublin Mountain. Por quê?

— Você precisa ter cuidado, Samantha. Donovan é um espírito complicado, além disso ainda é casado, sabia?

— Eu nunca dormi com um homem casado. E você?

Ela ignorou a pergunta. — Não sei se ser casado significa grande coisa para Donovan. Ele gosta de mulheres, sempre gostou, e agora que está morando sozinho, não sei se alguém está a salvo. Ele tem certa fama na cidade.

— Me fale da mulher dele.

Ela respirou fundo, tomou outro gole. — Judy é uma garota bonita, mas era uma combinação ruim. Ela é de Roanoke, uma garota da cidade, certamente estranha para as montanhas. Eles se conheceram na faculdade e lutaram por seu futuro juntos. Dizem que uma mulher se casa com um homem acreditando que pode mudá-lo, e ela não consegue. Um homem se casa com uma mulher acreditando que ela não mudará, e ela muda. Nós mudamos. Judy não conseguiu mudar Donovan; quanto mais tentava, mais ele resistia. E ela sem dúvida mudou. Quando chegou a Brady, esforçou-se ao máximo para se adaptar. Plantou um jardim e trabalhou como voluntária aqui e ali. Eles ingressaram em uma igreja e ela cantava no coro. Donovan ficou mais obcecado com seu trabalho e houve repercussões. Judy tentou fazê-lo recuar, passar adiante parte dos casos contra as mineradoras, mas ele não podia fazer isso. Acho que a gota d'água foi a filha dos dois. Judy não queria que ela fosse educada nas escolas daqui, o que é uma pena. Meus filhos estão indo muito bem.

— O casamento acabou?

— Quem sabe? Eles estão separados há uns dois anos. Donovan é louco pela filha e a vê sempre que pode. Dizem que eles estão tentando encontrar uma

solução, mas não vejo nenhuma. Ele não vai sair das montanhas. Ela não vai sair da cidade. Tenho uma irmã que mora em Atlanta, sem filhos. O marido mora em Chicago, um ótimo emprego. Ele acha que o Sul é congênito e atrasado. Ela acha Chicago fria e severa. Nenhum dos dois vai ceder, mas eles alegam estar felizes com sua vida e não pretendem se separar. Acho que isso dá certo para algumas pessoas. Mas me parece estranho.

— Ela não sabe que ele dá suas voltas?

— Não sei o que ela sabe. Mas não me surpreenderia se eles entrassem num acordo, algum tipo de casamento aberto. — Ela virou a cara ao dizer isso, como se soubesse mais do que falava.

O que devia ser óbvio de repente ficou, pelo menos para Samantha. Ela perguntou:

— Ele disse isso a você?

Parecia forçado que Annette meramente especulasse uma questão tão indecente. Uma pausa. — Não, claro que não — disse ela, sem convicção. Será que Donovan usava a linha preferida do homem casado, *vamos nessa, querida, porque minha mulher faz o mesmo*? Talvez Annette não fosse tão carente de companhia como fingia ser. Outra peça do quebra-cabeça se encaixava. Dizem que ela estava tendo um caso com Donovan, fosse pelo sexo, por um romance ou as duas coisas. Agora a garota nova da cidade tinha a atenção dele. A tensão entre elas não passava do antiquado ciúme, algo que Annette jamais admitiria, mas também não conseguia esconder.

— Mattie e Chester falaram de Donovan — disse Samantha. — Eles parecem pensar que Judy ficou assustada quando começou o assédio, disse que receberam telefonemas anônimos, ameaças, viram carros estranhos.

— É verdade, e Donovan não é a pessoa mais popular da cidade. Seu trabalho irrita muita gente. Judy foi afetada algumas vezes. E à medida que ele fica mais velho, vai ficando ainda mais imprudente. Ele briga sujo, então vence muitos casos. Ganhou muito dinheiro e, como acontece com os advogados de tribunal, seu ego aumentou com a conta bancária.

— Parece que são muitas razões para a separação.

— Infelizmente, são — disse ela com tristeza, mas com pouca sinceridade.

Elas beberam o chá, pensaram e nada disseram por um momento. Samantha decidiu ir até o fim, chegar ao fundo. Annette sempre foi tão aberta quando falava de sexo, então, vamos tentar.

— Ele já deu em cima de você?

— Não. Tenho 45 anos, dois filhos. Ele me acha velha demais. Donovan gosta das mais novas.

Ela fez um trabalho passável tentando convencer.

— Alguém em particular?

— Na verdade, não. Conheceu o irmão dele, Jeff?

— Não, ele falou dele algumas vezes. É mais novo, não?

— Sete anos mais novo. Depois que a mãe se matou, os meninos moraram aqui e ali, Mattie criando Donovan enquanto Jeff ficava com outro parente. Eles eram muito próximos. Jeff teve mais dificuldade, abandonou a faculdade, vagando aqui e ali. Donovan sempre se preocupou com ele, e agora Jeff trabalha para Donovan. Investigador, mensageiro, segurança, *office-boy*, diga uma função e Jeff faz. Ele também é tão gracinha quanto Donovan e é solteiro.

— Não estou exatamente disponível, se é o que quer dizer.

— Sempre estamos disponíveis, Samantha. Não engane a si mesma. Talvez não para uma relação fixa, mas sempre estamos procurando amor, mesmo da variedade rápida.

— Acho que minha vida ficaria mais complicada se eu voltasse a Nova York com um cara da montanha a reboque. Isso é que é uma combinação ruim.

Annette riu. A tensão parecia estar relaxando, e Samantha, agora que compreendia o caso, podia lidar com ele. Já decidira que Donovan estava no limite da proximidade. Ele era charmoso, excitante, certamente sexy, mas também não passava de problema. Com a exceção do dia em que se conheceram, Samantha sempre tinha a sensação de que eles estavam a um ou dois passos de tirar a roupa. Se ela aceitasse a oferta de emprego dele, teria sido difícil, se não impossível, evitar um caso, no mínimo por tédio.

Elas se despediram e Samantha voltou a seu apartamento. Ao subir à escada escura para o alto da garagem, ocorreu-lhe uma pergunta: quantas vezes Annette colocou as crianças para dormir, depois escapuliu para cá, para seu pequeno ninho de amor, para uma rapidinha com Donovan?

Muitas, algo lhe dizia. Muitas.

# 18

Samantha encontrou a fábrica de luminárias em um parque industrial praticamente abandonado na periferia da cidade de Brushy, em Hopper County. A maioria das construções metálicas estava fora de uso. As que ainda estavam em operação tinham alguns carros e picapes nos estacionamentos. Era um triste barômetro de uma economia há muito em declínio e longe do belo quadro previsto pela Câmara de Comércio.

No início, por telefone, o Sr. Simmons disse que não tinha tempo para uma reunião, mas Samantha pressionou e usou seu charme para conseguir uma promessa de trinta minutos. A recepção fedia a cigarro e o piso de linóleo não era varrido há semanas. Um funcionário entediado levou Samantha a uma sala no fundo do corredor. Vozes penetravam pelas paredes finas. Uma maquinaria rugia de algum lugar ao fundo. A fábrica parecia tentar heroicamente evitar o destino de seus vizinhos do parque industrial enquanto produzia luminárias baratas para motéis vagabundos pagando os salários mais baixos possíveis, sem nem pensar em benefícios adicionais. Pamela Booker disse que as vantagens eram uma semana de férias não remuneradas e três dias de licença médica, também sem pagamento. Nem pensar em plano de saúde. Samantha se acalmou ao pensar em todas as reuniões por que passara antes, reuniões com alguns dos imbecis mais inacreditáveis que o mundo já viu, homens muito ricos que devoravam Manhattan e atropelavam qualquer um em seu caminho. Ela vira esses homens engolirem e aniquilarem parceiros, inclusive Andy Grubman, um cara de quem ela sentia falta de vez em quando. Ela os ouvira gritar, ameaçar e xingar, e em várias ocasiões suas diatribes tinham Samantha como alvo. Mas ela sobreviveu. Apesar de ser um imbecil, o Sr. Simmons era um gatinho em comparação com aqueles monstros.

Ele foi surpreendentemente cordial. Recebeu-a bem, mostrou-lhe uma cadeira em seu escritório barato e fechou a porta.

— Obrigada por me receber — disse ela. — Serei breve.

— Gostaria de um café? — perguntou ele educadamente.

Ela pensou na poeira e nas nuvens de fumaça de cigarro e quase podia ver as manchas marrons grudadas nas entranhas da cafeteira.

— Não, obrigada.

Ele olhou as pernas dela enquanto se acomodava na mesa e relaxou como se tivesse o dia todo. Em silêncio, ela viu que era do tipo sedutor. Começou

contando as últimas aventuras da família Booker. Ele ficou comovido, não sabia que estavam sem ter onde morar. Ela lhe entregou uma cópia editada e encadernada dos documentos envolvidos e o acompanhou passo a passo pela complexidade jurídica. A última prova era uma cópia do processo em que dera entrada na véspera e ela lhe garantiu que não havia saída para a Top Market Solutions.

— Agarrei os caras pelas bolas — disse ela, uma grosseria intencional para avaliar a reação dele. Ele sorriu novamente.

Em resumo, a antiga cobrança judicial do cartão de crédito tinha caducado e a Top Market sabia disso. A penhora jamais deveria ter sido ordenada e o salário de Pamela Booker deveria ter ficado intocado. Ela ainda devia ter seu emprego.

— E você quer que eu lhe dê o emprego de volta? — ele perguntou o óbvio.

— Sim, senhor. Se ela tiver emprego, pode sobreviver. Os filhos precisam frequentar a escola. Podemos ajudá-la a encontrar um lugar para morar. Vou arrastar a Top Market para as barras do tribunal, fazê-los regurgitar o que tiraram dela, e ela receberá um belo cheque. Mas isso vai levar algum tempo. No momento, ela precisa do antigo emprego. E o senhor sabe que é simplesmente justo.

Ele parou de sorrir e olhou o relógio.

— Vou lhe dizer o que farei. Você consegue a revogação dessa ordem de penhora para que eu não faça nenhuma bobagem com isso e eu a coloco de novo na folha de pagamento. Quanto tempo isso vai levar?

Samantha nem imaginava, mas disse por instinto: — Talvez uma semana.

— Temos um acordo?

— Temos.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Qualquer coisa.

— Quanto você cobra por hora? Quer dizer, tenho um cara lá em Grundy, não é muito esperto, falo sério, ele demora a retornar os telefonemas, demora com tudo e me cobra duzentos paus por hora. Pode não ser grande coisa na liga principal, mas você está vendo onde estamos. Eu mandaria mais trabalho para ele, mas não vale a pena. Estive procurando por aí, mas não há muitos advogados razoáveis nessa região. Imagino que você deva ser razoável se Pamela Booker pode contratá-la. Então, qual é seu honorário?

— Nada. Zero.

Ele a encarou, boquiaberto.

— Trabalho com assistência jurídica — disse ela.

— Assistência jurídica?

— Serviços jurídicos gratuitos para pessoas de baixa renda.

Era um conceito estranho.

Ele sorriu. — Você aceitaria fábricas de luminárias?

— Desculpe, só pessoas pobres.

— Estamos perdendo dinheiro, eu juro. Vou lhe mostrar os livros.

— Obrigada, Sr. Simmons.

Enquanto corria de volta a Brady com a boa-nova, ela pensou nas possíveis formas de anular a ordem de penhora. E quanto mais pensava, mais percebia o pouco que sabia do básico da prática da lei cotidiana.



Em Nova York, ela quase nunca saía do escritório no final da tarde e ia direto para casa. Havia tantos bares, tantos profissionais solteiros à solta, tanto *networking*, socialização, ficadas e, bem, porres para tomar. Toda semana alguém descobria um bar ou boate nova que tinham que ser visitados antes que fossem descobertos e estragados pela massa.

As *happy hours* eram diferentes em Brady. Ela ainda não vira o interior de um bar; da rua pareciam vagabundos, os dois. Ainda não conhecera outro profissional liberal jovem e solteiro. Assim, suas opções se reduziam a (1) ficar no escritório, para não ter de (2) ir para seu apartamento e encarar as paredes. Mattie também preferia ficar por ali e, toda tarde, lá pelas cinco e meia, zanzava descalça procurando Samantha. O ritual das duas estava evoluindo, mas por enquanto incluía tomar um refrigerante diet na sala de reunião e fofocar enquanto olhavam a rua. Samantha estava ansiosa para xeretar o possível rolo entre Annette e Donovan, mas não fez isso. Talvez mais tarde, talvez um dia, quando tivesse mais provas, ou provavelmente nunca. Ela ainda era nova demais na cidade para se envolver em assuntos tão delicados. Além disso, sabia que Mattie era uma protetora feroz do sobrinho.

As duas tinham acabado de se acomodar nas cadeiras e estavam prontas para mais ou menos meia hora de relatório, quando a sineta tocou na porta da frente.

Mattie franziu a testa. — Acho que esqueci de trancar.

— Vou ver — disse Samantha, enquanto Mattie ia procurar os sapatos.

Eram os Ryzer, Buddy e Mavis, das profundezas da mata, Samantha supôs depois de uma rápida apresentação e uma olhada de cima a baixo. A papelada deles enchia duas sacolas de lona, com manchas idênticas.

— Precisamos de um advogado — disse Mavis.

— Ninguém vai aceitar meu caso — disse Buddy.
— O que é? — perguntou Samantha.
— Pulmão negro — respondeu ele.



Na sala de reunião, Samantha ignorou as sacolas de lona enquanto anotava o básico. Buddy tinha 41 anos e nos últimos vinte trabalhou como mineiro de superfície (mas não de lavras em tiras) para a Lonerock Coal, a terceira maior produtora dos Estados Unidos. Atualmente ganhava 22 dólares por hora operando uma escavadeira na Murray Gap, mina de Mingo County, West Virginia. Sua respiração era difícil enquanto ele falava e às vezes Mavis assumia a palavra. Três filhos, todos adolescentes, “ainda na escola”. Uma casa e uma hipoteca. Ele sofria de pulmão negro causado pela poeira do carvão que respirou em seus turnos de 12 horas.

Mattie enfim encontrou os sapatos e entrou na sala. Apresentou-se aos Ryzer, deu uma boa olhada nas sacolas de lona, sentou-se ao lado de Samantha e começou a fazer suas anotações. A certa altura, disse:

— Estamos vendo um número cada vez maior de mineiros de superfície com a doença do pulmão negro, não sei por que, mas uma teoria é de que vocês estão trabalhando em turnos maiores, e assim respiram mais a poeira.

— Ele já tem isso há algum tempo — disse Mavis. — Só fica pior a cada mês.

— Mas preciso continuar trabalhando — disse Buddy.

Uns 12 anos antes, por volta de 1996, eles não tinham certeza, ele começou a notar a respiração mais curta e uma tosse irritante. Nunca fumou e sempre foi saudável e ativo. Estava jogando bola com as crianças num domingo quando sua respiração ficou tão difícil que pensou estar enfartando. Foi a primeira vez que ele falou no assunto com Mavis. A tosse continuou e durante uma crise ofegante ele notou o muco preto nos lenços de papel que usava. Relutou em procurar ajuda porque temia retaliação da Lonerock, então continuou trabalhando e nada disse. Por fim, em 1999, entrou com um pedido com base na lei federal que protege trabalhadores com doença do pulmão negro. Foi examinado por um médico autorizado pelo Departamento do Trabalho. O diagnóstico: ele tinha a forma mais grave da doença do pulmão negro, mais formalmente conhecida como “pneumoconiose complicada dos trabalhadores do carvão”.

O governo ordenou que a Lonerock começasse a lhe pagar benefícios mensais de 939 dólares. Ele continuou trabalhando e a saúde só se deteriorava. Como sempre, a Lonerock Coal entrou com um recurso e se recusou a pagar o benefício.

Mattie, que lidava com pulmão negro há cinquenta anos, escrevia e meneava a cabeça. Podia escrever essa história dormindo.

— Eles recorreram? — disse Samantha.

O caso parecia claro. — Ele sempre recorrem — disse Mattie. — E a vez em que vocês conheceram aqueles rapazes gente boa mesmo da Casper Slate?

Os dois baixaram a cabeça ao ouvir o nome.

Mattie olhou para Samantha. — A Casper Slate é uma quadrilha de bandidos que usa ternos caros e se esconde atrás da fachada de uma firma de advocacia, com sede em Lexington e escritórios em toda a região dos Apalaches. Sempre que você encontra uma mineradora, encontrará a Casper Slate fazendo seu trabalho sujo. Eles defendem empresas que despejam substâncias químicas em rios, poluem mares, escondem lixo tóxico, violam padrões de ar limpo, discriminam funcionários, burlam regras de licitação, pense num comportamento ilegal ou sujo e a Casper Slate estará presente para defendê-lo. A especialidade deles, porém, é a lei de mineração. A firma foi fundada aqui nos campos de carvão há cem anos e quase toda grande operadora a contrata. Os métodos que usam são impiedosos e antiéticos. O apelido deles é *Castrate* e é bem adequado.

Buddy não pôde deixar de resmungar “filhos da puta”. Ele não tinha advogado; assim, ele e Mavis foram obrigados a entrar em disputa com uma horda da Casper Slate, advogados que dominavam os procedimentos e sabiam exatamente como manipular o sistema federal de pulmão negro. Buddy foi examinado pelos médicos deles — os mesmos médicos cuja pesquisa era financiada pela indústria do carvão — e seu relatório não mostrou evidências de pulmão negro. Sua condição clínica tinha origem em uma mancha benigna no pulmão esquerdo. Dois anos depois de ele pedir os benefícios, seu prêmio foi anulado por um juiz que se fiou nas resmas de provas médicas entregues pelos médicos da Lonerock.

— Os advogados deles exploram os pontos fracos do sistema — disse Mattie —, e seus médicos pesquisam um jeito de colocar a culpa do problema em qualquer coisa, menos no pulmão negro. Não surpreende que apenas 5 por cento dos mineiros com pulmão negro consigam algum benefício. Muitas solicitações legítimas são negadas e muitos mineiros ficam desestimulados de lutar por seus direitos.

Passava das seis e a reunião podia durar horas. Mattie assumiu o controle. — Olha, gente, vamos ver seu material aqui e examinar seu caso. Precisamos de

alguns dias, depois ligamos para vocês. Por favor, não telefonem para nós. Não vamos esquecer vocês, mas leva algum tempo examinar tudo isso. Fechado?

Buddy e Mavis sorriram e agradeceram educadamente.

Ela disse: — Tentamos advogados em toda parte, ninguém quer nos ajudar.

— Já estamos felizes de vocês terem deixado a gente entrar — disse Buddy.

Mattie os acompanhou até a frente, com Buddy ofegando e vacilando como se tivesse 90 anos. Quando foram embora, ela voltou à sala de reunião e se sentou de frente para Samantha. Refletiu por alguns segundos.

— O que você acha?

— Muita coisa. Ele tem 41 anos e parece ter 60. É difícil de acreditar que esteja trabalhando.

— Vão demiti-lo em breve, alegar que ele é um perigo, o que deve ser verdade. A Lonerock Coal proibiu os sindicatos vinte anos atrás, então não existe proteção alguma. Ele estará fora do mercado de trabalho e sem sorte. E terá uma morte horrível. Vi meu pai encolher, murchar e ofegar até o fim.

— E é por isso que você faz esse trabalho.

— Sim. Donovan foi para a faculdade de direito por um motivo… combater as mineradoras num palco maior. Eu fiz direito por um motivo… ajudar os mineiros e suas famílias. Não estamos vencendo nossas pequenas guerras, Samantha, o inimigo é grande e poderoso demais. O máximo que podemos esperar é enfraquecê-lo, um caso de cada vez, tentando fazer diferença na vida de nossos clientes.

— Vai aceitar esse caso?

Mattie bebeu pelo canudinho e deu de ombros. — Como você diria não?

— Exatamente.

— Isso não é tão fácil, Samantha. Não podemos dizer sim a cada caso de pulmão negro. São muitos. Os advogados particulares não tocam neles porque só são pagos no fim, supondo-se que vençam. E o fim nunca está à vista. Não é incomum que um caso de pulmão negro se arraste por dez, quinze, até vinte anos. Não se pode culpar um advogado com firma particular por dizer não, então temos um monte de indicados. Metade de meu trabalho é com pulmão negro e se eu não dissesse não de vez em quando, não poderia representar meus outros clientes. — Mattie deu outro gole, olhando-a atentamente. — Tem algum interesse?

— Não sei. Gostaria de ajudar, mas não sei por onde começar.

— Assim como seus outros casos, não é?

Elas sorriram e curtiram o momento.

— Esse é o problema — disse Mattie. — Esses casos tomam tempo, anos e anos porque as mineradoras jogam pesado e têm todos os recursos. O tempo está

do lado deles. Um dia o mineiro vai morrer, e prematuramente, porque não há cura para isso. Depois que a poeira de carvão entra em seu corpo, não tem como retirá-la nem destruí-la. Depois que o pulmão negro se instala, fica cada vez pior. As mineradoras pagam os atuários e eles assumem o risco, e assim os casos se arrastam. Eles tornam tudo tão difícil e problemático que desestimula não só o mineiro que está doente, mas também seus amigos. É por isso que brigam tão pesado. Outro motivo é afugentar os advogados. Você vai embora daqui a alguns meses, voltará a Nova York e quando sair deixará alguns arquivos, trabalho que vai ficar largado nas nossas mesas. Pense nisso, Samantha. Você tem compaixão e mostra muita promessa para este trabalho, mas só está de passagem. É uma garota da cidade e se orgulha disso. Não há nada de errado nisso. Mas pense em seu escritório no dia em que for embora e quanto trabalho ficará incompleto.

— Bom argumento.

— Vou para casa. Estou cansada e acho que Chester disse que temos sobras. Vejo você de manhã.

— Boa-noite, Mattie.

Muito depois de ela sair, Samantha ficou sentada na sala de reunião mal iluminada, pensando nos Ryzer. De vez em quando, olhava as sacolas de lona cheias da triste história de sua luta para receber o que era de direito. E ali estava ela, uma advogada perfeitamente capaz e autorizada, com inteligência e recursos para dar uma assistência verdadeira, para ir em auxílio de alguém que precisava de representação.

O que havia ali para temer? Por que ela se intimidava?

O Brady Grill fechava às oito. Ela estava com fome e foi dar uma caminhada. Passou pelo escritório de Donovan e notou que todas as luzes estavam acesas. Perguntou-se como estaria indo o julgamento do caso Tate, mas sabia que ele estaria ocupado demais para bater papo com ela.

Na lanchonete, comprou um sanduíche, levou de volta à sala de reunião e cuidadosamente esvaziou as sacolas dos Ryzer. Várias semanas se passaram sem que ela não virasse a noite trabalhando.

# 19

Samantha não foi ao escritório na manhã de quarta-feira e saiu da cidade enquanto os ônibus escolares faziam suas rondas, o que não foi uma boa ideia. O trânsito na rodovia sinuosa se arrastava, parando e esperando enquanto crianças de 10 anos distraídas e privadas de sono, arriando as mochilas volumosas, não tinham nenhuma pressa de embarcar. Do outro lado da montanha, no Kentucky, os ônibus desapareceram e os caminhões de carvão entupiam as estradas. Depois de uma hora e meia, ela se aproximou da cidadezinha de Madison, West Virginia, e parou, como foi orientada, em uma loja rural sob uma placa desbotada da Conoco. Buddy Ryzer estava na mesa dos fundos, bebendo café e lendo jornal. Ficou emocionado ao ver Samantha e a apresentou a um amigo como “minha nova advogada”. Ela aceitou sem comentários e pegou uma pasta com autorizações que lhe permitiriam obter todo o prontuário médico de Buddy.

Em 1997, antes de entrar com a queixa contra a Lonerock Coal, Buddy passou por um exame físico de rotina. Um raio X revelou uma pequena massa no pulmão direito. Seu médico tinha certeza de que era benigno e tinha razão. Em uma cirurgia de duas horas, removeu a massa e mandou Buddy e Mavis para casa com as boas-novas. Como a cirurgia não tinha nenhuma relação com sua requisição subsequente de benefícios por pulmão negro, não foi mencionada novamente. Mattie achava imperativo reunir todos os prontuários médicos, e assim Samantha foi a Madison. Seu destino era o hospital em Beckley, West Virginia, uma cidade de 20 mil habitantes.

Buddy a acompanhou ao carro e quando finalmente ficaram a sós, ela educadamente lhe informou que ainda estavam investigando. Não foi tomada nenhuma decisão se o aceitariam como cliente. Elas examinariam o arquivo e assim por diante. Buddy disse que compreendia perfeitamente, mas estava claro que seria aceito. Seria doloroso dizer não a ele.

Ela foi a Beckley, uma hora de carro através do coração da terra do carvão e marco zero da remoção de cumes de montanha. Havia tanta poeira no ar que ela se perguntou se um motorista de passagem poderia contrair a doença do pulmão negro. Encontrou sem maiores problemas o hospital em Beckley e percorreu suas camadas até descobrir o funcionário certo no setor de registros. Preencheu formulários de solicitação, entregou as autorizações assinadas pelo Sr. Ryzer e esperou. Passou-se uma hora enquanto ela mandava um e-mail a todos em que conseguia pensar. Estava em uma sala apertada e sem janelas, sem ventilação.

Mais meia hora se passou. Uma porta se abriu e o funcionário empurrou um carrinho por ela. Uma caixa pequena estava no carrinho e isso foi um alívio. Talvez não levasse uma eternidade para examinar os prontuários.

— Sr. Aaron E Ryzer, admitido em 15 de agosto de 1997 — disse o funcionário.

— É isso mesmo. Obrigada.

O funcionário saiu sem dizer nada. Samantha pegou a primeira pasta e logo ficou perdida em uma internação e cirurgia de hospital incrivelmente comuns. Parecia que o patologista que redigiu os relatórios não estava ciente de que o paciente era mineiro, nem procurou por sinais de pulmão negro. Em seus primeiros estágios, a doença não é aparente de imediato e, àquela altura, em agosto de 1997, Buddy não mostrava sintomas, mas não tinha entrado com o pedido de indenização. O trabalho do médico foi simples — remoção da massa, ver se era benigna, costurá-lo e mandá-lo para casa. Não houve nada de extraordinário na cirurgia nem na internação de Buddy no hospital.

Dois anos depois, após Buddy ter entrado com o pedido de indenização por pulmão negro, os advogados da Casper Slate entraram na história ao passarem um pente fino por sua ficha médica. Ela leu as primeiras correspondências deles com o patologista de Beckley. Descobriram a cirurgia de 1997, onde encontraram uma série de slides de tecido pulmonar. Pediram ao médico para mandar os slides a dois dos especialistas preferidos da firma, um Dr. Foy em Baltimore e um Dr. Aberdeen em Chicago. Por algum motivo, o Dr. Foy copiou o patologista de Beckley com uma descoberta de que o tecido revelava pneumoconiose com fibrose maciça progressiva. Como o patologista não estava mais envolvido no tratamento de Buddy, ele nada fez com essa informação. E como Buddy não tinha um advogado na época, ninguém que trabalhasse em seu nome examinou os prontuários que Samantha agora segurava.

Samantha respirou fundo. Ficou ali com o relatório e lentamente o repassou. Nesse momento, parecia que os advogados da Casper Slate, no início de 2000, souberam por pelo menos um de seus próprios especialistas que Buddy tinha a doença do pulmão negro desde 1997, entretanto recorreram de seu pedido e por fim venceram.

Ele não recebeu benefícios, mas voltou às minas enquanto os advogados da Casper Slate enterravam sua prova crucial.

Ela despertou o funcionário, que relutantemente concordou em fazer algumas cópias, a meio dólar por folha. Depois de três horas nas entranhas do hospital, Samantha viu a luz do sol e escapou. Dirigiu pela cidade por 15 minutos até localizar o prédio do tribunal federal onde, sete anos antes, Buddy Ryzer apresentara seu caso a um juiz. Sua única advogada foi Mavis. Do outro lado da

sala, enfrentaram uma falange de advogados caros da chamada Castrate que labutavam diariamente no lodaçal do Sistema Federal do Pulmão Negro.

Ao entrar no saguão vazio do prédio, Samantha foi praticamente vasculhada por dois entediados seguranças de alguma variedade sem nome. Uma lista perto dos elevadores a levou a uma sala de arquivo no segundo andar. Um funcionário, evidentemente com cargo federal e protegido, por fim perguntou o que ela queria. Ela procurava um arquivo de pulmão negro, explicou com a maior educação possível. É claro que sua papelada não estava em ordem. O funcionário franziu a testa e reagiu como se um crime tivesse sido cometido. Pegou alguns formulários em branco e vomitou instruções sobre como se deve ter acesso ao arquivo; exigia duas assinaturas do requerente. Ela saiu sem nada além da frustração.

Às nove da manhã seguinte, Samantha novamente encontrou Buddy no posto Conoco em Madison. Ele ficou animado ao ver a advogada pela terceira vez seguida e a apresentou a Weasel, o cara que era dono da loja. — Veio de Nova York até aqui — disse Buddy com orgulho, como se seu caso fosse tão importante que importaram um talento peso-pesado da justiça. Quando a papelada foi concluída e estava perfeita, ela se despediu e voltou de carro ao tribunal em Beckley. Os guerreiros armados que tão corajosamente protegiam o saguão na quarta-feira evidentemente foram pescar na quinta. Não havia ninguém para apalpar Samantha. O detector de metais estava desligado. Terroristas inteligentes que monitorassem Beckley só precisariam esperar até as quintas-feiras para frustrar a segurança nacional e explodir o prédio.

O mesmo funcionário examinou seus formulários e procurou em vão um motivo para rejeitá-los, mas não encontrou nada para reclamar. Ela o seguiu até uma enorme sala forrada de arquivos de metal, cheios de milhares de casos antigos. Ele apertou botões em uma tela; máquinas zumbiram enquanto prateleiras se mexiam. Abriu a gaveta e pegou quatro grandes pastas sanfonadas. — Pode usar uma dessas mesas — disse ele, apontando, como se fosse dono delas. Samantha agradeceu, descarregou sua pasta, preparou seu ninho e tirou os sapatos.



Mattie também estava sem sapatos no final da tarde de quinta-feira quando Samantha voltou ao escritório. Todas as outras tinham ido embora e a porta da

frente estava trancada. Elas foram à sala de reunião para olhar o trânsito na rua principal enquanto conversavam. Em toda a sua carreira de trinta anos como advogada, e especialmente nos últimos 26 anos na ONG, Mattie quase sempre se desentendia com os rapazes (sempre homens — nunca mulheres) da Casper Slate. Seu estilo de advocacia agressivo em geral ia muito além, entrando no reino da conduta antiética, talvez até o comportamento criminoso. Cerca de uma década antes, ela chegou à medida extrema de entrar com uma queixa ética contra a firma na Ordem dos Advogados da Virginia. Dois advogados da Castrate foram repreendidos, nada grave, e quando tudo acabou, o problema não compensou. Em represália, a firma a atingia sempre que possível, com punhaladas pelas costas, de uma ferocidade ainda maior quando ela defendia um de seus casos de pulmão negro. Seus clientes sofriam e ela se arrependeu de ter batido de frente com a Castrate. Tinha sabido que o Dr. Foy e o Dr. Aberdeen, dois renomados e competentes pesquisadores, foram comprados pelas mineradoras anos atrás. Os hospitais onde eles trabalhavam receberam da indústria do carvão milhões em doações para pesquisa.

Por mais saturada que estivesse com a firma de advocacia, Mattie ainda ficou surpresa com uma descoberta de Samantha. Leu a cópia do relatório do Dr. Foy ao patologista de Beckley. Estranhamente, nem Foy nem Aberdeen foram mencionados na audiência de Ryzer. O relatório médico de Foy não foi apresentado; em vez disso, os advogados da Casper Slate usaram outros médicos e nenhum deles falou nas descobertas do Dr. Foy. Eles foram informados dessas descobertas?

— Muito improvável — foi a previsão de Mattie. — Esses advogados são famosos por esconder provas que não são úteis às mineradoras. Podemos supor que os dois médicos viram o tecido pulmonar e chegaram à mesma conclusão: Buddy tinha a forma mais grave de doença do pulmão negro. Assim, os advogados enterraram as provas e encontraram outros especialistas.

— Como é possível simplesmente enterrar provas? — perguntou Samantha, uma pergunta que vinha repetindo a si mesma há muitas horas.

— Para esses caras, é fácil. Lembre-se de que isso acontece perante um juiz, e não um juiz federal. É uma audiência, não um julgamento. Em um julgamento de verdade, existem regras severas relacionadas à produção de provas e sua divulgação integral; não é assim na audiência do pulmão negro. As regras são muito mais relaxadas e esses caras passaram décadas reajustando e manipulando essas regras. Em metade dos casos, os mineiros, como Buddy, não têm advogado, então não há uma briga justa.

— Isso eu entendi, mas me conte como os advogados da Lonerock Coal podiam saber com certeza que Buddy tinha a doença já em 1997, depois

esconderam a descoberta encontrando outros médicos que testemunharam, sob juramento, que ele não sofria de pulmão negro.

— Porque eles são uns pilantras.

— E não podemos fazer nada a respeito disso? Parece fraude e conspiração. Por que eles não podem ser processados? Se fizeram isso com Buddy Ryzer, aposto que fizeram com outros milhares.

— Pensei que você não gostasse de contencioso.

— Estou mudando de ideia. Isso não está certo, Mattie.

Mattie sorriu e desfrutou de sua indignação. *Todos já passamos por isso*, pensou ela. — Seria um esforço enorme cair em cima de uma firma de advocacia tão poderosa como a Casper Slate.

— Sim, sei disso, e não entendo nada de contencioso. Mas fraude é fraude, e neste caso seria fácil provar. Provar uma fraude não prepara o caminho para indenizações punitivas?

— Talvez, mas nenhuma firma de advocacia por aqui vai processar diretamente a Casper Slate. Custaria uma fortuna, levaria anos, e se você conseguisse um grande veredicto, não poderia mantê-lo. Lembre-se, Samantha, eles elegem a Suprema Corte em West Virginia e você sabe quem faz as maiores contribuições de campanha.

— Processe a firma no tribunal federal.

Mattie refletiu por um momento.

— Não sei. Não sou especialista nesse tipo de litígio. Terá que perguntar a Donovan.

Houve uma batida na porta, mas nenhuma das duas se mexeu. Passava das seis, estava quase escuro, e elas simplesmente não estavam a fim de visitas. Alguém bateu de novo, depois foi embora.

— E então, como vamos agir com o pedido dele de benefício? — perguntou Samantha.

— Está aceitando o caso?

— Sim. Não posso dar as costas sabendo o que sei agora. Se você me ajudar, vou entrar com um processo e partir para a guerra.

— Tudo bem, os primeiros passos são tranquilos. Entre com o processo e espere um exame médico. Depois que recebê-lo, supondo-se que diga o que esperamos, você vai esperar uns seis meses para que o diretor distrital conceda os benefícios, que agora são de 1.200 por mês. A Lonerock vai recorrer e é aí que a guerra começa. Essa é a rotina de sempre. Neste caso, porém, vamos pedir ao tribunal para reconsiderar, à luz das novas provas, e procurar benefícios retroativos à primeira solicitação. Provavelmente vamos ganhar essa também e a Lonerock sem dúvida vai recorrer.

— Podemos ameaçar a firma e seus advogados com a exposição?

Mattie sorriu, parecendo se divertir com a reação de Samantha.

— Algumas pessoas podemos ameaçar, Samantha, porque somos advogadas e nossos clientes têm razão. Outras deixamos em paz. Nosso objetivo é conseguir a maior quantia possível para Buddy Ryzer, e não fazer uma cruzada contra advogados picaretas.

— Parece um caso perfeito para Donovan.

— Então, pergunte a ele. A propósito, ele quer que a gente passe lá para um drinque. Todas as testemunhas acabaram e o júri deve pegar o caso lá pelo meio-dia de amanhã. De acordo com ele, as coisas foram bem para o lado dele, e está muito confiante.

— Não é nenhuma surpresa.



Eles estavam tomando uísque em volta de uma mesa abarrotada no segundo andar, na sala de guerra, sem os paletós, gravatas soltas, aparência de guerreiros cansados, mas ainda assim presunçosos. Donovan apresentou Samantha ao irmão mais novo, Jeff, enquanto Vic Canzarro pegava mais dois copos de cristal em uma prateleira. Pelo que se lembrava, Samantha nunca tinha provado a bebida dourada pura. Podia estar muito misturada em algum coquetel nas festas de faculdade, mas ela não estaria consciente disso. Preferia vinho, cerveja e martini, sempre fugindo de bebidas douradas. Nesse momento, porém, não tinha alternativa. Os rapazes curtiam seu George Dickel puro, sem gelo. O uísque queimou seus lábios, ardeu na língua e incendiou seu esôfago, mas quando Donovan perguntou:

— Que tal?

Ela conseguiu sorrir e responder:

— Bom. — Ela estalou os lábios como se nunca tivesse provado nada tão delicioso enquanto jurava despejar tudo pelo ralo assim que encontrasse um banheiro.

Annette tinha razão. Jeff era no mínimo tão bonito quanto o irmão mais velho, tinha os mesmos olhos escuros e cabelo comprido desgrenhado, embora Donovan tivesse cortado um pouco o seu para o tribunal. Jeff vestia paletó e gravata, mas também jeans e botas. Não era advogado, segundo Annette, tinha abandonado a faculdade, mas de acordo com Mattie trabalhava intimamente com

Donovan e fazia boa parte de seu trabalho sujo. Vic havia passado quatro horas no banco das testemunhas no dia anterior e ainda se divertia com seus argumentos com os advogados da Strayhorn Coal. Uma história levou à outra. Mattie perguntou a Jeff:

— O que achou do júri?

— Estão todos conosco — disse ele sem hesitar.

— Talvez com uma exceção, mas vamos indo bem.

— Eles ofereceram meio milhão para fechar um acordo hoje à tarde, depois da última testemunha. Estão com medo — disse Donovan.

— Aceite o dinheiro, idiota — disse Vic.

— Mattie, o que você faria? — perguntou Donovan.

— Bom, meio milhão não é grande coisa para dois meninos mortos, mas é muito para Hopper County. Ninguém naquele júri jamais viu uma quantia dessas e terão dificuldade em concedê-la a um dos seus.

— Aceitar ou lançar os dados? — perguntou Donovan.

— Aceitar.

— Jeff?

— Aceite o dinheiro.

— Samantha?

Samantha respirava pela boca, tentando apagar o fogo. Lambeu os lábios e disse: — Bom, há duas semanas eu não conseguia nem pronunciar “processo”, agora você quer meu conselho se deve fechar o acordo ou não?

— Sim, você precisa votar, ou cortamos a birita.

— Faça isso, por favor. Sou apenas uma reles assistente de advocacia, assim eu pegaria o dinheiro e sairia correndo.

Donovan tomou um gole pequeno e sorriu: — Quatro a um. Adoro assim.

Só um voto contava e estava claro que o caso não teria acordo.

Mattie perguntou: — E seus argumentos finais? Podemos ouvir?

— É claro — disse ele, levantando-se de um salto, endireitando a gravata e colocando o copo numa prateleira. Começou a andar de um lado para o outro da mesa comprida, olhando a plateia como um ator veterano de teatro.

Mattie cochichou para Samantha: — Ele gosta de ensaiar conosco quando temos tempo.

Ele parou, olhou diretamente para Samantha e começou.

— Senhoras e senhores do júri, um monte de dinheiro não trará de volta Eddie e Brandon Tate. Agora eles já estão mortos há 19 meses, sua vida ceifada pelos homens que trabalham para a Strayhorn Coal. Mas é apenas dinheiro que temos para medir os danos em casos como esse. O vil metal, como diz a lei. Agora cabe aos senhores decidir quanto. Vamos começar por Brandon, o mais

novo dos dois, um garotinho frágil, de apenas 8 anos e nascido prematuro, aos sete meses. Ele aprendeu a ler aos 4 anos e adorava seu computador, que, aliás, estava embaixo de sua cama quando a pedra de seis toneladas os atingiu. O computador também foi encontrado amassado e apagado, tão morto quanto Brandon.

Donovan falava com calma, sem ser exibido. Sincero, sem sugerir nada além de sinceridade. Não tinha anotações; não precisava delas. De imediato, Samantha ficou cativada e teria lhe dado a soma de dinheiro que ele pedisse. Ele andava de um lado a outro, um completo controle do palco e do roteiro. A certa altura, porém, Mattie os assustou com "protesto, não pode dizer isso".

Donovan riu. — Peço desculpas, excelência. Pedirei aos jurados que desconsiderem o que acabo de dizer, o que evidentemente é impossível e por isso mesmo eu falei.

— Protesto — repetiu Mattie.

Não havia desperdício de palavras, nem hipérboles, nem citações floreadas da Bíblia ou de Shakespeare, nem falsas emoções, nada além de um momento com nuances cuidadosas em favor do cliente e contra uma empresa terrível, tudo sem esforço, espontaneamente. Ele sugeriu o valor de um milhão por criança e mais um milhão de indenização punitiva. Três milhões no total, uma quantia grande para ele e certamente para os jurados, mas uma gota num balde para a Strayhorn Coal. No ano anterior, a renda bruta da companhia fora de 14 milhões de dólares por semana.

Quando ele terminou, aquele júri em particular já estava no bolso. O verdadeiro não seria tão fácil. Enquanto Vic servia mais uísque, Donovan os desafiou a criticar seus argumentos finais. Disse que ficaria acordado a noite toda revisando. Alegou que o uísque soltava suas ideias criativas e alguns de seus melhores argumentos finais eram resultado de algumas horas de meditação etílica. Mattie argumentou que três milhões era uma quantia alta demais. Podia dar certo nas cidades maiores, mas não em Hopper County, nem mesmo em Noland County. Lembrou a ele que nenhum dos dois condados viu jamais um veredicto de um milhão de dólares e ele lembrou a ela que para tudo havia uma primeira vez. E ninguém podia criar um conjunto de fatos melhor, fatos esses que ele expôs com tanta clareza e maestria ao júri.

De um lado a outro, de um lado a outro. Samantha pediu licença e foi ao banheiro. Despejou o uísque no ralo da pia e teve esperança de jamais reencontrá-lo. Deu boa noite, desejou a Donovan toda sorte do mundo e foi de carro para o Starlight Motel, onde a família Booker aproveitava uma estada ampliada. Levava biscoitos para as crianças e dois romances para Pamela. Enquanto Mandy e Trevor se distraíam com o dever de casa, as mulheres saíram,

encostaram no capô do Ford de Samantha e falaram de negócios. Pamela estava animada porque uma amiga encontrara um pequeno apartamento em Colton por apenas quatrocentos dólares por mês. As crianças estavam atrasadas na escola e depois de três noites no motel ela estava pronta para se mudar. Decidiram sair no dia seguinte, de manhã cedo, levar as crianças à escola e olhar o apartamento. Samantha ia dirigir.

# 20

Depois de duas semanas em Brady, ou, mais precisamente, três semanas longe da Scully & Pershing, a privação de sono de Samantha foi completamente exorcizada e ela estava de volta a seus velhos hábitos. Às cinco da manhã de sexta-feira, estava tomando café na cama e martelando um memorando de três páginas sobre o tema dos pulmões negros de Buddy Ryzer e o comportamento fraudulento da Casper Slate em não lhe conceder os benefícios. Às seis horas, mandou um e-mail a Mattie, Donovan e seu pai. Estava ansiosa para ver qual seria a reação de Marshall Kofer.

Outro grande processo era a última coisa que Donovan tinha em mente e a intenção de Samantha não era incomodá-lo nesse dia importante. Ela simplesmente tinha esperança de que ele encontrasse tempo no fim de semana para ler sobre o Sr. Ryzer e dizer o que achava.

Dez minutos depois, ela recebeu o que ele achava. O e-mail dele dizia: "Lutei com unhas e dentes contra esses cretinos nos últimos 12 anos e os odeio fervorosamente. Minha fantasia de julgamento é um imenso confronto com a Castrate num tribunal, uma grande exposição de todos os seus pecados. Adoro esse caso! Vamos conversar depois. Vá para a guerra em Colton. Vai ser divertido!!"

Ela respondeu: "Vou. Toda a sorte do mundo."

Às sete, ela foi de carro ao Starlight Motel e pegou os Booker. Mandy e Trevor vestiam suas melhores roupas e estavam ansiosos para voltar à escola. Enquanto Samantha dirigia, eles comiam seus *donuts* e falavam sem parar. Mais uma vez, a fronteira entre o trabalho de advogada e o de assistente social estava toldada, mas isso não importava. Segundo Mattie, além de dar aconselhamento jurídico, o trabalho costumava incluir conselhos matrimoniais, carona, preparo de comida, procura de emprego, aulas particulares, aconselhamento financeiro, procura de apartamento e serviços de babá. Ela adorava dizer: "Não trabalhamos pela hora, mas pelo cliente."

Na frente da escola em Colton, Samantha ficou no carro enquanto Pamela entrava com os filhos. Ela queria cumprimentar os professores e explicar as coisas. Samantha mandara e-mails diários à escola, e os professores e a diretora demonstraram seu apoio.

Com as crianças em segurança no lugar que lhes era de direito, Samantha e Pamela passaram as duas horas seguintes examinando a seleção muito pequena

de imóveis para alugar em Colton e arredores. O apartamento que a amiga de Pamela tinha alardeado ficava a poucas quadras da escola e era parte de quatro unidades em um prédio comercial arruinado que foi parcialmente reformado. O lugar era bem limpo, com alguns poucos móveis, o que era importante, porque Pamela não tinha nenhum. O preço era de quatrocentos mensais, que parecia aceitável, em vista de suas condições. Ao saírem, Pamela disse, sem nenhum entusiasmo: — Acho que a gente pode viver ali.

O fundo de reserva de Mattie daria apenas para uns dois meses, embora Samantha não divulgasse isso. Ela deu a impressão exata de que o dinheiro era curto e que Pamela precisava encontrar emprego assim que possível. Não foi marcada nenhuma audiência sobre a ordem de penhora; na verdade, Samantha não teve notícia da ré, a Top Market Solutions. Telefonou para a fábrica de luminárias duas vezes para se certificar de que o Sr. Simmons estava em estado de espírito favorável e que Pamela ainda poderia conseguir seu emprego de volta assim que o assunto da penhora se resolvesse. As perspectivas de outro emprego em Hopper County eram fracas.

Samantha nunca viu o interior de um trailer, jamais pensou realmente em fazer isso, mas três quilômetros a leste dos limites da cidade, no fim de uma estrada de cascalho, teve sua primeira experiência. Era um belo trailer, mobiliado, limpo, por 550 por mês. Pamela confessou que foi criada em um trailer, como muitos de seus amigos, e gostava da privacidade. A princípio, Samantha achou o lugar incrivelmente apertado, mas, ao circular por ali, teve que admitir que vira moradias muito menores em Manhattan.

Havia um duplex no alto da cidade, com uma linda vista e tudo, mas os vizinhos deram todos os sinais de serem insuportáveis. Havia uma casa vaga numa parte sombria da cidade. Elas a olharam da rua e não saíram do carro. A partir dali a procura esfriou, e elas decidiram tomar um café no centro, não muito longe do tribunal. Samantha resistiu à tentação de sair, entrar furtivamente na fila de trás e observar Donovan se apresentar ao júri. Alguns moradores numa mesa próxima não falavam de outra coisa senão do julgamento. Um disse que tinha passado por lá às oito e meia e o tribunal já estava lotado. Em sua arrogante opinião, era “o maior julgamento na história de Colton”.

— E é sobre o quê? — perguntou Samantha com simpatia.

— Não está sabendo do julgamento do caso Tate? — perguntou o homem sem acreditar.

— Desculpe, não sou daqui.

— Ah, cara. — Ele balançou a cabeça e de certo modo a enxotou com um gesto. Suas panquecas chegaram e ele perdeu o interesse no assunto. Ele sabia demais para contar em tão pouco tempo.

Pamela tinha uma amiga em Colton que precisava ver. Samantha a deixou na cafeteria e voltou de carro para Brady. Assim que entrou em seu escritório, Mattie se colocou bem atrás dela.

— Acabo de receber um torpedo de Jeff. Donovan não aceitou o acordo e o júri está com o caso. Vamos comprar um sanduíche, comer no carro e ir para lá.

— Acabo vir de lá — disse Samantha. — Além disso, você não vai conseguir lugar.

— E como sabe disso?

— Tenho minhas fontes. — Em vez disso, comeram os sanduíches na sala de reunião com Claudelle e aguardaram nervosas a mensagem de texto seguinte. Como não chegava, voltaram a suas salas, desanimadas, ainda esperando. À uma da tarde, a Sra. Francine Crump chegou pontualmente para a assinatura formal de seu testamento. Parecia estranho que uma mulher proprietária de terras no valor de pelo menos 200 mil dólares contasse caraminguás, mas a verdade é que ela não tinha nada além das terras (e o carvão abaixo delas).

Samantha tinha trocado correspondência com a Mountain Trust, um grupo conservacionista bem estabelecido, especializado em assumir a escritura de terras e preservá-las. O testamento simples de Francine dizia que ela legava seus 32 hectares à Mountain Trust e excluía os cinco filhos adultos. Enquanto Samantha lia o testamento para ela e explicava tudo com muita clareza, Francine começou a chorar. Uma coisa era ficar zangada e “excluir os filhos”, outra bem diferente era quando ela via as palavras no papel.

Samantha começou a se preocupar com a assinatura. Para que o testamento fosse válido, Francine tinha que ser “legalmente capaz” e ter certeza do que fazia. Em vez disso, pelo menos no momento, ela estava hesitante e emotiva. Aos 80 anos e a saúde em declino, ela não duraria muito tempo. Seus filhos certamente contestariam o testamento. Como não poderiam argumentar que a Mountain Trust influenciou indevidamente a mãe, seriam obrigados a atacar o testamento com base na hipótese de que ela estava mentalmente incapaz quando o assinou. Samantha seria imprensada no meio de uma briga feia de família. Para ter reforço, ela convocou Annette e Mattie. As duas veteranas já tinham visto isso e passaram alguns minutos com Francine, conversando sobre uma coisa e outra até que as lágrimas pararam. Annette perguntou de seus filhos e netos, mas isso não melhorou seu humor. Ela disse que raras vezes os via. Eles a esqueceram . Os netos cresciam rápido demais e ela estava perdendo tudo isso.

Mattie explicou que depois que ela morresse, e que a família soubesse da doação das terras à Mountain Trust, haveria problemas. Eles provavelmente contratariam um advogado e contestariam o testamento. Era isso que ela queria? Francine fincou pé. Estava amargurada com os vizinhos por venderem a terra

deles a uma mineradora e estava decidida a proteger a sua. Não confiava nos filhos e sabia que meteriam a mão no dinheiro com a maior rapidez possível. Com as emoções controladas, ela assinou o testamento e as três advogadas testemunharam. Elas também assinaram declarações atestando a estabilidade mental da cliente. Depois que ela foi embora, Mattie disse: — Essa nós veremos novamente.

Às duas da tarde, sem notícia alguma do tribunal, Samantha informou a Mattie que precisava voltar a Colton para pegar os Booker. Mattie se levantou rapidamente e elas saíram apressadas.



Donovan matava tempo em um caramanchão atrás do horrendo tribunal. Estava sentado num banco e conversava com Lisa Tate, a mãe dos meninos e sua cliente. Jeff estava ali perto, ao telefone, fumando um charuto, parecendo nervoso. Donovan apresentou Mattie e Samantha a Lisa e disse coisas boas, de como Lisa aguentou o julgamento de cinco dias. O júri ainda estava deliberando, disse ele, apontando uma janela do segundo andar do tribunal.

— Aquela é a sala deles — disse. — Estão lá dentro há três horas.

— Lamento por seus meninos, Lisa — disse Mattie. — Uma tragédia sem nenhum sentido.

— Obrigada — respondeu ela em voz baixa, mas sem interesse em continuar a conversa.

— E como foram seus argumentos finais? — perguntou Samantha depois de uma pausa esquisita.

Donovan abriu um sorriso de vitória. — Provavelmente entre os três maiores de todos os tempos. Eu os fiz chorar, não foi, Lisa?

Ela assentiu. — Foi muito emocionante.

Jeff terminou o telefonema e se juntou a eles. — Por que está demorando tanto? — perguntou ele a Donovan.

— Relaxa. Eles tiveram um bom almoço, cortesia do tribunal. Agora é que estão repassando as provas. Eu daria mais uma hora a eles.

— E depois? — perguntou Mattie.

— Um veredicto grande — disse ele com outro sorriso. — Um recorde para Hopper County.

— A Strayhorn ofereceu 900 mil quando o júri se retirou — disse Jeff. — O

Perry Mason aí disse não.

Donovan olhou o irmão com um sorriso irônico, como quem diz: “O que é que você sabe? Espere só, vou te mostrar.”

Samantha ficou impressionada com a temeridade das decisões de Donovan. Sua cliente era uma mulher pobre com pouca instrução e fracas perspectivas de uma vida melhor. O marido estava preso por tráfico de drogas. Ela e os dois filhos moravam em um trailer pequeno enfiado nas montanhas quando aconteceu a tragédia. Agora ela estava sozinha, sem nada além de um processo. Podia ir embora neste momento com pelo menos meio milhão de dólares em dinheiro, mais do que ela jamais sonhou. Entretanto, seu advogado disse não e lançou os dados. Ofuscado pelo sonho de encontrar ouro, ele riu da chance de conseguir uma quantia decente. E se o júri marchasse na direção errada e dissesse não? E se a mineradora conseguisse exercer uma pressão silenciosa em lugares que jamais se conheceriam?

Samantha não conseguia imaginar o horror de Lisa Tate saindo do tribunal de mãos abanando, sem nada pelas mortes de seus meninos.

Donovan, porém, não parecia preocupado, estava até convencido. Parecia mais calmo do que qualquer outro no pequeno grupo. O pai dela sempre disse que os advogados de tribunal eram uma raça estranha. Eles andavam numa linha tênue entre grandes veredictos e fracassos catastróficos, e os maiores não tinham medo dos riscos.

Mattie e Samantha não podiam esperar. Os Booker aguardavam. Despediram-se e Donovan as convidou para passar em seu escritório mais tarde para celebrar.

Pamela Booker preferiu o trailer. Tinha falado com o proprietário e negociou uma redução no aluguel para quinhentos dólares por mês, por seis meses. Mattie disse que a ONG podia pagar os três primeiros meses, mas depois o aluguel ficaria por conta dela. Quando pegaram as crianças na escola, Pamela lhes contou sobre sua casa nova e elas foram de carro direto para lá a fim de ver.



A ligação chegou às 17h20 e a notícia era ótima. Donovan teve seu veredicto milionário: três milhões, para ser exato, a quantia que pediu do júri. Um milhão para cada criança, um milhão de indenização punitiva. Um veredicto inédito para aquele fim de mundo. Jeff disse a Mattie que o tribunal ainda estava lotado

quando o veredicto foi lido e a multidão aplaudiu loucamente antes que o juiz acalmasse as coisas. Samantha estava na sala de reunião com Mattie e Annette, e as três festejaram o veredicto. Abraçaram-se e tagarelaram animadas como se sua própria firma tivesse realizado algo grandioso.

Não era o primeiro veredicto milionário de Donovan — ele já tivera um em West Virginia e outro no Kentucky, os dois por acidentes com caminhões de carvão —, mas este era o maior de todos. Elas estavam felizes, até eufóricas, e ninguém sabia se era alegria pela vitória ou alívio por ele não ter perdido. Não importava.

*Então é isso que os litígios são*, pensou Samantha. Talvez ela começasse a compreender. Essa era a onda, a euforia, o narcótico que levava os advogados de tribunal à beira da loucura. Essa era a emoção que Donovan procurava quando se recusou a fazer um acordo. Essa era a overdose de testosterona que inspirava homens como seu pai a correr o mundo procurando a quem processar.

Mattie declarou que deviam dar uma festa. Telefonou para Chester e apressou-o para os preparativos. Hambúrgueres na churrasqueira do quintal, com champanhe para começar e cerveja para terminar. Duas horas depois, o grupo se materializou perfeitamente na noite fria. Donovan se mostrava um vencedor elegante, declinando dos parabéns e dando todo o crédito à cliente. Lisa estava lá, sozinha. Além dos convidados e de Samantha, o grupo incluía Annette, com Kim e Adam; Barb e o marido, Wilt; Claudelle e o marido; Vic Canzarro e a namorada; e Jeff.

Em um brinde, Mattie disse:

— As vitórias são raras em nossa área, assim vamos saborear este momento de triunfo do bem sobre o mal etc. e tal, e secar essas três garrafas de champanhe. Saúde!

Samantha estava sentada numa cadeira de vime conversando com Kim quando Jeff perguntou se ela precisava completar a taça. Ela aceitou e ele levou sua taça vazia. Quando voltou, olhou o lugar vago e estreito ao lado dela, e ela o convidou a se sentar. Estava muito aconchegante. Kim ficou entediada e os deixou. O ar estava frio, mas o champanhe os mantinha aquecidos.

# 21

A segunda aventura de Samantha no Cessna Skyhawk não foi tão emocionante quanto a primeira. Eles esperaram uma hora no campo de pouso de Noland County por um clima favorável para decolar. Talvez devessem ter esperado mais tempo. A certa altura, Donovan resmungou alguma coisa sobre adiar a viagem. Jeff, também piloto, parecia concordar, mas então viu uma brecha na frente e achou que conseguiriam. Depois de vê-los examinar a previsão do tempo no terminal e se preocuparem com a "turbulência", Samantha no fundo esperava que cancelassem. Mas não cancelaram. Decolaram para as nuvens e nos primeiros dez minutos ela pensou que vomitaria. Da frente, Donovan disse: "Segure-se", enquanto o pequeno avião sacudia. Segure-se em que, exatamente? Ela estava no banco traseiro, que era apertado até para ela. Fora relegada à segunda classe e já prometera a si mesma que jamais voltaria a fazer isso. Gotas de chuva bicavam vigorosamente o para-brisa.

A seis mil pés, as nuvens afinaram consideravelmente e a viagem ficou tranquila. Na frente, os dois pilotos pareciam relaxar. Os três a bordo tinham fones de ouvido e Samantha, respirando normalmente, ficou fascinada com o rádio. O Skyhawk estava sendo conduzido pelo controle de tráfego aéreo de Washington e havia pelo menos outras quatro aeronaves na mesma frequência, todos incrivelmente animados com o clima, trocando as mais recentes atualizações com base no que viam. Seu fascínio, porém, logo levou ao tédio enquanto quicavam levemente no topo das nuvens. Não conseguia enxergar nada abaixo e nada dos dois lados. Depois de uma hora disso, ela quase cochilou.

Duas horas e 15 minutos depois de saírem de Brady, pousaram em um pequeno aeroporto em Manassas, Virginia. Alugaram um carro, encontraram um *drive-thru*, compraram tacos para viagem e chegaram às novas instalações do Grupo Kofer em Alexandria à uma da tarde. Marshall cumprimentou-os calorosamente e pediu desculpas pelo vazio do lugar. Afinal, era sábado.

Marshall ficou feliz ao ver a filha, em especial naquelas circunstâncias. Ela estava andando com um verdadeiro advogado de tribunal e parecia interessada num processo promissor contra bandidos corporativos. Após duas semanas apenas nos campos de carvão, ela estava a caminho de uma verdadeira conversão. Por anos tentara, em vão, mostrar-lhe a luz.

Depois de um pouco de papo, Marshall disse a Donovan:

— Parabéns pelo veredicto que conseguiu lá. Lugar difícil para se conseguir

um bom.

Samantha não falara do veredicto Tate com o pai. Enviara dois e-mails a ele com os detalhes da reunião, mas nada sobre o julgamento.

— Obrigado — disse Donovan. — Teve uma ou duas linhas no jornal de Roanoke. Você deve ter visto.

— Perdi essa — disse ele. — Monitoramos muitos julgamentos pela rede nacional. Sua história apareceu tarde da noite e li o sumário. Um ótimo conjunto de fatos.

Eles estavam sentados em volta de uma mesa quadrada com flores de verdade no centro, ao lado de um café em bule de prata. Marshall estava vestido formalmente com suéter de *cashmere* e calça social. Os rapazes Gray vestiam jeans e paletós esporte antigos. Samantha estava de jeans e suéter. Donovan agradeceu novamente e respondeu às perguntas de Marshall sobre o julgamento. Jeff nada dizia, mas também nada perdia. Ele e Samantha de vez em quando trocavam olhares. Ela serviu mais café e finalmente falou.

— Talvez a gente deva entrar no que interessa.

— Tem razão — disse Marshall enquanto tomava um gole. — O quanto eu sei?

— Não há nenhuma novidade — disse Samantha. — Minha investigação está só no começo e tenho certeza de que teremos muito mais informações depois que eu entrar com o pedido de benefícios por pulmão negro.

— Casper Slate tem uma reputação tenebrosa — disse Marshall.

— Merecidamente — respondeu Donovan. — Briguei com eles por um bom tempo.

— Me dê seu processo. Me dê sua teoria.

Donovan respirou fundo e olhou para Samantha.

— Tribunal federal, provavelmente no Kentucky. Talvez West Virginia. Certamente não na Virginia, por causa do limite das indenizações. Entramos com o processo com apenas um autor, Buddy Ryzer, contra a Casper Slate e a Lonerock Coal. Alegamos fraude e conspiração, talvez formação de quadrilha, e pedimos a lua em indenizações punitivas. É um caso de indenização punitiva, pura e simplesmente. A Lonerock Coal atualmente vale seis bilhões na bolsa e é segurada até a medula. A Casper Slate é privada e não sabemos quanto vale, mas vamos descobrir. Enquanto investigamos, torcemos para encontrar outros casos de fraude. Quanto mais, melhor. Mas, se não encontrarmos, estaremos prontos para levar o caso Ryzer a tribunal e pedir uma fortuna de indenização punitiva.

Marshall assentiu como se concordasse, como se já tivesse feito aquilo uma centena de vezes. Donovan parou e perguntou:

— O que acha disso?

— Até agora, concordo. Parece bom, em particular se a fraude de fato existir e não houver como desmenti-la. Certamente parece legítimo e o apelo ao júri é forte. Na verdade, acho brilhante. Uma firma de advocacia corrupta cheia de advogados caros escondendo provas médicas para derrotar um pobre mineiro doente e arrancar seus benefícios magros. Nossa! É o sonho de um advogado de tribunal. É um caso claro de indenização punitiva com enorme potencial de sucesso. — Ele se interrompeu, tomou um gole calculado e continuou. — Mas, primeiro, naturalmente, temos a questão menor do processo em si. Você advoga sozinho, Donovan, quase sem nenhuma equipe, e, digamos, com recursos limitados. Um processo desses vai levar cinco anos e custar no mínimo dois milhões.

— Um milhão — disse Donovan.

— Vamos rachar a diferença. Um milhão e meio. Estou supondo que ainda esteja fora de seu alcance.

— Está, mas tenho amigos, Sr. Kofer.

— Pode me chamar de Marshall, está bem?

— Claro, Marshall. Há duas firmas de advocacia em West Virginia e duas do Kentucky com as quais eu conspiro. Costumamos reunir nosso dinheiro e recursos e dividir o trabalho. Ainda assim, não sei se podemos arriscar tanto. Acho que é por isso que estamos aqui.

Marshall deu de ombros, riu e disse: — Essa é minha área. As guerras de litígio. Presto consultoria a advogados e empresas financiadoras de litígios. Banco o casamenteiro entre os caras da grana e os caras dos processos.

— Então, vai poder arrumar um ou dois milhões para as despesas do litígio?

— Claro, não há problema algum, não dessa ordem. A maior parte de nosso trabalho envolve entre dez e 15 milhões. Dois milhões é fácil.

— E quanto isso nos custa?

— Depende da financiadora. O melhor nesse caso é que custará dois milhões, digamos, e não trinta. Quanto menos você levar para as despesas, mais mantém em honorários. Estou supondo que você ficará com 50 por cento da indenização.

— Eu nunca pedi 50 por cento.

— Ah, bem-vindo à liga principal, Donovan. Em todos os casos importantes, os advogados de tribunal recebem hoje em dia 50 por cento. E por que não? Você assume todos os riscos, faz todo o trabalho e investe todo o dinheiro. Um grande veredicto é como ganhar na loteria para um cliente como Buddy Ryzer. O coitado está tentando ganhar mil dólares por mês. Dê a ele alguns milhões e ele é um cara feliz, não é?

— Vou pensar nisso. Nunca aceitei mais de 40 por cento.

— Bom, pode ser difícil arrumar financiamento se não ficarmos com 50. É assim que as coisas funcionam. Então, providenciamos o dinheiro, e quanto à equipe? A Casper Slate vai lançar um exército de advogados pra cima de vocês, os melhores que eles têm, os mais cruéis e astutos, e se você acha que isso é um passeio agora, espere só até que o pescoço deles esteja na reta e eles tentem esconder a roupa suja. Será uma guerra, Donovan, uma guerra que não costumamos ver.

— Já processou uma firma de advocacia?

— Não. Eu estava ocupado demais processando companhias aéreas. Mas pode acreditar, elas pegavam pesado.

— Qual foi seu maior veredicto?

Samantha quase disse: "Ah, gente, por favor." A última coisa que precisavam era de Marshall Kofer no centro do palco, contando suas histórias de guerra. Sem a mais leve hesitação, ele abriu um sorriso convencido.

— Arranquei 40 milhões da Braniff em San Juan, Porto Rico, em 1982. Levei sete semanas.

Ela queria perguntar: *Que ótimo, pai, e quanto você deixou no exterior e tentou enterrar até a mamãe saber de tudo?*

Marshall continuou: — Eu era o advogado principal, mas éramos quatro, e trabalhamos feito burros de carga. O que quero dizer, Donovan, é que você vai precisar de alguma ajuda de alta voltagem. A financiadora vai analisá-lo e à sua equipe antes de comprometer o dinheiro.

— Não estou preocupado com a equipe, nem com a preparação, nem com o julgamento — disse Donovan. — Passei minha carreira toda procurando um caso desses. Os advogados que vou colocar nessa são veteranos de tribunal e conhecem o terreno. Esse é o nosso quintal. Os jurados serão gente nossa. O juiz, podemos torcer, estará além do alcance dos réus. E, no recurso, o veredicto estará nas mãos de juízes federais, e não do estado, eleitos pelas mineradoras.

— Sei disso — disse Marshall.

— Você não respondeu à pergunta — disse Jeff, quase com grosseria. — Quanto temos de dar em troca do financiamento?

Marshall o olhou duramente, depois, por instinto, sorriu.

— Depende. Pode ser negociado. É meu trabalho organizar o acordo, mas, só conjecturando, eu diria que a financiadora que eu tenho em mente pediria a vocês um quarto dos honorários. Como sabem, é impossível prever o que um júri pode fazer; assim, é impossível projetar os honorários. Se o júri der a você, digamos, dez milhões, e as despesas foram de dois, então vocês dividem os oito milhões restantes com o cliente. Ele recebe quatro milhões, você o mesmo. A financiadora recebe um quarto disso. Você fica com o resto. Não é um grande

negócio para a financiadora, mas ela também não perde. Um retorno de 50 por cento. Não preciso dizer que aqui, meus amigos, quanto maior o veredicto, melhor. Pessoalmente, acho que dez milhões é pouco. Posso ver um júri ficando muito nervoso com a Casper Slate e a Lonerock Coal e querendo sangue.

Ele era muito convincente e Samantha teve que se lembrar que no passado ele arrancou somas imensas de júris.

— Quem são esses caras que financiam? — perguntou Donovan.

— Investidores, outros fundos, fundos *hedge*, fundos privados, pode escolher. Há um número surpreendente de asiáticos que descobriram o jogo. Eles ficam chocados com nosso sistema de indenizações por atos ilícitos, mas também cativados por ele. Acham que estão perdendo mais uma coisa. Tem vários advogados aposentados que ganharam rios de dinheiro no tempo deles. Conhecem contencioso e não têm medo dos riscos. Estão se dando muito bem nesse ramo.

Donovan parecia hesitar. — Desculpe — disse ele. — É tudo muito novo para mim. Soube dessas financiadoras de litígios, mas nunca cheguei perto de nenhuma.

— É só capitalismo à moda antiga, mas do nosso lado da rua — disse Marshall. — Agora um advogado com um caso grande, mas sem dinheiro, pode pegar os brutamontes corporativos em qualquer lugar e nivelar o jogo.

— E elas analisam o caso e preveem o resultado?

— Na verdade essa tarefa é minha. Dou consultoria aos dois lados… aos advogados de tribunal e às financiadoras. Com base no que Samantha me contou, uma análise dos documentos pertinentes e em especial graças à sua reputação crescente no tribunal, não hesito em recomendar esse caso a um de meus financiadores. Serão aprovados de um a dois milhões muito em breve, e vocês estão dentro.

Donovan olhou para Jeff, que olhou para Marshall e perguntou:

— No seu tempo, aceitaria esse caso?

— Num piscar de olhos. As grandes firmas de advocacia são péssimos réus, em particular quando a gente as pega com sangue nas mãos.

Donovan perguntou a Samantha:

— Acha que Buddy Ryzer topa o desafio?

— Nem imagino — respondeu ela. — Só o que ele quer são seus benefícios, presentes e passados. Não discutimos um processo desses. Na verdade, ele nem mesmo sabe de todas as coisas que descobri no prontuário médico dele. Eu pretendia me reunir com ele na semana que vem.

— O que diz seu instinto?

— Você quer saber meu instinto sobre uma coisa que não entendo?

— Sim ou não?

— Sim. Ele é um guerreiro.

Eles andaram pela rua até um *sports bar* com cinco telões, todos passando jogos de futebol americano universitário. Donovan era um típico atleta da Virginia Tech, competitivo como todos eles, e louco por vitórias. Pediram cerveja e se foram para uma mesa. Depois que o garçom colocou quatro canecas na frente deles, Marshall disse à Donovan:

— Seu nome apareceu no meu computador ontem à noite. Eu estava na internet procurando casos de contaminação nos campos de carvão… desculpe, mas é assim que passo meu tempo de leitura… e dei com o caso do lago de lama tóxica da Peck Mountain e do *cluster* de câncer de Hammer Valley. Segundo a matéria no jornal de Charleston, você esteve investigando o caso algum tempo. Alguma coisa em vista?

Donovan olhou nos olhos de Samantha, que rapidamente meneou a cabeça. *Não, eu não disse nada*.

— Ainda estamos investigando — disse ele — e assinando com clientes.

— Clientes significa processo, não é? Não quero ser xereta, é só curiosidade. Parece uma ação das grandes e muito cara. A Krull Mining é um monstro.

— Conheço muito bem a Krull — disse Donovan com cautela. Nem por uma fração de segundo confiaria qualquer informação a Marshall Kofer que ele pudesse descambar em outro acordo. Quando ficou evidente que preferia não falar no caso, Marshall se aproveitou.

— Tudo bem, mas conheço duas financiadoras especializadas em casos de lixo tóxico. É uma área extremamente lucrativa, posso acrescentar.

*Tudo é lucrativo, pai?*, Samantha queria perguntar. Depois pensou, *mas que combinação perfeita*! Donovan Gray e sua turma que ou está de posse, ou tem acesso a um tesouro de documentos obtidos ilegalmente que já pertenceram à Krull Mining, e o Grupo Kofer, uma gangue de advogados expulsos da ordem que sem dúvida torceriam a lei de novo se lhes conviesse. Isso de um lado do ringue. Do outro, a Krull Mining, uma empresa com o pior registro de segurança na história da produção de carvão dos Estados Unidos e uma proprietária com a reputação de ser um dos gangsteres russos mais mortais do bando de Putin. No centro do ringue, esquivando-se das balas, as pobres e sofredoras almas de Hammer Valley, forçadas a abandonar seus trailers e seduzidas a assinar sua participação nessa aventura emocionante da lei americana de responsabilidade civil. Elas seriam nomeadas autoras da ação e pediriam um bilhão de dólares no processo. Se conseguissem mil, gastariam em cigarros e bilhetes de loteria. *Nossa!*

Samantha tomou a cerveja e mais uma vez jurou evitar os litígios sérios.

Assistiu ao futebol em duas telas, mas não sabia quem estava jogando. Marshall contava uma história sobre dois jatos — um da Coreia e outro da Índia — que se chocaram sobrevoando o aeroporto de Hanói em 1992. Todos morreram e ninguém era dos Estados Unidos; Marshall, porém, entrou com um processo em Houston, onde os júris entendiam de grandes veredictos. Isso fascinou Donovan e Jeff demonstrou algum interesse. Era plateia suficiente para Marshall. Samantha continuou vendo o jogo.

Depois de uma cerveja — Donovan estava pilotando —, voltaram ao escritório e se despediram. Samantha notou que o sol tinha saído e o céu estava limpo. Talvez a viagem para casa fosse boa e tranquila, com ótima visibilidade.

Ela deu um beijo no rosto do pai e prometeu telefonar depois.

# 22

O veredicto Tate trouxe ânimo à região e foi motivo de fofoca e especulação intermináveis. De acordo com uma matéria no jornal de Roanoke, a Strayhorn Coal prometia um recurso veemente. Seus advogados tinham pouco a dizer, mas outros não foram tão tímidos. Um vice-presidente da companhia chamou o veredicto de “chocante”. Um porta-voz de um grupo de desenvolvimento econômico receava que “um veredicto tão descomunal” prejudicasse a reputação do estado como lugar favorável aos negócios. Um dos jurados (não identificado) foi citado afirmando que houve muitas lágrimas na sala do júri. Lisa Tate não estava disponível para comentar, ao contrário de seu advogado.

Samantha via, ouvia e tomava drinques tarde da noite com Donovan e Jeff. Refrigerante diet para ela, Dickel para eles. A Strayhorn podia estar apenas blefando quando prometeu entrar com o recurso, mas Donovan disse que a companhia na realidade queria fazer um acordo. Com duas crianças mortas em jogo, a companhia sabia que seria difícil vencer. A indenização punitiva seria automaticamente reduzida de um milhão para 350 mil, e assim quase um quarto do veredicto já foi embora. A Strayhorn ofereceu um milhão e meio no acordo de terça-feira depois do veredicto e Lisa Tate queria aceitar. Donovan deixou escapar que ele receberia 40 por cento, assim ele farejava um belo pagamento.

Na quarta-feira, ele, Jeff e Samantha encontraram Buddy e Mavis Ryzer para discutir o possível processo contra a companhia Lonerock Coal e a firma Casper Slate. Os Ryzer ficaram arrasados ao saber que a firma de advocacia sabia há anos que Buddy sofria de pulmão negro e escondeu as provas. Buddy falou com raiva.

— Processe os filhos da puta com tudo — e nunca, durante a reunião de duas horas, voltou atrás. O casal saiu do escritório de Donovan revoltado e decidido a lutar até o fim. Naquela noite, mais uma vez bebendo, Donovan confidenciou a Samantha e Jeff que falou no processo com dois de seus mais íntimos amigos litigantes, dois caras de diferentes firmas de West Virginia. Nenhum deles tinha interesse em passar os próximos cinco anos brigando com a Casper Slate, por mais odioso que fosse o comportamento da firma.

Uma semana depois, Donovan foi de avião a Charleston, West Virginia, para dar entrada no processo de contaminação no Hammer Valley. Na frente do prédio do tribunal federal, diante de uma turma de repórteres e com outros quatro advogados a seu lado, ele falou de sua ação contra a companhia Krull Mining.

“De propriedade russa”, claro. Ele disse que a mineradora vinha poluindo os lençóis freáticos há 15 anos; que ela sabia o que estava acontecendo e escondeu; e que a Krull Mining tinha conhecimento, pelo menos nos últimos dez anos, de que suas substâncias estavam causando um dos índices mais elevados de câncer dos Estados Unidos. Donovan disse confidencialmente: “Provaremos tudo isso e temos documentos para corroborar.” Ele era o advogado principal e seu grupo representava mais de quarenta famílias de Hammer Valley.

Como a maioria dos advogados de tribunal, Donovan adorava atenção. Samantha desconfiava de que ele apressou a entrada do processo de Hammer Valley porque ainda estava nos holofotes do veredicto Tate. Ela tentou se afastar e ignorar os irmãos Gray por alguns dias, mas eles eram insistentes. Jeff queria sair para jantar. Donovan precisava dos conselhos dela, disse ele, porque ambos representavam Buddy Ryzer. Ela estava consciente da crescente frustração dele com os amigos advogados de tribunal, nenhum dos quais demonstrava entusiasmo para atacar a Casper Slate. Donovan disse várias vezes que seguiria sozinho, se necessário.

“Sobram mais honorários para mim”, disse ele. Ficou obcecado com o caso e falava com Marshall Kofer diariamente. Para surpresa deles, Marshall acenou com o dinheiro. Uma financiadora de litígios oferecia uma linha de financiamento de até dois milhões por 30 por cento da indenização.

Donovan mais uma vez pressionava Samantha a trabalhar em seu escritório. O caso Hammer Valley e o caso Ryzer logo o absorveriam demais e ele precisaria de ajuda. Ela sentia que ele precisava de toda uma equipe de associados, e não apenas de uma estagiária de meio período. Quando ele fez um acordo verbal no caso Tate por 1,7 milhão de dólares, ofereceu a ela um emprego de tempo integral com um salário generoso. Ela declinou de novo. Lembrou a ele que (a) ainda tinha suas cautelas com os litígios e não procurava um emprego; (b) estava apenas de passagem, de certo modo emprestada até que a poeira se assentasse em Nova York e ela pudesse pensar no que fazer da próxima fase de sua vida, uma fase que não teria nenhuma relação com a cidade de Brady; e (c) ela se comprometeu com a ONG e tinha clientes próprios que precisavam dela. O que ela não explicou é que tinha medo dele e de seu estilo caubói de exercer a advocacia. Estava convencida de que ele, ou alguém trabalhando em seu nome, roubara documentos valiosos da Krull Mining e que isso inevitavelmente viria a público. Ele não tinha medo de infringir regras e leis e não hesitaria em violar ordens judiciais. Era impelido pelo ódio e um desejo ardente de vingança e, pelo menos na opinião dela, acabaria por se meter em encrenca da grossa. Ela mal conseguia admitir para si mesma que se sentia vulnerável perto dele. Um romance podia se inflamar sem grande esforço e isso

seria um erro terrível. O que ela precisava era de menos tempo com Donovan Gray, e não mais.

Samantha não sabia bem como lidar com Jeff. Era jovem, solteiro e atraente; portanto, uma raridade naquelas paragens. Ele também estava cercando, e ela sabia que um jantar, onde quer que se pudesse encontrar um bom jantar, levaria a outra coisa. Depois de três semanas em Brady, essa ideia a agradava muito.



Em 12 de novembro, Donovan, sem nenhum parceiro advogado em vista, adentrou o tribunal federal de Lexington, no Kentucky, lar de uma firma de advocacia de oitocentos integrantes conhecida oficialmente como Casper, Slate & Hughes, e entrou com um processo contra os filhos da mãe. Também deu entrada contra a Lonerock Coal, uma mineradora de Nevada. Buddy e Mavis estavam com ele e, naturalmente, ele avisara a imprensa. Eles conversaram com alguns repórteres. Um deles perguntou por que o processo deu entrada em Lexington, e Donovan explicou que queria revelar os podres da Casper Slate a seus próprios conterrâneos. Ele queria estar na cena do crime e assim por diante. A imprensa adorou a história e Donovan colecionava recortes.

Duas semanas antes, ele dera entrada no processo de Hammer Valley contra a Krull Mining em Charleston e recebeu cobertura regional.

Duas semanas antes disso, ele ganhara o caso Tate com um veredicto espetacular e conseguiu colocar seu nome em alguns jornais.

Em 24 de novembro, três dias antes do feriado de Ação de Graças, ele foi encontrado morto.

# 23

O pesadelo começou no meio da manhã de segunda-feira, quando todas as advogadas trabalhavam em silêncio em suas mesas, sem nenhum cliente em vista. O silêncio se espatifou quando Mattie gritou, um grito penetrante e doloroso que deu a Samantha a certeza de que se lembraria dele para sempre. Elas correram ao escritório de Mattie.

— Ele morreu! — gemia ela. — Ele morreu! Donovan morreu! — Ela estava em pé, com a mão na testa, a outra segurando o telefone em pleno ar. A boca aberta, os olhos tomados de pavor.

— O quê! — Annette soltou um grito agudo.

— Acabaram de encontrá-lo. O avião dele caiu. Ele está morto.

Annette jogou-se em uma cadeira e começou a chorar. Samantha olhou nos olhos de Mattie, ambas incapazes de falar por um segundo. Barb estava na porta, cobrindo a boca com as mãos.

Samantha por fim se aproximou e pegou o telefone.

— Quem é? — perguntou ela.

— Jeff — disse Mattie enquanto se sentava lentamente e enterrava o rosto nas mãos.

Samantha falou no telefone, mas a linha estava muda. Seus joelhos bambearam e ela se apoiou numa cadeira. Barb desmoronou em outra. Passou-se um momento, carregado de medo, choque e incerteza. Não poderia ser um engano? Não, não se o único irmão de Donovan ligou para a querida tia para dar a pior notícia possível. Não, não foi um engano, nem uma brincadeira ou pegadinha; era a verdade em que ninguém podia acreditar. O telefone tocou novamente, as três linhas piscavam enquanto a notícia se espalhava rapidamente pela cidade.

Mattie engoliu em seco e conseguiu falar.

— Jeff disse que Donovan foi de avião para Charleston ontem para se reunir com alguns advogados. Jeff passou o fim de semana fora da cidade e Donovan estava sozinho. O controle de tráfego aéreo perdeu contato com ele por volta das 11 da noite. Alguém em terra ouviu um barulho e encontraram seu avião esta manhã em uma mata alguns quilômetros ao sul de Pikeville, no Kentucky. — Sua voz trêmula finalmente falhou e ela baixou a cabeça.

— Não acredito. Não posso acreditar — Annette murmurava.

Samantha estava sem fala. Barb debulhava-se em lágrimas. Mais tempo se

passou, e elas continuavam chorando e tentavam digerir o acontecido. Acalmaram-se um pouco enquanto se acomodavam à primeira sugestão da realidade. Depois de um tempo, Samantha saiu da sala e trancou a porta da frente. Andou rapidamente pelos escritórios, fechando cortinas e persianas. A escuridão envolveu a ONG.

Elas ficaram sentadas com Mattie enquanto os telefones tocavam ao longe e todos os relógios pareciam parados. Chester, com a própria chave, entrou pela porta dos fundos e se juntou ao luto. Sentou-se na beira da mesa com a mão no ombro da mulher e a acariciou delicadamente enquanto ela chorava e sussurrava consigo mesma.

Mansamente, Chester perguntou:

— Você já falou com Judy?

Mattie meneou a cabeça.

— Não. Jeff disse que ligaria para ela.

— Coitado do Jeff Onde ele está?

— Estava em Pikeville cuidando das coisas, sei lá do quê. Não estava muito bem, claro.

Alguns minutos depois, Chester disse: — Vamos para casa, Mattie. Você precisa se deitar e ninguém vai trabalhar aqui hoje.



Samantha fechou a porta de sua sala e se jogou na cadeira. Estava atordoada demais para pensar em alguma coisa. Ficou olhando fixamente para a janela por um bom tempo e tentou organizar os pensamentos. A ONG não ajudou em nada e ela viu-se consumida pelo desejo súbito de fugir de Brady, de Noland County, dos Apalaches e não voltar nunca mais. Era a semana de Ação de Graças e ela pretendia viajar de qualquer modo, ir a Washington D.C. e ficar com os pais, talvez com alguns amigos. Mattie a convidara para o almoço de Ação de Graças, mas ela já havia declinado.

Que Ação de Graças. Agora todos iam encarar um enterro.

Seu celular vibrou. Era Jeff.



Às 16h30 daquela tarde, ele estava sentado a uma mesa de piquenique em um mirante remoto perto de Knox, em Curry County. Deixou a picape estacionada ali perto e estava sozinho, como era de se esperar. Não se virou para ver se era ela, nem se mexeu enquanto Samantha atravessava o cascalho na sua direção. O olhar de Jeff estava perdido na distância, perdido em um mundo de pensamentos confusos. Ela lhe deu um beijo no rosto.

— Eu sinto tanto.

— Eu também — disse Jeff, e abriu um rápido sorriso, forçado, que durou apenas um segundo. Segurou a mão dela enquanto Samantha sentava a seu lado. Joelho com joelho, eles ficaram olhando em silêncio as antigas montanhas mais abaixo. Não houve lágrimas e no início poucas palavras. Jeff era um sujeito durão, machão demais para ser qualquer coisa além de estoico. Ela desconfiava de que ele teria chorado sozinho. Deserdado pelo pai, órfão de mãe e agora abandonado pela morte da única pessoa que verdadeiramente amava. Samantha não conseguia imaginar sua angústia nesse momento pavoroso. Ela mesma sentia um buraco enorme no estômago e conhecia Donovan há menos de dois meses.

— Você sabe que eles o mataram — disse ele, enfim colocando em palavras o que todos estiveram imaginando o dia inteiro.

— E quem são eles? — perguntou ela.

— Quem são eles? Eles são os bandidos, e são muitos. São impiedosos, calculistas, e para eles matar não é problema. Matam operários com minas sem segurança. Matam o pessoal do campo com água contaminada. Matam garotinhos que dormem profundamente em seu trailer. Matam comunidades inteiras quando suas represas se rompem e o lodo inunda os vales. Eles mataram minha mãe. Anos atrás, mataram sindicalistas que faziam uma greve por melhores salários. Duvido que meu irmão seja o primeiro advogado que tenham matado.

— Pode provar isso?

— Não sei, mas vamos tentar. Estive em Pikeville de manhã… tinha que identificar o corpo… e parei para falar com o xerife. Disse a ele que suspeitava de homicídio e queria que o avião fosse tratado como cena do crime. Já notifiquei os federais. O avião não pegou fogo, apenas caiu. Não acho que ele

tenha sofrido. Dá para imaginar ter que identificar o corpo do próprio irmão?

Os ombros dela arriaram ao pensar nisso. Ela balançou a cabeça.

Ele grunhiu. — Ele foi colocado no necrotério, como a gente vê na televisão. Abrem a gaveta, deslizam para fora, retiram lentamente o lençol branco. Eu quase vomitei. O crânio dele estava quebrado.

— Já chega — disse ela.

— Sim, chega. Acho que nunca estamos preparados para fazer certas coisas na vida e, depois que fazemos, juramos que nunca mais vamos repetir. A maioria das pessoas passa pela vida sem ter que identificar um corpo, não é?

— Vamos falar de outra coisa.

— Tudo bem. Boa ideia. Do que você quer falar?

— Como você vai provar que foi um ato criminoso?

— Vamos contratar peritos para examinar o avião, da hélice à cauda. O Conselho Nacional de Segurança nos Transportes vai analisar as transmissões de rádio para ver o que aconteceu pouco antes da queda. Vamos juntar as peças e tentar entender. Uma noite clara, clima perfeito, um piloto experiente com três mil horas de voo, um dos aviões mais seguros da história, isso não faz nenhum sentido. Enfim, ele mexeu com as pessoas erradas, é o que eu acho.

Uma brisa soprou do leste, espalhando folhas e provocando um arrepio. Eles se aconchegaram como amantes, o que não eram. Nem antigos, nem novos, nem atuais. Haviam jantado juntos duas vezes e mais nada. A última coisa que Samantha precisava era de um envolvimento complicado com prazo de validade. Não tinha certeza do que ele queria. Ele passava muito tempo longe de Brady e ela desconfiava de que isso significava uma mulher. Não tinham futuro nenhum juntos. O presente podia ser divertido, uma brincadeira aqui, outra ali, um pouco de companhia nas noites frias, mas ela não ia se precipitar.

— Sabe de uma coisa… sempre pensei que o pior dia de minha vida foi quando a tia Mattie entrou em minha sala lá na escola e me disse que minha mãe tinha morrido — disse Jeff. — Eu tinha 9 anos. Mas isso é pior, muito pior. Estou todo dormente, tanto que, se você enfiar uma faca em mim, não vou sentir nada. Eu queria estar naquele avião com ele.

— Não, não queria. Já basta uma perda.

— Não consigo imaginar a vida sem Donovan. Éramos basicamente órfãos, criados por parentes em cidades diferentes. Ele sempre cuidou de mim, sempre me apoiou. Eu me meti em muitos problemas e não tinha medo de parentes, de professores, nem da polícia, nem dos juízes. Tinha medo de Donovan, e não no sentido físico. Tinha medo de decepcioná-lo. Da última vez que fui a julgamento, eu tinha 19 anos. Ele havia acabado de se formar em direito. Me pegaram com um pouco de maconha, uma quantidade pequena que tentava

vender, mas eles não sabiam. O juiz me deu férias… alguns meses na cadeia do condado, mas nada grave. Quando eu estava me aproximando para encarar o juiz, virei-me e olhei o tribunal. Lá estava meu irmão, em pé ao lado da tia Mattie, e tinha lágrimas nos olhos. Eu nunca o vi chorar. Então chorei também e disse ao juiz que ele nunca mais veria a minha cara. E ele não viu. Desde então, só tive uma multa por excesso de velocidade. — Sua voz falhou um pouco enquanto ele beliscava o nariz. Mas ainda não chorava. — Ele era meu irmão, meu melhor amigo, meu herói, chefe, confidente. Donovan era meu mundo. Não sei o que vou fazer agora.

Samantha teve vontade de chorar. *Apenas escute*, disse ela a si mesma. Ele precisava falar.

— Vou encontrar esses caras, Samantha, está me ouvindo? Nem que precise gastar cada centavo que tenho e cada centavo que terei que roubar, vou localizar esses caras e me vingar. Donovan não tinha medo de morrer, eu também não tenho. Espero que eles também não.

— Quem é seu principal suspeito?

— A Krull Mining, acho.

— Isso por causa dos documentos?

Ele se virou e a olhou fixamente. — Como sabe dos documentos?

— Fui com Donovan de avião ao Hammer Valley num sábado. Almoçamos com Vic em Rockville. Eles estavam falando da Krull Mining e deixaram escapar alguma coisa.

— Isso me surpreende. Donovan era muito cauteloso.

— A Krull Mining sabia que ele tinha os documentos?

— Eles sabiam que os documentos desapareceram e desconfiavam muito de que estavam com Donovan. Os documentos são mortais, venenosos e lindos.

— Você os viu?

Ele hesitou por um bom tempo. — Sim, eu os vi e sei onde estão. Você nem ia acreditar no que tem ali. Ninguém acreditará. — Ele parou por um segundo como se precisasse calar a boca, mas também queria falar. Se Donovan confiava tanto nela, então talvez ele também pudesse confiar. Jeff continuou: — Tem um memorando do diretor-executivo de Pittsburgh à sede em Londres em que ele estima o custo da limpeza da sujeirada feita na Peck Mountain em 80 milhões. O custo de pagar algumas indenizações a famílias vitimadas pelo câncer foi estimado em apenas 10 milhões no máximo, e isso por alto. Naquela época, os pedidos de indenização não tinham sido feitos na justiça e não havia certeza alguma de que um dia isso aconteceria. Assim, era muito mais barato deixar as pessoas beberem a água, morrerem de câncer e talvez gastar alguma grana em um acordo do que parar os vazamentos de lama tóxica.

— E onde está esse memorando?

— Com todo o resto. Vinte mil documentos em quatro caixas, tudo escondido.

— Em algum lugar por perto?

— Não muito longe daqui. Não posso te contar porque é perigoso demais.

— Não conte. De repente, eu sei mais do que quero.

Ele soltou sua mão e saiu da mesa. Abaixou-se, pegou algumas pedrinhas e atirou-as ravina abaixo. Resmungava alguma coisa que ela não compreendia. Pegou outro punhado, depois um terceiro, atirando as pedras em nada em particular. Sombras se formavam e as nuvens avançavam. Ele voltou à mesa e colocou-se ao lado dela.

— Tem uma coisa que você deve saber. Provavelmente eles estão escutando você. Seu telefone no escritório, talvez um ou dois grampos em seu apartamento. Na semana passada um cara passou um pente fino no escritório de Donovan e claro que havia grampos para todo lado. Assim, cuidado com o que diz, porque alguém está ouvindo.

— Tá brincando, né?

— Por alguma estranha razão, Samantha, hoje não estou com humor para brincadeira.

— Tá legal, tudo bem, mas por que eu?

— Eles nos vigiam atentamente, em particular Donovan. Há anos ele vivia dizendo que tinha alguém ouvindo. Provavelmente por isso foi de avião a Charleston ontem, para encontrar os advogados pessoalmente. Tiveram reuniões em vários quartos de hotel, longe da vigilância. Os brutamontes viram você zanzando conosco. Eles têm todo o dinheiro do mundo, assim vigiam qualquer um que entre e saia, ainda mais uma advogada nova na cidade.

— Não sei o que dizer. Conversei com meu pai a tarde toda sobre acidentes de avião.

— Por qual telefone?

— Os dois, o do escritório e o celular.

— Cuidado com o do escritório. Use só o celular. Podemos até começar a usar celulares pré-pagos.

— Não estou acreditando nisso.

Ele se sentou ao lado dela, segurou sua mão e virou para cima a gola do casaco. O sol baixava atrás das montanhas e a brisa era mais forte. Com a mão esquerda, ele lentamente enxugou uma lágrima do rosto. Quando falou, sua voz era áspera e rouca.

— Eu lembro quando minha mãe morreu e eu não conseguia parar de chorar.

— Não tem problema você chorar, Jeff.

— Bom, se eu não puder chorar por meu irmão, acho que jamais vou chorar por alguém.

— Desabafe. Talvez você se sinta melhor depois.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos, em silêncio, mas sem chorar. Ficaram colados um no outro enquanto a escuridão caía e a brisa chegava e passava. Depois de um longo intervalo, Samantha disse:

— Conversei com meu pai hoje à tarde. Não preciso dizer que ele ficou arrasado. Ele e Donovan fizeram uma boa amizade no último mês e meu pai o admirava muito. Ele também conhece todos nessa área e pode encontrar os peritos certos para analisar o acidente. Disse que com o passar dos anos ele lidou com muitos acidentes fatais de aviões pequenos.

— Algum deles foi provocado?

— Sim, na verdade sim. Dois deles. Um em Idaho e outro na Colômbia. Se conheço bem meu pai, ele está ao telefone e no computador agora mesmo procurando, vendo especialistas em acidentes com Cessna pequeno. Disse que o principal a essa altura é garantir que o avião esteja protegido.

— Está protegido.

— De qualquer modo, Marshall Kofer está nesse barco, se precisarmos dele.

— Obrigado. Gosto do seu pai.

— Eu também, na maior parte do tempo.

— Estou com frio, você não?

— Estou.

— E temos que ir para a casa de Mattie, não é?

— Acho que sim.

Como restava tão pouco da família Gray, e a casa deles fora destruída anos antes, os bolos e a comida tiveram que ser entregues em outro lugar e a casa de Mattie era a solução lógica. A comida começou a chegar no fim da tarde e junto com cada prato vinha uma visita longa de quem a preparou. Lágrimas foram derramadas, pêsames transmitidos, promessas de ajudar no que precisasse e, mais importante, detalhes foram procurados. Os homens andavam pela varanda e pela entrada de carros, fumando, fofocando e imaginando o que realmente teria causado o acidente. Falha no motor? Ele estava fora do curso? Alguém disse que ele não enviou *Mayday* pelo rádio — o pedido universal de socorro dos aeronautas. O que isso poderia significar? A maioria dos homens tinha viajado de avião uma ou duas vezes na vida, alguns nunca, mas isso não reduzia a especulação. Dentro da casa, as mulheres organizavam a maré de comida, em geral beliscando para algumas provas rápidas, enquanto se agitavam em torno de Mattie e refletiam em voz alta sobre o estado atual do casamento de Donovan com Judy, uma jovem bonita que nunca encontrou seu lugar na cidade, mas

agora era lembrada com um carinho sem restrições.

Judy e Mattie tinham organizado tudo. No início Judy preferia esperar até sábado para o serviço fúnebre, mas Mattie achava errado obrigar as pessoas a sofrerem o dia de Ação de Graças todo com um assunto desagradável ainda pendente. Samantha estava aprendendo, observando tudo da maior distância possível, que as tradições eram importantes nos Apalaches e não havia pressa em enterrar os mortos. Depois de seis anos em Nova York, ela estava acostumada a despedidas rápidas para que a vida e o trabalho pudessem continuar. Mattie também parecia ansiosa para acelerar as coisas e finalmente convenceu Judy a fazer a cerimônia e o sepultamento na tarde de quarta-feira. Donovan estaria enterrado quando acordassem na quinta-feira para o feriado.

A Igreja Metodista Unida, quatro horas da tarde. Quarta-feira, 26 de novembro, com o enterro a seguir no cemitério atrás da igreja. Donovan e Judy eram daquela congregação, embora não comparecessem havia anos.

Jeff queria enterrar o irmão na Gray Mountain, mas Judy não gostou da ideia. Judy não gostava de Jeff e o sentimento era recíproco. Como esposa legalmente casada de Donovan, Judy tinha autoridade completa sobre todos os arranjos. Era uma tradição, e não uma lei, e todos a compreendiam, inclusive Jeff.

Samantha ficou na casa de Mattie por uma hora na noite de segunda-feira, mas logo se cansou do ritual de ficar sentada com outros enlutados e lambiscar a comida que cobria a mesa da cozinha. Resolveu ir para fora atrás de ar fresco. Estava cansada do palavrório idiota de pessoas que conheciam bem Mattie e Chester, mas não o sobrinho. Estava cansada das fofocas e da especulação. Ficou espantada com a velocidade com que aquela cidadezinha abraçou a tragédia e parecia decidida a tirar o maior proveito dela, mas o espanto logo se transformou em frustração.

Jeff também parecia entediado e frustrado. Depois de ser abraçado e adulado por mulheres gordas que mal conhecia, ele rapidamente desapareceu. Deu um beijo no rosto de Samantha e disse que precisava de um tempo sozinho. Ela foi embora logo depois disso e andou pela cidade silenciosa até seu apartamento. Annette a chamou e elas tomaram um chá na saleta escura até meia-noite, sem conversar de outra coisa que não fosse Donovan Gray.

Antes que o sol nascesse, Samantha estava bem desperta, tomando café, na internet. O jornal de Roanoke publicou matéria curta sobre o acidente, mas não havia novidade. Donovan era descrito como um advogado dedicado aos direitos dos mineiros e proprietários de terra. O veredicto Tate foi mencionado, junto com o processo de Hammer Valley contra a Krull Mining e o processo Ryzer contra a Lonerock Coal e seus advogados. Um amigo advogado de West Virginia o descreveu como “um defensor destemido da beleza natural dos Apalaches” e

“um inimigo implacável das mineradoras de carvão transgressoras”. Não houve menção de possível crime. Todos os órgãos apropriados estavam investigando. Ele acabara de completar 39 anos e deixava mulher e uma filha.

O pai dela ligou cedo e estava curioso sobre os arranjos do enterro. Ofereceu-se para ir de carro e ficar com ela durante os funerais, mas Samantha disse não, obrigada. Marshall passou a maior parte da segunda-feira trabalhando ao telefone, desencavando o máximo possível de informações de coxia. Prometeu ter “alguma coisa” quando se reencontrassem dali a alguns dias. Eles discutiriam o caso Ryzer, que agora estava no limbo por motivos óbvios.

O escritório parecia uma funerária, escuro e melancólico, sem perspectivas de um dia agradável. Barb pendurou uma coroa de flores fúnebre na porta e a trancou. Mattie ficou em casa e as outras fariam o mesmo. Compromissos foram cancelados e telefonemas ignorados. A Mountain Legal Aid Clinic não estava aberta.

Nem o escritório de advocacia de Donovan M. Gray, a três quadras dali. Uma coroa idêntica estava pendurada em sua porta trancada, e ali dentro Jeff se reunia com a secretária e o paralegal, tentando bolar um plano. Os três eram os únicos funcionários restantes da firma, uma firma que agora estava acabada.

# 24

Uma morte trágica, um advogado conhecido, entrada franca, uma cidadezinha intrometida, outra tarde tediosa de quarta-feira — misture todos esses ingredientes e você terá a igreja lotada bem antes das quatro da tarde, quando o reverendo Condry se levantou para dar início ao serviço fúnebre. Fez uma oração empolada e sentou-se enquanto o coral entoava o primeiro de uma série de cantos fúnebres. Levantou-se de novo para citar a Sagrada Escritura e um ou dois pensamentos sombrios e tortuosos. O primeiro discurso foi feito por Mattie, que se esforçou para conter a emoção enquanto falava do sobrinho. Mostrou-se muito capaz de falar chorando e às vezes todos os outros choravam com ela. Quando contou a história de Donovan, ao encontrar o corpo da mãe, sua irmã morta Rose, a voz falhou e ela parou por um momento. Engoliu em seco e seguiu em frente.

Samantha estava cinco filas atrás, entre Barb e Annette, as três segurando lenços de papel e enxugando o rosto. As três pensavam o mesmo: *vamos lá, Mattie, você consegue. Vamos chegar ao fim agora*. Mattie, porém, não tinha pressa. Aquele era o último adeus a Donovan e ninguém tinha pressa.

O caixão fechado estava no chão do púlpito, coberto de flores. Annette cochichara que naquela região muitos serviços fúnebres aconteciam com o caixão aberto, para que os enlutados vissem o falecido enquanto se diziam coisas grandiosas sobre ele. Era um antigo costume, que pretendia tornar o momento muito mais dramático do que o necessário. Annette disse que queria ser cremada. Samantha confessou que não pensou em nenhuma das opções.

Felizmente, Judy tivera o bom senso de não permitir esse espetáculo. Ela e a filha estavam sentadas na primeira fila, a pouca distância do caixão. Era linda, morena magra de olhos escuros como os de Donovan. A filha, Haley, tinha 6 anos e lutava para aceitar a separação dos pais. Agora estava inteiramente arrasada com a morte do pai. Agarrava-se à mãe e não parava de chorar.

O carro de Samantha estava estacionado e apontado para o norte. Ela queria desesperadamente sair de Brady e correr para Washington, onde a mãe prometeu estar esperando com sushi e uma boa garrafa de Chablis. No dia seguinte, feriado de Ação de Graças, elas dormiriam tarde e teriam um longo almoço em um restaurante afegão que nos feriados sempre ficava lotado de americanos que ou não gostavam de peru ou queriam evitar a família.

Mattie enfim sucumbiu a uma onda de emoção. Pediu desculpas e se sentou.

Outro hino. Mais algumas observações do reverendo Condry, tomando de empréstimo a sabedoria do apóstolo Paulo. E outro extenso panegírico, este de um amigo íntimo dos tempos da Faculdade de Direito William & Mary. Depois de uma hora, grande parte do choro tinha acabado e as pessoas estavam prontas para sair. Quando o reverendo encerrou com a bênção, a multidão partiu. A maioria se reuniu atrás da igreja e se amontoou em uma tenda roxa ao lado da cova. O reverendo foi breve, dizendo algumas palavras de improviso. Depois rezou com eloquência e, enquanto o caixão descia, Samantha começou a se afastar aos poucos. Era costume que cada pessoa passasse em fila pela família de luto e dissesse algumas palavras de conforto, mas Samantha já estava farta.

Farta dos costumes locais. Farta de Brady. Farta dos irmãos Gray, de todo o seu drama e passado. Com o tanque cheio e a bexiga vazia, ela dirigiu decidida por cinco horas seguidas até o apartamento da mãe no centro de Washington D.C. Por alguns momentos, ficou parada na calçada ao lado do carro, apreendendo a vista e os ruídos, o trânsito, o engarrafamento e a proximidade de tantas pessoas que moravam tão perto. Esse era o seu mundo. Ansiava pelo SoHo e a energia frenética da cidade grande. Karen já estava de pijama. Samantha desfez as malas rapidamente e trocou de roupa. Por duas horas elas ficaram sentadas em almofadas na saleta, comendo e tomando vinho, rindo e falando ao mesmo tempo.



A financiadora de litígios que prometeu bancar o caso de fraude e conspiração contra a Lonerock Coal e a Casper Slate já suspendera o depósito. O acordo estava acabado. Donovan tinha dado entrada no processo como um pistoleiro solitário, com a promessa de que outros advogados dos autores da ação logo se uniriam a ele, formando uma equipe de contencioso de primeira linha. Agora, porém, ele morto e os amigos procurando se proteger, o caso não iria a lugar algum. Marshall Kofer ficou imensamente frustrado com isso. Era um “lindo processo”, um processo que ele prepararia num estalo, se pudesse.

Ele não ia desistir. Explicou a Samantha que estava passando o caso por sua vasta rede de contatos de advogados de tribunal, de costa a costa, e tinha confiança de reunir a equipe certa, que atraísse financiamento suficiente de outro grupo de investimento. Estava disposto a colocar parte de seu próprio dinheiro e ter uma participação ativa no litígio. Imaginava-se como o treinador na lateral do

campo, dando dicas a seu *quarterback*.

Estavam almoçando um dia depois do feriado de Ação de Graças. Samantha preferia evitar o assunto dos processos, Donovan, o caso Ryzer, a Lonerock Coal e assim por diante, qualquer coisa que tivesse relação com Brady, Virginia e os Apalaches. Mas enquanto ela brincava com a salada, percebeu que devia estar agradecida pelo litígio. Sem ele, ela e o pai teriam pouco a conversar. Com ele, podiam falar durante horas.

Ele falava baixo, os olhos adejando aqui e ali, como se o restaurante estivesse cheio de espiões.

— Tenho uma fonte no NTSB, o Conselho Nacional de Segurança nos Transportes — disse ele, presunçoso como sempre, quando tinha alguma sujeira interna. — Donovan não deu alerta de emergência. Estava voando a sete mil pés em tempo limpo, sem sinal de problemas, depois desapareceu do radar. Se houvesse algum problema no motor, ele teria muito tempo para relatar e dar sua localização exata. Mas nada.

— Talvez ele tenha entrado em pânico — disse Samantha.

— É claro que entrou em pânico. O avião começa a cair, ora, todo mundo fica em pânico.

— Eles podem determinar se ele estava no piloto automático?

— Não. Um avião pequeno como aquele não tem caixa preta, assim não há dados sobre o que estava acontecendo. Por que você pergunta sobre o piloto automático?

— Porque uma vez ele me disse, quando estávamos voando, que às vezes tirava um cochilo. O zumbido do motor o deixava sonolento, então ele simplesmente ligava o piloto automático e dormia. Não entendo disso, mas e se ele dormiu e alguma coisa bateu no botão errado? Isso é possível?

— Muita coisa é possível, Samantha, e gosto mais dessa teoria do que da hipótese de crime. Acho difícil acreditar que o avião dele tenha sido sabotado. Isso é assassinato e é arriscado demais para qualquer um dos bandidos com que ele estava lidando. A Lonerock Coal, a Krull Mining, a Casper Slate… são todos uns patifes, claro, mas correriam o risco de cometer homicídio e ser apanhados? Acho que não. E um assassinato de tanta divulgação como esse? Que certamente será completamente investigado? Não engulo essa.

— Jeff engole.

— Ele tem uma perspectiva diferente e valorizo isso. Simpatizo com ele. Mas o que eles ganham derrubando Donovan? No caso Krull Mining, são outras três firmas de advocacia na mesa dos reclamantes, todas, devo acrescentar, com muito mais experiência em crimes ambientais do que a de Donovan.

— Mas ele tinha os documentos.

Marshall refletiu por um instante.

— As outras três firmas têm os documentos?

— Acho que não. Tenho a impressão de que eles os enterraram em algum lugar.

— Bom, mesmo assim, a Krull não sabe disso, pelo menos ainda não. Na verdade, se eu desse consultoria à Krull, partiria da suposição de que todos os advogados na equipe dos reclamantes têm acesso aos documentos. Assim, o que teriam a ganhar matando apenas um dos quatro advogados?

— Então, seguindo sua linha de raciocínio, a Lonerock Coal e a Casper Slate teriam um enorme incentivo para eliminá-lo. Ele é o pistoleiro solitário, como você diz. Não há outro nome no processo. Ele morre um dia e em 48 horas a financiadora do litígio desaparece. O processo acaba. Eles vencem.

Marshall balançava a cabeça. Olhou em volta mais uma vez; ninguém dava pela presença deles ali.

— Olha, Samantha, odeio empresas como a Lonerock e firmas de advocacia como a Casper Slate. Fiz carreira brigando com valentões como eles. Eu os odeio, está bem? Mas eles têm sua reputação… Ora essa, a Lonerock tem ações no mercado. Você jamais vai me convencer de que eles são capazes de assassinar o advogado que os está processando. A Krull é outra questão; é a mineradora de um bandido rico que anda pelo mundo criando problemas. A Krull é capaz de qualquer coisa, mas, repito, por quê? Matar Donovan não ajudaria a longo prazo.

— Vamos falar de outra coisa.

— Desculpe. Ele era seu amigo e eu gostava muito dele. Ele me lembrava meus tempos de juventude.

— É arrasador. Preciso voltar, mas não sei se quero.

— Agora você tem clientes. Gente de verdade com problemas de verdade.

— Eu sei, pai. Sou uma advogada de verdade, e não uma burocrata numa firma corporativa. Você venceu.

— Eu não disse isso, e isso não é uma competição.

— Você disse isso por três anos e tudo para você é uma competição.

— Estamos meio tensos, não? — disse Marshall, estendendo o braço pela mesa pequena e tocando a mão da filha. — Desculpe. Sei que foi uma semana emocionalmente forte.

Os olhos dela de repente ficaram lacrimosos e a sua garganta apertava. — Agora eu queria ir embora — disse ela.

# 25

Eles eram quatro, todos parrudos, zangados e de aparência rude, dois homens e duas mulheres, entre 45 e 60 anos, imaginou ela, de cabelo grisalho, pneus de gordura e roupas baratas. Estavam na cidade para uma rara visita de Ação de Graças à mãe, mas agora eram obrigados a ficar, perder o trabalho, lidar com uma confusão jurídica que não foi causada por eles. Enquanto se aproximava a pé, Samantha os viu zanzando pela porta da frente, esperando com impaciência a abertura da ONG, e por instinto entendeu quem eram e o que queriam. Pensou em entrar na Betty's Quilts e se esconder ali por mais ou menos uma hora, mas do que ela e Betty falariam? Em vez disso, deu a volta no quarteirão e entrou no escritório pelos fundos. Acendeu as luzes, preparou um café e só então deslizou vagarosamente para a porta da frente. Eles ainda esperavam, ainda coléricos; as coisas ficaram fervilhando por algum tempo.

— Bom dia — disse ela com a maior alegria possível ao abrir a porta.

Até um cego podia ver que a hora seguinte seria um padecimento.

O líder, o mais velho, rosnou: — Procuramos Samantha Kofer. — Ele avançou um passo, e os outros três o imitaram.

Ainda sorrindo, ela respondeu: — Sou eu. O que posso fazer por vocês?

Uma irmã sacou um documento dobrado e perguntou: — Você redigiu isso para Francine Crump?

Outro irmão acrescentou: — É o testamento da nossa mãe. — Ele parecia prestes a cuspir na cara de Samantha.

Eles a acompanharam até a sala de reunião e se colocaram em volta da mesa. Samantha ofereceu-lhes educadamente um café e, quando os quatro recusaram, foi à cozinha e serviu-se lentamente de uma xícara. Estava embromando, esperando que mais alguém chegasse. Eram oito e meia da manhã, uma hora em que Mattie estaria entocada em sua sala conversando com Donovan. Hoje, porém, ela duvidava de que Mattie chegasse antes do meio-dia. Com uma xícara de café fresco, ela se sentou na cabeceira da mesa.

Jonah, 61 anos, morava em Bristol. Irma, 60, morava em Louisville. Euna Faye, 57, morava em Rome, Georgia. Lonnie, 51, em Knoxville. DeLoss, o “bebê”, de 45, morava em Durham e no momento estava na casa da mãe, o que era muito perturbador. Foi um dia de Ação de Graças agitado. Samantha tomou notas e tentou matar algum tempo para que eles respirassem e se acalmassem.Após dez minutos de uma conversa de mão única, porém, era

evidente que estavam se coçando por uma briga.

— Que negócio é esse de Mountain Trust? — perguntou Jonah.

Samantha explicou detalhadamente.

— A mamãe disse que nunca ouviu falar de nenhum Mountain Trust. Disse que foi você que apareceu com essa. É isso mesmo? — rebateu Euna Faye.

Samantha explicou com paciência que a Sra. Crump procurou seus conselhos sobre como legar sua propriedade. Queria deixar a alguém ou a alguma organização que a protegesse e impedisse que fosse lavrada em tiras. Samantha fez sua pesquisa e encontrou duas organizações sem fins lucrativos nos Apalaches que eram apropriadas. Eles ouviram atentamente, mas não prestaram atenção em uma palavra que fosse.

— Por que você não nos avisou? — Lonnie exigiu saber com grosseria.

Quinze minutos de reunião e já era evidente que não havia uma hierarquia naquela família. Todo mundo queria estar no comando. Todo mundo tentava bancar o chefão. Embora quisesse sumir dali, Samantha continuou calma e tentou compreender. Aquela gente não era rica. Na verdade, esforçavam-se para permanecer na classe média. Qualquer herança seria um golpe de sorte, de que certamente precisavam. As terras da família tinham 32 hectares, muito mais do que qualquer um deles um dia possuiria. Samantha explicou que sua cliente era Francine Crump, e não a família de Francine Crump. Sua cliente não queria que os filhos soubessem o que ela estava fazendo.

— Acha que ela não confia na gente, no sangue do seu sangue, na carne da sua carne? — Irma exigiu saber.

Com base nas conversas que teve com Francine, ficou absolutamente claro que ela não confiava nos próprios filhos, o sangue e a carne que se danassem. Mas Samantha respondeu com calma.

— Só sei o que minha cliente me disse. Ela deixou muito claro o que queria e o que não queria.

— Você dividiu a nossa família, sabia disso? — disse Jonah. — Criou um abismo entre uma mãe e seus cinco filhos. Não sei como pôde fazer uma coisa tão traiçoeira.

— As terras são nossas — resmungou Irma. — As terras são nossas.

Lonnie cutucou a própria cabeça e disse: — A mamãe não anda lá muito certa, está me entendendo? Há algum tempo que sua memória falha, talvez seja Alzheimer ou coisa assim. Tínhamos medo de que ela fizesse alguma loucura com as terras, mas nada parecido com isso.

Samantha explicou que ela e outras duas advogadas da ONG estavam com a Sra. Crump no dia em que ela assinou o testamento e as três estavam convencidas de que ela sabia exatamente o que fazia. Ela era “legalmente

capaz", e é isso que a lei exige. O testamento será aceito no tribunal.

— Pro inferno esse testamento — rebateu Jonah. — Não vai a tribunal porque será alterado.

— Essa decisão cabe a sua mãe — disse Samantha.

Euna Faye olhou seu telefone e disse:

— Eles estão aqui, DeLoss e mamãe. Dentro do carro lá fora.

— Eles podem entrar? — perguntou Lonnie.

— É claro que sim — disse Samantha, porque não havia mais nada a dizer.

Francine parecia ainda mais fraca e frágil do que um mês antes. Os cinco irmãos se levantaram e tentaram ajudar a mãezinha querida enquanto ela passava arrastando os pés pela porta da frente, andava pelo corredor e entrava na sala de reunião. Eles a colocaram em uma cadeira e se reuniram em volta dela. Todos olhavam para Samantha. Francine adorava tanta atenção e sorria para sua advogada.

— Pronto, mamãe, diga a ela o que nos disse sobre a assinatura do testamento, que você não se lembra disso e… — disse Lonnie.

Euna Faye interrompeu: — E que você nunca ouviu falar de Mountain Trust nenhum e não quer que eles fiquem com nossas terras. Pode falar.

— As terras são nossas — disse Irma pela décima vez.

Francine hesitou, como se precisasse de mais um empurrão, e por fim disse: — A verdade é que eu não gosto mais desse testamento.

*E o que eles fizeram, minha velha, amarraram você numa árvore e a espancaram com um cabo de vassoura?*, Samantha queria perguntar. *E como foi o jantar de Ação de Graças, com toda a família passando adiante o testamento novo e espumando de fúria apoplética*? Antes que pudesse responder, porém, Annette entrou na sala e deu bom dia. Samantha rapidamente a apresentou aos irmãos Crump e, com a mesma rapidez, Annette interpretou a situação com perfeição. Puxou uma cadeira. Nunca recuara de um confronto e naquele momento Samantha teve vontade de abraçá-la.

— Os Crump estão insatisfeitos com o testamento que fizemos no mês passado — disse ela.

— E não estamos satisfeitos com vocês, advogadas, também — disse Jonah. — Só não entendo como vocês puderam agir pelas nossas costas tentando nos excluir desse jeito. Não admira que os advogados tenham uma fama tão ruim em tudo que é canto. Ora essa, vocês merecem.

Com frieza, Annette perguntou: — E quem encontrou o testamento novo?

— Ninguém — respondeu Euna Faye. — Mamãe falava nisso outro dia, uma coisa levou a outra e ela pegou o testamento. A gente quase morreu quando leu o que vocês colocaram nele. Me lembro de quando éramos crianças e mamãe e

papai sempre disseram que as terras ficariam na família. E agora vocês tentam nos excluir, entregar a um bando de gente que abraça árvores em Lexington. Vocês deviam ter vergonha.

— Sua mãe explicou que ela nos procurou e nos pediu para preparar, gratuitamente, um testamento deixando as terras para outra pessoa? — perguntou Annette. — Ela deixou isso claro?

— Ela nem sempre está muito lúcida ultimamente — disse DeLoss.

— Estou mais lúcida do que você pensa — vociferou Francine, olhando feio para o filho.

— Ora, mamãe — disse Euna Faye enquanto Irma tocava em Francine para acalmá-la.

Samantha olhou para Francine e perguntou: — Então, quer que prepare outro testamento?

Os seis concordaram com a cabeça juntos, embora o gesto de Francine tivesse um ritmo visivelmente mais lento.

— Tudo bem, e devo supor que o testamento novo deixará as terras a seus cinco filhos em partes iguais, não é isso?

Os seis concordaram.

— Muito bem — disse Annette. — Será um prazer fazer exatamente isso. Minha colega aqui, porém, passou várias horas reunida com a Sra. Crump, em consulta, preparando o testamento atual. Como devem saber, não cobramos nossos serviços, mas isso não quer dizer que não tenhamos nossos limites. Temos muitos clientes e estamos sempre com trabalho atrasado. Prepararemos mais um testamento e acabou. Se mudar de ideia novamente, Sra. Crump, terá que contratar outro advogado. A senhora entendeu?

Francine olhou a mesa com uma expressão vaga enquanto os cinco filhos concordavam com a cabeça.

— Quanto tempo vocês vão levar? — perguntou Lonnie. — Estou faltando ao trabalho agora.

— Nós também — disse Annette com severidade.

— Temos outros clientes, outros assuntos a tratar. Na realidade, a srta. Kofer e eu devemos estar no tribunal em trinta minutos. Essa não é uma questão premente.

— Ah, sem essa — berrou Jonah. — É um simples testamento, não passa de duas páginas, vocês não vão levar nem 15 minutos para consertar. Vamos levar mamãe à cafeteria para tomar o café da manhã enquanto vocês fazem isso, depois ela vem assinar e vamos embora.

— Não vamos sair daqui até que ela assine o novo — disse Irma com atrevimento, como se os cinco pudessem montar acampamento ali, na sala de

reunião.

— Ah, vocês vão embora sim — disse Annette. — Ou vou chamar o xerife. Samantha, quando você acha que pode ter o testamento preparado?

— Na quarta-feira à tarde.

— Ótimo. Sra. Crump, nós a veremos na quarta-feira então.

— O que é isso! — disse DeLoss, levantando-se de cara vermelha. — Vocês têm a porcaria no computador. É só tirar. Não leva nem cinco minutos e a mamãe vai assinar. Não podemos esperar aqui a semana toda. A gente devia ter ido embora ontem.

— Estou pedindo que saiam agora, senhor — disse Annette. — E se quer um serviço mais rápido, há muitos advogados nessa mesma rua.

— E advogados de verdade — disse Euna Faye, afastando-se da mesa.

Os demais levantaram-se lentamente e ajudaram Francine até a porta. Enquanto saíam da sala, Samantha disse:

— E a senhora quer um testamento novo, Sra. Crump?

— Mas é claro que ela quer — disse Jonah, pronto a desferir um soco, mas Francine não respondeu. Eles saíram sem dizer mais nada e bateram a porta. Quando a porta parou de chacoalhar, Annette disse.

— Não prepare o testamento. Dê-lhes tempo para sair da cidade, depois telefone para Francine e diga que não participaremos disso. Eles apontaram uma arma para a cabeça dela. Essa história toda está fedendo. Se quiserem um testamento novo, que paguem por ele. Eles podem juntar duzentos dólares. Estamos desperdiçando tempo.

— Concordo. Vamos ao tribunal?

— Sim. Recebi um telefonema na noite passada. Phoebe e Randy Fanning estão na cadeia, foram flagrados no sábado com um carregamento de metanfetamina. Devem pegar anos na penitenciária.

— Nossa. Lá se foi a segunda-feira tranquila. Onde estão os filhos deles?

— Não sei, mas precisamos descobrir.



A batida policial pegou sete integrantes da gangue, embora a polícia do estado tenha dito que viriam outras prisões. Phoebe estava sentada ao lado de Randy na fila da frente, junto com Tony, que ficou fora da prisão por apenas quatro meses e agora ia voltar por uma década. Ao lado de Tony, estava um dos

brutamontes que ameaçaram Samantha semanas antes na sua primeira ida ao tribunal. Os outros três eram típicos, cabelo comprido e sujo, tatuagens subindo pelo pescoço, barba por fazer, olhos inchados e vermelhos de viciados que ficaram chapados por um bom tempo. Um por um eles foram até o juiz, disseram *Excelência, somos inocentes*, e voltaram a se sentar. Annette convenceu Richard, o promotor, a permitir que tivesse um momento de privacidade com Phoebe. Elas se espremeram no canto com um guarda por perto.

Ela tinha perdido peso desde a última vez que Annette a viu, e seu rosto mostrava a destruição do vício em meth. Os olhos se encheram de lágrimas de imediato e suas primeiras palavras foram:

— Desculpe. Nem acredito nisso.

Annette não demonstrou nenhuma solidariedade.

— Não peça desculpas a mim. Não sou sua mãe. Estou aqui porque estou preocupada com seus filhos. Onde eles estão? — sussurrou ela com ferocidade.

— Com uma amiga. Pode me tirar da cadeia?

— Não trabalhamos com processos criminais, Phoebe, apenas civis. O tribunal nomeará outro advogado para você em alguns minutos.

As lágrimas desapareceram com a rapidez com que se materializaram.

— O que vai acontecer com meus filhos? — perguntou ela.

— Bom, se as acusações chegam perto da verdade, você e Randy vão pegar um bom tempo de cadeia, e em instalações separadas, lógico. Tem algum parente que possa criar as crianças?

— Acho que não. Não. Minha família me deu as costas. A família dele está toda em cana, a não ser pela mãe, e ela é louca. Não posso ir para a prisão, entendeu? Preciso cuidar dos meus filhos. — As lágrimas voltaram e instantaneamente escorreram pelas bochechas. Ela se curvou como se levasse um soco na barriga e começou a tremer. — Não podem tirar os meus filhos de mim — disse alto demais, e o juiz olhou feio para elas. Samantha não pôde deixar de se perguntar: *Você pensou em seus filhos quando estava vendendo drogas*? Ela lhe entregou um lenço e acariciou seu ombro.

— Verei o que posso fazer — disse Annette.

Phoebe voltou ao grupo de macacões laranja. Samantha e Annette sentaram do outro lado do corredor.

— Tecnicamente, ela não é mais nossa cliente — cochichou Annette. — Nossa representação terminou quando extinguimos o divórcio.

— Então, por que estamos aqui?

— O estado julgará e o pátrio poder será retirado. É algo que precisamos monitorar, mas não há muito que possamos fazer. — Elas observaram e esperaram alguns minutos enquanto o promotor e o juiz discutiam a questão das

audiências de fiança. Annette leu uma mensagem de texto e disse: — Ah, cara. O FBI está dando uma batida no escritório de Donovan, e Mattie precisa de ajuda. Vamos.

— O FBI?

— Então você ouviu falar deles? — resmungou Annette enquanto se levantava e andava depressa pelo corredor.

Ainda havia uma coroa de flores na porta do escritório de Donovan. A porta estava aberta e e lá estava Dawn, a secretária, sentada em sua mesa, enxugando as lágrimas. Ela apontou e disse: "Lá dentro." Vozes altas vinham da sala de reunião atrás dela. Mattie gritava com alguém e, quando Annette e Samantha entraram, foram recebidas com:

— Mas quem são vocês?

Havia pelo menos quatro jovens de ternos pretos, todos tensos e prontos para sacar as armas. Caixas de arquivo estavam empilhadas no chão; gavetas foram abertas; a mesa estava coberta de entulho. O chefe, um tal de agente Frohmeyer, era quem berrava. Antes que Annette pudesse responder, ele rosnou de novo:

— Mas quem são vocês?

— Elas são advogadas e trabalham comigo — disse Mattie.

Estava de jeans e blusa de moletom, e evidentemente agitada. — Como eu disse, sou tia dele e advogada de seu espólio.

— E vou lhe perguntar mais uma vez: você foi nomeada pela justiça? — exigiu saber Frohmeyer.

— Ainda não. Meu sobrinho foi enterrado só na quarta-feira. Vocês não têm decência?

— Tenho um mandado de busca, senhora, e é só isso que me importa.

— Isso eu entendi. Vocês podem pelo menos deixar que a gente leia o mandado antes de começar a tirar as coisas daqui?

Frohmeyer pegou o mandado na mesa e jogou para Mattie.

— Tem cinco minutos, senhora, só isso.

Os agentes saíram da sala. Mattie fechou a porta e colocou o indicador nos lábios. Sua mensagem era clara: "Não digam nada de importante."

— O que está havendo aqui? — perguntou Annette.

— Como posso saber? Dawn me ligou em pânico depois que esses brutamontes invadiram. E aqui estamos. — Ela folheava o mandado de busca. Começou murmurando: — Todos e quaisquer registros, pastas, anotações, provas, relatórios, sumários, seja em papel, vídeo, áudio, eletrônico, digital ou em qualquer outra forma, relevantes, pertinentes ou de qualquer modo relacionados com a Krull Mining ou qualquer de suas subsidiárias e… segue uma lista de todos os 41 autores no processo Hammer Valley. — Ela virou uma

página, passou os olhos, virou outra.

— Bom, se levarem os computadores, terão acesso a tudo, quer isso esteja coberto no mandado ou não — disse Annette.

— Sim — disse Mattie —, tudo que está aqui. — Ela deu uma piscadela para Annette e Samantha, depois virou outra página. Leu um pouco mais, resmungou um pouco mais, depois o jogou na mesa. — Isto é um cheque em branco. Eles podem levar tudo do escritório, esteja ou não relacionado ao litígio de Hammer Valley.

Frohmeyer bateu na porta enquanto a abria.

— Acabou o tempo, senhoras — disse ele como um canastrão enquanto os agentes reapareciam em massa. Agora eram cinco, todos doidos por uma encrenca. Frohmeyer disse:

— Agora, se puderem sair do caminho...

— Claro — disse Mattie. — Mas, como executora dele, precisarei de um inventário de todas as coisas que vocês tirarem daqui.

— Claro, depois que for nomeada.

Dois agentes já abriam outros arquivos. — Tudo — Mattie quase gritava.

— Sim, sim — disse Frohmeyer, dispensando-a com a mão. — Bom-dia, senhoras.

Enquanto as três advogadas saíam da sala, Frohmeyer acrescentou: — A propósito, tenho outra unidade dando uma busca na casa dele neste exato momento, para sua informação.

— Que ótimo, e o que vocês podem estar procurando lá?

— A senhora terá que ler o mandado de busca.

Elas estavam abaladas e suspeitavam de que alguém estaria vigiando, assim decidiram ficar longe do escritório. Encontraram uma mesa no fundo da cafeteria e se sentiram mais ou menos seguras. Mattie, que não sorria há uma semana, quase riu ao dizer: — Eles não vão conseguir nada nos computadores. Jeff retirou os discos rígidos na quarta-feira passada, antes do enterro.

— Então eles vão voltar, procurando os discos rígidos — disse Samantha.

Mattie deu de ombros. — E quem liga? Não podemos controlar o que o FBI faz.

— Então, me deixa entender isso direito — disse Annette. — A Krull Mining acredita que Donovan colocou as mãos em documentos que não deveria ter, o que deve ser verdade. Agora que ele deu entrada no processo, a Krull está morta de medo de que os documentos sejam revelados. Eles procuram o promotor federal, que abre um caso por furto, suponho, e manda a cavalaria para encontrar os documentos. Agora que Donovan morreu, eles imaginam que não pode mais esconder os documentos.

Mattie acrescentou: — Chegou bem perto. A Krull Mining está usando o promotor para atormentar os reclamantes e seus advogados. Ameace com uma ação penal e prisão, e seus adversários rapidamente jogam a toalha. É um truque velho e funciona.

— Mais um motivo para evitar os litígios — disse Samantha. — Você é mesmo executora do espólio dele? — perguntou Annette.

— Não, é o Jeff. Sou advogada do executor e do espólio. Donovan atualizou seu testamento dois meses atrás. Manteve o testamento atual. Um original sempre ficou em meu cofre no banco. Ele deixou metade de seus bens a Judy e à filha, parte deles em um fundo, e a outra metade dividiu em três partes. Um terço para Jeff; um terço para mim; e outro terço ao grupo de ONGs que trabalha aqui, nos Apalaches, inclusive a nossa. Jeff e eu vamos ao tribunal na quarta-feira de manhã para abrir o inventário. Parece que nosso primeiro trabalho será conseguir uma lista do FBI.

— Judy sabe que não é ela a executora? — perguntou Annette.

— Sim, conversamos várias vezes desde o enterro. Ela não vê problema nisso. Ela e eu temos um bom relacionamento. Ela e Jeff… já é outra história.

— Tem ideia do tamanho dos bens?

— Na verdade, não. Jeff está com os discos rígidos e prepara uma lista dos casos em aberto, alguns antigos. O Hammer Valley acabou de entrar e suponho que os advogados dos outros reclamantes vão pegar a bola e tocar o jogo. O caso Ryzer agora parece morto. Há um acordo verbal com a Strayhorn Coal para resolver o caso Tate por 1,7 milhão de dólares.

— Desconfio de que haja algum dinheiro no banco — disse Annette.

— Tenho certeza disso. Além do mais, ele tinha dezenas de casos menores. Não sei para onde vão. Talvez possamos cuidar de alguns, mas não muitos. Eu costumava sugerir a Donovan que ele encontrasse um sócio ou pelo menos um bom associado, mas ele adorava ter o lugar só para ele. Raras vezes aceitava meus conselhos.

— Ele adorava você, Mattie, sabe disso — disse Annette.

Houve um momento de silêncio pelo morto. A garçonete completou suas xícaras e enquanto se afastava Samantha percebeu que era a mesma garota que a tinha servido na primeira vez que entrou no Brady Grill. Donovan havia acabado de resgatá-la de Romey e da prisão. Mattie esperava na ONG para a entrevista. Mal se passaram dois meses, e pareciam anos. Agora ele estava morto e elas falavam de seus bens.

Mattie engoliu em seco. — Vamos encontrar Jeff no fim da tarde e falar de problemas. Só nós três, longe do escritório.

— Por que estou incluída? — perguntou Samantha. — Sou apenas uma

estagiária, só de passagem, como você costuma dizer.

— Bem lembrado — disse Annette.

— Jeff quer você lá — respondeu Mattie.

# 26

Jeff alugou um quarto no Starlight Motel, vinte dólares a hora, e tentou convencer o gerente de que não aconteceria nada de imoral. O gerente fingiu-se surpreso e até ofendido por alguém insinuar comportamento imoral em uma espelunca como a dele. Jeff explicou que ia se reunir com três mulheres, todas advogadas, uma das quais era sua tia de 60 anos, e que eles só precisavam de um lugar tranquilo para discutir assuntos delicados. Tanto faz, disse o gerente. Vai querer recibo? Não.

Em outra circunstância, Mattie poderia ficar nervosa com seu carro sendo visto na frente do motel, mas uma semana após a morte de Donovan ela já não dava a mínima. Estava entorpecida demais para se preocupar com banalidades. Era uma cidade pequena — fale quem quiser falar. Sua mente estava concentrada em problemas muito mais importantes. Annette ia no banco da frente, Samantha no de trás, e enquanto estacionavam ao lado da picape de Jeff, ela percebeu que ele estava parado na porta do quarto antes ocupado por Pamela Booker. O quarto vizinho já fora de Trevor e Mandy. Por quatro noites, ao que parecia há muito tempo, eles se abrigaram naquele motel depois de morar no carro por um mês. Com a corajosa defesa de Samantha e a generosidade da ONG, a família Booker fora resgatada das ruas e agora morava tranquilamente em um trailer alugado perto de Colton. Pamela estava trabalhando na fábrica de luminárias. O processo contra a Top Market Solutions — o primeiro de Samantha — ainda não tinha sido resolvido, mas a família estava em segurança e feliz.

— Ele já deve ter estado aqui antes — disse Annette enquanto elas olhavam para Jeff.

— Já chega disso — disse Mattie.

As três advogadas saíram do carro e entraram no quarto minúsculo.

— Você leva a sério esse negócio de espionagem, né? — perguntou Annette, de brincadeira.

Jeff se recostou nos travesseiros da cama bamba e apontou três cadeiras baratas.

— Bem-vindas ao Starlight.

— Já estive aqui — disse Samantha.

— E quem foi o cara de sorte?

— Não é da sua conta.

As três advogadas acomodaram-se nas cadeiras. Havia pastas e blocos na cama.

Jeff disse:

— Sim, eu levo muito a sério esse negócio de espionagem. O escritório de Donovan estava grampeado. E a casa dele também. Ele suspeitava de que eles, seja quem for, estavam vigiando e ouvindo, e é melhor não correrm os nenhum risco.

— O que o FBI levou da casa? — perguntou Mattie.

— Eles ficaram duas horas lá e nada encontraram. Levaram os computadores, mas a essa altura já sabem que os discos rígidos foram substituídos. Só o que vão encontrar é um monte de saudações obscenas para quem se meter a xereta. Então acho que vão voltar. Não importa. Nunca vão encontrar nada.

— Você sabe que está brincando com a lei — disse Annette.

Jeff sorriu e deu de ombros. — Grande coisa. Acha que agora a Krull Mining está se preocupando com quem obedece regras? Não, eles não estão. Neste momento estão no telefone com o procurador, desesperados para descobrir o que os federais desencavaram nas incursões de hoje.

— É uma investigação criminal, Jeff — disse Annette, tensa. — Uma investigação de Donovan e de quem trabalhou com ele, principalmente você, se você de fato esteve de posse de documentos obtidos ilegalmente, ou teve acesso a eles. Essa gente não vai desaparecer só porque você foi mais esperto do que eles com os discos rígidos.

— Eu não estou com os documentos — disse ele, uma afirmação em que ninguém naquele quarto acreditou.

Mattie agitou a mão. — Tudo bem, tá legal, já chega. Vamos ao tribunal na quarta-feira para resolver a questão do espólio dele e pensei que íamos falar disso.

— Sim, mas há questões mais prementes. Estou convencido de que meu irmão foi assassinado. O desastre não foi acidental. O avião tinha seguro e contratei dois especialistas para trabalhar com a polícia estadual do Kentucky. Até agora, não apareceu nada, estão fazendo testes. Donovan fez muitos inimigos, mas nenhum maior do que a Krull Mining. Alguns documentos desapareceram e eles desconfiam de que Donovan pôs as mãos neles. Os documentos são mortais e a Krull Mining estava transpirando sangue, só esperando para ver se Donovan entraria com o processo. Agora que ele está morto, eles deduzem que será difícil desencavar os documentos. Eu posso ser o alvo seguinte. Sei que estão me seguindo e provavelmente colocaram escutas. Usam o FBI para fazer o trabalho sujo. Estão apertando o laço e vou desaparecer

de vez em quando. Se alguém se machucar, provavelmente será o cara que está na minha cola. Estou muito irritado por meu irmão e meu dedo está coçando no gatilho.

— Sem essa, Jeff — disse Mattie.

— Falo sério, Mattie. Se apagaram alguém importante como Donovan, não vão hesitar em eliminar um ninguém como eu, ainda mais se acham que estou com os documentos.

Samantha abriu uma fresta da janela numa busca infrutífera de ar fresco. O teto de gesso branco estava manchado de nicotina. O carpete verde e puído tinha manchas antigas. Ela não se lembrava de o quarto ser tão deprimente quando os Booker moraram nele. Agora, porém, só queria dar o fora dali. Por fim, ela deixou escapar:

— Um momentinho, por favor. Sinceramente, não sei o que estou fazendo aqui. Sou apenas uma estagiária de passagem, como todo mundo sabe, e não quero mesmo ouvir o que estou ouvindo, OK? Será que alguém, por favor, pode me dizer por que estou aqui?

Annette revirou os olhos, frustrada. Mattie sentou-se de braços cruzados.

Jeff disse: — Porque eu a convidei. Donovan admirava você e lhe contou coisas em confiança.

— Ele contou? Desculpe, eu não sabia disso.

— Você faz parte da equipe, Samantha — disse Jeff.

— Que equipe? Não pedi nada disso. — Ela massageou as têmporas como se tivesse enxaqueca.

Passou-se um momento de silêncio. Mattie enfim o rompeu.

— Precisamos falar dos bens dele.

Jeff pegou alguns documentos numa pilha de papéis e passou adiante.

— Esta é uma lista aproximada dos casos dele que estão em andamento.

Samantha se sentia um *voyeur* enquanto olhava as informações que nenhuma firma de advocacia, grande ou pequena, devia divulgar voluntariamente. No alto da página 1, abaixo do cabeçalho “Principais”, estavam quatro casos: o litígio de Hammer Valley, o caso Ryzer contra a Lonerock Coal e seus advogados e o veredicto Tate. O número 4 era a ação indenizatória pela morte de Gretchen Bane, contra a Eastpoint Mining, que seria julgada novamente em maio.

— Há um acordo verbal para o caso Tate, mas não consigo encontrar nada por escrito — disse Jeff, virando uma página. — Os outros três estão longe de encontrar uma solução.

— Pode esquecer Ryzer — disse Samantha —, a não ser que outros advogados se envolvam. A financiadora do litígio retirou o dinheiro. Vamos correr atrás dos benefícios por pulmão negro, mas o processo de fraude e

conspiração de Donovan não vai dar em lugar algum.

— Por que você não pega esse caso? — perguntou Jeff. — Você conhece os detalhes.

Samantha ficou chocada com a sugestão e até fingiu rir.

— Está brincando? É um caso de indenização complicado, nível federal, baseado numa teoria que ainda não foi provada. Ainda nem ganhei meu primeiro processo e morro de medo de contencioso.

Mattie folheava as páginas. — Podemos cuidar de alguns, Jeff, não de todos. Estou contando 14 casos de pulmão negro. Três vítimas fatais. Cerca de uma dúzia de queixas ambientais. Não sei como ele conseguia dar conta de tudo isso.

— Tudo bem, tenho uma pergunta de leigo — disse Jeff. — Será possível contratar alguém para tocar a firma, para lidar com os casos menores e talvez ajudar nos maiores? Eu não sei. Só estou perguntando.

Annette balançava a cabeça. — Os clientes não ficariam, porque o advogado novo seria um estranho. E pode ter certeza de que os outros advogados da cidade estão rondando feito abutres. Os casos bons desta lista vão sumir em um mês.

— E nós vamos ficar com os ruins — disse Mattie.

— Não há jeito de manter o escritório aberto, Jeff, porque não há ninguém para cuidar dele — disse Annette. — Vamos absorver o que for possível. O caso Hammer Valley tem muito suporte jurídico por trás. Esqueça o Ryzer. No caso Bane, Donovan tinha um advogado auxiliar em West Virginia, então seu espólio terá direito a honorários, se o caso for resolvido, mas não seria grande coisa. Não estou familiarizada com os outros casos de homicídio culposo, mas parece que a responsabilidade não é muito clara.

— Concordo — disse Mattie. — Vamos examinar mais atentamente nos próximos dias. O caso mais importante é o veredicto Tate, mas esse dinheiro não está no banco.

— Ficarei feliz em ficar de fora — disse Samantha.

— Bobagem — respondeu Mattie. — Confirmar um testamento para fins de sucessão não é uma questão confidencial, Samantha. O processo no tribunal será um registro público e qualquer um pode entrar na sala do escrivão e dar uma olhada. Além disso, não há segredos de verdade aqui em Brady. A essa altura você já devia saber disso.

Jeff distribuía mais documentos e falava. — A secretária dele e eu vimos essas contas neste fim de semana. Os honorários Tate são de quase 700 mil…

— Menos o imposto de renda, claro — disse Mattie.

— Claro. E, como eu disse, é só um acordo verbal. Acho que os advogados da Strayhorn podem voltar atrás, não é, Mattie?

— Ah, sim, e não seria uma surpresa se voltassem. Com Donovan fora de

cena, eles podem tranquilamente mudar de estratégia e nos mandar à merda.

Samantha balançava a cabeça. — Espere um minuto. Se eles fizeram um acordo no caso, como podem mudar de ideia?

— Não há nada por escrito — explicou Mattie. — Ou, pelo menos, nada que até agora tenhamos encontrado. Em geral, num caso assim, os dois lados assinam um breve acordo e conseguem sua aprovação pelo tribunal.

— Segundo a secretária, tem um rascunho dele no computador, mas não foi assinado — disse Jeff.

— Então, estamos ferrados — disse Samantha, deixando que o verbo no plural escapulisse sem querer.

— Não necessariamente — respondeu Mattie. — Se eles renegarem o acordo, o caso avança para o recurso, algo que não preocupava Donovan. Era um julgamento limpo sem erro corrigível, pelo menos no entender dele. Em 18 meses, o veredicto deve ser confirmado no recurso. Se a Suprema Corte reverter, volta para outro julgamento.

— E quem vai defendê-lo? — perguntou Samantha.

— Vamos nos preocupar com isso quando acontecer.

— O que mais tem no espólio? — perguntou Annette.

Jeff olhava suas anotações.

— Bom, primeiro, Donovan tinha uma apólice de seguro de vida no valor de meio milhão de dólares. A beneficiária é Judy e, segundo o contador, esse dinheiro é por fora do espólio. Assim, ela está muito bem. Ele tinha 40 mil numa conta bancária pessoal, 100 mil na conta da firma de advocacia, 300 mil num fundo mútuo e tinha um fundo de despesa de litígios de 200 mil. Seus outros bens são o Cessna, que agora obviamente não vale nada, mas estava segurado em 60 mil. A casa e o terreno são avaliados pelo condado em 140 e ele queria que fossem vendidos. Seu escritório, calculou a prefeitura de Brady, vale 190, e fico para mim, segundo o testamento dele. A casa tem uma pequena hipoteca; o escritório, não. Além disso, só bens pessoais… o carro, a picape, os móveis do escritório etc.

— E a fazenda da família? — perguntou Annette.

— Não, Gray Mountain ainda é do nosso pai e não nos falamos há anos. Não preciso lembrar a vocês que ele não apareceu no enterro do próprio filho na semana passada. Além disso, as terras não valem grande coisa. Acho que um dia vou herdar, mas não estou contando com o dinheiro.

— Sinceramente, não acho que eu devia estar nessa conversa — disse Samantha. — É uma coisa pessoal e particular, e neste momento já estou sabendo mais do que a mulher dele.

Jeff deu de ombros. — Para com isso, Samantha.

Ela segurou a maçaneta. — Falem dos negócios que quiserem. Para mim chega. Vou para casa a pé.

Antes que pudessem responder, ela sumiu, saiu do quarto e atravessou às pressas o estacionamento. O motel ficava na periferia da cidade, não muito longe da cadeia onde Romey a havia levado dois meses antes. Ela precisava do ar frio e da caminhada, e precisava se afastar dos Gray e seus problemas. Sentia muita solidariedade por Jeff e pela perda do irmão, ela mesma sentia um vazio, mas também estava horrorizada com a imprudência dele. Alterar computadores era garantia de mais problemas com o FBI. Jeff era presunçoso o bastante para pensar que podia enganar os federais e desaparecer sempre que quisesse, mas Samantha duvidava disso.

Ela passou por algumas casas na rua principal e sorriu das cenas em seu interior. A maioria das famílias ou estava jantando ou tirando a mesa. Televisores estavam ligados; crianças na mesa. Ela passou pelo escritório de Donovan e sentiu um aperto na garganta. Tinha morrido há uma semana e Samantha sentia muita falta dele. Se ele fosse solteiro, sem dúvida, algum relacionamento amoroso e físico teria surgido logo depois de sua chegada a Brady. Dois jovens advogados solteiros em cidade pequena, curtindo a companhia um do outro, os dois sedutores, teria sido inevitável. Ela se lembrou dos avisos de Annette sobre Donovan e a queda que ele tinha pelas mulheres, e se perguntou mais uma vez se ela falou a verdade ou simplesmente estava protegendo os próprios interesses. Queria Donovan só para ela, sem dividir? Jeff estava convencido de que ele tinha sido assassinado; o pai de Samantha, não. Até que ponto isso de fato importava se ele desapareceu para sempre?, perguntava-se Samantha diante do óbvio.

Deu meia-volta e foi para o Brady Grill. Pediu uma salada e um café e tentou matar o tempo. Não queria voltar ao escritório nem ficar no apartamento. Após dois meses em Brady, sentia o peso do tédio. Gostava do trabalho e dos dramas diários na ONG, mas a falta do que fazer à noite era monotonia pura. Rapidamente comeu e pagou a conta a Sarge, o velho rabugento dono da lanchonete, desejando boa noite e sonhos agradáveis, e saiu. Eram sete e meia, cedo demais para dormir, então continuou andando, pegando o ar fresco e esticando as pernas. Já havia caminhado por todas as ruas de Brady e sabia que todas eram seguras. Um cachorro podia rosnar e um adolescente assoviar, mas ela era uma garota urbana e durona que já suportou coisa pior.

Em uma rua escura atrás do colégio, ouviu passos a suas costas, passos pesados de alguém que não tentava segui-la em silêncio. Ela virou uma esquina e os passos fizeram o mesmo. Viu uma rua ladeada de casas, quase todas as luzes das varandas acesas e entrou ali. Os mesmos passos a seguiram. Num

cruzamento, lugar em que ela podia gritar e as pessoas ouviriam, ela parou e se virou. O homem continuou andando até chegar a apenas meio metro de distância.

— Quer alguma coisa? — perguntou ela, pronta para dar pontapés e arranhões e gritar se necessário.

— Não, só estou dando uma caminhada, como você.

Branco, cerca de 40 anos, barba grossa, 1,85 metro, cabelo espesso saindo de um boné sem logotipo, usava casacão, as mãos enfiadas nos bolsos grandes.

— Papo furado, você estava me seguindo. Diga alguma coisa rápido, antes que eu comece a gritar.

— Você está indo meio longe demais, srta. Kofer — disse ele.

Com um leve sotaque da montanha, sem dúvida morador dali. Mas sabia o nome dela!

— Você sabe meu nome. Qual é o seu?

— Escolha um. Pode me chamar de Fred, se quiser.

— Ah, prefiro Bozo. Fred é chato. Vamos ficar com Bozo.

— Pode ser. Ainda bem que acha isso engraçado.

— O que tem em mente, Bozo?

Sem se abalar nem piscar, ele disse: — Você está andando com a turma errada e está fazendo um jogo cujas regras não conhece. Precisa manter sua linda bundinha na ONG, onde você pode cuidar de pobres coitados e ficar longe dos problemas. Melhor ainda, para você e todos os outros, pegue suas merdas e volte para Nova York.

— Está me ameaçando, Bozo?

Claro que estava. A ameaça era feita de um jeito teatral e inconfundível.

— Pense como quiser, srta. Kofer.

— Então, para quem será que você trabalha? Krull Mining, Lonerock Coal, Strayhorn Coal, Eastpoint Mining… São tantos bandidos para escolher, e não vamos esquecer daqueles picaretas de terninho estiloso da Casper Slate. Quem assina seus cheques, Bozo?

— Eles me pagam em dinheiro vivo — disse ele ao se aproximar um passo.

Ela ergueu as mãos. — Mais um passo, Bozo, e vou gritar tão alto que metade de Brady vai aparecer correndo.

Um grupo de adolescentes barulhentos se aproximava por trás dele e Bozo perdeu o interesse rapidamente. Quase sussurrando, ele disse:

— Estaremos de olho.

— Eu também — rebateu ela, mas não sabia o que estava dizendo. Expirou profundamente e percebeu como sua boca estava seca. Seu coração martelava e ela precisava se sentar. Bozo desapareceu quando os adolescentes passaram sem

dizer nada nem olhar. Samantha partiu num ziguezague rápido para seu apartamento.

A uma quadra de lá, outro homem se materializou do escuro e a parou na calçada.

— Precisamos conversar — disse Jeff.

— Esta é minha noite de sorte — disse ela, enquanto eles se afastavam do apartamento dela. Ela contou do encontro com Bozo e manteve os olhos em movimento, procurando outros sinais dele. Nada havia nada nas sombras. Jeff ouvia e assentia como se conhecesse Bozo pessoalmente.

— O que está acontecendo é o seguinte — disse ele. — O FBI fez uma visita aqui hoje, mas os agentes também apareceram nos escritórios das outras três firmas que entraram no processo contra a Krull Mining no caso Hammer Valley. São amigos de Donovan… estavam todos no enterro dele na semana passada. Duas firmas de Charleston, uma de Louisville. Advogados especialistas em contencioso por danos de substâncias tóxicas que reuniam seus recursos e efetivo para brigar com os infratores. Bom, essas firmas levaram uma batida hoje. Entre outras coisas significa que o FBI, e estamos supondo que a Krull Mining também, agora sabe a verdade e a verdade é que Donovan não entregou os documentos roubados aos outros advogados. Ainda não. Não era esse o plano. Donovan tinha muito cuidado com os documentos e não queria incriminar os outros advogados, e simplesmente descreveu o que havia nos documentos. A estratégia entre os advogados era entrar com o processo, arrastar a Krull Mining para os tribunais, levar a empresa e seus advogados a dizer um monte de mentiras sob juramento, depois entregar os documentos para o desfrute do juiz e do júri. Na teoria geral dos advogados, os documentos valiam pelo menos meio bilhão de dólares em indenizações punitivas. Com toda probabilidade, também levariam a investigações criminais, indiciamentos e assim por diante.

— Então o FBI vai voltar em breve, desta vez procurando você.

— Sim, acho que sim. Eles acreditam que Donovan tinha os documentos, agora sabem que não estão com os outros advogados, então, onde estão?

— Onde estão?

— Perto.

— Estão com você?

— Sim.

Eles andaram em silêncio por uma quadra. Jeff cumprimentou um velho sentado sob um cobertor numa varanda. Alguns passos adiante, Samantha perguntou: — Como ele conseguiu os documentos?

— Quer mesmo saber?

— Não sei bem. Mas saber não é crime, é?

— A advogada é você.

Eles viraram uma esquina para uma rua mais escura. Jeff tossiu, deu um pigarro e começou: — No começo, Donovan contratou um hacker, um israelense que viaja pelo mundo vendendo suas técnicas por uma boa grana. A Krull tinha digitalizado parte de sua documentação interna e o hacker conseguiu entrar sem maiores dificuldades. Encontrou um material muito interessante sobre a mina e o lago de lama tóxica da Peck Mountain, o suficiente para deixar Donovan animado. Mas era evidente que a Krull mantinha muitos registros fora do sistema de armazenamento digital. O hacker foi até onde podia, depois caiu fora, encobriu seus rastros e desapareceu. Quinze mil dólares por uma semana de trabalho. Nada mau. Mas é arriscado, porque ele foi apanhado em outro trabalho três meses atrás e agora está na cadeia em Vancouver. Mas, então, Donovan tomou a decisão de sondar a sede da Krull perto de Harlan, Kentucky. É uma cidade pequena e é meio estranho ter uma operação tão grande sediada em uma área rural, mas isso não é incomum nos campos de carvão. Donovan foi até lá algumas vezes, sempre mudando os disfarces; ele adorava essa história de se disfarçar e achava que era um gênio da espionagem. E ele era muito bom. Escolheu um fim de semana prolongado, o Memorial Day do ano passado, e numa tarde de sexta-feira foi lá vestido de técnico de telefonia. Alugou um furgão branco sem logotipo e o estacionou com outros carros numa vaga. Até colocou placas falsas no carro. Depois de entrar, desapareceu num sótão e esperou até a hora de fechar. Havia seguranças armados e câmeras de vigilância do lado de fora, mas não muita coisa lá dentro. Fiquei vigiando de perto, assim como Vic, nós dois armados e prontos com um plano de emergência, se alguma coisa desse errado. Durante três dias, Donovan ficou dentro do prédio e nós do lado de fora, escondidos na mata, vigiando, esperando, brigando com carrapatos e mosquitos. Foi um sofrimento. Estávamos usando rádios de alta frequência para manter contato e acordar um ao outro. Donovan encontrou a cozinha, comeu toda a comida e dormiu num sofá no saguão. Vic e eu dormíamos em nossas picapes. Donovan também encontrou os registros, um tesouro de documentos incriminadores que detalhavam como a Krull escamoteava as coisas na Peck Mountain e todos os seus problemas. Fez cópia de milhares de documentos e devolveu os originais aos arquivos, como se nada tivesse acontecido. Naquela segunda-feira, o Memorial Day, uma turma da limpeza apareceu e quase o flagrou. Eu os vi primeiro, chamei Donovan e por pouco ele não conseguia voltar ao sótão antes que os faxineiros entrassem no prédio. Ficou ali três horas, assando no calor.

— Como ele conseguiu tirar os documentos de lá?

— Sacos de lixo, junto com outra carga de detritos. Ele pôs sete sacos numa

caçamba atrás do prédio. Sabíamos que o caminhão de lixo passava na terça-feira de manhã. Vic e eu o seguimos até o aterro sanitário. Donovan saiu do prédio, trocou de roupa e virou um agente do FBI, aparecendo no aterro com um distintivo. As pessoas que trabalham em aterros sanitários não ligam para a origem do que chega lá ou o que acontece com o lixo, e depois de algumas palavras ásperas do agente Donovan, ergueram as mãos. Colocamos os sacos de lixo no furgão alugado e corremos de volta a Brady. Trabalhamos 24 horas por dia durante três dias classificando, organizando e indexando, depois escondendo os documentos em um minidepósito não muito longe da casa de Vic, perto de Beckley. Mais tarde, transferimos de novo, e mais uma vez.

— E a boa gente da Krull Mining não percebeu indício algum de que alguém vandalizou seus escritórios?

— Não foi assim tão limpo. Donovan teve que arrombar algumas fechaduras e alguns arquivos, e ficou com alguns documentos originais. Ele deixou rastros. Havia câmeras de vigilância em todo o exterior e temos certeza de que eles têm imagens gravadas de Donovan. Mas não dá para saber que era ele, por causa dos disfarces. Além disso, Donovan e Vic achavam importante que a Krull soubesse que alguém esteve ali. Naquela tarde voltamos lá, naquela terça mesmo, e observamos de longe. Viaturas policiais chegavam e saíam. As pessoas estavam claramente agitadas.

— A história é ótima, mas me parece incrivelmente imprudente.

— É claro que foi. Mas meu irmão era assim. A filosofia era que como os bandidos sempre trapaceiam…

— Eu sei, eu sei. Ele me disse isso várias vezes. O que tem nos discos rígidos do computador dele?

— Nada de relevante. Ele não era idiota.

— Então, por que você os tirou?

— Ele me disse para fazer isso. Tive instruções estritas na eventualidade de algo acontecer a ele. Houve um caso no Mississippi alguns anos atrás em que o FBI deu uma batida numa firma de advocacia e apreendeu todos os computadores. Donovan morria de medo disso e me deu suas ordens.

— E o que você vai fazer com os documentos da Krull?

— Entregá-los a outros advogados antes que o FBI os encontre.

— O FBI pode encontrá-los?

— É muito improvável.

Eles se aproximavam do tribunal a partir de uma transversal estreita. Jeff tirou algo do bolso e estendeu a ela.

— É um celular pré-pago — disse ele. — Só seu.

Ela o olhou fixamente. — Já tenho telefone. Obrigada.

— Mas seu telefone não é seguro. Este aqui é.

Ela o olhou e não pegou o celular. — E por que eu precisaria disso?

— Para falar comigo e com Vic, e ninguém mais.

Ela se afastou um passo e balançou a cabeça.

— Não acredito nisso, Jeff. Se eu pegar esse telefone, vou estar na sua pequena conspiração. Por que eu?

— Porque confiamos em você.

— Você nem mesmo me conhece. Só estou aqui há dois meses.

— Exatamente. Você não conhece ninguém, nem nada. Ainda não foi corrompida. Você não fala porque não tem com quem falar. É tremendamente inteligente, uma companhia divertida e muito bonita.

— Ah, que ótimo. Justo o que preciso ouvir. Vou ficar espetacular de macacão laranja e correntes nos tornozelos.

— Ficaria sim. Você ficaria ótima em qualquer coisa, ou sem nada.

— Isso foi uma cantada?

— Talvez.

— Tá legal, a resposta agora é não. Jeff, estou pensando seriamente em fazer as malas, entrar em meu carro alugado, sair comendo asfalto, como vocês daqui costumam dizer, e só parar quando chegar a Nova York, que é o meu lugar. Não gosto do que está acontecendo perto de mim e não pedi essa encrenca toda.

— Não pode ir embora. Você sabe demais.

— Depois de 24 horas em Manhattan, vou esquecer tudo isso, pode acreditar.

Adiante, Sarge bateu a porta da lanchonete e se afastou arrastando os pés. Nada mais se mexia na rua principal. Jeff segurou gentilmente o braço de Samantha e a levou da calçada a um local escuro sob algumas árvores, perto de um memorial aos mortos da guerra de Noland County. Apontou algo na distância, bem além do tribunal, a duas quadras dali. Falou quase aos sussurros.

— Está vendo aquela picape Ford preta estacionada ao lado do Volks velho?

— Não sei distinguir um Ford de um Dodge. Quem está ali?

— Eles são dois, provavelmente seu novo amigo Bozo e um babaca que chamo de Jimmy.

— Jimmy?

— Jimmy Carter. Dentes grandes, sorriso largo, meio louro.

— Entendi. Muito inteligente. O que Bozo e Jimmy estão fazendo em uma picape estacionada às oito e meia da noite?

— Falando de nós.

— Quero ir para Nova York, que é seguro.

— Não posso te culpar. Olha, vou sumir por uns dias. Por favor, fique com este telefone, assim terei com quem falar.

Ele colocou o celular pré-pago na mão dela e, depois de um ou dois segundos, ela o pegou.

# 27

Na terça de manhã cedo, Samantha saiu de Brady e foi para Madison, West Virginia. Uma viagem de uma hora e meia de carro que poderia durar o dobro desse tempo se as estradas estivessem congestionadas de caminhões de carvão e ônibus escolares. Um vento forte espalhava as poucas folhas ainda existentes nas árvores. A cor tinha sumido e as montanhas e os vales eram de um tom opaco e deprimente de marrom que só mudaria na primavera. Havia uma possibilidade de uma leve nevasca no dia seguinte, a primeira da temporada. Ela se pegou olhando pelo retrovisor e às vezes sorria de sua paranoia. Por que alguém perderia tempo seguindo-a pelas montanhas dos Apalaches? Ela era só uma funcionária temporária, uma estagiária sem remuneração que a cada dia tinha mais saudade de casa. Pretendia passar o Natal em Nova York para colocar a vida em dia com os amigos e lugares e já estava se perguntando se teria coragem de voltar aos Apalaches.

Seu novo celular estava no banco do carona, ela o olhou de lado e imaginou o que Jeff estaria fazendo. Por uma hora ficou pensando em ligar só para ver se o aparelho funcionava, mas sabia que sim. E quando, exatamente, devia usar aquela porcaria? E para que fim?

Na rodovia principal ao sul da cidade, ela achou o ponto de encontro — a Igreja Batista Missionária de Cedar Grove. Explicara aos clientes que precisavam conversar em particular, não no posto de gasolina em que Buddy tomava seu café matinal e todo mundo se sentia à vontade para participar de todas as conversas. Os Ryzer sugeriram sua igreja, e Samantha especulou se era porque não queriam que ela visse sua casa. Eles estavam sentados na picape de Buddy no estacionamento, vendo outros carros passarem, aparentemente sem nenhuma preocupação no mundo. Mavis deu um abraço em Samantha como se ela fosse da família e eles andaram até o salão de confraternização atrás da pequena capela. A porta não estava trancada; o salão estava vazio. Puxaram cadeiras dobráveis em volta de uma mesa de carteado e conversaram sobre o clima e os planos de Natal.

Por fim, Samantha foi ao que interessava.

— Suponho que tenham recebido uma carta do escritório de Donovan com a notícia trágica.

Os dois assentiram com tristeza.

— Um bom homem — murmurou Buddy.

— O que isso quer dizer, para nós e o caso? — perguntou Mavis.

— É por isso que estou aqui. Para explicar e responder perguntas. O pedido de indenização por pulmão negro continuará a todo o vapor. Dei entrada no mês passado e, como sabem, estamos esperando o exame médico. Mas receio que o processo maior esteja acabado, pelo menos por enquanto. Quando Donovan entrou com o processo em Lexington, estava agindo sozinho. Em geral, nesses casos grandes, em especial os que levam anos e devoram muito dinheiro, Donovan formaria uma equipe de contencioso com vários outros advogados e firmas. Eles dividiriam o trabalho e as despesas. Mas, no caso de vocês, ele ainda estava tentando convencer amigos advogados a se juntar à causa. Para falar com franqueza, eles ficaram relutantes. Processar a Lonerock Coal e sua firma de advocacia e tentar provar comportamento criminoso é um trabalho enorme.

— Vocês já explicou tudo isso — disse Buddy asperamente.

— Quem explicou foi Donovan. Eu estava na sala, mas, como deixei claro, não estava no caso como advogada.

— E então não temos nenhum? — perguntou Mavis.

— É verdade. Neste momento, não há ninguém para cuidar do caso e ele tem que ser extinto. Lamento.

A respiração de Buddy já era difícil quando ele estava de bom humor, mas o mais leve estresse ou aborrecimento o faziam arquejar.

— Isso não está certo — disse ele, a boca escancarada enquanto puxava o ar. Mavis a encarava sem acreditar, depois enxugou uma lágrima.

— Não, não está certo — disse Samantha —, mas o que aconteceu com Donovan também não foi certo. Ele só tinha 39 anos e fazia um ótimo trabalho como advogado. Sua morte foi uma tragédia sem sentido que deixou todos os clientes dele na mão. Vocês não são os únicos que procuram respostas.

— Você suspeita de crime? — perguntou Buddy.

— Ainda está sob investigação e até agora não há provas de que foi crime. Muitas perguntas sem resposta, mas nenhuma prova real.

— Isso me parece suspeito — disse ele. — A gente pega os filhos da puta no flagra escondendo documentos e fodendo com a vida das pessoas, depois Donovan entra com um processo de um bilhão de dólares e aí o avião dele cai em circunstâncias misteriosas.

— Buddy, olha o linguajar. — Mavis o repreendeu. — Você está na igreja.

— Estou no salão de confraternização. A igreja fica lá.

— Ainda é a igreja. Cuidado com o linguajar.

Rendido, Buddy deu de ombros.

— Aposto que eles acharam alguma coisa.

— Eles o estão maltratando no trabalho — disse Mavis. — Começou logo depois que entramos com esse processo grande em Lexington. Conte a ela, Buddy. Não acha que é importante, Samantha? Você não precisa saber disso?

— Não é nada com que eu não possa lidar — disse Buddy. — Só um tratamento irritante. Me puseram de novo para dirigir um caminhão de transporte superpesado, que é um pouco mais difícil do que as pás-carregadeiras, mas não é grande coisa. E me puseram para trabalhar à noite três vezes na semana passada. Meu horário estava programado há meses e agora eles ficam me botando em turnos diferentes. Posso segurar essa. Ainda tenho um emprego com um bom salário. Como agora não tenho nenhuma proteção do sindicato, podem chegar amanhã e me demitir no ato. E eu não vou poder fazer nada. Acabaram com nosso sindicato vinte anos atrás e desde então somos objeto de escárnio. Tenho sorte por ainda ter um emprego.

— É verdade, mas você não pode trabalhar por muito mais tempo — disse Mavis. — Ele tem de subir uma escada para entrar nesse outro caminhão e mal consegue fazer isso. Eles o vigiam também, só esperando que ele desmaie ou coisa assim para que possam dizer que está incapacitado e portanto é um perigo, depois podem demitir.

— Eles podem me demitir de qualquer jeito. Acabei de dizer isso.

Mavis mordeu a língua enquanto Buddy puxava o ar ruidosamente.

Samantha retirou alguns documentos da pasta e colocou na mesa. — Isso aqui é um pedido de anulação e preciso que você assine.

— Anulação de quê? — perguntou Buddy, embora soubesse a resposta. Ele se recusou a olhar os papéis.

— Do processo federal contra a Lonerock Coal e a Casper Slate.

— Quem vai dar entrada?

— Você conheceu Mattie, minha chefe na ONG. Ela é tia de Donovan e também advogada do espólio dele. O tribunal dará a ela autoridade para concluir os negócios dele.

— E se eu não assinar?

Samantha não havia previsto essa possibilidade e, conhecendo pouco o procedimento federal, não sabia o que responder, mas ainda assim era necessário dar uma resposta rápida.

— Se o processo não for levado adiante por você, o autor da ação, então um dia acabará anulado pela justiça.

— Então, de qualquer forma está acabado? — perguntou Buddy.

— Sim.

— Tudo bem, não vou desistir. Não vou assinar isso.

— Por que você não pega o caso? Você é advogada — disse Mavis, num

rompante.

Os dois a olhavam atentamente e era evidente que aquela pergunta havia sido discutida por um bom tempo.

Isso Samantha havia previsto. — Sou, mas não tenho experiência na justiça federal e não tenho autorização para trabalhar no Kentucky.

Eles absorveram isso sem comentar nada nem entender de fato. Uma advogada é uma advogada, ou não é?

Mavis trocou de marcha. — Ora essa, no caso do pulmão negro, você disse que ia calcular todos os benefícios retroativos a que tínhamos direito. E disse que se ganharmos o caso, voltaremos ao dia em que entramos pela primeira vez com o pedido, nove anos atrás. Não é verdade?

— É verdade — disse Samantha, folheando algumas anotações. — E de acordo com nossas contas, é de cerca de 85 mil dólares.

— Não é muito dinheiro — disse Buddy enojado, como se a quantia irrisória fosse culpa de Samantha. Ele inspirou o ar com força e continuou: — Eles deviam pagar mais, muito mais depois do que fizeram. Eu devia ter largado o trabalho nas minas dez anos atrás, quando adoeci, e teria largado se recebesse os benefícios, ora essa, tive de continuar trabalhando e respirando a poeira.

— Só ficou cada vez mais doente — acrescentou Mavis com gravidade.

— Agora não vou conseguir trabalhar mais um ano, no máximo dois. E se nem mesmo os processarmos, eles não serão responsáveis por quase nada. Isso não está certo.

— Concordo — disse Samantha. — Mas já tivemos essa conversa, Buddy, e mais de uma vez.

— Por isso quero processar os filhos da puta na justiça federal.

— Modere o linguajar, Buddy.

— Eu xingo o quanto quiser, que merda, Mavis.

— Olha, eu preciso ir — disse Samantha, pegando a pasta. — Gostaria que você reconsiderasse sua decisão de não assinar este pedido de anulação.

— Não vou largar o caso — disse Buddy, ofegando.

— Tudo bem, mas eu não vou voltar de carro aqui por isso. Entendeu?

Ele simplesmente assentiu. Mavis a acompanhou até o estacionamento, deixando Buddy para trás alguns momentos. No carro, disse: — Muito obrigada, Samantha. Estamos agradecidos. Passamos anos sem advogado nenhum e agora é reconfortante saber que temos uma. Ele está morrendo e sabe disso, então tem alguns dias ruins, quando não fica muito agradável.

— Eu entendo.



No antigo posto Conoco, Samantha parou para abastecer e esperava tomar uma xícara de café bebível. Alguns veículos estavam estacionados na lateral do prédio, todos com placa de West Virginia e nenhum que ela reconhecesse. Jeff havia lhe dito para ficar mais atenta, vigiar cada carro e picape, notar cada placa, olhar os rostos sem encarar e ouvir vozes enquanto aparentava desinteresse. Suponha que sempre tem alguém vigiando, ele a alertara, mas ela achava difícil aceitar.

"Eles acreditam que temos algo que querem desesperadamente", dissera ele. A parte do verbo no plural ainda a incomodava. Ela não se lembrava de ter se unido à equipe de ninguém.

Enquanto olhava fixamente a bomba de combustível, viu um homem entrar na loja, embora não tivesse notado outro veículo chegar nos últimos minutos. Bozo estava de volta. Ela pagou a gasolina com o cartão de crédito e podia ter arrancado dali, mas precisava de confirmação. Entrou pela porta da frente e deu bom dia ao funcionário na caixa registradora. Vários velhos estavam sentados em cadeiras de balanço em torno de uma estufa a lenha e ninguém pareceu dar por sua presença. Mais alguns passos e ela estava na pequena cafeteria, que não passava de um anexo vagabundo com uma dúzia de mesas enfeitadas com toalhas quadriculadas. Cinco pessoas comiam, tomavam café e conversavam.

Ele estava sentado num banco do balcão, olhando a chapa, onde um cozinheiro fritava bacon. Ela não conseguiu ver seu rosto e não queria fazer uma cena e por um segundo ficou ali, desajeitada, no meio da cafeteria, hesitante. Recebeu um ou dois olhares e decidiu ir embora. Voltou de carro para Madison e parou em uma loja de conveniência onde comprou um mapa rodoviário. Seu Ford alugado tinha um GPS, mas ela não se deu ao trabalho de programar. Precisava de orientação rapidamente.

Meia hora depois, enquanto pegava uma estrada rural em algum lugar de Lawrence County, Kentucky, seu celular novo enfim encontrou sinal para um telefonema. Jeff atendeu após dois toques. Calmamente, ela explicou o que estava acontecendo e ele a fez repetir tudo em câmera lenta.

— Ele queria que você o visse — disse Jeff. — Por que mais ele se arriscaria a ser visto? Não é uma tática incomum. Ele sabe que você não vai esmurrá-lo nem nada, então só passa um recado não muito sutil.

— E qual é?

— Estamos de olho. Sempre podemos encontrar você. Você está andando com as pessoas erradas e pode se machucar.

— Tudo bem, recebi o recado. E agora?

— Nada. Só fique de olho aberto e veja se ele está esperando quando você voltar a Brady.

— Não quero voltar a Brady.

— Desculpe.

— Onde você está?

— Estou na estrada por alguns dias.

— Muito vago.

Ela voltou de carro a Brady antes do meio-dia e não viu ninguém suspeito. Estacionou na rua perto do escritório e detrás dos óculos escuros conseguiu passar os olhos pela área antes de entrar. Por um lado, sentia-se uma idiota; por outro, de certo modo esperava ver Bozo à espreita atrás de uma árvore. E o que ele faria? Segui-la deixaria qualquer detetive particular morto de tédio.

Os Crump tinham telefonado. Evidentemente, Francine dissera a um deles que mudara de ideia de novo e pretendia se reunir com a srta. Kofer e não fazer nenhuma alteração no testamento. Isso, claro, enfureceu os Crump, e eles estavam torrando as linhas telefônicas numa tentativa de encontrar a srta. Kofer e lhe dar uma dura mais uma vez. Ninguém na ONG teve notícias de Francine. Relutante, Samantha pegou a pilha de recados telefônicos com Barb, que fez uma sugestão não solicitada de que ela devia telefonar apenas para um, talvez Jonah, o mais velho, explicar que sua mãezinha querida não telefonou para a ONG e insistir que eles parassem de atormentar a recepção.

Ela fechou a porta e ligou para Jonah. Ele a cumprimentou com simpatia suficiente, depois de imediato ameaçou processá-la e conseguir sua expulsão da Ordem se ela mexesse de novo no “testamento da mamãe”.

Ela disse que não tinha visto nem ouvido Francine há mais de 24 horas. Não tinha nem uma hora marcada com ela. Nada. Isso o acalmou um pouco, embora ele estivesse pronto para explodir a qualquer segundo.

— Será que a sua mãe não está jogando com vocês? — disse ela.

— Mamãe não pensa assim — disse ele.

Ela pediu educadamente que ele e os irmãos parassem de perturbar e telefonar para a ONG. Ele se recusou e eles finalmente fecharam um acordo: se Francine aparecesse no escritório procurando aconselhamento jurídico, Samantha pediria a ela para telefonar a Jonah e informar o que estava fazendo.

Ela desligou rapidamente e dois segundos depois Barb a chamou pelo interfone.

— É o FBI — disse ela.

O interlocutor se identificou como agente Banahan, do escritório de Roanoke, e disse que procurava um homem chamado Jeff Gray. Samantha admitiu conhecer Jeff Gray e perguntou ao agente como podia confirmar a identidade dele. Banahan disse que ficaria feliz em passar em seu escritório em mais ou menos meia hora; ele estava na região. Ela disse que não discutiria nada por telefone e concordou com o encontro. Vinte minutos depois, ele estava na recepção sendo examinado por Barb, que o achou bonitão e pensou em paquerá-lo. Banahan não ficou impressionado e se sentou na pequena sala de reunião onde Samantha e Mattie esperavam com um gravador na mesa.

Depois de apresentações tensas e um exame atento das credenciais dele pelas duas advogadas, Mattie começou: — Jeff Gray é meu sobrinho.

— Sabemos disso — disse Banahan com um sorriso irônico e as mulheres de imediato o detestaram. — Sabe onde ele está?

Mattie olhou para Samantha. — Não sei. Você sabe?

— Não. — Ela não estava mentindo; naquele momento, não fazia ideia de onde Jeff se escondia.

— Quando falou com ele pela última vez? — perguntou ele, na direção de Samantha.

Mattie o interrompeu. — Olha, o irmão dele foi morto na segunda-feira da semana passada; nós o enterramos na quarta, cinco dias antes de seus rapazes darem uma batida no escritório dele. De acordo com o testamento de Donovan, Jeff é o executor e eu sou a advogada do executor. Assim, sim, eu estarei falando muito com meu sobrinho. O que você quer?

— Temos muitas perguntas.

— Tem um mandado de prisão para ele?

— Não.

— Ótimo, então ele não está fugindo de uma prisão.

— É verdade. Só queremos conversar.

— Qualquer conversa com Jeff Gray deve acontecer aqui, nesta mesa. Entendeu? Eu o aconselharei a não dizer nada longe da presença da srta. Kofer e de mim, ouviu bem?

— Está tudo bem, Sra. Wyatt, então, quando podemos conversar com ele?

Mattie relaxou. — Bom, não sei onde ele está hoje. Acabo de tentar seu celular e caiu direto na caixa postal. — Samantha balançou a cabeça como se não falasse com Jeff há semanas. Mattie continuou: — Teríamos que ir ao tribunal amanhã para abrir o inventário e começar o processo de confirmação, mas o juiz remarcou para a semana que vem. Assim, não sei onde ele está neste momento.

Samantha perguntou: — Isso está relacionado com as ações do FBI ontem, quando confiscaram arquivos do escritório de Donovan Gray?

Banahan ergueu as mãos. — Isso não é óbvio?

— Parece que sim. Quem vocês estão investigando, agora que Donovan Gray morreu?

— Não tenho autorização para dizer.

— Jeff é objeto de sua investigação? — perguntou Mattie.

— Não, não no momento.

— Ele não fez nada de errado — disse Mattie.

# 28

O estrago foi causado na Millard Break Mine, perto de Wittsburg, Kentucky, em um ataque semelhante aos outros. Disparando de uma posição na face leste da Trace Mountain, montanha densamente arborizada 150 metros acima da mina de superfície, os atiradores contavam com uma linha de tiro de uns setecentos metros e se divertiram muito estourando 47 pneus, cada qual pesando 450 quilos e custando 18 mil dólares. Os dois vigias noturnos, ambos fortemente armados, relataram às autoridades que o ataque durou uns dez minutos e parecia até uma guerra enquanto os tiros pipocavam dos fuzis ecoando pelo vale e os pneus explodiam ali perto. A primeira rajada aconteceu às 3h05 da madrugada. Toda a maquinaria de mineração estava ociosa; todos os operadores na segurança de seu lar. Um segurança pulou em uma picape pensando em persegui-los — não sabia exatamente para aonde ir —, mas logo foi dissuadido quando a picape pegou fogo e teve dois dos pneus estourados. O outro segurança meteu-se num trailer que servia de escritório para chamar a polícia, mas foi obrigado a se proteger quando uma artilharia estourou todas as janelas. Foram acontecimentos significativos porque envolveram diretamente a vida humana. Em ataques precedentes, os atiradores tiveram o cuidado de não machucar ninguém. Procuravam máquinas, e não gente. Agora, porém, estavam infringindo seriamente a lei. Os guardas achavam que devia haver no mínimo três fuzis, mas admitiram que era difícil estimar naquele caos.

A proprietária, a Krull Mining, fez as declarações severas e ameaçadoras de sempre à imprensa. Ofereceu uma recompensa significativa. O xerife do condado prometeu uma investigação profunda e prisões rápidas, com alguns comentários míopes e tempestuosos à luz do fato de que “esses ecoterroristas” vêm aterrorizando o sul dos Apalaches com impunidade já por quase dois anos.

A notícia seguia recapitulando ataques recentes e especulando que os atiradores usaram o mesmo armamento de antes — o cartucho de 51mm, que normalmente é disparado de fuzil M24E de longo alcance, a mesma arma que os atiradores usavam no Iraque e que normalmente conseguia matar a mais de cem metros. Citaram um especialista que afirmou que o uso de um fuzil desses de uma distância tão grande e na calada da noite com tecnologia óptica facilmente disponível tornava praticamente impossível localizar os atiradores.

A Krull Mining afirmou que o mercado de pneus era pequeno, estava em falta em alguns lugares e a mina podia ficar fechada por vários dias.

Samantha leu a matéria em seu laptop enquanto bebia café na sexta-feira pela manhã no escritório. Tinha a sensação nauseante de que Jeff estava envolvido com esse ataque, se não era seu líder. Quase duas semanas depois da morte do irmão, ele precisava fazer uma declaração, desencadear sua própria represália e dar um golpe na Krull Mining. Se o pressentimento de Samantha estivesse correto, era outro motivo para fazer as malas. Ela mandou a matéria a Mattie por e-mail, depois foi até a sala da chefe.

— Para ser franca, acho que Jeff está envolvido nessa história.

Mattie fingiu um sorriso diante dessa tolice. — Samantha, esta é a primeira sexta-feira de dezembro, dia em que decoramos o escritório, assim como todo mundo em Brady. É o primeiro dia em que consigo me sentir bem e sorrir de verdade desde que Donovan morreu. Não quero estragar o dia me preocupando com o que Jeff está aprontando. Você falou com ele?

— Não, por que falaria? Não estamos envolvidos, como você costuma dizer. Ele não fica ligando para mim.

— Ótimo, vamos esquecer Jeff por um tempo e tentar ter algum ânimo para o Natal.

Barb ligou o rádio e logo músicas natalinas soavam em todas as salas. Ela estava encarregada da árvore, uma pequena e triste reprodução em plástico que guardavam no armário de vassouras pelo resto do ano, mas no momento tinha luzes e enfeites pendurados e mostrava sinais de vida. Annette colocou hera e visco por toda a varanda e prendeu uma guirlanda na porta. O almoço foi uma hora de lazer na sala de reunião, com Chester trazendo uma carne assada em uma caçarola. Todo o trabalho foi esquecido; todos os clientes ignorados. O telefone mal tocou, como se o resto do condado também estivesse ocupado entrando no clima natalino. Depois do almoço, Samantha foi ao tribunal e no caminho notou que cada loja e escritório estavam sendo decorados. Uma turma da prefeitura se ocupava pendurando sinos prateados em postes de luz pelas ruas. Outra ancorava um pinheiro grande e recém-cortado no parque ao lado do prédio do tribunal. De repente, o Natal estava no ar e toda a cidade pegava o espírito.

Ao escurecer, toda Brady apareceu e uma multidão tomou as calçadas da rua principal, vagando de uma loja a outra, comprando cidra quente e biscoitos de gengibre ao passar. O trânsito foi interrompido na rua e as crianças esperavam animadas pelo desfile. Materializou-se lá pelas sete horas, quando sirenes podiam ser ouvidas de longe. A multidão se espremeu nos dois lados da rua. Samantha assistiu com Kim, Adam e Annette. O xerife liderava o desfile, sua viatura marrom e branca reluzindo do novo polimento. Toda a frota o seguia. Samantha se perguntou se Romey pôde ter entrado furtivamente em ação, mas não havia sinal dele. A banda do colégio marchou com uma versão muito fraca

de *O Come, All Ye Faithful*. Era uma banda pequena de uma escola pequena.

— Eles não são muito bons, né? — cochichou Adam para Samantha.

— Eu acho ótimos — respondeu ela.

As escoteiras marcharam, seguidas pelos escoteiros. Um carro trazia alguns veteranos incapacitados em cadeiras de rodas, todos felizes por estarem vivos e desfrutar de outro Natal. O astro era o Sr. Arnold Potter, 91 anos, sobrevivente do Dia D, 64 anos atrás. Era o maior herói vivo do condado. Os Shriners desfilavam em suas minimotocicletas, roubando o show, como sempre. O carro do Rotary Club era uma cena da natividade com ovelhas e cabras de verdade, todas comportando-se de acordo com o momento. Um grande carro alegórico puxado por uma picape Ford último modelo estava apinhado com o coro infantil da Primeira Igreja Batista. As crianças trajavam mantos brancos e suas vozes angelicais cantavam *O Little Town of Bethlehem* num tom quase perfeito. O prefeito desfilava em um Thunderbird conversível ano 1958. Acenou e sorriu muito, mas ninguém deu bola. Apareceram outras viaturas policiais, um caminhão dos bombeiros de uma brigada de voluntários e outro carro alegórico com uma banda de blue-grass tocando uma versão country de *Jingle Bells*. Um clube de equitação trotava em uma horda de quartos de milha, todos no esplendor dos rodeios, homens e animais. Roy Rogers e Trigger ficariam orgulhosos. O gasista local tinha um caminhão novo e reluzente com um tanque de 10 mil galões e alguém achou que seria um ótimo acréscimo ao desfile. Por diversão, o motorista, um negro, berrava um rap nada natalino pelas janelas abertas.

Por fim, o motivo para a temporada apareceu em seu trenó. O velho Papai Noel acenou para meninos e meninas e jogou balas a seus pés. Por um megafone, ele entoava: “Ho, ho, ho”, mas nada além disso.

Quando o desfile estava fora de vista, a maioria dos espectadores deslocou-se para o tribunal e se reuniu no parque ao lado. O prefeito deu as boas-vindas a todos e discursou até cansar. Outro coro infantil cantou *O Holy Night*. Miss Noland County, uma ruiva bonita, estava cantando *Sweet Little Jesus Boy* quando Samantha sentiu alguém tocar seu cotovelo direito. Era Jeff, de boné e óculos escuros, que ela nunca tinha visto antes. Ela se afastou de Kim e Adam, passou pela multidão e se dirigiu para um lugar escuro perto do memorial de guerra. Eles tinham estado ali na noite da segunda anterior, olhando Bozo e Jimmy de longe.

— Está livre amanhã? — perguntou ele, quase aos sussurros.

— É sábado, é claro que não tenho nada para fazer.

— Vamos fazer uma caminhada.

Ela hesitou. Olhou o prefeito ligar um interruptor e a árvore de Natal oficial

se acender.

— Onde?

Ele colocou um pedaço de papel dobrado na mão dela.

— As coordenadas. Vejo você de manhã. — Ele lhe deu um beijo no rosto e desapareceu.



Ela foi de carro à cidade de Knox, em Curry County, e estacionou numa vaga da biblioteca a uma quadra da rua principal. Se foi seguida, não percebeu. Andou casualmente até a rua principal, mais três quadras a oeste e entrou no Knox Market, uma lanchonete e cafeteria. Perguntou pelo banheiro e lhe apontaram os fundos. Encontrou uma porta que levava a uma viela, que por sua vez dava na Fifth Street. Como foi orientada, afastou-se duas quadras do centro da cidade e viu o rio. Ao se aproximar da Larry's Trout Dock, embaixo da ponte, Jeff surgiu de dentro da loja de pesca e apontou um pequeno barco de vinte pés.

Sem uma palavra, ambos subiram a bordo. Samantha na frente, abraçada contra o frio, e Jeff atrás, onde deu a partida no motor de popa, virou o barco para longe das docas e acelerou. Eles estavam no meio do rio Curry e a cidade desaparecia rapidamente. Passaram embaixo de outra ponte e a civilização pareceu acabar. Por quilômetros, ou qualquer que seja a medida de distância em um rio sinuoso — Samantha não tinha ideia —, deslizaram pela água escura e parada. O Curry era estreito e fundo, sem pedras ou corredeiras. Contorcia-se pelas montanhas, escondido do sol por elevados penhascos que quase se tocavam acima da água. Passaram por um barco, um pescador solitário olhando desamparado sua linha de pesca, distraído da presença deles. Passaram por uma pequena comunidade perto de um banco de areia, um conjunto de barracos flutuantes e barcos. “Ratos do rio”, como Jeff os chamaria depois. Entraram cada vez mais no cânion, a cada curva o Curry ficava mais estreito e mais escuro.

O zumbido alto do motor de popa impedia a conversa, mas nenhum dos dois tinha muito a dizer. Era evidente que ele a levava a algum lugar que ela nunca vira, mas Samantha não tinha medo, pelo menos não hesitava. Apesar das complicações dele, de sua raiva, instabilidade emocional atual e imprudência, ela confiava nele. Ou pelo menos o bastante para ir caminhar, ou o que ele tivesse em mente para aquele dia.

Jeff desacelerou e o barco derivou para a direita. Uma placa antiga dizia que

ali era o limite do rio Curry e uma rampa de concreto entrou em seu campo de visão. Jeff virou o barco, que deslizou em um banco de areia. — Saltamos aqui — disse ele, e Samantha saiu do barco. Ele o amarrou a um suporte de metal perto da rampa e parou por um momento para esticar as pernas. Haviam ficado no barco por quase uma hora.

— Bem, bom dia, senhor — disse ela.

Ele sorriu. — Para você também. Obrigado por vir.

— Até parece que eu tinha outra alternativa. Onde estamos, exatamente?

— Estamos perdidos em Curry County. Venha comigo.

— Como quiser.

Eles saíram do banco de areia, entraram numa mata densa e começaram a subir uma trilha sem placas que só alguém como Jeff podia seguir. Ou Donovan. À medida que ficava mais íngreme, ele parecia aumentar o ritmo. Quando as pernas de Samantha começaram a gritar, ele parou de repente numa pequena clareira e puxou alguns galhos de cedro. Tirou-os do caminho e, evidentemente, havia um Honda *four-wheeler* esperando para um passeio.

— Garotos e seus brinquedos — disse ela.

— Já andou em um? — perguntou ele.

— Eu moro em Manhattan.

— Suba aí.

Ela subiu. Nesses quadriciclos há uma lasca de banco atrás do piloto. Passou os braços pela cintura de Jeff enquanto ele ligava o motor e deixava roncar.

— Segure firme — disse Jeff e lá foram eles, percorrendo a mesma trilha que segundos antes mal tinha largura suficiente para seres humanos. A trilha levava a um caminho de cascalho, que Jeff percorreu como um piloto acrobata.

— Segure-se! — gritou ele de novo enquanto dava um cavalo de pau e eles praticamente voaram. Samantha queria perguntar se ele podia reduzir, mas em vez disso só o apertou com mais força e fechou os olhos. O passeio era emocionante e apavorante, mas ela sabia que ele não a colocaria em perigo. Do caminho de cascalho, entraram em outra trilha de terra, que subia em ângulo agudo. As árvores eram grossas demais para acrobacias, assim Jeff ficou mais cauteloso. De qualquer modo, a excursão era desgastante e perigosa. Depois de meia hora no quadriciclo, Samantha sentiu uma doce saudade do barquinho que deixaram para trás.

— Posso perguntar aonde vamos? — disse ela no ouvido dele.

— Caminhar, certo?

A trilha atingiu seu cume e eles correram por um penhasco. Ele pegou outra trilha e começaram a descer, uma jornada traiçoeira que envolvia deslizar de um lado a outro e se esquivar de árvores e pedras. Eles pararam um segundo em uma

clareira e olharam a vista à direita.

— A Gray Mountain — disse ele, apontando o morro raspado e desolado a distância. — Chegaremos em nossas terras daqui a pouco.

Ela aguentou firme o último trecho e quando cruzaram o Yellow Creek ela viu a cabana. Ficava na encosta de um morro, um quadrado rústico feito de antigas toras de madeira, com varanda na frente e chaminé numa ponta. Jeff estacionou.

— Bem-vinda ao nosso pequeno esconderijo.

— Pensei que houvesse um jeito fácil de chegar aqui.

— Ah, claro. Tem uma estrada rural não muito longe. Vou mostrar depois. Cabana legal, né?

— Acho que sim. Não entendo muito de cabanas. Donovan me mostrou um dia, mas estávamos a mil pés de altitude. Se me lembro bem, ele disse que não tem água encanada, aquecimento nem eletricidade.

— Isso mesmo. Se passarmos a noite aqui, vamos dormir perto do fogo.

Dormir fora não tinha sido combinado, mas Samantha não se surpreendeu. Ela o seguiu escada acima, atravessando a varanda e entrando na sala principal da cabana. Uma acha de lenha ardia na lareira.

— Há quanto tempo você esteve aqui? — perguntou ela.

— Fiquei aqui ontem à noite, dormi perto do fogo. É muito gostoso e aconchegante. Quer uma cerveja?

Ela olhou o relógio de pulso: 11h45. — É meio cedo.

Havia um *cooler* ao lado de uma pequena mesa de jantar.

— Tem água?

Ele lhe passou uma garrafa de água e abriu uma cerveja. Sentaram-se em duas cadeiras de madeira perto da lareira. Ele tomou um gole.

— Eles vieram aqui esta semana. Alguém, não sei quem, mas duvido que fosse do FBI, porque precisariam arrumar um mandado de busca. Devem ser agentes trabalhando para a Krull ou alguma outra mineradora.

— Como sabe que vieram aqui?

— Eu peguei em vídeo. Dois meses atrás, Donovan e eu instalamos duas câmeras de vigilância. Uma fica numa árvore do outro lado do riacho e a outra em uma árvore a cerca de 15 metros da varanda. São ativadas aqui, na porta de entrada. Se alguém abrir a porta, as câmeras ligam e filmam por trinta minutos. Os invasores nem desconfiam. Na quarta-feira passada, exatamente às 15h21, quatro brutamontes apareceram aqui e vasculharam a cabana. Sei que estavam procurando documentos, discos rígidos, laptops, qualquer coisa que pudesse ser útil. Mas o interessante é que não deixaram um vestígio sequer. Nada. Nem um grão de pó saiu do lugar, então só posso concluir que esses caras são muito bons.

Eles também acham que sou idiota, mas agora sei como eles são. Tenho os quatro rostos e, quando os vir, estarei preparado.

— Eles estão vigiando agora?

— Duvido. Minha picape está escondida num lugar que eles jamais verão. Estas são nossas terras, Samantha, e as conhecemos melhor do que qualquer um. Quer dar uma olhada?

— Vamos nessa.

Ele pegou uma mochila e ela o acompanhou, saindo da cabana. Caminharam margeando o Yellow Creek por oitocentos metros e pararam em uma clareira para desfrutar dos raros raios de sol.

— Não sei o quanto Donovan te contou, mas esta é a única parte da nossa propriedade que não foi destruída pela lavra em tiras — disse Jeff. — Temos cerca de oito hectares intocados aqui. Depois dessa montanha ficam a Gray Mountain e o resto das nossas terras, tudo arruinado.

Eles subiram a cordilheira até que a mata se abriu e pararam para ver a devastação. Já era bem desolado vista de três mil metros de altitude, mas dali era verdadeiramente deprimente. A montanha em si fora reduzida a um calombo feio e esburacado de pedra e mato. Com muito esforço, subiram ao topo e olharam os vales sufocados lá embaixo. Para almoçar, comeram sanduíches à sombra de um trailer dilapidado que antigamente era usado como escritório da mineradora. Jeff contou histórias sobre a destruição que vira quando criança. Ele tinha nove anos quando a mineração começou.

Samantha ficou curiosa em saber por que ele escolhera a Gray Mountain como destino da caminhada. Como Donovan, ele preferia não falar no que tinha acontecido ali. A caminhada estava longe de ser agradável. A maior parte da paisagem era destruída. Estavam no meio dos montes Apalaches, com milhares de quilômetros de trilhas incólumes à disposição. A situação com a Krull Mining era extremamente perigosa e podiam ter sido seguidos. Então, por que a Gray Mountain? Mas ela não perguntou. Podia fazer isso depois, não naquele momento. Enquanto desciam, passaram por um pátio coberto de trepadeiras com maquinaria enferrujada, evidentemente abandonada quando a Vayden Coal fugiu do local. Deitado de lado e parcialmente coberto de mato, havia um enorme pneu. Samantha aproximou-se.

— Isso era usado para quê?

— São pneus para caminhões de transporte superpesados. Na verdade este é um pequeno, só tem três metros de diâmetro. Hoje em dia, têm quase o dobro do tamanho.

— Ontem estive lendo as notícias. Viu a matéria sobre o tiroteio no Millard Break outra noite? Os ecoterroristas…

— Claro, todo mundo sabe deles.

Ela se virou e o encarou sem piscar. Ele recuou um passo.

— Que foi?

Ela continuou encarando.

— Ah, nada. Só me parece que o ecoterrorismo exerce uma atração sobre você e Donovan, e talvez também sobre Vic Canzarro.

— Adoro esses caras, sejam quem for. Mas sinceramente não quero ir parar na cadeia. — Ele se afastou ao dizer isso. Ao pé da Gray Mountain, andaram pela beira de um leito de regato. Não havia água, já não havia nenhuma há um bom tempo. Jeff disse que ele e Donovan costumavam pescar naquele lugar com o pai, muito antes de o aterro no vale destruir o riacho. Ele a levou ao local da antiga casa onde moraram e descreveu a propriedade construída pelo avô. Pararam na cruz onde Donovan encontrou a mãe, Rose, e Jeff ajoelhou-se ao lado por um bom tempo.

O sol desaparecia atrás das montanhas, a tarde se esvaía. O vento ficava mais cortante, uma frente fria avançava e trazia a possibilidade de neve pela manhã. Quando voltaram pelo Yellow Creek, ele perguntou:

— Quer passar a noite aqui ou voltar para Brady?

— Vamos ficar — disse ela.



Eles grelharam dois filés na brasa na varanda e comeram perto do fogo, tomando vinho tinto em copos de papel. Quando a primeira garrafa acabou, Jeff abriu uma segunda e eles se estenderam em uma pilha de cobertores na frente do fogo. Começaram a se beijar, no início com cautela; não havia pressa, porque tinham uma longa noite pela frente. Seus lábios e línguas estavam manchados de merlot barato e eles riram disso. Conversaram sobre o passado dela e o dele. Ele não falou em Donovan e ela teve o cuidado também de evitá-lo. O passado era fácil se comparado ao futuro. Jeff estava desempregado e não tinha ideia do que podia fazer. Precisara de cinco anos para concluir dois anos de universidade; não era muito de estudar. Passara quatro meses na cadeia do condado por tráfico de drogas, uma contravenção que ainda estava em sua ficha e o assombraria por um bom tempo. Agora evitava as drogas; muitos amigos tiveram a vida arruinada pela metanfetamina. Talvez de vez em quando maconha, mas ele não era muito de fumar ou beber. Aos poucos chegaram ao assunto da vida amorosa dos dois.

Samantha falou de Henry como se o relacionamento tivesse sido mais marcante do que foi na realidade. Mas, para falar com franqueza, ela sempre andara ocupada e cansada demais para começar e manter um relacionamento sério. Jeff tinha sido noivo de sua namorada de infância, mas o tempo na prisão atrapalhou os planos dos dois. Enquanto ele estava trancafiado, ela fugiu com outro cara e ele ficou arrasado. Por um bom tempo teve uma visão negativa das mulheres e as tratara como se só servissem para uma coisa. Agora estava amolecendo e no último ano andou saindo com uma jovem divorciada em Wise. Ela trabalhava na faculdade, tinha um bom emprego e dois pirralhos. O problema era que ele não suportava os filhos dela. O pai deles era esquizofrênico e eles mostravam sinais. O relacionamento esfriara.

— Você está com a mão embaixo da minha blusa — disse ela.

— Sim, é bom aí embaixo.

— Na verdade, é. Já faz um bom tempo.

Eles enfim se beijaram com vontade, um beijo longo e faminto com mãos apalpando loucamente e botões sendo abertos. Fizeram uma pausa para abrir cintos e tirar sapatos. O beijo seguinte foi mais terno, mas as quatro mãos ainda trabalhavam, despindo. Quando estavam completamente nus, fizeram amor à luz do fogo. No início, o ritmo dos dois era desajeitado. Ele era um pouco rude e ela estava um tanto enferrujada, mas logo pegaram o jeito do corpo um do outro. A primeira rodada foi rápida porque os dois precisavam de um alívio. A segunda foi mais satisfatória enquanto eles exploravam e mudavam de posição. Quando acabou, ficaram esparramados nos cobertores, tocando-se delicadamente, exaustos.

Eram quase nove da noite.



O vestígio de neve tinha sumido pelo meio da manhã. O sol estava forte e o ar, limpo. Eles caminharam por uma hora em torno da Gray Mountain, pulando regatos secos que no passado fervilhavam de trutas arco-íris e marrons, abaixando-se em cavernas rasas que os meninos usavam como forte em outra vida, ultrapassando pedregulhos arrancados por explosões da terra duas décadas antes e serpenteando por trilhas que ninguém mais podia encontrar.

Samantha não estava dolorida da maratona da noite anterior, mas alguns músculos pareciam um pouco sensíveis. Jeff, porém, parecia inabalável. Fosse

subindo montanhas ou fazendo sexo junto do fogo, sua energia era inesgotável.

Ela o seguiu por uma garganta no pé da montanha, depois por outra trilha que sumia na mata fechada. Eles treparam em pedras, parte de uma formação natural, e entraram numa caverna, impossível de perceber a seis metros de distância. Jeff acendeu uma lanterna e olhou por sobre o ombro.

— Você está bem?

— Estou bem atrás de você — disse ela, praticamente grudada. — Aonde vamos?

— Quero te mostrar uma coisa. — Eles se agacharam bem para se livrar de um paredão rochoso e entraram mais fundo na caverna que, a não ser pela lanterna, era negra como breu. Andavam devagar, como quem se aproxima furtivamente de alguma coisa. Se ele tivesse gritado "cobra!", ela ou teria desmaiado ou infartado na hora.

Entraram numa caverna semicircular com um raio de sol penetrando de algum modo pela pedra. Era um depósito, e já estava em uso há algum tempo. Duas filas de armários de excedente do exército numa parede, uma pilha de caixas na outra. Uma mesa feita de compensado grosso assentada sobre blocos de concreto sustentava um sortimento de caixas idênticas. As caixas eram plásticas e bem lacradas.

— Brincávamos aqui quando crianças — disse Jeff. — Fica uns trinta metros dentro do sopé da Gray Mountain, fundo e baixo demais para ser estragado pela mineração. Este ambiente era um de nossos favoritos porque é claro, seco, sem nenhuma umidade e tem a mesma temperatura o ano todo. Samantha apontou uma mesa.

— E estes seriam os registros que vocês roubaram da Krull Mining, não é?

Ele assentiu com um sorriso.

— Isso mesmo.

— Então agora sou cúmplice de um crime. Por que você me trouxe aqui, Jeff?

— Você não é cúmplice porque não tem nada a ver com o crime e nunca viu essas caixas. Você nunca esteve aqui, está bem?

— Não sei. Isso não parece certo. Por que me trouxe aqui?

— É simples, Samantha, e ao mesmo tempo não é. Esses documentos devem ser entregues aos outros advogados, colegas de Donovan. E logo. Vou pensar num jeito de fazer isso, mas não será fácil. O FBI está de olho. A Krull está vigiando. Todo mundo adoraria me pegar com os documentos. Ora essa, eu ajudei a roubá-los e agora eles estão escondidos na propriedade da minha família, então eu não teria lá muita defesa, teria?

— Você está frito.

— Exatamente, e se me acontecer alguma coisa antes que eu consiga entregá-los, alguém precisa saber onde estão.

— E pelo visto esse alguém sou eu.

— Você tem inteligência suficiente para entender.

— Duvido. E quem mais sabe disso?

— Vic Canzarro e só. Ninguém mais.

Ela respirou fundo e se aproximou da mesa.

— Nada aqui é simples, Jeff. Por um lado, são documentos roubados que podem custar uma fortuna à Krull Mining e obrigar a empresa a limpar sua sujeira. Por outro, podem processá-lo criminalmente ou o que for para ter a posse deles. Você conversou com os outros advogados, com os colegas de Donovan?

— Não desde que ele morreu. Quero que você faça isso, Samantha. Não sou advogado. Você é e isso precisa ser feito imediatamente. Uma reunião secreta, onde ninguém esteja vigiando nem escutando.

Ela balançou a cabeça enquanto se sentia prender ainda mais na teia de aranha. Será que finalmente havia chegado ao ponto de não retorno?

— Tenho que pensar nisso. Por que você e Vic não encontram os advogados?

— Vic não faria isso. Ele está muito assustado. Além do mais, ele tem muita bagagem aqui nos campos de carvão. É uma longa história.

— Será que não tem nenhuma história curta por aqui?

Ela se aproximou dos armários.

— O que tem aí dentro?

— Nossa coleção de armas.

Ela pensou em abrir uma porta para dar uma espiada, mas não entendia nada de armas e não queria aprender. Sem olhar para ele, perguntou:

— Quais são as chances de encontrar um fuzil militar de elite, com visão noturna e cartuchos de 51mm? — Ela se virou e o encarou, mas ele virou a cara.

— Eu não abriria, se fosse você.

Ela foi para a entrada, passou roçando por ele e disse:

— Vamos sair daqui.

Eles deixaram a caverna e logo estavam ziguezagueando pelas trilhas. Ocorreu a Samantha que se alguma coisa acontecesse com Jeff, ela jamais encontraria o caminho para a caverna. Além disso, se alguma coisa acontecesse com Jeff, ela voltaria para Manhattan antes que Mattie conseguisse organizar outro enterro.

Ninguém falou nada por um bom tempo. Eles dividiram uma lata de chili na varanda como almoço, acabaram com o que restava do vinho e tiraram um cochilo perto do fogo. Quando o cochilo acabou, eles se beijaram e se agarraram

novamente. As esmas roupas voltaram a ser tiradas, jogadas de qualquer jeito pela sala, e eles passaram uma deliciosa tarde de domingo juntos.

# 29

A fiança de Phoebe Fanning foi reduzida de 100 mil para apenas mil dólares e às nove da manhã de segunda-feira ela pagou-a mediante um agente de fianças. O acordo foi feito depois de Samantha atormentar o juiz para que soltasse a mãe enquanto o pai continuava na cadeia. O bem-estar de três crianças inocentes estava em jogo e, depois de dois dias de assédio, o juiz concordou. O advogado de defesa de Phoebe, nomeado pelo tribunal, alegou estar sobrecarregado de trabalho e ter pouco tempo para questões preliminares; assim, Samantha se intrometeu para garantir a soltura. Saiu do fórum com Phoebe e a levou de carro para casa. Esperou com ela uma hora enquanto uma prima distante trazia as crianças. Elas não viam a mãe havia mais de uma semana e evidentemente foram avisadas de que ela provavelmente cumpriria pena. Houve muitas lágrimas, abraços sem fim e Samantha rapidamente se entediou. Explicou cuidadosamente a Phoebe que ela ia encarar uma pena mínima de cinco anos, muito mais para Randy se ele assumisse a culpa, e ela precisava preparar os filhos para a catástrofe inevitável.

Ao sair da casa dos Fanning, seu celular tocou. Era Mattie, do escritório. Tinha acabado de receber a notícia de que Francine Crump fora vítima de um derrame grave e estava no hospital. A saga do testamento gratuito continuava.

No hospital, uma instalação assustadora e antiquada que devia inspirar hábitos saudáveis em cada cidadão de Noland County, Samantha encontrou uma enfermeira na UTI que podia dar uma ou duas palavras. A paciente deu entrada pouco depois da meia-noite, sem reações e quase sem pressão sanguínea. Uma tomografia computadorizada revelou um AVC hemorrágico maciço, ou sangramento grave no cérebro. Ela foi entubada e estava em coma.

— Não está nada bem — disse a enfermeira com o cenho franzido. — Parece que ficou desmaiada horas antes de ser encontrada. Além disso, tem 80 anos.

Como Samantha não era parente, não teve permissão para entrar na UTI e ver quem podia estar acompanhando Francine.

Quando voltou ao escritório, havia recados telefônicos de Jonah e DeLoss Crump. Enquanto a mãe estava moribunda, eles estavam desesperados para conversar sobre seus bens. Se Francine tinha um novo testamento, não foi preparado pelas advogadas da Mountain Legal Aid Clinic. Se não havia novo testamento e se Francine continuasse em coma até morrer, obviamente Samantha teria que lidar com essa gente desprezível meses a fio. Já se vislumbrava uma

acalorada contestação do testamento. Ela decidiu ignorar os telefonemas por enquanto. Os cinco irmãos provavelmente estavam correndo para Brady e ela logo teria notícia deles.

Digeriram notícias nefastas no almoço daquela segunda-feira. Como havia alertado Mattie, os advogados da Strayhorn Coal estavam voltando atrás no acordo do caso Tate de homicídio culposo. Enviaram uma carta a ela, como advogada presumida do espólio de Donovan, e disseram que não haveria acordo nenhum; em vez disso, estavam recorrendo agressivamente do veredicto. Ela rebateu com um e-mail petulante que afirmava que eles deviam tentar controlar sua agressividade. A teoria de Mattie era de que estavam dispostos a pressionar no recurso, na esperança de reverter a decisão, e se arriscar em outro julgamento com Donovan fora do páreo. Um segundo julgamento só aconteceria dali a três anos, no mínimo, e enquanto esperavam e eram pagos para embromar, o dinheiro de seu cliente estaria sendo aplicado diligentemente em outro lugar. Annette ficou furiosa e pressionou Mattie a levar a questão à atenção do juiz. A Strayhorn e Donovan tinham um acordo de 1,7 milhão. Era injusto, até inescrupuloso, que a ré voltasse atrás simplesmente porque o advogado do demandante agora estava morto. Mattie concordou; porém, até agora ninguém da firma de Donovan conseguiu encontrar nada por escrito. Parecia que eles haviam fechado o acordo por telefone, mas nenhum memorando fora preparado antes de ele morrer. Sem diretrizes por escrito, ela duvidava que o tribunal validasse o acordo. Mattie consultara um amigo advogado de tribunal e um juiz aposentado: ambos disseram que elas estavam sem sorte. Ela pretendia ter uma conversa extraoficial com o juiz para ter alguma ideia do que ele estava pensando. No fim das contas, parecia que o espólio seria obrigado a contratar um advogado para cuidar do recurso.

Outro problema era a família Crump. Barb contou que só naquela manhã o escritório recebeu 11 telefonemas do clã, todos exigindo ver a Miss Kofer. Miss Kofer disse que pretendia marcar uma reunião no final da tarde. Para variar, Mattie e Annette tinham compromissos e não tinham tempo para os Crump. Samantha revirou os olhos e disse tudo bem, mas esse pessoal vai cair em cima da gente. Francine morreu às quatro e meia daquela tarde. Ela jamais recuperou a consciência, nem havia aparecido para revisar o testamento que Samantha preparou.



No início da tarde de terça-feira, Jeff entrou furtivamente pela porta dos fundos e estava em pé diante da mesa de Samantha antes que ela percebesse. Sorriram e se cumprimentaram, mas não houve movimento para nada mais afetuoso. A porta dela estava aberta e, como sempre, o lugar estava cheio de mulheres incrivelmente abelhudas. Ele se sentou.

— Então, quando gostaria de fazer uma caminhada de novo?

Ela pôs o dedo nos lábios pedindo silêncio e disse baixinho: — Sempre que conseguir encaixar em minha agenda. — Ela andava pensando em sexo nas últimas 24 horas mais do que em qualquer momento nos últimos dois anos, desde que terminou com Henry. — Tenho que ver com minha secretária — disse.

Ainda achava difícil acreditar que alguém pudesse estar ouvindo as conversas em sua sala, mas não queria se arriscar. E, em vista da paranoia dele, ele não estava dizendo quase nada. Disse apenas “tudo bem”.

— Quer um café?

— Não.

— Então é melhor irmos.

Eles seguiram pelo corredor até a sala de reunião da frente, onde Mattie esperava. Exatamente às duas horas da tarde, os agentes Banahan, Frohmeyer e Zimmer chegaram apressados e com uma determinação tão inabalável que deram a impressão de que podiam atirar primeiro e perguntar depois. Frohmeyer tinha liderado a tropa na incursão na firma de Donovan. Zimmer era um de seus paus-mandados. Banahan esteve ali antes. Após as apresentações rápidas, eles se posicionaram, com Jeff sentado entre Mattie e Samantha de um lado e o governo do outro. Annette ficou numa cabeceira da mesa e ligou um gravador.

Mattie perguntou novamente se Jeff era objeto de investigação do FBI, do procurador, de alguma agência federal da lei ou de qualquer um que trabalhasse para o Departamento de Justiça. Frohmeyer garantiu que não. Frohmeyer tomou a palavra e passou alguns minutos sondando o histórico de Jeff. Samantha tomava notas. Depois do fim de semana muito íntimo dos dois, em que ele havia contado tanta coisa, ela não ouviu nenhuma novidade. Frohmeyer perguntou sobre a relação dele com o irmão falecido. Quanto tempo trabalhou para ele? O que ele fazia? Quanto recebia? Como foi orientado por Mattie e Annette, Jeff dava respostas sucintas sem comentário a mais. Mentir para um agente do FBI é

por si só um crime, independentemente do local do interrogatório ou de como ele aconteça. Faça como quiser, dissera Mattie repetidamente, mas não minta.

Como o irmão, Jeff parecia inteiramente resolvido a mentir, se isso ajudasse a causa. Ele supunha que os bandidos — as mineradoras e agora o governo — buscariam atalhos, apelariam para a trapaça e fariam qualquer coisa para ganhar. Se jogavam sujo, por que Jeff não o faria? Porque você pode ser preso, repetira Mattie. As mineradoras e os advogados deles, não. Trabalhando a partir de anotações prévias, Frohmeyer finalmente chegou às questões importantes. Explicou que os computadores apreendidos pelo FBI uma semana antes, em 1º de dezembro, foram adulterados. Os discos rígidos foram substituídos. Jeff sabia alguma coisa a respeito?

— Não responda — vociferou Mattie.

Ela explicou a Frohmeyer que tinha conversado com o procurador e estava claro que Donovan morreu sem saber que era objeto de nova investigação. Ele não tinha sido informado, não havia nada por escrito. Portanto, com relação a arquivos e registros do escritório dele, ato nenhum dos funcionários após a morte dele configurava obstrução de investigação.

Extraoficialmente, a versão de Jeff era de que ele tinha retirado e queimado os discos rígidos dos computadores da firma e da casa de Donovan. Samantha desconfiava, porém, que ainda existissem. Mas isso não importava. Jeff lhe garantiu que não havia nada importante relacionado à Krull Mining a ser encontrado em nenhum dos computadores de Donovan. *E eu sei onde estão os registros*, pensou Samantha, quase sem acreditar. O fato de Mattie ter falado com o procurador irritou Frohmeyer. Ela não se importou. Eles regatearam um tempo durante o interrogatório e ficou evidente quem estava no controle, pelo menos naquela reunião. Se Mattie dissesse a Jeff para não responder, Frohmeyer não conseguia nada. Ele veio com a história de que vários registros desapareceram da sede da Krull Mining perto de Harlan, Kentucky, e perguntou a Jeff se tinha conhecimento disso. Jeff deu de ombros e balançou a cabeça em negativa antes de Mattie poder dizer: “Não responda”.

— Está apelando à Quinta Emenda? — perguntou Frohmeyer, frustrado.

— Ele não está sob juramento — rebateu Mattie, como se Frohmeyer fosse burro.

Samantha teve que admitir, pelo menos para si mesma, que estava adorando o conflito. O FBI, com todo o seu poder de um lado, Jeff, cliente delas, que certamente era culpado de alguma coisa, do outro, fortemente protegido pelo talento jurídico e vencendo, por enquanto.

— Acho que estamos perdendo nosso tempo — disse Frohmeyer, erguendo as mãos. — Obrigado pela hospitalidade. Estou certo de que voltaremos a nos

ver.

— Não por isso — disse Mattie. — E não entre em contato com meu cliente sem que eu seja notificada, entendeu?

— Veremos — disse Frohmeyer como um imbecil enquanto empurrava a cadeira para trás e se levantava. Banahan e Zimmer marcharam com ele para a saída.



Uma hora depois, Samantha, Mattie e Jeff estavam sentados na última fila da sala de audiência principal, esperando o juiz que supervisionaria a confirmação dos bens de Donovan. O tribunal não estava em sessão e alguns advogados rondavam a tribuna, trocando piadas com os oficiais de justiça. Jeff disse em voz baixa:

— Conversei com nossos especialistas hoje de manhã. Até agora não encontraram provas de que alguém mexeu no Cessna de Donovan. O acidente foi causado por uma pane súbita no motor e o motor parou porque o fluxo de combustível foi interrompido. O tanque estava cheio… sempre enchíamos em Charleston porque é mais barato lá. O milagre é o avião não ter explodido e aberto uma cratera no chão.

— Como o combustível foi interrompido? — perguntou Mattie.

— *Esta* é a grande questão. Se acreditarmos em sabotagem, então há uma teoria muito forte. A linha de combustível que sai da bomba de gasolina para o carburador é ligada pela chamada porca B. Se a porca B for afrouxada de propósito, o motor começará bem e funcionará tranquilamente até que a vibração faça com que a porca B aos poucos se solte. A linha de combustível ficará frouxa e a falha do motor é iminente. O motor vai afogar e rapidamente desligar. Acontece com muita rapidez, de repente, sem alarme, e é impossível religar. Se o piloto estiver olhando seu medidor de combustível, algo que só fazemos periodicamente, vai perceber uma queda súbita na pressão mais ou menos no momento em que o motor começa a morrer. Estão fazendo muito alarde com o fato de Donovan não ter pedido socorro pelo rádio. É um absurdo. Pense nisso. Você está voando à noite e de repente seu motor pifa.Você tem alguns segundos para reagir, mas está em completo pânico. Você tenta religar o motor, não dá certo. Está pensando em dez coisas ao mesmo tempo, mas a última em que pensa é pedir ajuda. Como alguém vai ajudar?

— É fácil mexer na porca B? — perguntou Samantha.

— Não é difícil, se você souber o que fazer. O truque é fazer sem ser apanhado. Você teria que esperar anoitecer, entrar furtivamente na área do estacionamento, tirar a capota do motor, usar uma lanterna e uma chave inglesa e fazer o serviço. Um especialista disse que pode ser feito em vinte minutos. Na noite do acidente, havia outras 17 aeronaves pequenas estacionadas na mesma área, mas quase não houve tráfego naquela noite. O estacionamento estava muito tranquila. Verificamos os vídeos de segurança do terminal geral de aviação e não encontramos nada. Conversamos com os caras de serviço no estacionamento naquela noite e eles não viram nada. Verificamos os registros de manutenção com o mecânico em Roanoke e é claro que tudo funcionava bem quando ele assinou a última revisão.

— O motor ficou muito danificado? — perguntou Mattie.

— Está acabado. É evidente que o Cessna cortou algumas árvores. Parece que Donovan tentou pousar em uma estrada do condado… ele pode ter visto os faróis de um carro, não dá para saber. E quando bateu nas árvores, o avião arremeteu e caiu de nariz. O motor foi esmagado e é impossível determinar a posição da porca B. É fácil concluir que o combustível foi cortado, mas, tirando isso, não há muitas pistas.

O juiz entrou na sala e se sentou. Passou os olhos pela audiência e disse alguma coisa ao oficial de justiça.

— E agora? — cochichou Samantha.

— Vamos continuar investigando — disse Jeff, mas sem muita confiança.

O juiz olhou o fundo do tribunal e disse: — Sra.Wyatt.

Mattie apresentou Jeff ao juiz, que educadamente transmitiu seus pêsames e disse boas coisas de Donovan. Jeff agradeceu enquanto Mattie começava a entregar ordens para o juiz assinar. O juiz não teve pressa para ler o testamento e comentou várias cláusulas. Ele e Mattie discutiram a estratégia de contratação de um advogado de sucessão para lidar com o recurso do caso Tate. Jeff foi indagado sobre a situação financeira de Donovan, seus ativos e dívidas. Depois de uma hora, todas as ordens estavam assinadas e o inventário foi oficialmente aberto. Mattie ficou para cuidar de outra questão, mas Jeff foi dispensado.

Ao voltar para o escritório com Samantha, ele disse:

— Vou desaparecer por algumas semanas, então use o telefone pré-pago.

— Algum lugar em particular?

— Não.

— Não me surpreende. Eu mesma vou viajar nas festas, Washington e depois Nova York. Acho que não vou te ver por algum tempo.

— Então é Feliz Natal e Próspero Ano Novo?

— Acho que sim. Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Ele parou e deu um beijo rápido no rosto dela.

— Para você também. — Entrou numa transversal e apressou o passo, como se alguém o seguisse.



O enterro de Francine Crump aconteceu às 11 da manhã de quarta-feira em uma igreja Holiness. Samantha jamais pensou em comparecer ao serviço fúnebre. Annette aconselhou fortemente contra isso, porque era provável que eles sacassem cobras e começassem a dançar. Samantha levou o comentário a sério. Mais tarde, Annette confessou que estava exagerando. Não havia mais congregações conhecidas que manipulassem cobras na Virginia, explicou.

— Todos os membros estão mortos.

Mas um ninho de cascavéis furiosas não podia ser pior do que a turba dos Crump que apareceu naquele mesmo dia para um embate com “dona Kofer”. Invadiram a ONG com uma exibição de força diferente de qualquer outra que Mattie tenha visto: os cinco irmãos, alguns cônjuges atuais, alguns filhos maiores e um variado grupo de parentes. Sua mãezinha querida morreu e era hora de dividir a grana.

Mattie tomou a frente e disse que a maioria tinha que sair. Só os cinco irmãos tinham permissão para participar da reunião; os demais podiam ficar sentados em suas picapes. Ela e Annette os conduziram a uma sala de reunião e, quando estavam sentados, Samantha entrou e se juntou a eles. Coletivamente, estavam péssimos. Tinham acabado de enterrar a mãe. Estavam mortos de medo de perder as terras da família e qualquer dinheiro que isso significasse e estavam ressentidos com as advogadas por facilitar isso. Também estavam sendo atormentados pelos parentes que ouviram boatos do dinheiro do carvão. Estavam longe de casa e faltavam ao trabalho. E, como suspeitava Samantha, tinham brigado entre si.

Ela começou explicando que nenhuma advogada da ONG preparara outro testamento para a mãe deles; na verdade, ninguém teve nenhuma notícia de Francine desde a última reunião da família naquela mesma mesa, nove dias antes. Se Francine disse algo diferente a eles, simplesmente não era verdade. Samantha também não sabia de nenhum outro advogado na cidade que pudesse ter preparado um novo testamento. Mattie explicou que era costumeiro, mas

nunca obrigatório, que um advogado procurasse outro quando se preparava um testamento diferente. De qualquer modo, pelo que elas sabiam, o testamento assinado por Francine dois meses antes era seu testamento definitivo.

Eles ouviram e fervilharam, mal conseguindo controlar o ódio que sentiam pelas advogadas. Enquanto Samantha desfiava seu rosário, esperava uma torrente de ofensas, provavelmente de todos os cinco. Em vez disso, houve uma longa pausa. Jonah, o mais velho, de 61 anos, por fim falou.

— Mamãe destruiu o testamento.

Samantha ficou sem resposta. Annette franziu o cenho enquanto sua mente disparava aos antigos estatutos da Virginia relativos a testamentos perdidos e destruídos. Mattie ficou impressionada com a inteligência do esquema deles e mal conseguiu reprimir o sorriso. Jonah continuou:

— Sei que vocês têm uma cópia do testamento, mas, pelo modo como eu entendo, quando ela destruiu o original, a cópia perdeu o valor. Não é verdade?

Mattie assentiu, reconhecendo o fato óbvio de que Jonah havia pago um aconselhamento jurídico rápido. E por que ele pagaria os conselhos de um advogado e não um novo testamento? Porque Francine não concordaria com um novo testamento.

— Como você sabe que ela o destruiu? — perguntou ela.

Foi Euna Faye que respondeu. — Ela me contou na semana passada.

— Contou para mim também — disse Irma. — Falou que queimou na lareira.

— E procuramos em todo canto e não achamos — acrescentou DeLoss.

Foi tudo muito bem ensaiado e, desde que os cinco continuassem unidos, a história se sustentaria. Na deixa, Lonnie perguntou:

— Então, se não existe testamento algum, temos a terra em cinco partes iguais, não é?

— Acho que sim — disse Mattie. — Não sei qual será a posição da Mountain Trust.

Jonah rosnou. — Diga à Mountain Trust para cair fora, tá entendendo? Ora essa, eles só tomaram conhecimento de nossa propriedade quando vocês deram a eles. São as terras da nossa família e sempre foram.

Os cinco irmãos concordaram de todo coração.

Num átimo, Samantha virou a casaca. Se Francine de fato destruiu o testamento, ou se os cinco estavam mentindo e não havia como provar o contrário, então entregue as malditas terras a eles e adeus. A última coisa que ela queria era uma contestação de testamento entre os Crump e a Mountain Trust, tendo a própria Samantha como testemunha principal no fogo entre os dois lados. Ela nunca mais queria ver essa gente.

Nem Annette e Mattie. Elas também trocaram de lado e Mattie disse:

— Olha, pessoal, como advogadas não lidamos com processos de inventário e partilha. Não é esse nosso trabalho. Duvido muito que a Mountain Trust queira se atolar em uma contestação de testamento prolongada. As custas judiciais sairão mais caro do que as terras. Se não há testamento, então não há testamento. Vocês vão precisar encontrar um advogado para abrir o inventário e conseguir um administrador nomeado.

— E vocês fazem isso? — perguntou Jonah.

As três advogadas se encolheram apavoradas à ideia de representar essas pessoas. Annette foi a primeira a falar.

— Ah, não, não podemos, porque preparamos o testamento.

— Mas é coisa bem rotineira — acrescentou Mattie rapidamente. — Quase todo advogado dessa rua pode fazer isso.

Euna Faye de fato sorriu ao falar. — Bom, obrigada.

— E dividimos em cinco partes, né? — perguntou Lonnie.

— Esta é a lei — disse Mattie —, mas vocês precisam verificar com seu advogado.

O olhar de Lonnie, matreiro, já vagueava pela sala. Os cinco já estariam brigando antes de partirem de Brady. E havia parentes esperando lá fora, prontos para atacar todo aquele dinheiro do carvão.

Eles saíram em paz e, quando a porta da frente se fechou nas costas do último, as três advogadas tiveram vontade de celebrar. Trancaram a porta, tiraram os sapatos e foram para a sala de reunião para um vinho de fim da tarde e muitos risos. Annette tentou descrever a cena do primeiro a chegar na casa, vasculhando o lugar todo numa tentativa desesperada de achar o maldito testamento. Depois o segundo, então o terceiro. A mãe estava na funerária e eles revirando móveis e esvaziando gavetas numa procura frenética. Se o encontraram, certamente queimaram.

Nenhuma das três advogadas acreditava que Francine de fato destruíra o testamento.

E tinham razão. O original chegou pelo correio no dia seguinte, com um bilhete de Francine pedindo a Samantha que fizesse a gentileza de protegê-lo.

No fim das contas, os Crump voltariam.

# 30

Pelo terceiro ano seguido, Karen Kofer passou o Natal em Nova York com a filha. Tinha uma amiga íntima da faculdade cujo terceiro marido era um industrial envelhecido, agora excluído pela demência senil e metido numa casa de repouso luxuosa em Great Neck. O luxuoso apartamento do casal na Quinta Avenida, que dava para o Central Park, estava praticamente deserto. Karen ficou em uma suíte para passar a semana e foi tratada como rainha. Samantha também recebeu o convite, mas preferiu ficar com Blythe no apartamento das duas no SoHo. O contrato expirava em 31 de dezembro e ela precisava encaixotar suas coisas e providenciar um guarda-móveis. Blythe, ainda trabalhando na quarta maior firma de advocacia do mundo, ia morar com duas amigas em Chelsea.

Depois de três meses em Brady, Samantha se sentia libertada na cidade. Fez compras com a mãe no centro, lutando com as turbas, mas gostando daquela energia frenética. Bebeu nos fins de tarde com amigos em todos os bares da moda e, enquanto desfrutava tudo, viu-se entediada com a conversa. Vida profissional, imóveis e a Grande Recessão. Karen arrumou dois ingressos para um musical da Broadway, um sucesso que não passava de enganação para turista. Elas saíram no intervalo e pegaram uma mesa no Orso. Samantha tinha tomado o *brunch* com uma velha amiga da Georgetown no Balthazar, onde a amiga quase deu um gritinho ao apontar um famoso ator de TV que Samantha nunca vira nem ouvira falar. Ela deu longas caminhadas solitárias pelo sul de Manhattan. A ceia de Natal foi um banquete no apartamento da Quinta Avenida com um monte de estranhos, embora depois de muito vinho a conversa tenha se soltado e a provação transformou-se numa bagunça que continuou por horas. Samantha dormiu em um quarto de hóspedes, maior do que seu apartamento, e acordou com uma leve ressaca. Uma empregada uniformizada lhe trouxe suco de laranja, café e ibuprofeno. Ela almoçou com Henry, que a andava importunando, e percebeu que eles não tinham nada em comum. Ele estava supondo que ela voltaria a Nova York num futuro próximo e estava ansioso para reacender a chama. Ela tentou explicar que não sabia quando voltaria. Não havia emprego à espera e agora não tinha apartamento. Seu futuro era incerto, assim como o dele. Ele desistira de ser ator e estava pensando em entrar no empolgante mundo da gestão de fundos *hedge*. Uma estranha decisão nesses tempos de hoje, pensou ela. Esses caras não estavam perdendo dinheiro e fugindo de processos na justiça? O diploma dele da Cornell era em árabe. Ele não conseguiria nada e ela

não perderia nem mais um minuto com ele.

Dois dias depois do Natal, ela estava sentada em uma cafeteria no SoHo quando um telefone tocou. No início, não reconheceu o barulho no fundo de sua bolsa, depois percebeu que era o celular pré-pago que Jeff lhe dera. Encontrou bem a tempo e atendeu.

— Feliz Ano Novo — disse ele. — Onde você está?

— Para você também. Estou em Nova York. E você?

— Também. Queria te ver. Tem tempo para um café?

Por um momento, ela pensou que ele estivesse brincando. Não conseguia imaginar Jeff Gray andando pelas ruas de Manhattan, mas por que não? A cidade atrai gente de todas as partes.

— Claro, na verdade estou tomando um café agora mesmo. Sozinha.

— Qual é o endereço?

Enquanto esperava, ficou admirada com seu processo de pensamento. Sua primeira reação foi de surpresa, imediatamente seguida de puro desejo. Como poderia levá-lo para seu apartamento e evitar Blythe? É claro que Blythe não se importaria, mas ela não queria ouvir um monte de perguntas. Onde ele estava hospedado? Em um hotel legal, sim, uma boa resposta. Estava sozinho? Ou dividindo um lugar com um amigo?

*Calma, mulher*, ela disse a si mesma. Ele entrou vinte minutos depois, e eles se beijaram na boca. Enquanto esperavam por expressos duplos, ela fez a pergunta óbvia.

— O que você está fazendo aqui?

— Já estive aqui antes — disse ele. — Ando circulando por aí ultimamente e queria te ver.

— Devia ter telefonado.

Jeans desbotado, camiseta preta, paletó esporte de lã, botas *chukka*, barba de três dias, cabelo ligeiramente despenteado. Sem dúvida ele não era um dos clones de Wall Street, mas no SoHo ninguém suspeitaria que era do fim do mundo nos Apalaches. E quem ligava para isso? Na realidade, ele parecia um ator desempregado mais do que o próprio Henry.

— Eu queria te fazer uma surpresa.

— Tudo bem. Estou surpresa. Como chegou aqui?

— De jatinho particular. É uma longa história.

— Estou cansada de longas histórias. Onde está hospedado?

— No Hilton, do centro. Sozinho. E você?

— No meu apartamento, pelo menos mais alguns dias. Depois o contrato acaba.

O barista disse que o café estava pronto e Jeff pegou os dois copos. Despejou

um saquinho de açúcar e mexeu de leve. Ela dispensou o açúcar. Eles se aninharam juntos enquanto a cafeteria ficava movimentada.

— E então — disse ela —, podemos voltar à questão do jato particular. Pode se explicar melhor?

— Vim aqui por dois motivos. Primeiro, queria ver você e talvez passar algum tempo juntos. Talvez a gente possa dar uma caminhada pela cidade e depois encontrar uma lareira em algum lugar. Se não, talvez só uma boa cama quente. É o que gostaria, mas vou entender se você estiver ocupada demais. Não quero roubar seu tempo particular, está bem?

— Pode esquecer a lareira.

— Entendi. Estou disponível a partir deste momento.

— Sei que vamos encontrar tempo. E o outro motivo?

— Bom, o jato é de um advogado chamado Jarrett London, de Louisville. Talvez a essa altura você tenha ouvido falar dele.

— E como eu conheceria um advogado de Louisville?

— Ele e Donovan eram muito íntimos, na verdade Jarrett esteve no enterro. Um cara alto, de uns 60 anos, com cabelo grisalho comprido e uma barba também grisalha. Donovan o considerava seu mentor, quase seu herói. A firma dele é uma das três que processaram a Krull Mining no caso Hammer Valley. O escritório deles foi revistado no mesmo dia em que o FBI deu uma busca no nosso escritório. Não preciso dizer que um cara como London não gosta dessas táticas da Gestapo e está cuspindo fogo. Ego enorme, típico da raça.

Ela assentiu. — Meu pai.

— Sim, claro. Na verdade, London disse que conheceu seu pai anos atrás em alguma comemoração de advogados. Mas, então, London está de namorada nova, uma verdadeira descerebrada, e ela queria vir a Nova York. Eu peguei uma carona.

— Mas que conveniente.

— Ele também quer conhecer você, dar um alô e falar dos documentos.

— Que documentos? Sem essa, Jeff, eu já entrei fundo demais. Aonde isso vai levar?

— Precisa me ajudar nessa, Samantha. Meu irmão morreu e preciso ter com quem conversar, alguém que conheça a lei e possa me aconselhar.

A coluna de Samantha enrijeceu e ela recuou. Olhou feio para ele e teve vontade de xingá-lo. Em vez disso, olhou em volta e engoliu em seco.

— Você está propositadamente me metendo em uma conspiração que pode causar problemas sérios. O FBI está metido em toda essa barafunda, e ainda assim você quer que eu me envolva. Você é tão imprudente quanto seu irmão e não se importa com o que possa acontecer comigo. E quem disse que eu vou

voltar a Brady? Agora estou me sentindo incrivelmente segura. Aqui é minha casa. Meu lugar é aqui.

O corpo desajeitado dele pareceu encolher alguns centímetros enquanto seu queixo caía. Ele parecia perdido e indefeso.

— Gosto de você, Samantha, e me importo com o que lhe aconteça. Só preciso de ajuda agora.

— Jeff, tivemos momentos maravilhosos duas semanas atrás na Gray Mountain. Pensei muito nisso, mas o que não entendo é por que você me levou àquela caverna, ou sei lá como se chama, e me mostrou os documentos. Naquela…

— Ninguém jamais saberá.

— Naquela altura, virei uma espécie de cúmplice. Sei que os documentos são valiosos, perigosos e tudo mais, mas isso não altera o fato de que foram roubados.

— Alguém precisa saber onde estão, Samantha, se acontecer alguma coisa comigo.

— Que Vic cuide deles, então.

— Já te falei. Vic está fora. A namorada está grávida e ele é outro homem. Não vai arriscar nada. Não vai nem atender ao telefone.

— Ele é que é esperto.

O café estava esfriando. Jeff notou e tomou um gole. Samantha ignorou e examinou a multidão. Por fim, Jeff disse:

— Podemos sair daqui?

Eles encontraram um banco no Washington Square Park. Todos os bancos estavam vagos porque o vento uivava e a temperatura estava pouco abaixo do congelamento.

— O quanto esse London sabe a meu respeito? — perguntou ela.

— Ele sabe que você está com o caso Ryzer, pelo menos a parte do pulmão negro. Sabe que você descobriu a fraude e o acobertamento dos advogados da Lonerock Coal. Ficou muito impressionado com isso. Ele sabe que confio em você e que Donovan também confiava. Sabe que Donovan lhe contou dos documentos.

— Ele sabe que eu os vi?

— Não. Já te falei, Samantha, ninguém jamais saberá disso. Eu errei levando você lá.

— Ah, muito obrigada.

— Pelo menos vamos encontrar o cara e ver o que ele diz. Por favor. Isso não faz mal nenhum, faz?

— Não sei.

— Sabe, sim. Não há nada nem remotamente proibitivo em se reunir com Jarrett London. Será extremamente confidencial, e além de tudo ele é um cara interessante.

— Quando ele quer a reunião?

— Vou ligar para ele. Estou congelando. Você mora aqui perto?

— Mais ou menos, mas o apartamento está uma zona. Estamos de mudança.

— Não ligo.



Duas horas depois, Samantha entrou no saguão do hotel Peninsula, na rua 55, centro de Nova York. Pegou a escada à esquerda, subiu um andar e viu Jeff no bar, como esperado. Sem dizer nada, ele lhe entregou uma tira de papel com a mensagem “Quarto 1926”. Observou Samantha dar meia volta e sair, depois parar junto à escada para ver se mais alguém percebia. Ela pegou o elevador para o 19º andar e apertou a campainha do quarto. Um homem alto e grisalho demais abriu a porta segundos depois e disse:

— Olá, srta. Kofer, é uma honra. Meu nome é Jarrett London.

O quarto 1926 era uma imensa suíte com uma sala inteira em uma ponta. Não havia sinal da namorada. Minutos depois de Samantha chegar, Jeff tocou a campainha. Eles se sentaram na sala e passaram pela troca de amabilidades necessárias. London mencionou algo para beber, mas todos declinaram. Ele falou no trabalho de Samantha no caso Ryzer, enfatizando o quanto foi brilhante. Ele e Donovan haviam discutido o caso extensamente. London e seus sócios ainda debatiam se a firma entraria no processo com Donovan quando ele foi em frente e *deu entrada na porcaria*.

— Prematuro demais — disse London. — Mas esse era o Donovan.

Ele, London, ainda estava pensando na ação. Não é todo dia que se pega uma importante firma de advocacia como a Casper Slate cometendo fraude flagrante, sabe? O caso podia ter um enorme apelo no júri e assim por diante. Ele falou sem parar sobre a beleza do caso, como se Samantha nunca tivesse percebido isso. Ela já ouvira tudo antes, de Donovan e do pai. Dai falou do caso Krull Mining. Com Donovan fora de cena, London era o principal advogado dos autores do processo, que dera entrada em 29 de outubro. A Krull recebeu uma prorrogação para dar uma resposta. London e sua equipe esperavam que no início de janeiro a Krull entrasse com um pedido de anulação, e a guerra

começaria a todo vapor. Muito em breve eles precisariam dos documentos.

— O quanto você sabe sobre deles? — perguntou Samantha.

London suspirou alto, como se a pergunta fosse tão carregada que ele não tivesse ideia de por onde começar, levantou-se e foi ao frigobar.

— Alguém quer cerveja?

Jeff e Samantha declinaram novamente. Ele abriu uma Heineken e foi à janela. Tomou um longo gole.

— Há mais ou menos um ano, tivemos nossa primeira reunião, em Charleston, nos escritórios de Gordie Mace, da nossa turma. Donovan reuniu todos nós ali para montar o processo Hammer Valley. Disse que estava de posse de alguns documentos e a posse não veio por métodos habituais. Não fizemos perguntas e ele não se explicou. Disse que havia mais de 20 mil páginas de material altamente incriminador. A Krull Mining sabia da contaminação, sabia que estava vazando nos lençóis freáticos de todo o vale, sabia que as pessoas estavam bebendo a água, sabia que estavam sofrendo e morrendo, sabia que devia limpar o local, mas também sabia que era mais barato ferrar as pessoas e ficar com o dinheiro. Ele não estava com os documentos, mas tinha anotações extensas, que destruiu depois da reunião. Falou de vinte documentos, os mais incriminadores e, francamente, ficamos impressionados. Aturdidos. Revoltados. Assinamos imediatamente e nos preparamos para o processo. Donovan teve o cuidado de não se referir aos documentos e os manteve longe de nós. Se tivesse nos entregado os documentos em qualquer momento do ano passado, todos nós, com toda probabilidade, teríamos sido presos no início deste mês pelo FBI.

— Então, como você toma posse dos documentos agora e evita ser preso? — perguntou ela.

— Essa é a grande pergunta. Tivemos conversas indiretas com um dos assistentes do juiz designado, uma manobra muito delicada e muito incomum. Pensamos que talvez possamos pegar os documentos, entregá-los imediatamente ao fórum como prova e conseguir que sejam lacrados pelo juiz. Depois pediremos a ele para buscar o apoio do procurador para a investigação criminal até que os documentos sejam analisados. Vamos encarar a realidade, quem roubou os documentos morreu. Consultamos nossos advogados criminalistas e eles concordam que nossa exposição será mínima. Estamos dispostos a assumir os riscos. O perigo é o que pode acontecer aos documentos antes de chegarem ao fórum. A Krull Mining pode fazer de tudo para destruí-los e agora eles têm o apoio do FBI. Está perigoso lá fora.

Samantha olhou para Jeff de um jeito que podia matar. London se sentou ao lado de Samantha e a olhou fundo nos olhos. — Podemos ter alguma ajuda em Washington.

— Hum, não entendi.

— O procurador-geral tem três pessoas em seu círculo íntimo. Uma delas é Leonna Kent. Sei que você a conhece.

Refletindo, Samantha disse: — Eu a conheci anos atrás.

— Ela e sua mãe começaram no Departamento de Justiça na mesma época, há trinta anos. Sua mãe é muito considerada e tem tempo de serviço. Ela também tem alguma influência.

— Mas não em áreas como essa.

— Ah, sim, Samantha. Uma ou duas palavras de Karen Kofer com Leonna Kent, e de Leonna Kent com o procurador-geral, e do procurador-geral com o procurador do Kentucky, e podemos ver o FBI recuar. Isso deixaria apenas os bandidos da Krull como motivo de preocupação.

— A reunião é para isso? Minha mãe?

— Profissionalmente, Samantha, não pessoalmente, entenda. Você conversou sobre esse assunto com sua mãe?

— Não, claro que não. Na verdade, nem mesmo pensei em falar disso com ela. Não é da alçada dela, está bem?

— Não penso assim. Temos ótimos contatos em Washington e eles acreditam que Karen Kofer pode nos ajudar.

Samantha estava aturdida e perdida.

Olhou para Jeff. — Foi por isso que você veio a Nova York? Para envolver minha mãe?

Ele respondeu rapidamente. — Não, só estou sabendo disso agora. Nem sequer sabia onde sua mãe trabalha. — Ele foi tão sincero quanto um garotinho acusado injustamente e ela acreditou nele.

— Não discuti esse assunto com ele, Samantha — disse London. — Isso veio de nossos informantes em Washington.

— Seus lobistas.

— Sim, claro. Não temos todos lobistas? Pode-se amá-los ou odiá-los, mas eles conhecem o cenário. Infelizmente, você está levando isso demais para o lado pessoal. Não estamos lhe pedindo que peça a sua mãe para se envolver diretamente em uma investigação federal, mas, ao mesmo tempo, sabemos como as coisas funcionam. Gente é gente, amigos são amigos, uma palavrinha aqui e ali e as coisas podem acontecer. Pense nisso, está bem?

Samantha respirou fundo.

— Vou pensar se vou pensar nisso.

— Agradecido. — Ele se levantou e esticou as pernas de novo. Ela olhou feio para Jeff, que examinava as próprias botas. Muito sem jeito, London disse: — Agora, Jeff, podemos falar da entrega dos documentos?

Samantha se levantou de um salto.

— Vejo vocês depois.

Jeff segurou o braço dela gentilmente.

— Por favor, Samantha, não vá. Preciso da sua ajuda aqui.

Ela se soltou. — Não faço parte de sua pequena conspiração. Vocês conversem tudo que quiserem. Não precisam de mim. Foi um prazer. — Ela abriu a porta com força e desapareceu. Jeff a alcançou no saguão e eles saíram do hotel juntos. Ele se desculpou e ela lhe garantiu que não estava chateada. Não conhecia Jarrett London, certamente não confiava nele por ser estranho e não ia discutir questões delicadas na presença dele. Eles vagaram pela Quinta Avenida, perdidos na multidão e conseguiram afastar a conversa de qualquer coisa relacionada a carvão. Ela apontou o prédio onde a mãe agora aproveitava o luxo.

Samantha era esperada em outro jantar festivo naquela noite, mas tinha cancelado. Prometera a noite a Jeff.



Desconfiando de que ele podia não gostar da maratona de três horas em algum restaurante quatro estrelas, ela evitou os lugares elegantes e conseguiu uma mesa no Mas, no West Village. Em uma noite gelada, era o lugar perfeito — quente e acolhedor, com o ambiente de uma verdadeira casa de fazenda francesa. O cardápio mudava diariamente e não era caro. Jeff leu tudo de uma vez só e confessou que não reconhecia nenhum prato. Um garçom sugeriu o menu de quatro pratos com preço fixo de 68 dólares e Samantha concordou. Jeff ficou horrorizado com o preço, mas logo se impressionou com a comida. Camarão empanado com spaghetti *squash*, salsichas de porco e maçã, robalo com fondue de alho-poró e torta de chocolate. Tomaram uma garrafa de Syrah do vale do Rhône. Quando o carrinho de queijo passou, Jeff quase o perseguiu. Samantha chamou o garçom e explicou que eles gostariam de acrescentar um prato de queijo com mais vinho.

Enquanto esperavam o carrinho, Jeff se aproximou dela.

— Vai pensar no assunto?

— Não estou prometendo nada. Não sei se confio em você.

— Obrigado. Olha, isso pode parecer loucura e eu lutei muito com a ideia até de falar no assunto com você. Ainda estou lutando, mas vou falar.

Por uma horrível fração de segundo, Samantha pensou que ele ia propor

casamento. Eles nem mesmo namoravam! E ela não pretendia levá-lo a sério. Até agora, eles colocaram o sexo antes de qualquer sugestão de amor. Certamente, esse rústico rapaz da montanha não estava apaixonado o suficiente para pedi-la em casamento. E ele não estava, mas o que ele falou a seguir era quase igualmente inquietante.

— Sou dono do prédio da firma, ou serei, em algum momento depois do inventário — disse ele. — Também sou o executor dos bens de Donovan, assim, estou encarregado dos negócios dele. Eu, Mattie e o juiz, acho. Você viu a lista dos casos dele; ele deixou muito trabalho por fazer. Mattie pegará alguns casos, mas não muitos. A mesa dela já está cheia demais e não é o tipo de trabalho dela. Precisamos de alguém que assuma a firma. O espólio tem dinheiro para contratar um advogado que termine as pendências de Donovan. Para falar com franqueza, não há mais ninguém no condado que sequer consideraríamos.

Ela estava prendendo a respiração, temia uma proposta canhestra de casamento e ouviu uma sugestão bizarra. Quando ele calou a boca, ela finalmente soltou o ar.

— Ah, meu Deus.

— Você trabalharia direto com Mattie e Annette, eu sempre estaria por perto.

Não foi um choque completo. Pelo menos duas vezes Mattie ventilou vagamente a ideia de contratar um advogado para fechar os casos de Donovan. Nas duas ocasiões, as palavras ficaram flutuando no ar, mas Samantha sentia que eram atiradas a ela.

— Posso pensar em pelo menos dez motivos para que isso não dê certo — disse ela.

— Posso pensar em 11 para que dê certo — ele rebateu com um sorriso.

O carrinho de queijo parou junto à mesa, seus aromas pungentes os engolfaram. Samantha escolheu três. Jeff preferia cheddar, mas rapidamente mudou de ideia e disse que ficaria com os mesmos de Samantha. Quando o carrinho se afastou, ele voltou a falar.

— Você primeiro. Me dê seus melhores motivos e eu farei frente a eles.

— Não sou qualificada.

— Você é tremendamente inteligente e aprende rápido. Com ajuda de Mattie, pode cuidar de qualquer coisa. Próxima.

— Talvez eu vá embora em alguns meses.

— Mas você pode ir embora quando quiser. Não existe nenhum contrato exigindo que você volte para cá em 12 meses. Você mesma disse que o mercado está saturado e não há empregos nas firmas. Próximo.

— Não sou litigante. A firma de Donovan trata quase sempre de contencioso.

— Você tem 29 anos e pode aprender qualquer coisa. Mattie me disse que

você é muito rápida e já é melhor do que a maioria dos caipiras locais no fórum.

— Ela disse isso mesmo?

— E eu mentiria?

— Ah, sim.

— Não estou mentindo. Próximo motivo.

— Nunca lidei com recursos, muito menos um recurso de veredicto grande.

— O mais fraco até agora. Os recursos não passam de pesquisa e papelada. É moleza. Próximo.

— Sou uma mulher urbana, Jeff. Olhe em volta. Esta é a minha vida. Não posso sobreviver em Brady.

— Tá legal, bom argumento. Mas quem disse que você precisa ficar lá para sempre? Tente por dois ou três anos, ajude-nos a fechar os casos dele e pegar os honorários. Tem dinheiro nisso que não quero perder. Próximo.

— Alguns casos dele podem se arrastar por anos. Não posso me comprometer com isso.

— Então, comprometa-se com o recurso Tate. Terá no máximo 18 meses. Vão passar voando e vamos pensar no que fazer depois. Pelo caminho, você pode escolher outros casos que pareçam promissores. Eu vou ajudar. Sou um ótimo caçador de ambulâncias. Próximo.

— Não quero lidar com a viúva de Donovan.

— E nem precisaria, eu lhe garanto. Mattie e eu cuidaremos de Judy. Próximo.

Ela passou um pouco de Camembert num *crostini* e deu uma dentada. Mastigando, disse:

— Não quero ninguém me seguindo. Não gosto de armas.

— Você pode exercer a advocacia sem nenhuma arma. Veja a Mattie. Eles têm medo dela. E, como eu disse, estarei por perto e vou protegê-la. Próximo.

Ela engoliu e bebeu um gole do Porto.

— Tudo bem, esse você não vai poder rebater, e não há como dizer isso sem ser grosseira. Você e Donovan jogaram por regras diferentes. Vocês roubaram documentos no caso Krull Mining e tenho certeza de que fizeram manobras em outros casos. Tenho a sensação de que parte dos arquivos naquele escritório são, digamos, contaminados. Não quero participar deles. O FBI já deu uma batida no lugar uma vez. Não estarei lá quando der outra.

— Não vai acontecer, eu juro. Não há nada com que se preocupar, além da Krull. E eu não vou colocar você em risco no escritório. Prometo.

— Não confio inteiramente em você.

— Obrigado. Vou conquistar sua confiança.

Outra dentada no queijo, outro gole no Porto. Ele também estava comendo e

esperando. Contou nos dedos.

— São apenas nove motivos, e eu destruí brilhantemente todos eles.

— Tudo bem, número dez, não sei se conseguiria trabalhar muito com você por perto — disse ela.

— Bom argumento. Você quer que eu afaste minhas mãos.

— Eu não disse isso. Olhe para mim, Jeff. Não estou disponível para romance, entendeu? Ponto final. Podemos ficar juntos sempre que quisermos, mas é só pelo prazer. No minuto em que as coisas ficarem sérias, teremos problemas.

Ele deu um risinho e disse: — Deixa ver se eu entendi direito. Você quer se envolver em todo tipo de comportamento sexual, mas sem o mais leve toque de compromisso. Nossa. Essa foi dura. Combinado. Você venceu. Olha, Samantha, sou um solteiro de 32 anos e adoro ser solteiro. Você precisa entender que Donovan e eu fomos marcados quando éramos muito novos. Nossos pais eram infelizes e não suportavam nem mesmo se olhar. Era uma guerra e tivemos baixas. Para nós, "casamento" era um palavrão. Esse é um dos motivos da separação de Donovan e Judy.

— Annette disse que ele era galinha.

— Ela devia saber mesmo.

— Eu desconfiava deles. Por muito tempo?

— E quem contava? E ele não me dizia tudo. Donovan gostava de privacidade, como sabe. Ele deu em cima de você?

— Não.

— E se tivesse dado?

— Teria sido difícil dizer não, devo confessar.

— Muito poucas mulheres diziam não a Donovan, inclusive Annette.

— Mattie sabe disso?

Ele tomou um gole do Porto e olhou o salão de jantar. — Duvido. Ela não deixa passar muita coisa em Brady, mas acho que Donovan e Annette foram muito discretos. Se Mattie descobrisse, haveria complicações. Ela adora Judy e considera Haley sua neta.

O garçom parou por ali e ela pediu a conta. Jeff ofereceu-se para pagar o jantar, mas ela insistiu.

— Você paga o jantar em Brady — disse ela. — Eu pago em Nova York.

— Não é um mau negócio.

O queijo acabou e o Porto estava desaparecendo. Por um bom tempo, eles ficaram ali, ouvindo as conversas em volta, algumas em línguas diferentes.

Jeff sorriu. — Brady está bem longe, não é?

— Está mesmo. É outro mundo e não é o meu. Eu lhe dei dez motivos, Jeff, e

sei que posso pensar em outros dez. Eu não ficaria lá muito tempo, então, por favor, procure entender.

— Eu entendo, Samantha, e não culpo você por isso.

# 31

Jeff começou bem o Ano Novo. Foi preso no aeroporto de Charleston, West Virginia. Lá pelas dez da noite do primeiro domingo do ano, um guarda que circulava pelo hangar notou um homem tentando se esconder na sombra de um Beech Bonanza, perto de várias outras aeronaves pequenas. O segurança sacou a arma e ordenou que o homem, Jeff, se afastasse do avião. A polícia foi chamada. Eles o algemaram e levaram para a prisão. Ele telefonou para Samantha às seis da manhã seguinte, mas só para contar o ocorrido. Não esperava que ela fosse resgatá-lo porque ele tinha amigos advogados em Charleston. Ela fez a pergunta óbvia:

— O que você estava fazendo xeretando no aeroporto numa noite de domingo?

— Investigando — disse ele.

Alguém gritava ao fundo. Ela balançou a cabeça, frustrada com a imprudência dele.

— Tá legal, o que posso fazer?

— Nada. Foi só invasão. Vou sair em algumas horas. Ligo depois.

Samantha correu para o escritório e preparou o café antes das sete. Tinha pouco tempo para se preocupar com Jeff e sua mais recente aventura. Examinou suas anotações, organizou uma pasta, encheu uma caneca de café para a viagem e às sete e meia partiu para Colton, um trajeto de carro de uma hora em que ela ensaiou seus argumentos com o juiz e o advogado da Top Market Solutions. Entrou sozinha no Fórum de Hopper County. Lá se foram os dias em que Mattie ou Annette conduziam as coisas. Agora ela estava por conta própria, pelo menos no caso Booker. Pamela a encontrou no corredor e agradeceu novamente. Elas entraram na sala de audiência, sentaram-se à mesma mesa em que Donovan Gray havia se sentado com Lisa Tate menos de três meses antes, o mesmo local onde ficaram de mãos dadas enquanto o júri voltava com um veredicto justo. Não passou despercebido a Samantha que provavelmente ela estaria envolvida num recurso desse veredicto. Mas não hoje. Hoje, elas não brigariam por nada perto de três milhões de dólares. Cinco mil dólares era o mais provável mas, a julgar pelos nervos de Samantha, parecia uma disputa de milhões.

O juiz deu início aos trabalhos e pediu a Samantha que começasse. Ela respirou fundo, olhou em volta, viu que não havia espectadores, lembrou a si mesma que era um caso simples por uma soma magra e foi em frente. Fez

observações iniciais breves e chamou Pamela ao banco das testemunhas. Pamela descreveu a antiga cobrança judicial do cartão de crédito, reconheceu o decreto de divórcio, descreveu como foi ter o salário penhorado e seu emprego encerrado e fez um belo trabalho ao falar da vida com os dois filhos morando dentro de um carro. Samantha entregou cópias autenticadas da cobrança judicial do cartão, do decreto de divórcio, da ordem de penhora e dos registros da folha de pagamento da fábrica de luminárias. Depois de uma hora no banco, Pamela voltou à mesa da advogada.

A Top Market Solutions teve uma defesa fraca e tinha um advogado ainda mais fraco. O nome dele era Kipling, um litigante barato de uma firma de dois sócios em Abingdon, e era evidente que Kipling tinha pouco entusiasmo pelos fatos ou por sua cliente. Começou um discurso interminável de como a Top Market tinha sido enganada pela operadora do cartão de crédito e agira de boa-fé. Sua cliente não tinha ideia de que a cobrança judicial que tentava receber tinha vencido.

O juiz não teve paciência com Kipling e sua tagarelice. — Seu pedido de anulação está indeferido, Sr. Kipling — disse ele. — Agora, fora dos autos. — O estenógrafo relaxou e pegou um copo de café. O juiz disse: — Quero um acordo nesta questão e quero agora. Sr. Kipling, é evidente que sua cliente cometeu um erro e causou muito desconforto à Sra. Booker. Podemos ter um julgamento completo em mais ou menos um mês, aqui mesmo, diante de mim, sem júri, mas seria um desperdício de tempo porque já decidi o caso. Garanto-lhe que custará menos a sua cliente se ela fizer o acordo agora.

— Bem, hum, claro, Excelência — gaguejou Kipling, obediente.

Era muito incomum que um juiz fosse tão franco sobre uma decisão futura.

— Vou dizer o que penso ser justo — disse o juiz. — Em outras palavras, minha decisão será esta. Sua cliente penhorou ilegalmente os cheques de pagamento da Sra. Booker, 11 deles, num total de 1.300 dólares. Ela foi expulsa de seu trailer graças a isso. Sua cliente foi diretamente responsável pela demissão dela, embora eu entenda que ela tenha conseguido recuperar o emprego. Todavia, ela passou por momentos de desespero e acabou virando uma sem-teto, morando no próprio carro com os dois filhos. Tudo graças a sua cliente. A Sra. Booker tem direito a uma indenização por isso. Ela pediu cinco mil em seu processo, mas parece muito pouco. Se eu decidisse o caso hoje, daria 1.300 pelos salários perdidos, além de outros 10 mil de indenização. Se eu decidir o caso no mês que vem, posso lhe garantir que isso parecerá uma pechincha. O que me diz, Sr. Kipling?

Kipling estava reunido com um representante da cliente, a Top Market, um toco de homem de cara vermelha e baixinho num terno barato e apertado. Ele

estava furioso e transpirava, mas conseguiu apreender o que estava acontecendo. Era evidente que advogado e cliente não confiavam um no outro.

Por fim, Kipling disse: — Podemos ter cinco minutos, Excelência?

— Claro, mas apenas cinco.

Eles saíram da sala. Pamela se curvou e sussurrou, nervosa:

— Nem acredito nisso. Samantha assentiu com presunção como se fosse apenas mais um dia no fórum. Fingiu estar ocupada com um documento, franzindo o cenho e sublinhando algumas palavras tremendamente importantes, enquanto por dentro sua vontade era gritar: “Eu também não acredito. É meu primeiro julgamento!” Claro que não foi um julgamento de verdade, foi mais uma audiência. Mas era seu primeiro processo, e ganhá-lo assim de cara era emocionante.

A porta principal se abriu e eles voltaram à mesa. Kipling olhou para o juiz.

— Excelência, bem, hum, parece que minha cliente cometeu alguns erros e lamenta sinceramente todos os problemas que causou. O que o senhor sugeriu é um acordo justo. Vamos aceitar.



Samantha voltou a Brady flutuando. Pensou em Donovan e Jeff depois do veredicto Tate, flutuando para a cidade com um veredicto de três milhões de dólares no bolso. Talvez eles não estivessem mais empolgados e estupefatos do que Samantha nesse momento. Ela e suas colegas resgataram os Booker das ruas, até da inanição, e os devolveram a uma vida normal. Elas procuraram a justiça com determinação e a encontraram. Os bandidos foram completamente derrotados. Como advogada, ela nunca se sentiu tão valiosa. Como pessoa, nunca se sentiu tão necessária. O almoço de segunda-feira na firma foi uma celebração da vitória esmagadora de Samantha em seu primeiro processo. Annette a aconselhou a saborear o momento, porque vitórias eram raras nesse negócio. Mattie advertiu Samantha sobre celebrar cedo demais; o cheque ainda não tinha sido recebido. Depois de discutirem o caso Booker, a conversa passou a outros assuntos. Mattie contou que Jeff tinha saído da prisão em Charleston.

— Ele pagou fiança ou fugiu? —, perguntou Samantha.

— Um advogado importante de lá, amigo de Donovan, conseguiu a soltura dele. Não, ele não explicou seu suposto crime.

Annette recebeu uma ligação extraoficial naquela manhã de um escrevente

do fórum, avisando-a da possibilidade de que um advogado não identificado da família Crump entraria com uma petição para abrir o testamento anterior de Francine Crump, que ela assinou cinco anos antes, e presumivelmente aquele que ela mostrou a Samantha. A família alegava que o testamento anterior era válido, porque Francine havia destruído o último testamento, o gratuito, preparado pela ONG. Era uma confusão interminável na qual ninguém queria entrar. Os Crump que ficassem com as terras e vendessem a uma mineradora; elas não se importavam. Mas, como advogadas, explicou Mattie, eram auxiliares da justiça, portanto tinham o dever de evitar, se possível, uma fraude. Tinham o testamento gratuito original, enviado pelo correio a elas por uma pessoa misteriosa depois que Francine sofreu um AVC. Não foi destruído; na realidade, ela o escondera dos filhos e queria que a ONG o protegesse e validasse. Elas deviam pegar o testamento agora e começar uma guerra que duraria vários anos? Ou esperariam para ver o que os Crump alegavam? Havia uma boa possibilidade de a família continuar com suas mentiras sobre a destruição do testamento. Se essas mentiras fossem contadas sob juramento e depois expostas, podia haver graves implicações para a família. Decerto estavam andando para uma armadilha, o que a ONG podia evitar apresentando o testamento agora.

Era um atoleiro jurídico, uma pergunta clássica nas provas da faculdade de direito, de enlouquecer os alunos. Elas decidiram esperar mais uma semana, embora as três advogadas, junto com Claudelle e Barb, soubessem que o testamento deveria ser apresentado e a família alertada.

Estava prevista uma forte nevasca no início da tarde e elas discutiram as contingências. Mattie, Annette e Samantha em geral iam trabalhar a pé, assim a ONG ficaria aberta. Claudelle estava grávida de oito meses e não se esperava que aparecesse. Barb morava muito no interior, numa estrada em que a neve não era retirada.

Às três da tarde a neve já estava caindo. Samantha olhava de sua mesa, devaneando e evitando suas pastas, quando o telefone pré-pago tocou na bolsa. Jeff disse que ainda estava em Charleston.

— Como foi a cadeia? — perguntou ela.

— Cuidado com o que diz — disse ele.

— Ah, sim, esqueci. — Ela se levantou e foi à varanda. Ele disse que tinha entrado no estacionamento do aeroporto por um portão destrancado numa cerca de tela. O pequeno terminal estava aberto, mas só havia uma funcionária ali, uma jovem sentada a uma mesa, folheando revistas de fofoca. Das sombras, ele observou a área por meia hora e não viu nenhum movimento. De longe, no terminal principal, havia alguns voos, mas nada envolvendo aeronaves pequenas. Havia 13 aviões estacionados, inclusive quatro Skyhawks. Dois estavam

destrancados e ele se meteu dentro de um deles, sentando-se no escuro por dez minutos. Em outras palavras, praticamente não havia segurança alguma. Ele podia ter mexido em algum avião se quisesse. Depois ele viu um segurança e decidiu ser preso. Era apenas invasão, uma contravenção pequena. Já teve acusações mais graves, lembrou a Samantha. O segurança era legal e Jeff usou toda a sua simpatia. Disse que era piloto e que sempre sonhou em ter um Beech Bonanza; só queria ver um deles de perto. Não queria fazer nenhum mal. O segurança acreditou e foi solidário, mas tinha um trabalho a fazer.

A cadeia não foi grande coisa. O advogado cuidaria das coisas. Mas enquanto conversava com o segurança perguntou sobre outros guardas que trabalhavam ali, outros caras que talvez não estivessem presentes naquela hora. Conseguiu um nome, um homem que se demitiu antes do Natal, e agora tentava localizá-lo. Ela fechou os olhos e disse a ele para ter cuidado. Sabia que ele passaria o resto da vida tentando encontrar os homens que mataram o irmão.



A emoção do litígio foi um pouco abafada dois dias depois, quando Samantha acompanhou Mattie a uma audiência de pulmão negro perante um juiz no tribunal federal em Charleston. O mineiro, Wally Landry, tinha 58 anos e não trabalhava há sete. Estava no oxigênio e confinado a uma cadeira de rodas. Quatorze anos antes, ele pediu pensão por pulmão negro, com base em um atestado médico de que sofria do caso mais grave. O diretor distrital do Departamento do Trabalho garantiu-lhe os benefícios. Seu empregador, a Braley Resources, recorreu ao juiz, que sugeriu ao Sr. Landry que procurasse um advogado. Mattie por fim concordou em representá-lo. Eles venceram perante o juiz e a Braley recorreu ao BRB, o Conselho de Revisão de Benefícios, em Washington D.C. O caso ficou quicando entre o juiz e o BRB por cinco anos até que o conselho decidiu a favor de Landry.

A empresa recorreu da decisão no Tribunal Federal de Recursos, onde o processo ficou por dois anos até ser devolvido ao juiz. Este solicitou provas médicas adicionais e os especialistas de novo partiram para a guerra. Landry começou a fumar aos 15 anos, parou 20 anos depois e como fumante foi criticado com a habitual saraivada de pareceres médicos declarando que seus problemas pulmonares eram provocados pelo alcatrão e pela nicotina, e não pela poeira de carvão.

— Qualquer coisa, menos pó de carvão — dizia Mattie sem parar. — A estratégia deles é sempre essa.

Mattie vinha trabalhando no caso há 13 anos, tinha investido 550 horas, e, se por fim vencesse, teria que brigar para receber duzentos por hora. Os honorários seriam pagos pela Braley Resources e sua seguradora, cujos advogados cobravam muito mais que duzentos dólares por hora. Nessas raras ocasiões, em que a ONG coletava honorários em um caso de pulmão negro, o dinheiro ia para uma conta especial que ajudava a cobrir as despesas de futuros casos semelhantes. No momento, o fundo tinha cerca de 20 mil dólares. A audiência aconteceu em uma pequena sala do fórum. Mattie disse que era pelo menos a terceira vez que todos se reuniam ali para discutir pareceres médicos conflitantes. Ela e Samantha sentaram-se a uma mesa.

Ali perto, uma turma de advogados modernosos elegantemente vestidos da Casper Slate abria suas pastas grossas e começavam seu trabalho. Atrás de Samantha estava Wally Landry, murcho e respirando por um tubo no nariz, com a esposa ao lado. Quando Wally entrou com o pedido 14 anos antes, tinha direito a 641 dólares por mês. Os honorários advocatícios pagos pela Braley nessa época chegavam a pelo menos seiscentos dólares por hora, de acordo com os cálculos improvisados de Mattie, mas nem tente entender isso, disse ela. Os honorários pagos pelas mineradoras e suas seguradoras são muito maiores do que os benefícios que eles tentam evitar, mas isso não interessa. Os obstáculos e atrasos desestimulam outros mineiros de entrar com processos e eles morrem de medo dos advogados. A longo prazo, as empresas ganham, como sempre.

Um sujeito escorregadio de terno preto aproximou-se da mesa das duas.

— Ora, olá, Mattie. É um prazer revê-la.

Mattie relutantemente se levantou, estendendo a mão mole.

— Bom dia, Trent. Sempre um prazer.

Trent tinha uns 50 anos, cabelo quase grisalho e aparência confiante. Seu sorriso era bobalhão e falso e ele disse: — Meus pêsames por seu sobrinho. Donovan era um ótimo advogado.

Mattie rapidamente recolheu a mão e rebateu: — Não vamos falar dele.

— Desculpe, claro que não. E quem é esta? — perguntou ele, olhando para Samantha.

Ela estava em pé e disse: — Samantha Kofer, estagiária da ONG.

— Ah, sim, a brilhante investigadora que desencavou os prontuários de Ryzer. Meu nome é Trent Fuller.

Ele estendeu a mão, mas Samantha a ignorou. — Sou advogada, e não investigadora — disse ela. — E represento o Sr. Ryzer em sua requisição de benefícios por pulmão negro.

— Sim, foi o que ouvi dizer. — O sorriso desapareceu enquanto seus olhos se estreitaram e faiscaram de ódio. Ele chegou a apontar o dedo para ela. — Estamos profundamente ressentidos com as alegações feitas contra nossa firma por seu cliente em seu malogrado processo. Não cometa esse erro novamente, estou avisando. — O volume de sua voz aumentava enquanto ele lhe passava um sermão. Os outros três ternos da Castrate ficaram petrificados e a fuzilaram com os olhos.

Samantha ficou aturdida, mas não havia onde se esconder.

— Mas vocês sabem que as alegações são verdadeiras — disse ela.

Ele se aproximou um passo, apontando o dedo para a cara de Samantha.

— Vamos processar você e seu cliente por difamação, entendeu?

Mattie avançou e delicadamente afastou a mão dele. — Já basta, Trent, volte para o seu lugar.

Ele relaxou e abriu o mesmo sorriso falso. Continuou olhando feio, porém, e, com uma voz mais baixa, disse a Samantha: — Seu cliente nos causou um grande constrangimento, srta. Kofer. Embora o processo tenha sido anulado, ainda nos afeta. A requisição por pulmão negro dele terá tratamento completo de nossa firma.

— E qual é a novidade nisso? — vociferou Mattie. — Ora essa, este aqui está esperando 14 anos e vocês ainda estão lutando com unhas e dentes.

— É o que fazemos, Mattie. É isso que fazemos — disse ele com orgulho, recuando e voltando a seu fã-clube.

— Respire fundo — disse Mattie enquanto elas se sentavam.

— Não estou acreditando nisso — disse Samantha, assombrada. — Fui ameaçada em pleno fórum.

— Ah, você ainda não viu nada. Eles vão ameaçar no fórum, fora dele, nos corredores, por telefone, por e-mail, fax ou em peças processuais. Não interessa. São tão brutamontes quanto os clientes, e na maior parte do tempo conseguem se safar assim.

— Quem é ele?

— Um dos assassinos mais talentosos deles. Um sócio sênior, o da divisão de pulmão negro. Tem uns cem associados, dezenas de paralegais e toda a equipe de apoio de que precisa. Dá para imaginar Wally Landry sentado aqui sem advogado?

— Não. — A imagem era tão absurda que tinha de ser ilegal. — Bom, acontece o tempo todo.

Por uma fração de segundo, Samantha desejou a força e a segurança da Scully & Pershing, uma firma quatro vezes maior do que a Casper Slate e muito mais rica. Ninguém atormentava os litigantes de sua antiga firma; na realidade,

eles é que costumavam ser considerados os valentões. Em uma briga de cachorro grande, eles sempre podiam mandar outra alcateia para proteger seus clientes.

Trent Fuller jamais pensaria em ter uma altercação com advogados de outra firma grande. Ele se pavoneava porque viu duas mulheres na mesa, duas advogadas mal pagas de uma ONG, representando, *pro bono*, um mineiro moribundo, e se sentiu livre para lançar todo o seu peso. A audácia era assombrosa: a firma dele era culpada de fraude e conspiração, e foi flagrada por Samantha e desmascarada quando Donovan entrou com o processo Ryzer. Agora que o processo acabou, Fuller e sua firma não estavam nada preocupados com os próprios crimes. É claro que não — estavam preocupados apenas com sua imagem maculada.

Fuller também não se arriscaria a criar problemas se Donovan estivesse ali. Na realidade, nenhum dos quatro meninos bonitos na outra mesa se arriscaria a levar um murro por uma palavra errada ou ameaça vazia. Elas eram mulheres, vistas pelos homens como pessoas facilmente intimidadas e fisicamente vulneráveis. Lutavam por uma causa perdida e não eram pagas para isso; portanto, eram evidentemente inferiores.

Samantha se preocupava enquanto Mattie folheava papéis. O juiz tomou assento e deu início à audiência. Samantha correu os olhos pela sala e novamente pegou Fuller a encarando. Ele sorria como quem diz: “Este é meu território e seu lugar não é aqui.”

# 32

O e-mail dizia:

*Prezada Samantha: Gostei de nossa breve reunião em Nova York e espero ter outra conversa com você. Ontem, 6 de janeiro, a Krull Mining entrou com uma petição de anulação do processo Hammer Valley no tribunal federal em Charleston. Já se esperava por isso, assim como sua extensão e contundência. Evidentemente a Krull Mining está apavorada com o nosso processo e quer se livrar dele. Em 35 anos, nunca vi uma petição de tom tão estridente. Será difícil contra-atacar, na ausência de provas ainda a serem apresentadas. Podemos nos reunir em algum momento no futuro próximo? Além disso, não há sinal de ajuda de Washington.*

*Seu amigo,*
*Jarrett London*

Por um lado, Samantha tinha esperança de que Jarrett London fosse uma pálida lembrança. Por outro, ela esteve pensando muito nele desde seu encontro com Trent Fuller. Um advogado de tribunal com reputação e presença na corte não teria se sujeitado a um ataque degradante daquele. Além do pai e de Donovan, London era o único litigante que ela conhecia, e nenhum dos três teria tolerado a palhaçada de Fuller. Na realidade, se eles estivessem lá, Fuller teria ficado no seu cantinho do fórum e nada diria.

Mas ela não ansiava em se reunir com ele. Ele queria cumplicidade e ela não pretendia se envolver mais. A vaga menção a "provas ainda a serem apresentadas" significava que estava desesperado e queria os documentos.

Ela respondeu:

*Olá, Jarrett:*
*É um prazer saber de você. Estarei disponível para uma reunião, basta me dizer quando. Washington foi informada.*
*SK*

Washington não fora informada, não inteiramente. No trem para Washington depois das festas de Natal, Samantha contou parte da história a Karen e, ao fazê-lo, enfatizou a tática "abusiva" usada pelo FBI para constranger os autores do processo em nome da Krull Mining. Não disse nada sobre os documentos escondidos, nem tocou em outros dramas que atualmente se desenrolavam em sua pequena parte da terra do carvão. Karen demonstrou interesse, até certo ponto, mas comentou que o FBI era famoso por extrapolar e se meter em problemas. Do alto de sua posição no Departamento de Justiça, os agentes que trabalhavam nas ruas pertenciam a outro mundo. Karen não se interessava pelo que eles faziam, fosse nos Apalaches, Nova York ou Chicago. Seu mundo ultimamente era consumido por estratégias de alto nível envolvendo políticas a serem implementadas, relacionadas com o comportamento temerário de alguns grandes bancos e dos credores de hipotecas de alto risco etc.

O segundo e-mail importante da manhã veio de um tal Dr. Draper, pneumologista de Beckley, escolhido pelo Departamento do Trabalho para examinar Buddy Ryzer. Ele foi direto ao que interessava:

> *Miss Kofer,*
>
> *Meu relatório está em anexo. O Sr. Ryzer sofre de FMP — fibrose maciça progressiva, também conhecida como pneumoconiose complicada dos trabalhadores do carvão. Seu estágio é avançado. Pelo que sei, ele ainda está trabalhando; para falar com franqueza, penso que não deveria estar, embora não haja nada em meu relatório que indique isso. Estou disponível por e-mail para qualquer pergunta.*
>
> *LKD*

Ela estava lendo o relatório quando chegou o terceiro. Era de Andy Grubman, mas não de seu endereço eletrônico habitual da Scully & Pershing.

> *Querida Samantha,*
>
> *Feliz Ano Novo. Espero que este e-mail a encontre bem enquanto você se dedica a salvar o mundo. Sinto falta de sua cara sorridente e espero vê-la logo. Serei breve e irei direto ao assunto. Decidi sair da Scully & Pershing no final de fevereiro. Não estou sendo obrigado a*

*sair, nem estou de licença, nada disso. Estamos nos separando amigavelmente. A verdade é que não suporto trabalhar com legislação tributária. Acho tremendamente tedioso e sinto falta da vibração. Tenho um amigo que trabalhou com imóveis comerciais em outra firma por muitos anos e ele está numa situação difícil. Decidimos abrir nosso próprio escritório — Spane & Grubman — com sede no distrito financeiro. Conseguimos dois clientes importantes — um banco coreano e o outro é um fundo do Kuwait —, e ambos estão prontos para atacar os prédios em apuros da Costa Leste. Como você sabe, não há escassez de imóveis endividados que estão sendo afogados pela recessão. Além disso, esses clientes pensam que é a época perfeita para planejar a construção, com início em alguns anos, quando a recessão acabar. Eles têm muito dinheiro e estão dispostos a tocar.*

*Mas, então, Nick Spane e eu pensamos numa firma de cerca de vinte associados trabalhando sob nosso comando. A remuneração ficará próxima daquela da Scully e não pretendemos nos matar, nem matar os associados. Queremos uma bela firma pequena em que os advogados trabalhem muito, mas também consigam se divertir um pouco. Prometo aos associados que jamais trabalharão mais de oitenta horas por semana. Achamos que cinquenta é uma boa meta. A expressão "qualidade de vida" é uma piada do setor, mas levamos isso a sério. Estou cansado e só tenho 41 anos.*

*Estou lhe oferecendo um cargo. Izabelle está conosco. Ben encontrou outra coisa — infelizmente, ele está saindo da nossa área. Que tal? Sem pressão, mas preciso de uma resposta lá pelo final do mês. Não preciso dizer que há muitos advogados disponíveis hoje em dia.*

*Seu chefe preferido,*
*Andy*

Ela leu novamente, fechou a porta e leu pela terceira vez. Andy era basicamente uma boa pessoa de Indiana que passou tempo demais em Nova York. Ele mandou uma mensagem atenciosa com uma oferta generosa e tentadora, mas simplesmente não conseguiu deixar de lembrar a ela que havia muitos advogados implorando trabalho. Ela desligou o computador e a luz do escritório e escapuliu pela porta dos fundos sem ser ouvida. Entrou em seu Ford e estava a mais de um quilômetro da cidade quando se perguntou aonde podia ir.

Não importava.

O dia 31 de janeiro estava a 24 dias de distância. Enquanto dirigia, pensou nos clientes. Buddy Ryzer vinha primeiro. Ela não se comprometeu a levar o caso dele adiante até que se encerrasse, mas prometera a Mattie que entraria com o pedido de indenização e faria o trabalho inicial de sustentação. E essa ação era apenas uma bobagem incômoda diante do processo mamute que alguém devia retomar contra a Lonerock Coal e a Casper Slate. Havia o imbróglio do testamento de Francine Crump que, para ser franca, era um belo motivo para telefonar imediatamente a Andy e aceitar o emprego. Havia os Merryweather, um casal simples e simpático, que colocou suas economias em uma casinha que agora era ameaçada por um emprestador de hipoteca pilantra, que os processava para pagarem a totalidade do saldo. Samantha buscava uma liminar para impedir o embargo. Havia dois divórcios, ainda não contestados, mas era improvável que continuassem assim. É claro que havia o litígio Hammer Valley que não a deixaria em paz. Francamente, era outro motivo para ir embora. Ela estava ajudando Mattie com três falências e dois casos de discriminação no emprego. Ainda esperava o cheque de Pamela Booker, e assim esse processo não estava encerrado. Ajudava Annette com outros dois divórcios e a confusão de Phoebe Fanning — mamãe e papai foram para a prisão e ninguém queria as crianças.

Para resumir, Miss Kofer, tem muita gente dependendo de você neste exato momento, para fazer as malas e fugir. A decisão de voltar a Nova York não devia ser tomada agora, só daqui a três meses, em uma licença de 12 meses. Você devia ter mais tempo, tempo para abrir alguns processos, ajudar algumas pessoas, manter-se ocupada de olho no calendário enquanto os meses passavam, a recessão sumia e os empregos brotavam por toda Manhattan. O plano era esse, não? Talvez não uma volta ao trabalho penoso da *Big Law*, mas certamente a um emprego respeitável em algo como uma… bela e pequena firma?

Uma firma pequena, alguns advogados felizes, cinquenta horas por semana, um salário impressionante com todos os benefícios de sempre? Em 2007, seu último ano inteiro na Scully, ela faturou três mil horas. Era fácil fazer as contas — sessenta horas por semana durante cinquenta semanas, embora ela não tenha conseguido desfrutar de suas duas semanas de férias remuneradas. Para faturar sessenta horas por semana, ela precisava trabalhar no mínimo 75, em geral mais. Para aqueles com sorte suficiente para desfrutar a vida sem olhar o relógio, 75 horas por semana em geral significavam, para Samantha pelo menos, chegar ao escritório às oito e sair 12 horas depois, de segunda a sábado, com algumas horas de sobra no Sabbath. E isso era o normal. Junte a pressão de um prazo importante, um dos clientes de Andy em crise e uma semana de noventa horas não seria incomum.

E agora ele estava prometendo só cinquenta? Ela estava no Kentucky, aproximando-se da cidadezinha de Whitesburg, a uma hora de Brady. As ruas estavam tranquilas, mas ladeadas de pilhas de neve suja. Ela viu uma cafeteria e estacionou perto. A garçonete informou que tinha biscoitos recém-saídos do forno. Como dizer não? Numa mesa na janela da frente, ela passou manteiga no biscoito e esperou que esfriasse. Tomou o café e observou o tráfego lânguido na rua principal. Mandou mensagem de texto a Mattie, dizendo que tinha saído para resolver umas coisas. Comeu um biscoito com geleia de morango e fez anotações num bloco. Não diria nem sim nem não à oferta de Andy. Precisava de tempo, pelo menos alguns dias, para organizar os pensamentos, analisá-los, reunir todas as informações possíveis e esperar que uma voz fantasma lhe dissesse o que fazer. Compôs uma resposta que mandaria no final daquela tarde, de seu escritório. O primeiro rascunho dizia:

*Querido Andy,*

*Feliz Ano Novo para você. Devo confessar que estou em choque com seu e-mail e a oferta de um cargo tão promissor. Para falar com franqueza, não aconteceu nada nos últimos três meses que me preparasse para uma volta rápida a Nova York. Pensei que teria pelo menos um ano para contemplar a vida e meu futuro; agora, porém, de repente você vira as coisas de cabeça para baixo. Preciso de algum tempo para pensar bem nisso.*

*Ainda não consegui salvar o mundo, mas estou progredindo. Meus clientes são pessoas pobres que não têm voz. Não esperam que eu faça milagres e qualquer esforço é enormemente valorizado. De vez em quando vou ao fórum — imagine só, Andy, eu vi de verdade o interior de um fórum — e é muito diferente da televisão. Mas, como você sabe, não tenho tempo para televisão. Na segunda-feira passada, ganhei meu primeiro julgamento. Foram 10 mil dólares para minha cliente e parece um milhão. Com alguma experiência, posso aprender a gostar do trabalho de tribunal.*

*Agora, quanto à sua oferta. Alguns detalhes. Quem são os outros associados e de onde vêm? Sem babacas, Andy, ta legal, não vou trabalhar com um bando de bárbaros impiedosos. Quem é Nick Spane e qual é a história dele? Tenho certeza de que é um ótimo advogado, mas é uma pessoa legal? Casamento sólido ou pegador serial? Se tocar em mim, vou processar por assédio e ele precisa saber disso. Me mande uma bio dele, por favor. Onde fica o escritório? Não vou me*

*submeter a condições de trabalho miseráveis. Só o que eu sempre quis era uma sala pequena — a minha sala! — com uma linda janela, um pouco de sol e minha própria parede para pendurar o que eu quisesse. Essa garantia de cinquenta horas por semana — você colocará isso por escrito? Atualmente faço esse horário e é uma delícia. Quem serão os clientes, além dos coreanos e kuwaitianos? Sei que serão grandes empresas e tal, ou caras grandes com egos grandes; de qualquer modo, a questão é que não vou ouvir gritos de um cliente. (Meus clientes aqui me chamam de dona Sam e me trazem biscoitos.) Podemos conversar sobre isso. Por fim, qual é o futuro? Não há nenhum aqui, então eu não ficaria. Sou uma nova-iorquina, Andy, mais agora do que há três meses, mas gostaria de saber a estrutura da nova firma e onde você e Spane a veem daqui a dez anos. Não é justo?*

*Obrigada, Andy, por pensar em mim. Você sempre foi justo; nem sempre foi um amor, mas não sei se isso está em seu DNA.*

*Vamos nos falando.*

*Samantha*

A temperatura estava em algum ponto abaixo de vinte graus e a neve estava congelada e coberta por uma camada lustrosa que refletia a luz da lua. Depois de um jantar quente com Annette e as crianças, Samantha retirou-se para seu apartamento da garagem, onde o pequeno aquecedor labutava para romper o frio. Se ela estivesse pagando um aluguel fixo em Manhattan, teria dado uma bronca em alguém, mas não ali em Brady. Não onde não havia aluguel algum e sua senhoria provavelmente tinha pouco dinheiro. Assim, ela se cobriu bem e leu na cama por duas horas enquanto o tempo passava devagar. Leu um capítulo, depois baixou o livro e pensou em Nova York, Andy e sua firma nova. Eram pensamentos demais correndo por sua cabeça.

Não havia dúvida de que ela diria sim e isso a animava. O emprego era perfeito; ela voltaria ao lar, à cidade que amava, a um trabalho que era promissor e tinha prestígio. Podia evitar os horrores da *Big Law* enquanto trabalhava em uma carreira significativa. O problema estava na saída. Não podia simplesmente sair em um mês e largar tudo nas costas de Mattie. Não, teria que ser uma saída mais elegante e justa. Ela estava pensando em uma pequena prorrogação — com a aceitação agora, a chegada ao emprego em mais ou menos seis meses. Isso seria justo, ou o mais justo possível. Ela podia convencer Mattie e Andy disso, não podia?

O telefone tocou embaixo de uma pilha de roupas. Enfim ela o encontrou.

— Sim.

Era o telefone espião de Jeff e ele respondeu: — Está com frio?

Ela sorriu. — Onde você está?

— Estou a uns 12 metros, escondido no escuro, encostado nos fundos da garagem, meus pés metidos em vinte centímetros de neve congelada. Consegue ouvir meus dentes batendo?

— Acho que sim. O que está fazendo aqui?

— Isso devia ser óbvio. Olha, Annette acaba de apagar a luz por lá, então está limpo. Acho que você devia preparar um café, descafeinado, se tiver, e abrir a porra da porta. Acredite em mim, ninguém me verá. Os vizinhos já foram dormir há duas horas. Como sempre, toda Brady está morta.

Ela abriu a porta e, sem ruído, Jeff apareceu da escada escura e lhe deu um beijo rápido na boca. Tirou as botas e as colocou ao lado das de Samantha.

— Vamos ficando, né? — perguntou ela enquanto colocava a água na cafeteira.

Ele esfregou as mãos. — Acho que está mais quente lá fora. Já reclamou com a senhoria?

— Nem pensei nisso. Aluguel zero significa queixa zero. É bom ver você fora da prisão.

— Você não vai acreditar no que desencavei.

— E é por isso que você está aqui, para me contar.

— Entre outras coisas. Na noite em que Donovan morreu, o Cessna dele ficou estacionado no aeroporto de Charleston por cerca de sete horas, das 15h20 às 22h31, segundo os registros do controle de tráfego aéreo e os dados do terminal geral de aviação. Depois da aterrissagem, ele alugou um carro e foi se reunir com sua equipe jurídica. Enquanto estava fora, quatro aviões pequenos chegaram ao estacionamento; dois compraram combustível, deixaram um passageiro e saíram, e os outros dois ficaram. Um deles era um Beech Baron, o outro um King Air 210, um popular bimotor turboélice que acomoda seis passageiros. O King Air chegou às 19h35 com dois pilotos e um passageiro. Os três saíram do avião, entraram no terminal, preencheram a papelada e partiram com um cara em um furgão.

Samantha ouvia sem dizer nada e serviu o descafeinado. Segundo Brad, o funcionário que trabalhava no estacionamento naquela noite, na realidade havia dois passageiros no King Air, um deles ficou por ali. É isso mesmo — ele passou a noite no avião. Enquanto os dois pilotos cumpriam a rotina pós-voo, Brad viu o passageiro em terra falando com alguém ainda no avião. De longe, ele observou e esperou, e os pilotos fecharam a única porta do King Air. Quando a aeronave estava segura para passar a noite, eles entraram no terminal, com o passageiro,

como se estivesse tudo bem.

Era estranho, mas Brad já viu isso na vida, dois anos antes, quando o piloto pousou tarde da noite, sem reserva em hotel nem carro alugado, e decidiu passar algumas horas no *cockpit* e decolar ao amanhecer. A diferença era que esse piloto informou de suas intenções e os caras do estacionamento sabiam o que ele fazia. No caso do King Air, só Brad sabia o que estava acontecendo. Ele ficou de olho no avião até as dez da noite, quando bateu o ponto e foi para casa. Dois dias depois, foi demitido por faltar ao trabalho. Ele jamais gostou do emprego e detestava o chefe. O irmão lhe conseguiu um emprego na Flórida e ele saiu da cidade. Ninguém jamais o interrogou sobre os acontecimentos daquela noite. Até agora, claro.

— Como você o encontrou? — perguntou ela.

— O segurança que me prendeu no domingo à noite me deu o nome dele. Por acaso, Mack, o segurança, é um cara muito legal. Tomamos umas cervejas no fim da noite de segunda, é claro que eu pagando, e Mack me contou a história de Brad. Agora Brad voltou para Charleston. Eu o encontrei ontem à noite e, em outro bar, tomamos umas e outras. Esta noite estou desintoxicando, então não me ofereça nada.

— Não tem uma gota nesta casa.

— Ótimo.

— Então, qual é sua teoria?

— Minha teoria é que esse passageiro misterioso esperou o momento certo, abriu a porta do King Air, andou uns trinta metros no escuro diretamente até o Cessna de Donovan e em cerca de vinte minutos afrouxou a porca B. Depois voltou, entrou no King Air e devia estar observando quando Donovan apareceu lá pelas 22h15, para sua partida. Depois disso, ele tirou os sapatos e dormiu até o sol nascer.

— Parece impossível de provar.

— Talvez, mas vou chegar lá.

— Quem é o dono do King Air?

— Um serviço de voo fretado de York, Pensilvânia, uma empresa que faz muitos negócios com as mineradoras. O King Air é o burro de carga dos campos de carvão porque é resistente, tem uma boa carga útil e flexibilidade para pistas curtas. Essa empresa tem quatro disponíveis para frete. Os registros são muitos, então logo saberemos tudo sobre o voo. Brad disse que daria uma declaração expressa, mas estou um pouco preocupado com ele.

— Incrível, Jeff.

— É superincrível. Os investigadores vão interrogar os proprietários do avião, os pilotos, o passageiro, ou os passageiros, e quem o alugou para a

viagem. Estamos chegando mais perto, Samantha. É uma novidade inacreditável.

— Bom trabalho, Sherlock.

— Às vezes você só precisa ser preso. Tem um cobertor sobrando em algum lugar por aqui?

— Estão todos estendidos na cama. Era lá que eu estava, lendo.

— Isso é uma indireta?

— Não precisamos disso, Jeff. A questão no momento é sexo, e detesto dizer que não vai acontecer. Não é a melhor época do mês.

— Ah, desculpe.

— Você podia ter ligado.

— Acho que sim. Então por que a gente não fica só juntinho e divide o calor do corpo e dorme, quer dizer, sabe como é, dormir de verdade?

— Acho que não tem problema.

# 33

Ela não sabia a que horas ele foi embora. Quando acordou, alguns raios da luz da manhã penetravam por venezianas e janelas. Eram quase seis horas. O lado dele da cama não estava quente, como se tivesse partido há muito. Tanto faz. Ele vivia nas sombras e deixava poucos rastros, e por ela estava ótimo. Ele carregava fardos do passado que ela jamais compreenderia, então, por que se incomodar? Pensou nele alguns minutos, enquanto espiava debaixo dos cobertores e via nuvens de umidade seguirem sua respiração. Estava frio fora dali e Samantha tinha que confessar que ansiava pelo calor dele.

Também ansiava por um banho quente, mas não ia acontecer. Contou até dez, tirou as cobertas e correu até a cafeteira. Levou uma eternidade para ferver e quando finalmente Samantha tinha uma xícara, voltou para baixo das cobertas e pensou em Nova York. Seus planos eram dar um polimento em sua resposta a Andy e mandar um e-mail logo. Estaria mandona e exigente demais? Afinal, ela estava desempregada e ele oferecia um emprego maravilhoso. Será que tinha o direito de implicar com seus associados e clientes, com o Sr. Nick Spane e as dimensões de sua nova sala? Seu plano de adiamento agradaria a Andy ou o irritaria? Ela não sabia, mas Andy tinha a casca grossa. Se ela não se reafirmasse logo no início, certamente seria atropelada depois.

Desistiu do banho frio de chuveiro e se lavou com água morna na pia. Sem nada marcado no fórum, vestiu-se rapidamente com jeans e botas, camisa de flanela e suéter. Quando estava adequadamente agasalhada, jogou a mochila no ombro, a bolsa no outro e partiu para trabalhar a pé. O ar estava puro e parado, o sol forte enquanto subia. Era um lindo dia de inverno, com a neve ainda intocada em montes grossos encostados nas casas. Não era um jeito ruim de ir trabalhar, pensou ela, ao caminhar por Brady. No lado negativo: em Nova York, ela estaria espremida em um metrô, depois se acotovelando no pesado trânsito de pedestres. Ou talvez sentada na traseira de um táxi sujo, esperando no engarrafamento.

Ela falou com o Sr. Gantry enquanto ele pegava o jornal na calçada. Ele tinha 90 anos, morava sozinho desde que a mulher morreu no ano anterior e no clima mais quente tinha o gramado mais bonito da rua. Toda a neve em sua propriedade estava meticulosamente raspada e retirada com pá. Como sempre acontecia ultimamente, ela foi a primeira a chegar ao trabalho e, como estagiária, foi direto à cafeteira. Enquanto o café era preparado, arrumou a cozinha, esvaziou todos os cestos de lixo e endireitou as revistas na recepção. Ninguém

jamais lhe disse para fazer essas coisas. No lado positivo: em Nova York, a Spane & Grubman pagaria alguém para cumprir essas tarefas. No lado neutro: Samantha sinceramente não se importava de fazer isso, nem ali, nem em outro lugar. Ela não se importaria de fazer em uma firma de verdade, mas na Mountain Legal Aid Clinic todo mundo cooperava.

Ela se sentou na sala de reunião e observou o trânsito inicial da rua principal. Agora que planejava ir embora, estava assombrada com o carinho que tomou pelo lugar naqueles três breves meses. Decidiu que adiaria a conversa com Mattie e esperaria até saber mais sobre a oferta de Andy. A ideia de contar a ela que ia embora em breve era perturbadora. As manhãs de Mattie eram ainda mais lentas, mas ela parecia estar voltando a sua antiga personalidade. A ausência de Donovan era uma ferida aberta que jamais cicatrizaria, mas ela não podia parar de viver. Tinha clientes demais que precisavam dela, compromissos demais em sua agenda.

Ela chegou pouco depois das nove e pediu a Samantha que fosse a sua sala. De porta fechada, explicou que perdeu o sono à noite, preocupada com aqueles Crump oportunistas e a velha e falecida Francine. A única coisa ética a fazer era pesquisar na Ordem dos Advogados local e ver se alguém fora contratado pela família. Se contrataram, elas despachariam uma cópia do testamento e a guerra começaria. Mattie lhe entregou uma lista.

— Tirando nós, são 14 advogados em Brady, todos nessa lista, com números telefônicos. Já falei com três, inclusive Jackie Sporz, a advogada que fez o testamento cinco anos atrás. Ninguém soube da família. Você pegue cinco e termine esse trabalho esta manhã. Estou cansada de me preocupar com isso.

Samantha tinha reunião apenas às duas. Foi até sua sala, pegou o telefone e ligou para Hump. Ele disse não, nunca ouviu falar dos Crump. Sorte dele. O segundo telefonema foi para Hayes Sinclair, o advogado que nunca saía de seu escritório e diziam os boatos que sofria de agorafobia. Não, ele nunca ouviu falar dos Crump. O terceiro telefonema foi para Lee Chatham, o advogado que jamais ficava em seu escritório, mas estava sempre zanzando pelo fórum, com uma pose de quem tem assuntos importantes ali, e trocando fofocas, cuja maioria era criação dele. Bingo. O Sr. Chatham disse que sim, ele se reuniu com vários Crump e tinha um contrato para representar a família.

Evidentemente, eles estavam insistindo com sua ficção de que a mãe destruiu o testamento gratuito preparado por *aquelas picaretas da ONG*, portanto as coisas seriam revertidas ao testamento anterior, que dividia tudo em partes iguais. Os planos do Sr. Chatham eram abrir o inventário em futuro próximo e fazer cumprir o testamento anterior. Mas eles estavam brigando quanto a quem seria o executor. Jonah, o mais velho, foi nomeado por Francine cinco anos

antes, mas tinha problemas cardíacos (provocados pelo estresse dessa situação) e provavelmente não serviria. Quando o Sr. Chatham falou em usar um executor substituto no lugar de Jonah, começou uma briga entre os outros quatro. Atualmente ele tentava arbitrar os problemas.

Samantha jogou a bomba sobre o misterioso pacote que elas receberam um dia depois do enterro. Ela se certificou de que o Sr. Chatham compreendesse que nem ela nem ninguém da ONG tinham o desejo de se envolver em uma contestação do testamento, mas era importante que ele soubesse que os clientes dele estavam mentindo. Quando ela desligou, ele resmungava sem coerência consigo mesmo. Ela mandou uma cópia do testamento por fax ao escritório dele e saiu para contar a Mattie.

— Isso vai deixá-los malucos, não vai? — disse ela quando ouviu a notícia. — Uma ameaça e vou procurar o xerife.

— Será que precisaremos de armas? — perguntou Samantha.

— Ainda não. — Ela jogou alguns papéis pela mesa.

— Dê uma olhada nisso.

Era grosso, fosse o que fosse, e Samantha se sentou. — O que é? — perguntou ela ao folhear uma página.

— Strayhorn, intimação do recurso do caso Tate. Conversei com o juiz do julgamento na semana passada sobre o suposto acordo. Não preciso dizer que ele não foi simpático, então estamos ferradas. Agora vamos ter que ralar em todo o processo dos recursos e torcer para que a Suprema Corte não dê provimento.

— Por que estou segurando isso?

— Achei que você estivesse interessada. E, Samantha, precisamos que você cuide do recurso.

— Acho que já estava prevendo isso. Eu nunca toquei em um recurso, Mattie.

— Você nunca tocou na maioria das coisas por aqui. Há uma primeira vez para tudo. Olha, vou supervisionar e você vai aprender rapidamente que é só um monte de papelada e pesquisa. A Strayhorn começa e dá entrada com suas razões para o recurso em noventa dias. Eles vão alegar toda sorte de erros graves no julgamento. Nós respondemos, ponto por ponto. Daqui a seis meses, quase todo o trabalho acabou e você estará esperando as alegações orais.

*Mas em seis meses eu já fui embora,* Samantha queria dizer.

— Será uma ótima experiência — insistiu Mattie. — E pelo resto de sua vida você poderá dizer que cuidou de um recurso na Suprema Corte da Virginia. O que pode ser melhor do que isso? — Ela apelava para o humor, mas era evidente a ansiedade de Mattie.

— Quantas horas? — perguntou Samantha. Calculava rápido e já pensava

que podia fazer praticamente toda a pesquisa nos próximos seis meses, antes de partir.

— Donovan jurou que foi um julgamento limpo, nada que justifique um recurso. Estou imaginando quinhentas horas, daqui até as alegações orais, que serão em 15 meses. Sei que até lá você terá que ir embora, então uma de nós cuidará dessa parte. O trabalho pesado acontece agora. Annette e eu simplesmente não temos tempo.

Samantha sorriu.

— A chefe é você.

— E você é um amor. Obrigada, Samantha.



Andy respondeu:

> *Prezada dona Sam:*
>
> *Muito obrigado por sua amável epístola. Você amoleceu demais em apenas três meses. Mas devem ser esses biscoitos daí. Se li direito, você quer garantias de que (1) será adorada por seus chefes, (2) será venerada pelos colegas, (3) será valorizada pelos clientes, (4) praticamente terá a garantia de uma sociedade que levará a uma vida longa, plena e feliz, e (5) terá uma sala espaçosa o suficiente para deixá-la feliz, apesar dos preços vergonhosos do metro quadrado que agora são exigidos pelos senhorios de Manhattan (nossos clientes), com ou sem recessão.*
>
> *Verei o que posso fazer. Em anexo, uma bio de Nick Spane. Estranhamente, ele só teve um divórcio e está casado com a mesma mulher há 15 anos. Como você verá, ele não tem condenações por estupro, maus-tratos a menores etc., nem foi indiciado por pornografia infantil. Também jamais foi processado por assédio sexual ou qualquer outra coisa no gênero. (Seu divórcio não foi litigioso.) Na verdade, ele é um ótimo sujeito, eu juro. Um cara do Sul — Tulane, formado em direito na Vanderbilt — de modos impecáveis. Um estranho nessas paragens.*
>
> *Até mais,*

*Andy*



O telefone espião tocou às 14h30, enquanto Samantha relia a intimação do recurso da Strayhorn e analisava as regras do procedimento de apelação.

— Você está na frente de meu escritório, parado na neve? — perguntou ela, entrando na cozinha, que supunha não ter escutas.

— Não, estou em Pikeville, reunido com alguns investigadores. Gostei da noite passada, dormi profundamente. E você?

— Eu dormi bem. A que horas foi embora esta manhã?

— Pouco depois das quatro. Ultimamente não tenho dormido muito. Tem sempre alguém me vigiando. Fica difícil dormir.

— Tudo bem. O que tem em mente?

— No sábado, caminhada pela Gray Mountain, na neve. Grelhar uma carne na varanda da cabana. Beber um vinho tinto. Ler perto do fogo. Esse tipo de coisa. Topa?

— Vou pensar.

— Pensar no quê? Aposto que, se olhar sua agenda, verá que não tem nada marcado para sábado. Vá olhar.

— Agora estou ocupada. Te ligo mais tarde.



Embora não tivesse sido mencionado por ninguém na ONG, Samantha estava aprendendo que o clima frio e os dias curtos de janeiro reduziam consideravelmente os negócios. O telefone tocava menos e Barb passava mais tempo longe da recepção, sempre “cumprindo tarefas na rua”. Claudelle estava grávida de oito meses e de repouso ao leito. Os tribunais, sempre sem pressa, se arrastavam num ritmo ainda mais lento. Como sempre, Mattie e Annette estavam ocupadas com os casos existentes, mas não entravam novos. Era como se o conflito e a infelicidade fizessem uma pausa enquanto a depressão do inverno chegava. Pelo menos para alguns.

Enquanto Samantha zanzava pelo escritório depois do anoitecer na sexta-feira, ouviu a porta de entrada se abrir. Mattie ainda estava ali, de porta fechada; todas as outras saíram para o fim de semana. Samantha foi à recepção e cumprimentou Buddy e Mavis Ryzer. Eles não tinham hora marcada; não tinham telefonado. Em vez disso, dirigiram por uma hora e meia de West Virginia a Brady em uma tarde de sexta-feira para procurar consolo e orientação de sua advogada. Ela abraçou os dois e de imediato entendeu que o mundo deles tinha chegado ao fim. Conduziu os dois à sala de reunião e ofereceu um refrigerante; eles declinaram. Ela fechou a porta, perguntou o que estava acontecendo e ambos começaram a chorar.

Buddy fora demitido da Lonerock Coal naquela manhã. O capataz disse que ele era fisicamente incapaz de trabalhar; logo, demissão sumária. Sem pagamento rescisório, sem bonificações, sem relógio barato pelo trabalho bem-feito e certamente sem nenhum extra, só um belo pontapé no traseiro com a promessa de que o último cheque de pagamento estava no correio. Ele mal chegou em casa, desabou no sofá e tentou se recompor.

— Não tive direito a nada — disse ele ofegando enquanto Mavis enxugava as lágrimas e falava sem parar. — Nada.

— Foi assim de estalo, ele saiu do emprego — disse Mavis. — Sem pagamento, sem indenização por pulmão negro e sem perspectiva de encontrar outro trabalho. Só o que ele fez na vida foi trabalhar nos campos de carvão. O que ele vai fazer agora? Tem que nos ajudar, Samantha. Você precisa fazer alguma coisa. Isso não está certo.

— Ela sabe que não está certo — disse Buddy.

Cada palavra era laboriosa enquanto seu peito subia e descia a cada respiração ruidosa. — Mas não há nada que você possa fazer. Eles acabaram com nosso sindicato vinte anos atrás, e assim não temos proteção contra a empresa. Nada.

Samantha ouviu com muita solidariedade. Era estranho ver um sujeito durão como Buddy enxugar o rosto com as costas da mão. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Normalmente, ele teria ficado constrangido com uma emoção dessas, mas agora não havia nada a esconder. Por fim, Samantha disse:

— Entramos com nosso pedido e temos um contundente relatório do médico. É só o que podemos fazer por enquanto. Infelizmente, nos estados desta região, um funcionário pode ser demitido à vontade por qualquer motivo, ou por nenhum motivo.

Ela pensou no óbvio, mas não ia mencionar: Buddy não estava em condições de trabalhar. Por mais que desprezasse a Lonerock Coal, ela entendia por que a empresa não queria um funcionário nas condições dele operando equipamento

pesado.

Houve um longo silêncio, interrompido apenas por Mattie, que bateu na porta e entrou. Cumprimentou os Ryzer, percebeu que acontecia uma reunião desagradável e partiu para uma saída rápida.

— Verei você no jantar, Sam?

— Estarei lá. Às sete?

A porta se fechou e eles voltaram ao silêncio. Por fim, Mavis disse:

— Meu primo levou onze anos para conseguir a indenização por pulmão negro. Agora está no oxigênio. Meu tio, nove anos. Soube que a média é de uns cinco anos. Isso é verdade?

— Para pedidos contestados, sim, a média é de cinco a sete anos.

— Em cinco anos eu estarei morto — disse Buddy, e eles pensaram nisso. Ninguém o contestou.

— Mas você disse que todos os pedidos são contestados, não é? — perguntou Mavis.

— Infelizmente, são.

Buddy balançava a cabeça, de leve, mas sem parar. Mavis ficou em silêncio e olhou fixamente a mesa. Ele tossiu algumas vezes e parecia estar prestes a ter uma crise de vômito, mas conseguiu engolir com dificuldade e contê-la. Sua respiração desesperada parecia o ronco abafado vindo de dentro. Ele deu outro pigarro.

— Sabe de uma coisa, eu devia ter recebido meus benefícios há dez anos e, se fosse assim, podia ter saído das minas e encontrado trabalho em outro lugar. Na época eu só tinha 30 anos, as crianças eram pequenas e eu podia ter feito alguma coisa, longe da poeira, sabe como? Algo que não piorasse a doença. Mas a empresa lutou comigo e venceu, e assim não tive escolha senão continuar trabalhando nas minas, continuar respirando a poeira. Eu sabia que estava piorando. A gente simplesmente sabe. Entra devagar em você, mas você sabe que subir os quatro degraus da varanda é mais difícil agora do que há um ano. Andar até o fim da entrada de carros leva mais tempo. Não é muito, mas as coisas ficam mais lentas. — Uma pausa para respirar fundo. Mavis acariciou a mão dele. — Lembro-me daqueles sujeitos no fórum, na frente do juiz. Três ou quatro deles, todos de terno preto e sapatos brilhantes, todos bancando os importantes. Eles nos olharam como se fôssemos lixo, sabe como, só um mineiro de carvão ignorante com sua mulher ignorante, só outro endividado tentando se aproveitar do sistema para ter um cheque mensal. Ainda hoje eu os vejo, os merdinhas arrogantes, tão inteligentes e metidos a besta porque sabiam vencer e nós não. Sei que não é muito cristão odiar, mas eu sinceramente desprezo aqueles caras. Agora é ainda pior porque sabemos a verdade e a verdade é que

aqueles patifes sabiam que eu tinha pulmão negro. Eles sabiam, mas ainda assim acobertaram tudo. Mentiram no tribunal. Levaram outro grupo de médicos mentirosos que disseram, sob juramento, que eu não tinha pulmão negro. Todo mundo mentiu. E eles venceram. Eles me expulsaram do tribunal a pontapés, me colocaram de novo nas minas, agora faz dez anos.

Ele parou e esfregou os olhos com os dedos.

— Eles trapacearam, venceram e vão fazer isso de novo porque são eles que escrevem as regras. Acho que não tem jeito de impedi-los. Eles têm o dinheiro, o poder, os médicos e acho que têm os juízes. Um sistema e tanto.

— Não tem jeito de impedi-los, Samantha? — pediu Mavis.

— Um processo, eu acho. Aquele que Donovan deu entrada, e ainda há a possibilidade de outra firma grande entrar também. Nós não desistimos.

— Mas você não vai pegar o caso, não é?

— Mavis, eu já lhe expliquei. Sou de Nova York, está bem? Sou uma estagiária, só estou aqui por alguns meses, depois vou embora. Não posso dar início a um processo que levará cinco anos de litígio muito intenso no tribunal federal. Já falamos disso, não é verdade?

Nenhum dos dois respondeu.

Os minutos se passaram enquanto os escritórios ficavam cada vez mais silenciosos; o único som era da dolorosa respiração de Buddy. Ele deu outro pigarro:

— Olha, Samantha, você é a única advogada que já tivemos, a única que sempre esteve disposta a nos ajudar. Se tivéssemos um advogado dez anos atrás, talvez as coisas fossem diferentes. Mas, então, não podemos voltar no tempo. Viemos até aqui hoje para dizer uma coisa e para agradecer a você por aceitar o meu caso.

— E por ser tão gentil conosco — disse Mavis intrometendo-se. — Agradecemos a Deus todo dia por você e sua disposição de nos ajudar.

— Isso significa mais do que você jamais saberá.

— Só de ter uma advogada de verdade lutando por nós significa demais.

Os dois choravam de novo.

# 34

A primeira vista que ela teve da Gray Mountain havia sido por ar. A segunda foi de barco e de um quadriciclo, uma visita muito mais íntima duas semanas e meia antes do Natal. A terceira foi numa picape, meio mais tradicional naquelas paragens. Jeff a pegou em Knox, onde ela deixou o carro no mesmo estacionamento da biblioteca. Ela deu uma olhada na picape.

— Comprou uma nova?

Era um veículo imenso, um qualquer coisa Dodge que ela nunca tinha visto antes.

— Não. É de um amigo — disse ele, como sempre vago. Na traseira havia dois caiaques vermelhos, um *cooler* e várias mochilas. — Vamos nessa.

Eles saíram depressa da cidade. Jeff parecia tenso e seus olhos disparavam de um retrovisor a outro.

— Isso aí atrás são canoas? — perguntou ela.

— Não, são caiaques.

— Ah. E o que se faz com um caiaque?

— Você nunca andou de caiaque?

— Eu já disse que sou nova-iorquina.

— Eu sei. Com um caiaque se faz canoagem.

— Ou se fica sentado perto da lareira com um livro e uma taça de vinho. Não quero me molhar, ouviu bem?

— Relaxa, Sam.

— Prefiro Samantha, ainda mais partindo do cara com quem estou dormindo. Meu pai pode me chamar de Sam, minha mãe nunca, e agora Mattie eu deixo. Se alguém me chamar de Sammie, arrisca-se a levar um tabefe. Sei que é confuso, mas, por enquanto, por que não fica só com Samantha?

— O nome é seu. Tenho sexo livre, então vou te chamar como você quiser.

— Você é direto mesmo, não é?

Ele riu e ligou o som do carro — Faith Hill. Eles saíram da rodovia principal e avançaram por uma estrada estreita do condado. Quando começaram uma subida íngreme, de repente ele entrou numa estrada de cascalho, que passava por uma crista montanhosa, acima de perigosos desfiladeiros. Ela tentou não olhar, mas teve um *flashback* de sua primeira aventura com Donovan, quando subiram ao cume da Dublin Mountain e olharam a mina Enid lá de cima. Vic assustara os dois, depois eles foram vistos pelos seguranças. Parecia fazer muito tempo e

agora Donovan estava morto. Jeff girava o volante sem parar.

— Tem certeza de que sabe aonde vamos? — disse ela, mas só para registrar sua preocupação.

— Fui criado aqui — disse ele sem olhar.

Uma estrada de terra ainda um pouco coberta de neve dava num beco sem saída. Através das árvores, ela conseguiu avistar a cabana.

Enquanto descarregavam a picape, ela perguntou:

— E os caiaques? Não vou carregar essa coisa.

— Vamos ter que ver o rio. Talvez a água esteja baixa demais. — Eles tiraram o *cooler* e as mochilas da picape e carregaram para a cabana, a cinquenta metros dali. A neve tinha dez centímetros de profundidade e estava coberta de rastros de animais. Não parecia haver pegadas de botas ou sinais de visitantes humanos. Samantha ficou satisfeita por ter notado essas coisas. Agora era uma verdadeira mulher das montanhas.

Ele destrancou a cabana, entrou lentamente, como se pudesse perturbar alguma coisa, e olhou o ambiente. Colocaram o *cooler* na cozinha pequena e as mochilas no sofá.

— As câmeras ainda estão lá fora? — perguntou ela.

— Sim, e acabamos de ativá-las.

— Algum invasor ultimamente?

— Não que eu saiba.

— Quando foi a última vez que você esteve aqui?

— Já faz um bom tempo. Transitar demais levanta suspeitas. Vamos dar uma olhada no rio.

Eles passaram por algumas pedras na beira do regato. Jeff disse que estava baixo demais para os caiaques. Em vez disso, entraram mais na encosta da montanha, afastando-se da cabana e de qualquer terra de propriedade da família dele. Embora Samantha não tivesse muita certeza, achou que seguiam para oeste, para longe da Gray Mountain. Com a trilha coberta de neve, era impossível encontrar rastros, não que fossem necessários. Jeff, como o irmão, andava pelo terreno como se fizesse isso diariamente. Começaram uma subida que ficava mais íngreme e a certa altura pararam para beber água e comer uma barra de cereal. Ele explicou que estavam na Chock Ridge, uma extensa montanha escarpada que tinha muito carvão e era de propriedade de uma gente que jamais venderia. A família Cosgrove, de Knox. Donovan e Jeff foram criados com os filhos dos Cosgrove. Uma boa gente e tal. Subiram mais 150 metros até a crista da montanha. Ao longe, Jeff apontou a Gray Mountain. Mesmo coberta por um manto branco, parecia exposta, desolada, violada.

Ficava longe mesmo e, depois de uma hora lutando na neve, os pés de

Samantha começavam a congelar. Ela decidiu esperar mais alguns minutos antes de reclamar. Quando começaram a descer, soaram tiros, disparos altos de armas de fogo que ecoaram pelas montanhas. Ela queria se jogar no chão, mas Jeff não se abalou.

— São só caçadores de cervos — disse ele, sem interromper o passo. Ele estava com uma mochila, mas sem rifle. Samantha tinha certeza, porém, de que havia uma arma em algum lugar entre as barras de cereais.

Enfim, quando ficou convencida de que estavam irremediavelmente perdidos na mata, ela perguntou:

— Estamos voltando para a cabana?

Ele olhou o relógio. — Claro, está ficando tarde. Está com frio?

— Meus pés congelaram.

— Alguém já disse que os dedos dos seus pés são lindos?

— Acontece todo dia.

— Não, sério.

— Eu estou vermelha? Não, Jeff, posso dizer com sinceridade que não me lembro de ninguém me dizendo isso.

— Pois é verdade.

— Obrigada, então.

— Vamos descongelar seus dedos.

O caminho de volta foi quase duas vezes mais longo e o vale estava escuro quando eles encontraram a cabana. Jeff acendeu rapidamente a lareira e o frio foi substituído por um calor enfumaçado que Samantha logo sentiu nos ossos. Ele acendeu três lampiões a gás e, enquanto trazia lenha suficiente para passar a noite, ela tirou o que estava no *cooler* e examinou o jantar. Dois bifes, duas batatas e duas espigas de milho. Havia três garrafas de merlot, escolhidas com cuidado por Jeff, em vista das tampas de rosca. Eles beberam o primeiro copo enquanto se aqueciam junto do fogo e falaram de política. Obama faria o juramento de posse dali a alguns dias e Jeff pensava em fazer uma viagem de carro a Washington para as festividades. O pai dela, muito antes de sua queda, foi atuante na política democrata dos reclamantes no tribunal, e agora parecia estar recuperando o entusiasmo pela briga. Ele a convidara para participar desse momento. Agradava a Samantha a ideia de testemunhar a história, mas ela não sabia de sua agenda.

Ela não contou a ninguém sobre a oferta de Andy e não faria isso agora. Só complicaria as coisas. No meio do segundo copo, ele perguntou:

— Como estão os dedos dos pés?

— Dormentes — disse ela.

Eles ainda estavam com grossas meias de lã, meias que ela pretendia manter,

o que quer que acontecesse. Jeff foi acender o carvão na varanda e logo eles estavam preparando o jantar. Comeram à luz de velas numa mesa primitiva para dois. Depois do jantar, tentaram ler romances à luz da lareira, mas logo abandonaram a ideia para assuntos mais prementes e mais importantes. Ela acordou no meio das mantas e cobertores, nua, a não ser pelas meias, e precisou de alguns segundos para perceber que Jeff não estava naquele amontoado. O carvão estava em brasa na lareira enquanto a última acha queimava. Ela encontrou uma lanterna e chamou o nome dele, mas ele não estava na cabana. Ela olhou o relógio: 4h40 da manhã. Lá fora estava escuro como breu. Ela foi à varanda, lançou a luz da lanterna por ali, chamando seu nome em voz baixa, depois voltou rapidamente ao lugar quente junto ao fogo. Recusou-se a entrar em pânico. Ele não a deixaria sozinha, se ela corresse perigo. Ou faria isso?

Ela vestiu jeans e camiseta e tentou dormir, mas estava agitada demais. Também sentia medo e à medida que os minutos passavam tentou reprimir a raiva. Sozinha em uma cabana escura enfiada na mata — isso não devia acontecer. Cada ruído vindo de fora podia ser uma ameaça. As cinco da manhã passaram. Ela quase cochilou, mas resistiu. Tinha trazido uma mochila pequena com escova de dente e muda de roupa. Ele trouxe três das grandes, da variedade de mochileiro sério. Ela as notou imediatamente na traseira da picape em Knox, e de vez em quando dava uma olhada nelas. Ele usou uma na caminhada; as outras duas pareciam estar entupidas de alguma coisa. No início foram jogadas no sofá, depois colocadas perto da porta. Agora desapareceram.

Ela tirou o jeans e a camiseta e os jogou no sofá, como se nada tivesse acontecido. Quando ficou parada e aquecida de novo, respirou fundo várias vezes e avaliou a situação. O que era evidente ficou ainda mais óbvio. Para quem observasse cada movimento de Jeff, a visita de hoje à Gray Mountain não passava de uma escapada romântica. Os caiaques foram um bom disfarce, vermelhos e nítidos, empilhados na traseira da picape para todo mundo ver, mas jamais veriam a água. Fazer canoagem, caminhar, churrasco na varanda, aninhar-se perto da lareira — só um encontro agradável com a nova garota da cidade. Nas primeiras horas da manhã, quando o vale estava no auge da quietude, ele acordou e escapuliu com a habilidade de um gatuno. Naquele momento, ele estava nas entranhas da Gray Mountain, enchendo as mochilas com os documentos inestimáveis afanados da Krull Mining.

Ele a estava usando como cobertura. A porta se abriu e seu coração estancou. Ela não conseguia enxergar naquele escuro e o sofá também bloqueava o que quer que fosse. Estava deitada em um colchonete grosso coberto de mantas e cobertores, tentando respirar normalmente e rezando para que a pessoa ali fosse Jeff. Ele ficou totalmente imóvel pelo que pareceu uma hora, depois se mexeu

um pouco. Quando jogou o jeans no sofá, a fivela do cinto fez um leve ruído. Depois de se despir, ele voltou suavemente para baixo das cobertas, com o cuidado de não tocar em Samantha e acordá-la.

Ela torcia para que o homem nu a centímetros do seu corpo fosse Jeff Gray. Fingindo dormir, ela rolou e passou o braço por seu peito. Ele fingiu se assustar e resmungou alguma coisa. Ela resmungou também, satisfeita por de fato conhecer o cara. Com a mão fria demais para a ocasião, ele acariciou seu traseiro. Ela resmungou um não e se afastou. Ele se aproximou mais, depois fingiu dormir. Antes de cochilar, ela decidiu continuar com aquele jogo por enquanto. Dar algum tempo e pensar, e ficar de olho naquelas mochilas.

O gatuno estava se mexendo de novo, agora se levantando lentamente e estendendo o braço para a pilha de lenha. Jogou duas achas no fogo, atiçou e sussurrou:

— Está acordada?

— Acho que sim — disse ela.

— Este lugar está congelando. — Ele estava de joelhos, levantando as cobertas e se enterrando de novo ao lado dela. — Vamos dormir um pouco mais — disse ele, tateando, procurando calor corporal. Ela respondeu algo aos resmungos, como se estivesse em coma. O fogo crepitava e estalava, o frio de repente tinha ido embora e Samantha enfim conseguiu dormir.

# 35

A previsão do tempo para a segunda-feira era de uma elevação de 12 graus e muito sol. O que restava da neve derretia rápido enquanto Samantha ia a pé para o trabalho. Dia 12 de janeiro, mas quase parecia a primavera. Ela destrancou a sala e passou pela rotina de início da manhã. O primeiro e-mail era de Izabelle:

*Oi, Sam,*

*Andy disse que fez contato, e você está* quase conosco. *Ele me fez prometer não falar no emprego e nos detalhes; medo de que a gente troque figurinhas e tente espremer dele um pacote melhor. Não posso dizer que senti muita falta dele. E você? Certamente não sinto falta da firma nem de Nova York e não sei se vou voltar. Disse a Andy que vou aceitar o emprego, mas estou pensando melhor. Não posso largar tudo e chegar lá em um mês. E você? Nem senti falta da emoção de ler e revisar contratos dez horas por dia. Preciso do dinheiro e tudo, mas estou sobrevivendo bem e gosto de verdade do trabalho. Como te falei, defendemos crianças que foram processadas como adultas e metidas em presídios para adultos. Nem te conto. O trabalho é fascinante e ao mesmo tempo deprimente, mas a cada dia sinto que estou fazendo uma pequena diferença. Tiramos um garoto da cadeia na semana passada. Os pais dele esperavam no portão e todos estavam aos prantos, inclusive eu. Para sua informação — um dos outros novos associados da Spane & Grubman é aquele bosta do Sylvio da tributária. Lembra dele? A pior halitose da firma inteira. O bafo dele derruba você do outro lado de uma mesa de reunião. E ele insiste em falar perto do seu nariz. E cospe também. Que nojo! Aliás — segundo fontes anônimas, um dos clientes cinco estrelas da Spane & Grubman será Chuck Randover, o grande fraudador que acha que só porque está te pagando novecentos dólares por hora tem o direito de passar a mão na sua bunda. Você conhece bem a peça.*

*Mas você não soube disso por mim, viu? Só quero te dizer que estou pensando duas vezes seriamente. E você?*

*Izzie*

Samantha riu ao ler o e-mail e rapidamente respondeu:

*Iz, não sei o que o Andy anda espalhando, nem dizendo, mas eu não disse sim. E se ele está botando o carro na frente dos bois e brincando com os fatos, isso me faz questionar tudo mais que ele diz. Não, não posso fazer as malas e sair daqui em um mês, não com a consciência limpa. Estou pensando em pedir uma data de início para daqui a alguns meses, digamos, em 1º de setembro.*

*Randover foi o único cliente que me fez chorar. Uma vez, numa reunião, ele me ridicularizou. Aguentei até poder entrar no banheiro. E aquele babaca do Andy ficou sentado lá, assistindo a tudo, sem pensar em proteger seu pessoal. De jeito nenhum. Ele não iria contrariar um cliente. Eu estava errada, mas foi um erro simples e inofensivo.*

*Alguma ideia de qual será o pacote?*

Izabelle respondeu:

*Eu jurei que não ia divulgar. Mas é impressionante.*
*Até mais.*



A primeira surpresa do dia chegou pelo correio. A Top Market Solutions mandou o cheque de 11.300 dólares, nominal a Pamela Booker, com os documentos necessários para ela assinar. Samantha fez uma cópia do cheque e pretendia emoldurar. Seu primeiro processo e sua primeira vitória. Mostrou-o com orgulho a Mattie, que sugeriu que ela fosse de carro à fábrica de luminárias e surpreendesse sua cliente. Uma hora depois, ela entrou na cidade de Brushy e encontrou o parque industrial quase vazio na periferia da cidade. Cumprimentou o Sr. Simmons e agradeceu novamente por ter recontratado Pamela.

No intervalo, Pamela bateu o ponto e chorou com o cheque. Nunca tinha

visto tanto dinheiro e parecia totalmente atônita. Elas estavam sentadas no carro de Samantha, no estacionamento, em meio a uma triste coleção de picapes antigas e importados pequenos e sujos.

— Nem sei o que fazer com isso — disse ela.

Como advogada multidotada de uma ONG, Samantha tinha um pequeno conselho financeiro.

— Bom, primeiro, não conte a ninguém. Ponto final. Abra a boca e você terá um monte de amigos novos. De quanto é a sua dívida do cartão de crédito?

— Dois mil.

— Pague a dívida, depois cancele seus cartões. Nada de dívidas por pelo menos um ano. Use dinheiro vivo e cheques, mas nada de cartão de crédito.

— Fala sério?

— Você precisa de um carro, então invista dois mil em um veículo e financie o resto por dois anos. Pague suas outras contas e coloque cinco mil em uma poupança, e esqueça do dinheiro.

— Quanto dele você vai receber?

— Nada. Não cobramos honorários, a não ser em casos raros. É todo seu, Pamela, e você merece cada centavo dele. Agora vá correndo ao banco antes que aqueles pilantras sustem o cheque. De lábios torcidos e lágrimas escorrendo pelo rosto, ela abraçou sua advogada.

— Obrigada, Samantha. Obrigada, muito obrigada.

Ao se afastar de carro, ela olhou pelo retrovisor. Pamela estava para¬da ali, olhando e acenando. Samantha não ia chorar, mas tinha um aperto na garganta.



A segunda surpresa do dia chegou durante o almoço de segunda-feira na ONG. Justo quando Barb contava a história de um homem que desmaiou na igreja na véspera, o celular de Mattie tocou na mesa ao lado da salada. Chamada desconhecida. Ela disse alô e uma voz estranhamente familiar, porém não identificada, disse:

— O FBI estará aí em trinta minutos com um mandado de busca. Faça backup de seus arquivos imediatamente.

Ela ficou de queixo caído enquanto a cor sumia do rosto.

— Quem é? — perguntou.

A ligação foi cortada. Ela repetiu calmamente a mensagem e todas

respiraram fundo, com medo. A julgar pela tática usada na batida no escritório de Donovan, era seguro supor que eles sairiam com tudo que pudessem carregar. A primeira medida frenética seria encontrar pen drives e começar a descarregar os dados importantes dos computadores.

— Estamos supondo que isso também tenha relação com a Krull Mining — disse Annette, olhando com desconfiança para Samantha.

Mattie esfregava as têmporas, tentando permanecer calma. — Não há nada mais. Os federais devem achar que temos alguma coisa porque sou advogada do espólio de Donovan. É bizarro, absurdo, ofensivo, não consigo pensar em adjetivos suficientes. Eu, nós não temos nada que eles já não tenham visto. Não há nada de novo.

Para Samantha, porém, a batida era muito mais ameaçadora. Ela e Jeff haviam deixado a Gray Mountain na manhã de domingo e ela supunha que as mochilas estivessem cheias de documentos. Mal se passaram 24 horas e o FBI já estava atacando, xeretando em nome da Krull Mining. Era uma operação de busca, mas também um ato de intimidação eficaz. Ela não falou nada, mas correu até sua sala e começou a transferir dados. As mulheres cochichavam enquanto corriam de um lado a outro.

Annette teve a brilhante ideia de sugerir que Barb saísse com os laptops. Explicariam que ela foi a Wise de carro para levar ao técnico. Barb pegou o equipamento e ficou muito feliz por partir da cidade. Mattie ligou para Hump, um dos melhores criminalistas da cidade, assegurou-se dos serviços dele na hora e pediu para aparecer depois que a busca começasse. Hump disse que não perderia aquilo por nada. Quando os pendrives estavam carregados, Samantha colocou tudo num envelope grande, junto com seu celular espião, e foi ao fórum.

No terceiro andar, o condado mantinha uma biblioteca de direito muito negligenciada que não via limpeza há anos. Ela escondeu o envelope numa pilha de *ABA Journals* empoeirados dos anos 1970 e correu de volta ao escritório.

Os agentes Frohmeyer e Banahan vestiam ternos escuros e lideravam a equipe destemida que invadiu os escritórios fortificados da Mountain Legal Aid Clinic. Outros três agentes — todos de parca azul-marinho com “FBI” em estêncil de um ombro a outro em caracteres amarelos, com o maior tamanho e nitidez possível — seguiam seus líderes. Mattie os recebeu na sala da frente com um:

— Ah, não, você de novo, não.

— Infelizmente sim. Aqui está o mandado de busca — disse Frohmeyer.

Ela o pegou. — Não tenho tempo para ler isso. Basta me dizer o que ele cobre.

— Todo e qualquer registro relacionado aos arquivos jurídicos dos

escritórios de advocacia de Donovan Gray e pertinentes a correspondência, litígio etc. relacionados com o que se conhece comumente como o caso Hammer Valley.

— Você pegou tudo isso da última vez, Frohmeyer. Ele morreu há sete semanas. Acha que ainda está produzindo papelada?

— Só estou obedecendo ordens.

— Tudo bem, tudo bem. Olha, Sr. Frohmeyer, os arquivos dele ainda estão lá, do outro lado da rua. O arquivo que tenho aqui é o do espólio. Não estamos envolvidas no litígio. Entendeu? Não é tão complicado assim.

— Tenho minhas ordens.

Hump fez uma entrada teatral, gritando:

— Eu represento a ONG. Mas que diabo significa tudo isso?

Annette e Samantha olhavam das portas abertas.

— Hump, este é o agente Frohmeyer, o líder deste pequeno batalhão — disse Mattie. — Ele acha que tem o direito de levar todos os nossos arquivos e computadores.

Annette de repente gritou: — Uma ova que vão levar. Não tenho uma só folha de papel em minha sala que seja remotamente relacionada com Donovan Gray ou qualquer um dos casos dele. O que eu tenho é um escritório cheio de arquivos confidenciais e casos envolvendo coisas como divórcio, maus-tratos infantis, abuso doméstico, paternidade, vício em drogas e reabilitação, incapacidade mental e uma lista longa e triste de infelicidade humana. E você não tem o direito de ver nada disso. Se tentar tocar em qualquer um deles, vou resistir com toda a força física que conseguir. Pode me prender, se quiser, mas garanto que a primeira coisa que verão amanhã de manhã sou eu entrando com processo federal com seu nome, Sr. Frohmeyer, e o nome de seus outros asseclas aí como réus. Depois disso, vou perseguir você até o inferno e na volta.

Era preciso muito para atordoar um cara durão como Frohmeyer, mas por um segundo seus ombros arriaram, um pouco. Os outros quatro ouviam de olhos arregalados e hesitantes. Samantha quase deu uma gargalhada. Mattie estava de fato sorrindo.

— Muito bem colocado, Sra. Brevard — disse Hump. — Isso resume muito bem nossa situação e será uma satisfação ligar agora mesmo para o procurador e esclarecer umas coisinhas.

— São mais de duzentos arquivos ativos e outros mil no depósito — disse Mattie. — Nada disso tem nenhuma relação com Donovan Gray e seus negócios. Quer realmente levá-los para seu escritório e olhar?

— É claro que você tem coisa melhor para fazer — rosnou Annette.

Hump ergueu as mãos e pediu silêncio. Frohmeyer enrijeceu as costas e

olhou feio para Samantha.

— Vamos começar por sua sala. Se encontrarmos o que procuramos, vamos pegar e sair.

— E o que seria isso?

— Leia o mandado de busca.

— Quantas pastas você tem, srta. Kofer? — perguntou Hump.

— Acho que 15.

— Tudo bem, vamos fazer assim — disse Hump. — Vamos colocar as pastas dela na mesa da sala de reunião e vocês dão uma olhada. Examinem a sala dela e procurem o que quiserem, mas antes que retirem qualquer coisa, vamos ter que conversar. Tudo bem?

— Vamos levar os computadores dela, desktop e laptop — disse Frohmeyer.

O interesse repentino pelos arquivos de Samantha confundiu Mattie e Annette.

Samantha deu de ombros, como se não tivesse a menor noção.

— Meu laptop não está aqui — disse ela.

— E onde está? — vociferou Frohmeyer.

— Com o técnico. Acho que tem algum bug.

— Quando foi para o técnico?

Hump ergueu a outra mão.

— Ela não precisa responder a essa pergunta. O mandado de busca não lhe dá o direito de interrogar possíveis testemunhas.

Frohmeyer respirou fundo, furioso por um segundo, depois abriu um sorriso débil. Acompanhou Samantha à sala e observou atentamente enquanto ela retirava suas pastas de um armário de excedente do exército.

— Belo lugar você tem aqui — disse ele como um verdadeiro idiota. — Não vai demorar muito para dar uma busca nesta sala.

Samantha o ignorou. Carregou suas pastas para a sala de reunião, onde Banahan e outro agente começaram a examinar. Voltou a sua sala e viu Frohmeyer fuçando devagar seus dois armários e as gavetas da mesa bamba. Ele tocou em cada folha de papel, mas não pegou nada. Ela o detestou por invadir seu espaço privado.

Um agente acompanhou Mattie à sala dela; outro seguiu Annette. Gaveta por gaveta, eles olharam todos os armários, mas não retiraram nada. Hump ia de uma porta a outra, observando e esperando uma altercação.

— Todos os laptops sumiram? — perguntou Frohmeyer a Hump quando terminou de vasculhar a sala de Samantha.

Annette ouviu a pergunta e respondeu: — Sim, mandamos todos eles juntos.

— Mas que conveniente. Voltaremos com outro mandado de busca.

— Divirta-se. Eles vasculharam centenas de pastas no arquivo morto. Três deles subiram ao sótão e retiraram registros que Mattie não via há décadas. A empolgação deu lugar à monotonia. Hump sentou-se na recepção e ficou jogando conversa fora com Frohmeyer enquanto as mulheres tentavam retornar telefonemas. Depois de duas horas, a busca perdeu o gás e os agentes saíram, levando nada além do computador desktop de Samantha.

Enquanto ela os observava partir, sentiu-se como a vítima impotente de um país atrasado em que a polícia usava de violência e não existiam direitos. Simplesmente estava errado. Ela era ameaçada pela polícia por sua associação com Jeff. Agora sua propriedade era confiscada e a confidencialidade dos clientes estava comprometida. Nunca se sentiu tão indefesa. A última coisa de que precisava era de um bom interrogatório nas mãos de Mattie e Annette. A essa altura, elas só podiam estar muito desconfiadas.

O quanto ela sabia do caso Krull? O que Jeff contou a ela? Ela viu algum documento?

Samantha conseguiu escapulir pela porta dos fundos e pegar os pendrives e o telefone espião na biblioteca de direito. Partiu para outro longo passeio de carro. Jeff não atendia ao telefone e isso a irritou. Naquele momento, ela precisava dele.

Mattie estava esperando quando ela voltou ao escritório ao anoitecer. Os laptops estavam de volta, a salvo e intocados.

— Vamos nos sentar na varanda e tomar uma taça de vinho — disse Mattie. — Precisamos conversar.

— Chester está cozinhando?

— Bom, nunca deixamos de jantar.

Elas deram uma boa caminhada à casa de Mattie e no caminho decidiram que estava frio demais para ficar na varanda. Chester estava ocupado em outro lugar, então elas estavam a sós. Sentaram-se na saleta e tomaram um ou dois goles antes de Mattie dizer:

— Agora, conte-me tudo.

— Está bem.

# 36

Quase na mesma hora, Buddy Ryzer estacionou sua picape em um mirante e andou duzentos metros por uma trilha até a área de piquenique. Sentou-se a uma mesa, pôs o cano de uma arma na boca e apertou o gatilho. Duas pessoas que acampavam encontraram seu corpo na noite de segunda-feira e chamaram a emergência. Mavis, que estava ao telefone há horas, recebeu a batida na porta. Os vizinhos em pânico acorreram; a casa ficou um caos. Samantha estava dormindo profundamente quando seu celular começou a vibrar. Ela não ouviu. Não fosse uma prisão, que necessidade alguém teria de ligar para o advogado no meio da noite de uma segunda-feira?

Ela verificou o celular às 5h30, logo depois de acordar numa névoa de lembranças da busca do FBI. Havia três chamadas perdidas de Mavis Ryzer, a última à 00h40. O recado numa voz trêmula dava a notícia. De repente, Samantha esqueceu o FBI.

Ela estava ficando cansada demais de todas essas mortes. A de Donovan ainda a assombrava. A de Francine Crump não foi prematura, mas suas consequências ainda causavam problemas. Dois dias antes, na Gray Mountain, Samantha viu novamente a cruz branca que marcava o local onde Rose tirou a própria vida. Ela jamais conheceu os meninos Tate, mas sentia uma ligação com sua tragédia. Pensava com frequência no pai de Mattie e em como o pulmão negro o matou. A vida podia ser difícil nos campos de carvão, e neste momento ela sentiu saudade das ruas agitadas de Nova York.

Agora seu cliente preferido estava morto e ela ia encarar outro funeral. Vestiu jeans e parca e saiu para dar uma caminhada. Enquanto o céu começava a clarear ela tremeu no frio e, mais uma vez, se perguntou o que exatamente fazia ali em Brady, Virginia. Por que estava chorando por um mineiro de carvão que só conheceu três meses antes? Por que não ia embora?

Como sempre, não havia respostas simples. Ela viu a luz da cozinha de Mattie e bateu na janela. Chester, de roupão, preparava o café. Ele abriu a porta para Samantha e foi buscar Mattie, que já devia estar acordada. Ela teve um choque com a notícia e por um bom tempo as duas advogadas ficaram sentadas na cozinha, tentando entender uma tragédia sem sentido.

Em algum lugar na pilha de documentos dos Ryzer, Samantha vira o pagamento de uma apólice de seguros de 50 mil dólares.

— Não existe exclusão para suicídio? — perguntou ela, aninhando a caneca

com as duas mãos.

— Em geral, sim, mas só mais ou menos no primeiro ano. Se não, uma pessoa poderia fazer uma apólice e pular de uma ponte. Se a apólice de Buddy é antiga, a exclusão provavelmente expirou.

— Então, parece que se matou pelo dinheiro.

— Quem sabe? Uma pessoa que comete suicídio não está raciocinando bem, mas desconfio de que vamos descobrir que a apólice de seguro teve peso na decisão. Ele não tinha emprego, não recebia benefício pela doença e suas magras economias acabaram. Isso, além de três filhos em casa e uma mulher sem trabalho. Ele enfrentaria anos de uma saúde ainda pior e o fim não seria bonito. Todo mineiro de carvão conhece uma vítima da doença.

— As coisas começam a fazer sentido.

— É verdade. Quer tomar o café da manhã, talvez uma torrada?

— Não, obrigada. Parece que eu ainda não saí daqui. Acho que não saí mesmo. — Enquanto Mattie completava o café das duas, Samantha disse: — Tenho uma hipótese para você. Pesada. Se Buddy tivesse um advogado dez anos atrás, o que teria acontecido com o caso dele?

Mattie mexeu um pouco de açúcar e franziu a testa enquanto refletia.

— Nunca se sabe, mas se supusermos que tivesse um advogado e que ele descobrisse os prontuários médicos que você descobriu, e que em algum momento levasse à atenção do tribunal a fraude da Casper Slate, então devemos acreditar que ele teria recebido atenção. Só estou especulando, mas tenho o pressentimento de que a Casper Slate teria agido rápido para manter seus crimes longe do tribunal. Eles teriam concordado com o pedido, levantado acampamento, por assim dizer, e Buddy receberia seus cheques.

— E ele não teria respirado mais poeira de carvão nos últimos dez anos.

— Talvez não. Os benefícios não são grande coisa, mas daria para viver.

Elas ficaram sentadas em completo silêncio por algum tempo, nenhuma das duas querendo falar ou se mexer. Chester apareceu na porta com uma caneca vazia, viu s duas petrificadas em profunda concentração e desapareceu sem fazer ruído. Por fim, Mattie empurrou a cadeira para trás e se levantou. Pegou o pão integral e colocou duas fatias na torradeira. Na geladeira, pegou manteiga e geleia. Depois de algumas dentadas, Samantha disse:

— Eu não quero ir ao escritório hoje. Parece violado, sabe? Levaram meu computador ontem, todos os meus arquivos foram pilhados. Jeff e Donovan achavam que o lugar estava grampeado. Preciso de um tempo.

— Tire um dia ou dois para você. Sabe que não nos importamos.

— Obrigada. Vou sair da cidade. Vejo você amanhã.



Ela saiu de Brady e dirigiu por uma hora antes de se permitir olhar o retrovisor. Ninguém, nada. Jeff ligou duas vezes, mas ela se recusou a atender.

Em Roanoke, ela seguiu para leste, afastando-se do vale do Shenandoah e do trânsito da interestadual. Com horas pela frente, ela trabalhou pelo telefone, organizando detalhes, contactando gente enquanto serpenteava pela Virginia central. Em Charlottesville, almoçou com uma amiga dos tempos da Georgetown. Às 17h50, assumiu seu lugar numa mesa de canto no bar do hotel Hay-Adams, a uma quadra da Casa Branca. Era preciso um território neutro.

Marshall Kofer chegou primeiro, às seis em ponto, elegante como sempre. Concordara prontamente com a reunião; Karen foi um pouco mais relutante. No fim, porém, a filha precisava de ajuda. Do que a filha realmente precisava era que os pais escutassem e dessem alguma orientação. Karen chegou apenas cinco minutos atrasada. Deu um abraço em Samantha, uma bitoca no rosto do ex-marido e se sentou. Um garçom pegou os pedidos de bebida. A mesa era afastada do bar, assim havia privacidade, pelo menos por enquanto. Samantha estaria encarregada da preleção — o show era dela — e não permitiria nem uma pausa canhestra enquanto os pais se sentavam juntos pela primeira vez em pelo menos 11 anos. Ela disse aos dois por telefone que não era um encontro social e muito menos uma iniciativa equivocada para resolver problemas antigos. Havia questões mais importantes a serem tratadas.

As bebidas chegaram e todos pegaram seus copos. Samantha agradeceu a eles pelo tempo que dedicaram, pediu desculpas pelo caráter súbito do convite, depois começou sua narrativa. Começou pelo litígio Hammer Valley, a Krull Mining, Donovan Gray e seu processo. Marshall já conhecia os fatos há algum tempo e Karen ouvira falar da maior parte pouco depois do Natal. Nenhum dos dois, porém, sabia dos documentos roubados e Samantha não poupou detalhes. Ela de fato supunha que ainda estavam enterrados no fundo da Gray Mountain. Ou pelo menos a maior parte deles. A Krull Mining estava atrás deles e agora o FBI fora arregimentado para fazer seu trabalho sujo. Ela confessou que estava vendo Jeff, mas garantiu-lhes que não era nada sério. Francamente, ela não devia explicação alguma a eles. Ambos fingiram desinteresse por seu novo relacionamento.

O garçom retornou. Pediram outra rodada e algo para beliscar. Samantha

descreveu sua reunião em Nova York com Jarrett London e as tentativas dele de pressioná-la, junto com Jeff, a entregar os documentos o quanto antes. Ela admitiu que se sentiu sugada para uma atividade que, se não era ilegal, claramente era questionável. Agora ela foi alvo de uma batida do FBI que, embora equivocada, certamente foi dramática e assustadora. Pelo que ela sabia, o procurador de West Virginia estava à frente da investigação e evidentemente estava convencido de que a Krull Mining era vítima de roubo e conspiração. Devia ser o contrário, argumentou ela. A Krull Mining era a parte culpada e devia ser levada à justiça.

Marshall concordou de todo coração. Fez algumas perguntas, todas relacionadas ao procurador e ao procurador-geral. Karen foi cautelosa em seus comentários e perguntas. O que Marshall estava pensando, mas jamais diria, era que Karen muito provavelmente havia usado sua considerável influência para mandá-lo para a cadeia uma década antes. Com uma influência dessas, por que não podia ajudar a filha agora?

Chegou um prato de queijo, mas eles o ignoraram. Os pais concordaram que ela não devia tocar nos documentos. Jeff que corresse o risco, se assim decidisse, mas ela devia deixá-los quietos. Jarrett London e seu bando de litigantes tinham cérebro e dinheiro para lidar com o trabalho sujo, e se os documentos eram valiosos como eles acreditavam, pensariam num jeito de desmascarar a Krull Mining. Você pode fazer o FBI recuar?, perguntou Samantha à mãe. Karen disse que daria sua atenção imediata a isso, mas alertou que tinha pouca influência com aqueles homens. Uma ova que você não pode, Marshall quase resmungou. Ficou na prisão por três anos e pensou em formas de retaliação contra a ex-mulher e os colegas dela. Com o tempo, porém, aceitou a realidade, de que seus problemas foram causados por sua própria ganância.

Você não pensou em simplesmente ir embora?, perguntou a mãe. Fazer as malas e dar o fora? Chamar tudo isso de uma aventura e voltar correndo para Nova York? Você deu seu melhor e agora tem o FBI fungando no seu cangote. O que está fazendo naquele lugar?

Marshall pareceu concordar com essa linha de questionamento. Ele cumprira pena com alguns caras de colarinho-branco que, tecnicamente, não infringiram nenhuma lei. Se os federais quiserem pegar você, vão achar um jeito de fazer isso. A conspiração era uma das atividades preferidas deles.

Quanto mais Samantha falava, mais tinha vontade de falar. Não conseguia se lembrar da última vez em que teve a completa atenção dos pais. Na verdade, nem sabia se isso um dia aconteceu. Talvez quando bebê, mas quem se lembra disso? E, ao ouvirem suas preocupações e problemas, os pais pareciam se esquecer dos próprios e se uniram para apoiá-la. O passado foi deixado para trás,

pelo menos por ora.

Por que ela se sentia compelida a ficar “naquele lugar”? Ela respondeu contando a história de Buddy Ryzer e seu pedido de benefício por pulmão negro. A garganta de Samantha apertou quando ela contou do suicídio, 24 horas antes. Ela iria ao enterro, em uma igreja bonita no interior, e assistiria de longe enquanto a pobre Mavis e os três filhos se desmanchavam em angústias. Se eles tivessem um advogado na época, as coisas teriam sido diferentes. Agora que tinham uma, ela não podia fazer as malas e fugir quando a pressão aumentava. E havia outros clientes, outras pessoas com pouca voz, que precisavam dela por pelo menos alguns meses para buscar alguma justiça.

Ela contou da oferta de emprego de Andy Grubman. Marshall, como era de se prever, não gostou da ideia e se referiu à proposta como “só uma versão enfeitada do mesmo direito corporativo de sempre”. O mesmo “empurre a papelada numa mesa e não tire o olho do relógio”. Ele alertou que a firma ficaria cada vez maior e em breve seria idêntica à Scully & Pershing. Karen achava esse emprego muito mais atraente do que ficar em Brady, Virginia. Samantha confessou que tinha sentimentos confusos a respeito da oferta, mas, na realidade, esperava dizer sim em algum momento.



Jantaram no restaurante do hotel, salada, peixe e vinho, até a sobremesa e o café. Samantha falou tanto que ficou exausta, mas deixou que seus temores fossem ouvidos pelos pais e o alívio foi enorme. Não foi tomada nenhuma decisão clara. Nada foi de fato resolvido. O conselho deles foi previsível, mas o ato de falar sobre tudo foi terapêutico. Samantha tinha um quarto naquele hotel. Marshall tinha um carro com motorista e ofereceu uma carona a Karen para casa. Quando eles se despediram no saguão do hotel, Samantha tinha lágrimas nos olhos ao ver os pais saírem juntos.

# 37

Seguindo instruções, estacionou na Church Street, sul de Lynchburg, Virginia, e caminhou duas quadras até a rua principal. O trânsito do meio-dia era pesado na parte antiga da cidade. O rio James podia ser visto ao longe. Ela estava certa de que alguém observava e tinha esperança de que fosse Jeff. A reserva no RA Bistrô estava em seu nome, de novo, de acordo com as instruções. Ela pediu à recepcionista uma mesa no fundo e ali se sentou exatamente ao meio-dia da quarta-feira, 14 de janeiro. Pediu um refrigerante e começou a mexer no celular. Também ficou de olho na porta enquanto a turma do almoço chegava aos poucos. Dez minutos depois, Jeff apareceu do nada e se sentou de frente para ela. Eles se cumprimentaram.

— Fui seguida? — ela perguntou.

— O pressuposto é sempre esse, não? Como foi em Washington?

— Tive um jantar delicioso com meus pais, pela primeira vez na história contemporânea. Na realidade, não consigo me lembrar da última vez que nós três fizemos uma refeição juntos. É muito triste, não acha?

— Pelo menos você tem os dois pais. Falou com sua mãe sobre a batida do FBI?

— Falei e pedi a ela para dar um ou dois telefonemas. Ela dará, mas não sabe o que vai acontecer.

— Como está Marshall?

— Bem, obrigada, manda lembranças. Tenho algumas perguntas para você. Foi você que ligou para o escritório na segunda-feira e nos avisou da vinda do FBI?

Jeff sorriu e virou a cara, e foi um daqueles momentos em que ela teve vontade de gritar com ele.

Ela sabia que ele não responderia à pergunta.

— Tudo bem — disse Samantha. — Soube de Buddy Ryzer?

Ele franziu o cenho. — Soube. Que coisa horrível. Outra baixa na guerra do carvão. É péssimo que a gente não consiga encontrar um advogado disposto a pegar a Lonerock Coal e os pilantras da Casper Slate.

— Isso foi uma indireta para mim?

— Não, não foi.

Um garçom simpático passou por ali, falou do especial do dia e desapareceu.

— Terceira pergunta — disse Samantha.

— Por que estou sendo interrogado? Eu tinha em mente um almocinho agradável bem longe do tédio de Brady. Você parece muito tensa.

— Quantos documentos você retirou da Gray Mountain? Estivemos lá no fim de semana. Acordei às 4h40 da manhã de domingo e você tinha desaparecido. Por um minuto, entrei em pânico. Você voltou de mansinho lá pelas cinco, ficou todo carinhoso como se nada tivesse acontecido. Eu vi as mochilas, as três. Você ficou trocando as mochilas de lugar, e elas estavam visivelmente mais pesadas quando fomos embora. Seja franco comigo, Jeff. Eu sei demais.

Ele respirou fundo, olhou em volta e estalou os nós dos dedos.

— Cerca de um terço e preciso pegar o resto.

— Para onde os está levando?

— Quer mesmo saber?

— Quero.

— Digamos que estão bem escondidos. Jarrett London precisa dos documentos, todos eles, o quanto antes. Ele os apresentará ao fórum e assim estarão em segurança. Preciso de sua ajuda para retirá-los da Gray Mountain.

— Eu sei, Jeff, eu sei. Não sou burra. Você precisa de mim como cobertura, uma mulher para colocar perto da lareira durante longos fins de semana românticos na propriedade. Uma mulher, qualquer uma serve, assim os bandidos imaginarão que só estamos andando de caiaque e fazendo churrasco na varanda, um casal de pombinhos trepando nas longas noites de inverno enquanto você escapole pela mata com os arquivos.

Ele sorriu. — Chegou bem perto, mas não serve qualquer mulher, sabia? Você foi escolhida a dedo.

— Sinto-me honrada.

— Se você me ajudar, podemos pegá-los neste fim de semana e acabar com isso.

— Não vou tocar nesses documentos, Jeff.

— Não precisa fazer isso. Seja apenas a mulher. Eles sabem quem você é. Estão te vigiando também. Eles pegaram seu rastro três meses atrás, quando você chegou à cidade e começou a andar com Donovan.

As saladas chegaram e Jeff pediu uma cerveja. Depois de várias garfadas, voltou a falar.

— Por favor, Samantha. Preciso de sua ajuda.

— Não sei se entendo você. Por que não pode simplesmente ir lá esta noite, ou amanhã à noite, sozinho, pegar os documentos e levá-los ao escritório de Jarrett London em Louisville? Por que é tão complicado?

Outro revirar dos olhos, outro olhar em volta, procurando quem estivesse

ouvindo, mais uma garfada na salada.

— O motivo é que é arriscado demais. Eles estão sempre vigiando, ainda não entendeu?

— Neste exato momento estão vigiando você?

Ele coçou o queixo e pensou na pergunta.

— Provavelmente sabem que estou em algum lugar em Lynchburg, Virginia. Talvez não saibam exatamente onde, mas eles seguem a pista. Lembre-se, Samantha, eles têm todo o dinheiro do mundo e fazem as próprias regras. Imaginam que eu sou a conexão com os documentos. Não conseguem encontrá-los em outro lugar, então, se custar uma fortuna me seguir, vamos nessa. — A cerveja chegou e ele tomou um gole. — Se vou a Gray Mountain nos fins de semana com você, eles não ficam desconfiados, e por que ficariam? Um casal de 30 e poucos anos em uma cabana no fundo da mata, só trepando um pouco, como você diz. Sei que estão por perto, mas tem sentido a nossa presença lá. Por outro lado, se eu for sozinho, o radar deles vai disparar. Podem provocar um encontro, algo feio, para ver o que estou fazendo. Nunca se sabe. É um jogo de xadrez, Samantha, eles tentam prever o que farei, eu tento ficar um passo à frente deles. Tenho a vantagem de conhecer meu movimento seguinte. Eles têm a vantagem do poder ilimitado. Se um dos lados cometer um erro, alguém vai se machucar. — Ele tomou outro gole e olhou um casal lendo o cardápio a três metros dali. — Vou te contar. Estou cansado. Cansado de verdade, exausto, perdendo o gás, entendeu? Preciso me livrar dos documentos antes de fazer alguma besteira devido à fadiga.

— O que você está dirigindo agora?

— Um Fusca alugado em Roanoke. Quarenta paus em dinheiro por dia, mais combustível e quilometragem. Bonitinho.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar. — Eles sabem que eu estou aqui?

— Não sei o que eles sabem, mas estou supondo que estão seguindo você. E vão continuar a monitorar nós dois até que os documentos sejam revelados. Não tenho certeza disso, mas aposto todo o dinheiro que tenho.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Não seja ingênua, Samantha. Há muita coisa em jogo.



Quando ela entrou em sua sala às 17h20, seu computador estava na mesa,

exatamente onde estivera antes de ser levado pelo FBI na segunda. O teclado e a impressora estavam em seu lugar; todos os cabos correndo por onde deviam correr. Enquanto ela olhava fixamente, Mattie entrou pela porta.

— Surpresa, hein?

— Quando foi que isso voltou?

— Há uma hora. Um dos agentes trouxe. Acho que perceberam que não tinha nada aí. Ou isso, ou Karen Kofer tinha mais amigos do que admitia.

Samantha queria telefonar para a mãe, mas, em sua paranoia atual achou melhor esperar.

— O funeral de Ryzer será sexta à tarde — disse Mattie. — Quer ir de carona comigo?

— Claro. Obrigada, Mattie.

# 38

*Olá, Sam*
*16/1/09*

*Estou meio confuso, não sei por que você acha que tem direito de veto na contratação de seus futuros colegas da Spane & Grubman. Da mesma forma, estou aturdido com suas preocupações com possíveis clientes que a firma possa atrair. Parece que o rumo mais inteligente para nós agora é simplesmente trazer você como sócia sênior e sair de seu caminho. Quer uma sala de canto? Carro com motorista?*

*Não, não podemos esperar você até 1º de setembro. Abrimos as portas daqui a seis semanas e as coisas já estão meio caóticas. A notícia se espalhou e estamos sendo inundados. Oito associados assinaram e temos dez ofertas pendentes, inclusive a sua. O telefone toca sem parar, jovens advogados desesperados por um emprego — embora poucos tão talentosos quanto você.*

*A oferta: 150 mil por ano e todos os benefícios de sempre. Férias pagas de três semanas que insistirei para que você tire. A estrutura da firma é uma obra em progresso, mas lhe garanto que cumpriremos mais promessas do que qualquer megafirma.*

*Podemos esperar até 1º de maio sua grandiosa chegada, mas ainda preciso de uma resposta no fim deste mês.*

*Beijos,*
*Andy*



Mattie previa casa cheia e tinha razão. Durante a viagem de carro a Madison, ela tentou explicar por que os funerais em áreas rurais, em particular os de dedicados frequentadores da igreja, atraíam grandes multidões. Sem nenhuma ordem de importância, os motivos de Mattie eram (1) os funerais são importantes serviços religiosos, quando os vivos se despedem dos que partiram,

que naquele momento já estão no paraíso amealhando recompensas; (2) existe uma tradição antiga e inabalável de que as pessoas corretas e de boa criação prestam seus respeitos às famílias; (3) o pessoal do campo em geral sofre de tédio e procura o que fazer; (4) todos querem ter uma multidão em seu próprio funeral, então é melhor participar do dos outros enquanto puder; (5) sempre tem muita comida. E assim por diante. Mattie explicou que uma morte impactante como a de Buddy era garantia de atrair uma multidão. As pessoas querem ter algum papel na tragédia. Também querem o disse me disse. Ela também tentou explicar as teologias em conflito por trás do suicídio. Muitos cristãos o consideram um pecado imperdoável. Outros acreditam que nenhum pecado é imperdoável. Seria interessante ver como o pregador lidou com a questão. Quando enterraram sua irmã Rose, a mãe de Jeff, o suicídio sequer foi mencionado. E por que seria? Já havia angústia suficiente sem isso. Todo mundo sabia que ela tinha se matado.

Elas chegaram à Igreja Batista Missionária de Cedar Grove meia hora antes e mal conseguiram chegar à porta. Um funcionário abriu espaço para elas na terceira fila a partir do fundo. Minutos depois, todos os lugares estavam ocupados e as pessoas começavam a se colocar junto às paredes. Por uma janela, Samantha via os recém-chegados sendo orientados ao salão de confraternização, lugar em que ela se reunira com Buddy e Mavis depois da morte de Donovan. Quando o órgão começou a tocar, a multidão se aquietou e ficou na expectativa. Às quatro e dez, o coro ficou atrás do púlpito e o pregador tomou seu lugar. Houve uma comoção na porta. Ele ergueu as mãos e disse: — Todos de pé.

Os carregadores empurraram o caixão pela nave central, lentamente, para que todos pudessem ver. Felizmente, estava fechado. Mattie disse que estaria, considerando o ferimento. Atrás dele, Mavis era amparada pelo filho, o mais velho, e eles andavam juntos, angustiados, arrastando os pés. Eram seguidos pelas duas meninas, Hope, de 14 anos, e Keely, de 13. Por esses mistérios da adolescência, Hope, apenas dez meses mais velha, era pelo menos trinta centímetros mais alta do que Keely. Ambas choravam enquanto sofriam seu primeiro ritual doloroso.

Mattie tentou explicar que grande parte do que elas estavam prestes a ver era programado para aumentar o drama e o luto. Seria o último adeus de Buddy, e eles dariam a isso toda a emoção possível.

O resto da família entrou numa formação frouxa — irmãos, irmãs, primos, tias e tios. As duas primeiras filas dos dois lados da nave central eram reservadas à família e, quando eles tomaram seu lugar, o órgão soava a todo o volume, o coro cantava alto e as pessoas acompanhavam em toda a igreja.

A cerimônia foi uma maratona de uma hora e quando acabou nenhuma

lágrima ficou sem ser derramada. Todas as emoções foram gastas. Os enlutados deram tudo de si. Samantha não chorou, mas ainda assim estava esgotada. Não conseguia se lembrar da última vez em que quis tanto fugir de um lugar. Porém, andou com o resto da multidão ao cemitério, atrás da igreja, onde Buddy teria seu descanso em meio a extensas orações e uma versão lacrimogênea de *How Great Thou Art*. O solo do barítono foi a capela, e profundamente comovente. Samantha ficou assombrada com ele e enfim teve de enxugar uma lágrima.

Para cumprir a tradição, a família continuou em suas cadeiras junto à sepultura enquanto todos se aproximavam para dar uma ou duas palavras de conforto. A fila se enroscou pela tenda e andava lentamente. Mattie disse que era melhor que elas não se afastassem. Assim, avançaram aos poucos, em fila única, com centenas de completos estranhos, esperando para apertar a mão de Mavis e dos filhos, que agora já choravam há horas.

— O que devo dizer? — cochichou Samantha a Mattie ao se aproximarem do túmulo.

— Diga apenas: "Deus te abençoe" ou coisa parecida e continue andando.

Samantha disse isso primeiro às crianças, mas quando Mavis ergueu os olhos e a viu, voltou a cair em prantos e avançou para ela num abraço de urso.

— Essa é a nossa advogada, meninos, a srta. Samantha, aquela que eu falei — disse Mavis num volume alto. Mas os filhos estavam entorpecidos demais para se importar. Queriam ir embora mais do que Samantha.

Mavis disse: — Por favor, fique e jante conosco. Vamos conversar depois.

— Claro — disse Samantha, porque não havia mais o que dizer. Enquanto era libertada do abraço e saía da tenda, Mavis soltou outro grito de lamentação.

O jantar era o "trivial batista", como chamou Mattie, no salão de confraternização. Mesas compridas estavam cobertas de panelas e sobremesas, e a multidão parecia ficar ainda maior enquanto começaram duas filas no bufê. Samantha não tinha apetite e não conseguia acreditar que ainda estava ali. Viu a horda atacar comida e observou, consigo mesma, que a maioria podia se permitir pular uma ou duas refeições Mattie trouxe seu chá gelado em um copo plástico e elas bolaram formas de partir respeitosamente. Porém, Mavis as havia visto e elas prometeram ficar.

A família continuou junto à sepultura até o caixão ser baixado. Estava escuro e o jantar bem avançado quando Mavis e os filhos entraram no salão. Receberam uma mesa preferencial em um canto e pratos de comida foram levados a eles. Quando Mavis viu Samantha e Mattie, acenou para que se aproximassem e insistiu que se sentassem com a família. Um piano tocava suavemente ao fundo e o jantar se arrastava à medida que as pessoas iam embora, paravam para dar uma última palavra a Mavis, que não tocou na comida. Ainda chorava vez por outra,

mas agora havia alguns sorrisos, até um riso, quando alguém se lembrou de uma história engraçada de Buddy.

Samantha estava mexendo em uma fatia de bolo vermelho, tentando mordiscar o suficiente para ser educada ao mesmo tempo que procurava evitá-lo inteiramente, quando Keely, a menina de 13 anos, sentou-se na cadeira ao seu lado. Tinha cabelo castanho-arruivado curto e muitas sardas, e seus olhos pequenos estavam vermelhos e inchados da provação. Ela conseguiu abrir um sorriso, com uma falha nos dentes, mais adequado a uma menina de 10 anos.

— Meu pai gostava muito de você — disse ela.

Samantha hesitou por um segundo. — Ele era um homem muito bom.

— Segura a minha mão? — perguntou ela, estendendo-a.

Samantha a pegou e sorriu para a menina. Todos os outros à mesa ou estavam falando, ou comendo.

— Meu pai disse que você foi a única advogada com coragem suficiente para brigar com as mineradoras.

Quase de língua presa, Samantha conseguiu responder: — Bom, foi muita bondade dele dizer isso, mas existem outros advogados bons.

— Sim, senhora, mas meu pai gostava mais de você. Ele disse que torcia para você não voltar para Nova York. E disse que, se ele tivesse te encontrado dez anos atrás, não estaríamos nessa embrulhada.

— Mais uma vez, foi muita bondade da parte dele.

— Vai ficar e nos ajudar, não vai, dona Sam? — Ela apertava com mais força ainda, como se pudesse manter Samantha fisicamente próxima para sua proteção.

— Ficarei o tempo que puder.

— Tem que nos ajudar, dona Sam. A senhora é a única advogada que vai nos ajudar, era o que papai dizia.

# 39

Uma forte chuva de meio de semana escorreu para os rios e os regatos de Curry County, e o Yellow Creek subiu o suficiente para a canoagem. Estava quente para meados de janeiro e Samantha e Jeff passaram a maior parte da tarde de sábado subindo e descendo o rio em duelos de caiaque, esquivando-se de rochedos, flutuando em águas paradas e evitando acidentes. Armaram uma fogueira em um banco de areia e prepararam cachorro-quente para o almoço tardio. Lá pelas quatro, Jeff achou que deviam voltar para a cabana, que ficava a uns oitocentos metros correnteza acima. Quando chegaram, estavam exaustos. Sem perder tempo, Jeff pegou as três mochilas e o rifle.

— Me dê trinta minutos — disse ele e desapareceu para a Gray Mountain. Samantha colocou uma acha de lenha no fogo e decidiu esperar na varanda. Levou um cobertor para fora, acomodou-se debaixo dele e tentou ler um romance. Viu dois cervos se aproximarem da água rasa do riacho e beber. Eles partiram e desapareceram na mata. Se tudo saísse como planejado, ela e Jeff partiriam depois do pôr do sol. No jipe — o Cherokee de Donovan —, eles estariam de posse de todos os documentos restantes da Krull Mining. Jeff estimava que o peso era de uns cinquenta quilos. Eles os levariam a um local que ele ainda não revelara. Quanto menos dissesse a ela, menos cúmplice ela seria. Não é?

Samantha não tinha tanta certeza. Ele prometera que ela não tocaria nos documentos e com sorte nem mesmo os veria. Se de algum modo fossem apanhados, agora ou depois, ele assumiria toda a culpa. Ela relutou em ajudar, mas também estava ansiosa para encerrar aquele complicado capítulo de sua vida e seguir adiante.

Dois tiros de rifle soaram de repente e ela se ergueu num pulo, assustada. Depois mais dois! Vinham de um local pouco além da cordilheira, vinham da Gray Mountain. Ela ficou em pé na varanda olhando na direção do som dos tiros. Mais um, num total de cinco disparos, depois nada além do silêncio.

Ela ouvia seu coração aos saltos, mas, tirando isso, a quietude era completa. Cinco minutos se passaram, depois dez. Quinze. Ela segurava o celular, mas não havia sinal. Minutos depois, Jeff saiu da mata, não na trilha, mas da floresta densa. Andava o mais rápido que podia, carregando as três mochilas. Ela correu ao encontro dele e pegou uma delas.

— Você está bem?

— Estou ótimo — disse ele, depois ficou em silêncio enquanto eles jogavam as mochilas na varanda. Ele se sentou na escada, respirando pesado, quase ofegante. Ela lhe deu uma garrafa de água.

— O que aconteceu?

Ele bebeu a água e jogou um pouco no rosto.

— Enquanto eu saía da caverna, vi dois brutamontes, os dois com rifles. Tinham me seguido, então acho que me viram. Fiz barulho. Eles se viraram e atiraram, mas erraram. Atingi um deles na perna e assustei o outro.

— Você atirou num homem!

— É claro que atirei. Quando eles têm armas, é melhor atirar do que ser baleado. Acho que ele está bem, mas não ligo. Ele gritou e o amigo o arrastava quando olhei pela última vez. — Ele bebeu mais água enquanto sua respiração voltava ao normal. — Eles vão voltar. Aposto que foram chamar ajuda e há outros brutamontes a caminho.

— O que vamos fazer?

— Vamos dar o fora daqui. Eles estavam perto demais da caverna, podem ter me visto entrar. Posso pegar tudo em mais uma viagem.

— Está escurecendo, Jeff. Não pode voltar lá.

Ele não ouviu nada, apenas resmungou.

— Temos que trabalhar rápido.

Ele se levantou de um salto, pegou duas mochilas e apontou a terceira.

— Pegue aquela. — Dentro da cabana, ele abriu o zíper, retirou cuidadosamente pilhas de papel e colocou na mesa da cozinha. Dois *coolers* de piquenique vazios estavam em um canto desde a primeira visita de Samantha. Ele os virou e abriu. De um bolso interno do colete, pegou uma pistola preta e colocou na mesa. Segurou os ombros de Samantha e disse:

— Escute bem, Samantha, assim que eu sair, coloque os documentos nestes *coolers*. Tem um rolo de fita adesiva aí dentro, cuide para que estejam bem lacrados. Voltarei em uma hora.

— Tem uma arma na mesa — disse ela, de olhos arregalados.

Ele a pegou. — Sabe atirar?

— É claro que não. E não vou fazer isso agora.

— Vai fazer, se precisar. Olha, é uma Glock automática 9 milímetros. Está destravada, pronta para atirar. Tranque a porta depois que eu sair e fique sentada aqui no sofá. Se alguém aparecer e tentar entrar, você não tem alternativa senão apertar esse gatilho pequeno. Você pode fazer isso.

— Quero ir pra casa.

— Coragem, Samantha, ok? Você pode fazer isso. Estamos quase acabando e depois vamos embora.

Ele inspirava confiança. Quer fosse loucura, bravura, amor pela aventura ou uma onda de adrenalina, ele era determinado e autoconfiante e fez com que ela acreditasse que podia guardar o forte. Se ele era ousado o bastante para voltar à Gray Mountain ao anoitecer, o mínimo que ela podia fazer era ficar junto à lareira segurando a arma. O mínimo que ela podia fazer? Por que mesmo ela estava ali?

Ele lhe deu um beijo no rosto. — Estou saindo. Seu telefone tem algum sinal?

— Não. Nenhum.

Ele pegou as mochilas vazias e o rifle e saiu da cabana. Ela ficou na varanda, vendo-o desaparecer na mata, e balançou a cabeça para a coragem dele. Donovan sabia que morreria jovem. E Jeff? Depois que você aceita a morte, é mais fácil mergulhar na escuridão? Ela jamais saberia.

Dentro da cabana, ela pegou cautelosamente a Glock e colocou na bancada. Olhou fixamente os documentos e, por uma fração de segundo, ficou tentada a passar os olhos em pelo menos alguns. Por que não, depois de toda a controvérsia? Mas sua curiosidade passou rapidamente e ela os colocou nos *coolers*. Mal cabiam e enquanto ela se atrapalhava com a fita adesiva, ouviu dois tiros ao longe.

Ela esqueceu a Glock e correu para a varanda. Depois de alguns segundos, houve um terceiro tiro, em seguida um grito de natureza indistinguível. Nas circunstâncias, ela estava quase certa de que era o som de um homem sendo atingido por um disparo, mas não tinha nenhuma experiência nessas situações. Com o passar dos segundos, convenceu-se de que foi Jeff o baleado. Emboscado pelos brutamontes ou capangas de apoio, o que fosse. Ela partiu pelo riacho, seguindo a trilha em que o vira desaparecer. Parou por um segundo e pensou na arma, depois continuou andando. Não valia a pena morrer pelos documentos, não quando sua vida estava em jogo. Se os bandidos a pegassem, ela apostava que não a matariam. Pelo menos não desarmada. Se entrasse na mata atirando, não duraria três segundos. E que valor teria ela num tiroteio? Não, Samantha, as armas não são a sua praia. Deixe a Glock na cabana. Deixe ali, com todos aqueles malditos documentos, e deixe que os brutamontes peguem tudo. Viva outro dia e logo você estará de volta a Nova York, que é seu lugar.

Ela estava na margem da mata, encarando a escuridão. Ficou paralisada e apurou o ouvido. Nada. Chamou baixinho: “Jeff. Jeff. Você está bem?”

Jeff não respondeu. Um pé seguiu lentamente o outro. Quatro metros para dentro, ela chamou novamente. Mais para dentro da mata, ela não conseguia enxergar a abertura nas costas. Tentar encontrar Jeff ou qualquer outro, ou qualquer coisa em particular naquele momento na mata era uma ideia ridícula.

Ela não estava obedecendo às ordens. Devia ficar dentro da cabana trancada e proteger as coisas. Deu meia-volta e correu, saindo da mata. Algo estalou alto atrás dela e ela arquejou. Olhou para trás, não viu nada e andou ainda mais rápido. Fora da mata, o céu clareou um pouco e ela distinguia a cabana a uns cem metros. Seguiu o riacho até chegar à varanda a toda velocidade. Sentou-se na escada, recuperando o fôlego, olhando a trilha, rezando por um milagre.

Entrou, trancou a porta, acendeu um lampião e quase desmaiou. Os *coolers* tinham desaparecido, assim como a Glock.



Ouviu barulho na varanda, passos pesados, sacos sendo largados, a tosse de um homem. Ele tentou abrir a porta, sacudiu-a, gritou:

— Samantha, sou eu. Abra!

Ela estava enrolada num cobertor velho, encolhida num canto, armada apenas com o atiçador da lareira e pronta para usá-lo, se necessário, numa luta até o fim.

Ele encontrou uma chave e entrou de rompante. — Mas que merda! — exclamou ele.

Ela baixou o atiçador e começou a chorar.

Ele correu até ela. — O que houve?

Ela contou. Ele manteve a frieza e se limitou a dizer: — Vamos sair daqui. Agora!

Ele jogou água na lareira, apagou o lampião e trancou a porta.

— Pegue esta — disse ele, apontando uma mochila. Jogou outra nas costas, pendurou a terceira no ombro e estava com o rifle em posição. Ele transpirava, estava agitado e gritou: — Venha comigo!

Como se ela pudesse escolher outro curso de ação. Eles foram para o jipe que, como todo o resto, ficara perdido na noite. Da última vez que Samantha vira o celular, eram 19h05. A trilha era reta e minutos depois eles estavam na abertura. Jeff ligou a chave e os faróis do jipe acenderam. Ele abriu a mala e enquanto ambos jogavam as mochilas, Samantha viu os dois *coolers*.

— Mas o quê?

— Entre. Vou explicar. — Enquanto se afastavam, Jeff apagou os faróis e seguiu lentamente pela estrada de cascalho. — É uma manobra tática básica. Os mocinhos estão no local em missão. Eles sabem que os bandidos estão

observando e seguindo. O que os bandidos não sabem é que os mocinhos têm uma equipe de apoio que está vigiando e seguindo os bandidos, uma espécie de anel de segurança.

— Outra coisa que não ensinam na faculdade de direito — murmurou ela.

Uma luz amarela faiscou duas vezes na frente deles e Jeff parou o jipe.

— Aqui está nossa equipe de apoio.

Vic Canzarro abriu uma porta traseira e entrou. Sem cumprimentos, sem oi, nada além de: — Boa jogada, Sam, por que você saiu da cabana?

— Não enche o saco — berrou Jeff por sobre o ombro. — Viu alguma coisa?

— Não. Vamos!

Jeff acendeu os faróis e eles estavam de novo em movimento, agora muito mais rápido, e logo havia uma estrada rural pavimentada. O medo desaparecia, substituído por certo alívio. Cada quilômetro os levava para mais longe, pensavam eles. Cinco minutos se passaram sem que ninguém dissesse nada.

Vic mandava uma mensagem de texto, o rifle ainda no colo. Por fim, Jeff perguntou calmamente a Samantha:

— Por que você saiu da cabana?

— Porque ouvi tiros e pensei ter ouvido alguém gritar. Achei que você estava ferido, então entrei em pânico e fui até a trilha.

— Mas o que foram os tiros? — Vic gritou do banco de trás.

Jeff começou a rir e se divertia muito consigo mesmo.

— Bom, eu estava correndo pela mata, na maior escuridão, sabe como é, e topei com um urso preto. Dos grandes. Eles hibernam nessa época do ano, então estão praticamente em morte cerebral. Esse carinha não era muito rápido, mas ainda assim nervoso. Ficou ofendido porque deu com um invasor em seu território. Conversamos, ele não se mexeu, não tive alternativa senão atirar nele.

— Você atirou no urso?

— Sim, Samantha, também atirei num ser humano, embora desconfie que ele esteja bem.

— Não se preocupa com a polícia?

Vic deu uma gargalhada enquanto abria uma fresta da janela e acendia um cigarro.

— Nada de fumar aqui dentro — disse Jeff.

— Claro, claro.

Jeff olhou para Samantha.

— Não, querida, não estou preocupado com a polícia, nem com o xerife, nem com ninguém, não por atirar em um criminoso armado que estava me seguindo em minhas próprias terras. Aqui são os Apalaches. Nenhum policial vai investigar e nenhum promotor vai processar, porque nenhum júri condenará.

— O que vai acontecer com o sujeito?

— Acho que ele terá uma perna ferida. Ele teve sorte. A bala podia pegá-lo no meio dos olhos.

— Fala como um atirador de elite.

— Ele vai aparecer num pronto-socorro com uma história inventada qualquer — disse Vic.

— Pegou tudo?

— Cada folha de papel. Cada papel confiscado com tanta habilidade por meu irmão morto.

— Donovan ficaria orgulhoso de nós — disse Vic.



Na cidade de Big Stone Gap, eles entraram em uma Taco Bell e esperaram no *drive-thru*. Jeff pediu comida e bebidas e, enquanto ele pagava, Vic abriu a porta e saiu.

— Vamos para Bristol — disse ele.

Jeff assentiu, como se isso fosse esperado. Ele observou atentamente enquanto Vic abria a porta de sua picape, que Samantha reconheceu da excursão ao Hammer Valley com Donovan.

— Tudo bem, o que vamos fazer agora? — disse ela.

— Ele vai nos seguir até Bristol e cuidar da nossa retaguarda. Ele também está com os documentos que pegamos no sábado passado, o primeiro lote.

— Achei que você disse que Vic tinha uma namorada grávida e não queria participar disso.

— É verdade. Ela está grávida, mas eles se casaram há uma semana. Quer um taco?

— Quero um martini.

— Duvido que você consiga encontrar um bom por aqui.

— O que tem em Bristol, se posso perguntar?

— Um aeroporto. Além disso, se eu te contar, terei que matá-la.

— Você está louco mesmo, vá em frente.

O aroma da comida os atingiu e de repente ficaram famintos.



Só havia cinco aviões estacionados no Aeroporto Tri-Cities Regional de Bristol, Tennessee. Os quatro pequenos — dois Cessnas e dois Pipers — pareciam anões perto do quinto, um jato particular reluzente e elegante com todas as luzes acesas, a escada baixada, aguardando. Samantha, Jeff e Vic admiravam a aeronave de longe enquanto esperavam instruções. Após alguns minutos, três jovens corpulentos e vestidos de preto os encontraram do lado de fora do terminal. Os documentos — em dois *coolers*, três mochilas e duas caixas de papelão — foram entregues e imediatamente levados ao jato num carrinho. Um dos três homens falou com Jeff.

— O Sr. London gostaria de ver você.

Vic deu de ombros.

— Ah, por que não? Vamos ver esse brinquedinho.

— Na verdade, já voei nele — disse Jeff. — Está um degrau acima do Skyhawk.

— Bom, você não é o bacana aí — rosnou Vic.

Eles foram levados pelo terminal, para o estacionamento e dentro do jato. Jarrett London esperava no alto da escada com um imenso sorriso e uma bebida na mão. Acenou lá de cima e deu-lhes as boas-vindas a seu "segundo lar". Samantha tinha uma amiga em Georgetown cuja família era dona de um jato, então não era a primeira vez que via um. As poltronas enormes eram forradas de couro suntuoso. Tudo era adornado em dourado. Eles se sentaram em volta de uma mesa enquanto o comissário de bordo pegava o pedido de suas bebidas. *Só me leve a Paris*, Samantha queria dizer. *E me traga de volta daqui a um mês*.

Estava claro que Vic e London se conheciam muito bem. Enquanto Jeff dava os detalhes de sua fuga da Gray Mountain, as bebidas foram servidas.

— Gostaria de jantar? — perguntou London a Samantha.

— Ah, não, Jeff me levou a um Taco Bell. Estou satisfeita.

O martini era perfeito. Jeff e Vic tomavam Dickel com gelo. London explicou que os documentos iam de avião direto para Cincinnati, onde seriam copiados no domingo. Na segunda-feira, os originais sairiam de avião para Charleston e seriam entregues a um agente federal. O juiz concordou em trancá-los até poder analisá-los. A Krull Mining não foi informada desse acordo e não tinha ideia do que estava prestes a acontecer. O FBI recuou inteiramente, pelo

menos por enquanto.

— Temos que agradecer a alguns amigos em Washington por isso, Samantha? — perguntou London.

Ela sorriu. — Talvez. Não tenho certeza.

Ele bebeu um gole e mexeu o gelo no copo. — Quais são seus planos agora?

— Por que pergunta?

— Bom, seria ótimo ter outra advogada em terra no caso Krull. Você evidentemente está familiarizada com ele. Donovan confiava em você e a firma dele ainda está em busca de algum dinheiro sério. Há uma possibilidade de 50 por cento de a Krull se render quando souber que temos os documentos. Não é improvável um acordo, embora confidencial. Se optarem por jogar pesado, vamos a julgamento. Para falar com franqueza, é o que queremos… Um espetáculo, uma grande exposição, uma produção de dois meses em que todos os podres pululem em pleno tribunal. Depois, o veredicto espetacular.

Sombras de Donovan. Sombras de Marshall Kofer.

Ele continuava: — Há muito trabalho para todos nós, inclusive você, Samantha. Pode se juntar à minha firma em Louisville. Pode ficar em Brady. Pode pegar o escritório de Donovan. As opções são muitas. O que quero dizer é que precisamos de você.

— Obrigada, Sr. London — disse ela adequadamente, depois tomou outro gole. Estava na berlinda e não gostava disso.

Vic sentiu e mudou de assunto, perguntando a ele sobre o jato. Um Gulfstream V, a última maravilha. De alcance praticamente ilimitado e tal, altitude máxima de mais de 15 mil metros. Muito silencioso lá em cima.

Enquanto a conversa perdia o gás, London olhou o relógio. — Posso deixar vocês em algum lugar?

Ah, as vantagens de um jato particular. Deixa aqui, pega ali. Tudo é possível. Eles declinaram e disseram que tinham que ir a outros lugares.

Ele agradeceu aos três profusamente por entregarem os documentos e os acompanhou ao terminal.

# 40

Mattie chegou mais cedo na segunda-feira e elas se reuniram em sua sala a portas fechadas. Samantha informou que os documentos foram entregues, com certa segurança, e que se tudo saísse como planejado chegariam ao fórum naquele mesmo dia. Ela omitiu os aspectos mais pitorescos da aventura — o tiroteio que deixou alguém com uma perna ferida, o urso morto, a presença milagrosa de Vic Canzarro e o rápido coquetel no lindo jatinho de Jarrett London.

Certas coisas era melhor não contar. De qualquer modo, os documentos agora estavam em mãos mais seguras, onde podiam ser esmiuçados por outros advogados. Outra pessoa os entenderia. Samantha especulava que o FBI agora se afastaria. Havia até sinais de que a investigação podia dar uma guinada de 180 graus e começar a sondar as ações da Krull Mining. Nada definido ainda, só uma ou duas palavras de Washington. Depois da morte de Buddy Ryzer e do drama dos documentos, a vida talvez pudesse voltar ao normal nos escritórios da Mountain Legal Aid Clinic. As duas advogadas certamente torciam por isso.

Samantha precisava estar no fórum às dez, para um caso que nada tinha a ver com carvão, documentos ou autoridades federais, e estava louca por um dia tranquilo. Jeff, porém, estava à espreita perto do fórum, como se soubesse da agenda dela.

— Podemos conversar? — disse ele enquanto subiam a escada até a sala de audiência principal.

— Eu tinha esperança de não ver você por um bom tempo — disse ela.

— Desculpe, não dá. Quanto tempo você fica no fórum?

— Uma hora.

— Encontre-me no escritório de Donovan. É importante.



Dawn, a secretária e recepcionista, não estava lá, fora demitida. A firma estava parada, as salas fechadas, acumulando poeira. Jeff destrancou a porta de entrada, abriu-a para Samantha, depois fechou e voltou a trancar. Eles subiram a escada para o segundo andar, para a sala de guerra cujas paredes ainda estavam

cobertas de fotos ampliadas e provas exibidas na audiência do julgamento Tate. Pastas, livros e papéis espalhados eram provas indeléveis da invasão do FBI. Parecia estranho a ela que ninguém tenha se incomodado de arrumar a bagunça, de dar um jeito na sala. Metade das luzes estava apagada. A mesa comprida estava coberta de poeira. Donovan tinha morrido há quase dois meses e Samantha, olhando o trabalho dele naquela sala, os restos de seus casos grandes, foi tomada por uma onda de tristeza e nostalgia. Ela o conhecera muito brevemente, mas por um segundo desejou ver seu sorriso presunçoso.

Eles se sentaram em cadeiras dobráveis e tomaram café em copos de papel. Jeff fez um gesto abrangendo a sala.

— O que devo fazer com este prédio? Meu irmão me deixou em testamento e ninguém quer. Não conseguimos encontrar um advogado que assuma a firma e até agora ninguém quer comprá-lo.

— É cedo — disse ela. — É um lindo prédio e alguém vai comprar.

— Claro. Metade dos prédios da rua principal está vaga. Esta cidade está morrendo.

— É este o assunto importante que você queria discutir?

— Não. Vou ficar fora alguns meses, Samantha. Tenho um amigo que é dono de uma pousada de caça em Montana, e vou fazer uma visita longa. Preciso me afastar. Estou cansado de ser seguido, cansado de me preocupar com quem está nas minhas costas, cansado de pensar em meu irmão. Preciso dar um tempo.

— É uma ótima ideia. E seu trabalho de francoatirador? Vi que a recompensa agora é de um milhão de dólares em dinheiro. As coisas estão esquentando, hein?

Ele tomou um longo gole do café e ignorou o comentário.

— Vou aparecer de vez em quando para cuidar dos bens de Donovan, sempre que Mattie precisar de mim. Mas, a longo prazo, acho que vou me mudar para algum lugar no Oeste. Tem história demais aqui, lembranças ruins demais.

Ela assentiu, compreendeu, mas não respondeu. Será que ele esperava uma melosa despedida romântica para dar um toque dramático? Se era assim, ela não tinha nada para ele. Gostava do cara, mas naquele momento sentia alívio em saber que ele ia para Montana.

Passou-se um minuto sem que ninguém dissesse nada, depois outro.

Enfim, ele disse: — Acho que sei quem matou Donovan. — Uma pausa enquanto esperava que ela perguntasse “Quem?”, mas ela mordeu a língua e deixou passar. Ele continuou: — Vai levar algum tempo, cinco, talvez dez anos, mas vou me esconder no mato, colocar minhas armadilhas, por assim dizer. Eles gostam de acidentes de avião, então vou lhes dar outro.

— Não quero ouvir isso, Jeff. Quer mesmo passar o resto da vida na cadeia?

— Não vou para a cadeia.

— As famosas últimas palavras. Olha, preciso ir para o escritório.

— Eu sei. Desculpe.

Não havia nada no escritório, além do almoço de segunda-feira, um banquete de fofocas que ela detestava perder. Parecia haver um código entre as cinco mulheres que participavam: quem faltasse provavelmente seria o assunto da conversa.

— Tudo bem, sei que você está ocupada. Voltarei em uns dois meses. Você estará aqui?

— Não sei, Jeff, mas não pense em mim.

— Mas vou pensar em você, não posso evitar.

— Vamos combinar uma coisa, Jeff. Não vou me preocupar se você vai voltar, e você não vai se preocupar se eu estarei aqui ou em Nova York. Entendeu?

— Tá legal, tudo bem. Posso pelo menos ter um beijo de despedida?

— Pode, mas cuidado com as mãos.



Samantha voltou a sua mesa e foi recebida pelas últimas notícias de Nova York. Andy escreveu:

*Querida Samantha,*

*A velha Spane & Grubman está crescendo aos saltos. Agora tem 17 dos melhores e mais competentes associados comprometidos com o que promete ser um empreendimento empolgante. Precisamos de mais dois ou três. Precisamos de você! Trabalhei com alguns desses profissionais brilhantes — Nick Spane trabalhou com outros —, então é justo dizer que não conheço todos eles. Mas eu a conheço e sei que posso confiar em você. Quero você em minha equipe, me dando cobertura. Como sabe, há muitos tubarões por aqui.*

*Aqui está o pacote total: (1) salário inicial de 160 mil (aumentou um pouco e é a oferta mais alta, então, por favor, não espalhe — não quero criar problemas já de início); (2) bonificação anual a ser determinada pelo desempenho e pela produtividade geral da firma*

*(não, os dois sócios não pretendem ficar com todo o lucro); (3) plano de saúde completo — médico, odontológico, óptico (tudo, menos Botox e lipo); (4) um plano de poupança e aposentadoria que inclui contribuições equivalentes a um generoso 401K; (5) pagamento de horas extras quando ultrapassar cinquenta horas semanais (sim, querida, você leu direito; a S&G deve ser a primeira firma de advocacia da história a pagar hora extra; levamos a sério as cinquenta horas semanais); (6) três semanas de férias remuneradas; (7) sua própria sala, com uma secretária escolhida por você (e provavelmente seu próprio paralegal, mas não posso prometer isso agora); (8) plano de carreira; não queremos nossos associados se matando para virarem sócios, assim, estamos pensando em um plano que poderá permitir participação acionária com sete a dez anos na firma.*

*Está bom ou quer mais? E você pode começar em 1º de julho e não em 1º de maio.*

*Estou esperando, querida. Preciso de uma resposta em mais ou menos uma semana. Por favor.*

*Andy*

Ela leu duas vezes, imprimiu e admitiu para si mesma que estava ficando cansada de Andy e seus e-mails. Encontrou seu saco de papel pardo e foi almoçar.



Eram seis da tarde quando saiu o último cliente de Mattie. Samantha ficara em sua mesa, embromando, esperando o momento certo. Colocou a cabeça para dentro da sala de Mattie.

— Tem tempo para uma bebida? Mattie sorriu e disse: — É claro.

As bebidas de segunda-feira eram da variedade refrigerante diet. Elas se serviram e foram para a sala de reunião. Samantha empurrou o último e-mail de Andy pela mesa. Mattie leu devagar, sorriu, baixou e disse:

— Nossa. É uma oferta e tanto. É bom ser querida. Acho que você vai embora mais cedo do que o esperado. — O sorriso sumiu.

— Não vou voltar, Mattie. Embora a oferta pareça generosa, o trabalho é tedioso, só hora após hora de leitura, revisão e preparação de documentos. Eles podem tentar o que quiserem, não podem é dar vida e transformar isso num trabalho nem remotamente empolgante. Simplesmente não estou pronta para isso e não acho que um dia estarei. Gostaria de ficar um tempo.

Mattie sorriu novamente, um sorriso um tanto presunçoso que transmitia muita satisfação.

— Parece que você tem alguma coisa em mente.

— Bom, há não muito tempo eu era uma estagiária não remunerada. Agora estou rejeitando ofertas de emprego, não acho nenhuma delas tão atraente. Não vou voltar para Nova York, pelo menos não agora. Não vou trabalhar para Jarrett London. Ele é parecido demais com meu pai. Tenho cautela com advogados de tribunal que andam pelo país de jatinho particular. Não quero o escritório de Donovan, tem bagagem demais ali. Jeff é dono do prédio e está na folha de pagamento, e conhecendo-o com a intimidade com que o conheço, vejo muitos problemas. Ele assume o papel de chefe e haverá tensão desde o primeiro dia. Ele é perigoso e imprudente, e eu o estou afastando, e não me aproximando dele. Temos um rolo de vez em quando, mas nada sério. Além disso, ele diz que vai sair da cidade.

— Então, você vai ficar aqui?

— Se for possível.

— Por quanto tempo?

— Há três coisas que quero fazer. O cliente mais importante é a família Ryzer. Sinto que sou necessária aqui e não posso simplesmente abandoná-los em alguns meses. Eles estão vulneráveis agora e por algum motivo acham que posso ajudar. Farei o melhor que puder. Gosto da ideia de lidar com o recurso Tate, do início ao fim. Lisa Tate precisa de nós. A coitada vive de vales-alimentação e ainda está de luto. Quero ganhar o recurso e conseguir para ela o dinheiro que merece. E, a propósito, acho que 40 por cento é demais para o espólio de Donovan. Ele podia ganhar esse dinheiro, mas agora morreu. Lisa perdeu os filhos; Donovan, não. Diante desses fatos, muitos advogados podiam ganhar o caso. Acho que podemos discutir isso depois.

— Eu penso da mesma forma.

— No meu segundo ano da faculdade de direito, tivemos que fazer um recurso simulado, redigir as razões do recurso e argumentar perante um painel de três juízes, na verdade três professores de direito, mas eram famosos por atormentar os alunos. A argumentação oral era coisa séria… paletós e gravatas, vestidos e sapatos sociais, entendeu?

Mattie assentia e sorria. — Fizemos a mesma coisa.

— Acho que todos os estudantes de direito passam por isso. Eu fiquei tão nervosa que não consegui dormir na véspera. Minha colega me deu um Xanax duas horas antes das alegações finais, mas não adiantou. Eu estava tão tensa que mal consegui pronunciar a primeira palavra, depois algo estranho aconteceu. Um dos juízes me provocou com um golpe baixo, e eu enlouqueci. Comecei a discutir com ele. Descarreguei um caso após outro que corroborava nossa tese e acabei com o cara. Esqueci o nervosismo… estava tão concentrada em mostrar àquele juiz que eu tinha razão... Meus dez minutos passaram voando e, quando me sentei, todos me encaravam. Minha colega cochichou uma palavra: "Brilhante." De qualquer modo, foi meu melhor momento na faculdade de direito, um momento que jamais esquecerei. O que quero dizer com isso é que adoraria levar o caso Tate à Suprema Corte da Virginia, apresentar as alegações finais, fazer de bobos os advogados da Strayhorn Coal e ganhar o caso para Lisa Tate.

— Boa, garota. É todo seu.

— Então, são 18 meses, não?

— Por aí. Você disse que havia três coisas que queria fazer.

— A terceira é simplesmente encerrar os casos que tenho, pegar alguns novos à medida que aparecerem e tentar ajudar nossos clientes. E, fazendo isso, gostaria de passar mais tempo no fórum.

— Você tem talento para isso, Samantha. É bem evidente.

— Obrigada, Mattie. É muito gentil de sua parte. Não gostaria de ser humilhada pelos Trent Fullers da vida. Quero respeito e o único jeito de conseguir é conquistá-lo. Quando entrar em um tribunal, quero que todos os homens se sentem de costas retas e notem, e não só a minha bunda.

— Ora, ora, avançamos bastante, não é?

— Sim, é verdade. Agora, quanto ao estágio. Se vou passar os próximos dois anos aqui, preciso de um salário. Não muito, mas algo com que eu possa viver.

— Estive pensando nisso. Não somos páreo para o seu amigo de Nova York, mas podemos fazer algo bom para a Virginia rural. Annette e eu ganhamos 40 mil por ano, então o teto é esse. A ONG pode lhe pagar vinte. Como você vai cuidar do recurso Tate, posso conseguir que o tribunal autorize mais vinte do espólio de Donovan. Que tal?

— Quarenta pode causar algum ressentimento em você sabe quem.

— Annette?

— Sim. Vamos ficar com 39.

— Podemos fazer 39. Fechado.

Mattie estendeu a mão pela mesa e Samantha a apertou. Pegou o e-mail de Andy e disse: — Agora preciso me livrar desse babaca.

FIM

# Nota do Autor

Felizmente, existem dezenas de organizações não governamentais trabalhando diligentemente nos campos de carvão para proteger o meio ambiente, mudar a política e lutar pelos direitos dos mineiros e suas famílias. Uma delas é o Appalachian Citizens' Law Center em Whitesburg, Kentucky. Mary Cromer e Wes Addington são advogados maravilhosos lá e me deram orientação enquanto eu andava por sua região pela primeira vez. O Appalachian Voices é um grupo ambientalista ferrenho de Boone, Carolina do Norte. Matt Wasson é seu diretor de programas e foi uma ótima fonte quando pesquisei os dados. Agradeço também a Rick Middleton, Hayward Evans, Wes Blank e Mike Nicholson.

*Impressão e Acabamento*
*Intergraf Indústria Gráfica Eireli*

*Digitalização: Virgínia Vendramini*
*Revisão: Tamara Padilha*
*Junho de 2016*